Historia da Litteratura Portugueza

SÁ DE MIRANDA

E A

ESCHOLA ITALIANA

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora
SUCCESSORES LELLO & IRMÃO
1896

OBRAS COMPLETAS

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

SÁ DE MIRANDA E A ESCHOLA ITALIANA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

EDIÇÃO INTEGRAL

N. B. N'esta reedição começa-se de preferencia pelos volumes a refundir, e especialmente pelos que estão ainda **ineditos.**

9

Historia da Litteratura Portugueza

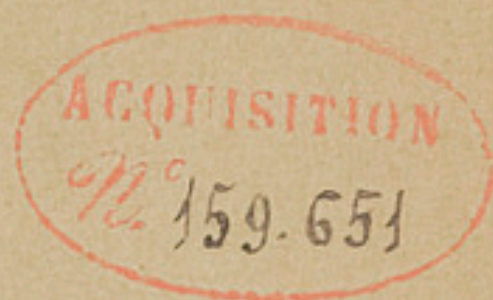
SÁ DE MIRANDA

E A

ESCHOLA ITALIANA

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora
SUCCESSORES LELLO & IRMÃO
1896

PRELIMINAR

Quando publicámos em 1871 a *Historia dos Quinhentistas*, comprehendia a *Vida de Sá de Miranda* apenas 132 paginas; nada existia sobre o sympathico poeta além de considerandos rhetoricos. Pela leitura do seu texto é que fundámos em bases definitivas o escorso biographico, determinando os pontos de referencia historica que fixam esta alta individualidade. Restituida á sua importancia litteraria pelas relações pela primeira vez estabelecidas no quadro da Renascença portugueza, era natural que esse humilde trabalho provocasse novos e mais importantes estudos. Escrevêmos a *Vida de Sá de Miranda* em condições as mais deploraveis; luctando n'um concurso na Academia polytechnica do Porto, em 1868, e debatendo-me nos actos do

doutoramento na Universidade de Coimbra, exhibindo provas para o magisterio na faculdade de Direito, sempre sacrificado ás mediocridades e sempre encontrando mais difficuldade em definir os parcos recursos economicos, esse trabalho mental, que foi o meu anesthesico contra tanta iniquidade, resentiu-se da mesquinhez que me comprimia por todos os lados. Não tinha meios para consultar os Manuscriptos de Sá de Miranda das bibliothecas de Lisboa e de Evora, nem as suas edições principaes; e para maior angustia era de força aproveitar uma occasião de publicidade, que uma vez perdida não tornaria a deparar-se-me, apezar da mais franca gratuitidade do meu trabalho.

Em taes circumstancias é que me foi dado elaborar, redigir e imprimir a *Vida de Sá de Miranda;* aspirava apenas a preencher um capitulo da HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA. Não era uma monographia, nem um estudo de curiosidade vagabunda. Com tão fracos meios de trabalho, facil era caír em pequenos erros de detalhe, materia exploravel para a critica pessoal. E apezar das imperfeições da redacção primeira, esse mesmo pouco nos quizeram disputar com insinuações capciosas de *plagio* e de *erudição em delirio*. Foi uma poeira que passou. Os contornos geraes da *Vida de Sá de Miranda* fi-

caram definitivos, exercendo por isso mesmo a sua influencia saudavel. Disse Renan, que em Historia não ha certeza nas particularidades, mas pela aggrupação d'estas se attinge um sentido que conduz o espirito do historiador a formar uma vista de conjuncto verdadeira, apezar mesmo da incongruencia d'essas minucias. D'aqui resulta, para os mediocres um amplo pasto para as criticas de má vontade e de um personalismo negativista; de outro lado uma influencia directa e fecunda nos que só visaram aos resultados. Nada mais glorioso. Offerecendo-me um exemplar das *Poesias de Sá de Miranda* na sua monumental e incomparavel edição de 1885, escrevia-nos D. Carolina Michaelis, em carta de 13 de janeiro de 1886: «É certo que encontrei nos preciosos trabalhos de V. esclarecimentos de muito valor, o que mais de uma vez tenho confessado em outras occasiões, e confesso novamente no proprio volume. Mas com a mesma franqueza devia declarar os pontos bastante numerosos em que discordo da opinião de V. a respeito de certos *detalhes* e apreciações litterarias. Estou certa, porém, que a minha critica se resume n'um processo de analyse *objectiva*, muito ao contrario do que têm feito alguns criticos dos trabalhos litterarios de V. aproveitando os erros de detalhe e as contradicções inevita-

veis em obras iniciadoras, para invectivas pessoaes.» Bellas e justas palavras, que compensam todas as amarguras. Voltando ao meu assumpto passados vinte e cinco annos, reconheci quanto se tinha avançado e como eu ficára atrazado; deu-me um intimo prazer o vêr outros irem mais adeante e mesmo muito longe, sentindo não poder calçar as botas de sete leguas, dos contos de fadas, para retomar a minha dianteira de outr'ora.

SÁ DE MIRANDA

E A

ESCHOLA ITALIANA

---

§ I. Na Universidade de Lisboa e nos Serões do Paço

O brilhante desenvolvimento da poesia lyrica portugueza do seculo XVI deveu o seu impulso inicial a Sá de Miranda, não tanto á supremacia do genio, como pela opportunidade com que vulgarisou as obras primas da Litteratura italiana, e pelo influxo de uma ingenuidade sympathica, com que soube rodear-se de uma pleiada de talentos juvenís. Todas as circumstancias da sua vida explicam a actividade litteraria que poderosamente influiu em uma época inteira denominada *Quinhentista*, por abranger todo o seculo XVI, considerado na civilisação europêa como o maior seculo da historia. De facto, as luctas mentaes e sociaes d'esse agitado seculo, imprimiram nas mais altas individualidades um caracter de tristeza, pela perturbação sem plano da dictadura monarchica, pelo alarme das consciencias com as discussões

theologicas, pelas perseguições religiosas, pela vacuidade das syntheses philosophicas. Sá de Miranda é uma d'essas almas tristes do seculo XVI; tem por vezes uma certa parecença moral com Miguel Angelo. Assim como o grande artista assistiu ao extraordinario esplendor com que se abriu o seculo XVI e o acompanhou em meio das suas tremendas calamidades refugiando-se na contemplação esthetica, sendo por assim dizer a consciencia da Italia degradada e vencida, tambem o poeta observou esse começo do seculo, no momento em que Portugal abria á civilisação humana a éra das grandes navegações e da actividade pacifica, e não pôde deixar de presentir a decadencia nacional pela dissolução dos caracteres produzida pela absorpção das riquezas da India, pelo estabelecimento do terrivel tribunal da Inquisição, pela entrega da instrucção da mocidade aos Jesuitas, e pelas tentativas da incorporação de Portugal á Hespanha segundo a politica de Carlos V ou ainda mais pela fatalidade dos acontecimentos.

A tristeza de Sá de Miranda não é a depressão de uma sensibilidade pessoal; verdadeiramente é a expressão da consciencia portugueza com o presentimento do seu destino; retira-se da côrte, do centro da elaboração de todas as causas activas da decadencia para que se avança apressadamente, e refugia-se no viver dos campos, no mundo das emoções da arte, entregando-se á musica, á leitura da bella poesia italiana, commentando Homero e escrevendo as pittorescas e sentidissimas *Eclogas* e *Cartas*, com a idealisação de

uma vida simples, que o consolam nas suas apprehensões. Aquelles que o conheceram e trataram de perto deixaram estes traços, que são as linhas vivas da sua physionomia moral: «grave na pessoa, melancolico na apparencia, mas facil e humano na conversação, engraçado n'ella com bom tom de falla, e menos parco em fallar que em rir...»

Se a vida da côrte, de que fugira, lhe revelou o abysmo da situação nacional que se precipitava, tambem a viagem da Italia lhe deu a comprehensão das fortes luctas mentaes e sociaes do fecundo seculo que ia tombando para a sombra e carnificinas das luctas religiosas, para as guerras internacionaes, para as violencias brutaes contra a liberdade de consciencia, e para a inanidade das syntheses philosophicas que tentavam substituir o theologismo. Era assim que acabava a Renascença; e deante d'este outro motivo de tristeza não admira que por vezes o achassem a derramar lagrimas, como conta o seu biographo anonymo: «estando sem gente de cumprimento (e ainda com ella) se suspendia algumas vezes, e muito de ordinario derramava lagrimas sem o sentir; por que quando lhe acontecia á vista de alguem, nem as enxugava, nem torcia o rosto, nem deixava de continuar o que ia fallando... com a magoa do que lhe revelava o espirito dos infortunios da sua terra... quam grandemente os temia.» [1] É esta tristeza o que dá á

[1] Junto das *Obras* de Sá de Miranda, edição de 1614, vem uma biographia anonyma, intitulada *Vida*

contemplação esthetica e á linguagem dos seus versos uma profundidade humana, uma naturalidade simples, sincera e compassiva. A verdade poetica da sua emoção imprime nos seus versos ás vezes imperfeitos ou menos espontaneos, uma belleza inexcedivel, ou os

---

do Doutor Francisco de Sá de Miranda, collegida de pessoas fidedignas que o conheceram e trataram, e dos livros das Gerações d'estes Reynos. Consta esta informação de pouco mais de outo paginas, escriptas com sabor quinhentista; só no seculo XVIII é que Barbosa Machado na *Bibliotheca luzitana* (t. II, p. 393) a attribuiu a D. Gonçalo Coutinho, sem adduzir prova alguma. No emtanto julgamos apontar uma que justifica em parte a asserção de Barbosa. No titulo da *Vida* diz-se: «collegida de pessoas fidedignas que o conheceram e trataram», e descrevendo-se no texto os costumes intimos de Sá de Miranda, falla no gosto que tinha pela musica: «e contava Diogo Bernardes *a quem seguimos em muita parte d'isto,* que quando o hia ver...» O poeta Bernardes era contubernal de Sá de Miranda e egualmente amigo intimo de D. Gonçalo Coutinho, tambem poeta, como se vê na Carta XVII do *Lima: «A Dom Gonçalo Coutinho estando em uma sua quinta, que chamam dos Vaqueiros.»* Nas obras de Bernardes encontram-se versos de D. Gonçalo Coutinho, no gosto da eschola italiana.

Além do testemunho de Bernardes, declara o biographo que *seguira na sua relação* a Gonçalo da Fonseca de Crasto, fidalgo de Lamego, que em 1584 possuia um Homero com notas á margem feitas por Sá de Miranda; a Gomes Machado, que *ainda hoje vive* na Comarca de Entre Douro e Minho, sobrinho da mulher de Sá de Miranda; aos Doutores Hieronymo Pereira de Sá e Henrique de Sousa, Desembargadores que foram do Paço, *mortos ha pouco,* e a D. Manoel de Portugal. É pena que este esboço biographico apresente tão poucas datas historicas, errando logo a do nascimento, e obscurecendo-lhe a maternidade.

A época em que foi escripto deve contar-se depois

torna bellos. Vê-se por tanto que a melhor luz a que se póde lêr a sua obra e aprecial-a é principalmente a que resulta do conhecimento da sua vida. Todos os pequenos factos são necessarios para reconstruil-a, convergindo para nos darem o exemplar de um ho-

---

de 1595, por que falla de uma neta do poeta « que casou com Dõ Fernando Cores de Soutomayor, que vivia em Salvaterra de Galiza o anno de 1593, já viuvo d'ella; e é rasão que digamos aqui que quando aquelle fidalgo casou com esta neta de Francisco de Sá, quiz que no dote que lhe deram entrasse em hũ grande preço o *Livro original de suas Poesias,* o qual tem e estima como ellas merecem... » A edição das *Obras* de Sá de Miranda, de 1595, sobre copia tirada do exemplar que estava em Salvaterra de Galiza, e que foi trazido a Braga para se fazer a conferencia judicial, é que tornou conhecido o facto de ter sido tomado esse Livro como dote de D. Antonia de Menezes por seu marido D. Fernando Osores Soutomayor.

Além d'isto na biographia refere-se ao testemunho de Diogo Bernardes como já fallecido: « e *contava* Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte d'isto)... » Em 1596 é que se fixa o fallecimento de Diogo Bernardes, conforme a Elegia de seu irmão Frei Agostinho da Cruz. Citando tambem o testemunho de D. Manoel de Portugal como ainda vivo, fixa-nos o limite de 1606, além do qual se não póde considerar redigida esta relação.

Tudo converge para comprovar ter sido D. Gonçalo Coutinho o auctor da preciosa noticia; em 1594 interessava-se em dar sepultura honrada a Camões, e pedia a Bernardes uma poesia em louvor do immortal épico; por essa mesma época, suscitado pelo apparecimento das Obras de Sá de Miranda, em 1595, colhia informações sobre a vida do fundador da eschola italiana, principalmente de Bernardes que o visitára na sua casa da Tapada. Ninguem estava nas condições de D. Gonçalo Coutinho para escrever essas substanciosas linhas.

mem, já na sua época de temerosa decadencia considerado de «*alto e heroico entendimento.*»

São differentes os ramos d'esta vasta familia dos Sás, que os linhagistas filiam em Payo Rodrigues de Sá, alcaide-mór de Gaia, por 1300, em tempo do rei D. Diniz; [1] figuram largamente na historia portugueza, no valimento do paço, nos enlaces com a mais apurada aristocracia; e distinguiram-se como poetas, desde o seculo XV até ao seculo XVII, principalmente João Rodrigues de Sá e seu irmão Henrique de Sá, de que ha composições no *Cancioneiro geral*, João Rodrigues de Sá de Menezes o Velho, Francisco de Sá de Menezes, lyrico e amigo de Francisco de Sá de Miranda, Antonio de Sá de Menezes, e ainda Francisco de Sá de Menezes, o auctor da *Malaca conquistada*. Vê-se que o sentimento poetico era hereditario n'esta familia, que mesmo pela sua elevada situação em funcções no paço exerceu uma fecunda influencia litteraria. Sob este aspecto destaca-se o ramo dos Sás, de Coimbra, pela gloria do Dr. Francisco de Sá de Miranda, renovador da poesia portugueza no seculo XVI; e é essa gloria pura que absolve os Sás de Coimbra de algumas manchas de um viver domestico menos conforme com a moralidade

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, nas *Memorias historicas e genealogicas dos Grandes de Portugal*, p. 48 e 49, escreve: «varias terras lhe attribuem por solar das quaes eram senhores, no julgado de Guimarães, os primeiros d'esta familia que tomaram o appellido.»

normal. [1] Camillo carregou a mão, dizendo: «Os *Sás* de Coimbra, gente de ruins entra-

---

[1] Continuamos aqui a descendencia de PAYO RODRIGUES DE SÁ, até chegarmos aos Sás de Coimbra. Foi filho d'elle JOÃO AFFONSO DE SÁ, que casou com D. Thereza Rodrigues de Berredo (ou Barrado), e entre outros filhos tiveram:

—RODRIGO ANNES DE SÁ, senhor de Sever desde 1384, alcaide-mór de Gaia, e embaixador em Roma, em tempo de D. Fernando (1367-1383). Casou em Roma com Cecilia Colonna, filha de Diogo ou Giacomo Colonna, condiscipulo e protector de Petrarcha, o qual assistiu á sua coroação. Na *Declaração dos Escudos de algumas linhagens de Portugal,* allude João Rodrigues de Sá a este enlace:

> Nos escaques celestriaes
> e de prata esta mostrado
> o muy nobre e muy honrado
> e por batalhas rreaes
> sangue de Saa derramado.
> Com que o Romano *Columnes*
> se mesturou d'através,
> cada hum de grão primor,
> forte, leal, sem temor
> em combates e gualles.
>
> (*Canc. geral*, fl. 116, col. 1, v.)

Fonseca Pinto descreve a differença dos brazões dos Sás: «Pela mudança que observamos no brazão julgamos haver dois ramos dos Sás: o primeiro e mais antigo traz por armas o escudo enxaquetado de prata e azul de seis peças em facha: timbre, meio bufalo de sua côr, com uma argola de prata nas ventas; o segundo ramo tem as mesmas armas, mas divide o enxaquetado uma *columna de prata* em pala, cercada com uma corôa de conde.—D'este segundo brazão usava Francisco de Sá de Miranda; etc.» (*Folha do Sul,* de 1867, n.º 294.) Na Carta II, dirigida a João

nhas, timbravam de muito fidalgos.» E adeante: «A má natureza dos Sás de Coimbra in-

---

Rodrigues de Sá de Menezes (filho de Henrique de Sá, poeta do *Cancioneiro geral*), escreveu Sá de Miranda:

> Dos *nossos Sás Coluneses*
> Gram tronco, *nobre coluna*,
> Grosso ramo dos Menezes,
> Em sangue e bens de fortuna,
> Que é tudo antre os portuguezes!
> Mas vós que sempre vos ristes
> Do povo que não vê mais,
> Ricamente a alma vestistes:
> O mais tendes por demais!

No texto acima vêremos por que motivo fazia Sá de Miranda valer a sua nobreza de nascimento derivando-a dos *Sás Coloneses*. D'esse Rodrigo Annes de Sá nasceu (além de duas filhas D. Aldonça e D. Constança):

—João Rodrigues de Sá, o *das Galés*, alcaide-mór do Porto desde 1392, senhor de Sever; combateu contra Castella; esteve nos cêrcos de Guimarães e de Lisboa, ao serviço de D. João I (1385 a 1433). Casou com Isabel Rodrigues Pacheco, sobrinha de Diogo Lopes Pacheco, de quem teve:

—Rodrigo Eannes de Sá; Fernão de Sá, senhor de Sever, camareiro-mór de D. João I, D. Duarte e D. Affonso V; e Gonçalo de Sá.—Casou Rodrigo Eannes de Sá com Luiza de Barros de Miranda, de quem teve:

Mem de Sá;

Gomes de Sá, prior de Guimarães, que segundo Fr. Bernardo de Brito, foi pae do Dr. Pero Esteves de Sá, *que o foi de Maria Pinheira;* (Ms. n.º 312 da Bibl. nac.)

—D. Philippa de Sá, que casou com João Gonçalves de Miranda Soutomayor, irmão ou sobrinho de D. Pedro Alvares de Soutomayor, 1.º conde de Caminha e visconde de Tuy. Viveram junto a Buarcos, como

terrompeu-se meio seculo na existencia do poeta.»

---

diz a relação de D. Gonçalo Coutinho. Nasceram d'este casamento numerosos filhos:

a) *João de Sá*, o primeiro que possuiu o praso do Curval, que lhe doou o bispo de Coimbra e arcebispo de Braga D. João Galvão, que tinha amores com a irmã D. Guiomar de Sá, reconciliando-os por vezes. Na *Historia e Sentimentalismo*, p. 31, escreveu Camillo Castello Branco: «Este João de Sá, que tinha sido o alcaiote directo do prelado, soube manter-se na sua estima, e ganhou com bem calculada abjecção apanhar-lhe o praso do Carval. (*Curval*, nos mss.) Os actuaes condes de Anadia descendem d'aquelle João.» Teve Mogofores e outras quintas.

b) *Ruy de Sá Pereira*, casado; teve de Branca de Lemos, freira de S. Bernardo, um filho chamado Heitor de Sá, legitimado depois da morte do pae a requerimento de seu tio o conego da Sé de Coimbra, Gonçalo Mendes de Sá, por Carta de D. João II, de 4 de dezembro de 1490. Está publicada esta carta de legitimação do filho de Ruy de Sá, no *Instituto* de Coimbra, vol. XLII, p. 683, pelo Dr. Sousa Viterbo.

c) —GONÇALO MENDES DE SÁ, clerigo e conego em Coimbra; em alguns manuscriptos: *foi clerigo e teve bastardos*, e tambem foi *conego e arcediago em Coimbra, e houve bastardo a Francisco de Sá de Miranda o Poeta*... (D'elle fallaremos especialmente no texto.)

Do *Livro dos Accordos* da Sé de Coimbra obteve o Dr. Sousa Viterbo algumas referencias ao conego Gonçalo Mendes: em 16 de fevereiro de 1481; 9 de julho de 1481; 26 de janeiro de 1483; 28 de fevereiro de 1484; eleito celeireiro do cabido em 18 de junho de 1484; arrendador dos bens do cabido na Beira, 13 de junho de 1485. (Vid. os extractos no *Instituto*, vol. cit., p. 680.)

Dos *Pergaminhos do Mosteiro de Cellas*, maço 8, doc. 6 (na Torre do Tombo) extrahiu o Dr. Sousa Viterbo uma carta de compra feita por Gonçalo Mendes, em 6 de junho de 1492 de um olival que pertencia a Jacob Budente, ferreiro e morador na Judiaria de

Foi o pae de Francisco de Sá de Miranda o conego e arcediago da Sé de Coimbra Gon-

---

Coimbra, situado no Monte Olivete, por quatro mil reaes brancos em ouro e prata amoedada.

E da *Chancellaria de D. Manoel*, liv. 27, fl. 21 v. extrahiu a carta de concessão de licença a Gonçalo Mendes de Sá, *creliguo de missa e beneficiado* na Sé de Coimbra para comprar bens de raiz até á quantia de cem mil reaes; passada em 12 de abril de 1497.

No *Livro dos Accordos* da Sé de Coimbra de 1498 a 1513, vem, com referencia ao anno de 1512: «Aos 7 dias de janeiro aforaram a Gonçalo Mendes, conego, os pardieiros das casas que foram do dayam em fateosim, porque nunca se achou quem as tomasse em tres vidas. Pagará cada anno 300 rs. Este S. Miguel começará a fazer primeira paga.»

No *Livro da repartição do azeite pelos Conegos*, fl. 77, anno 1518-1519:

«Gonçalo Mendes, que foi conego, traz dois olivaes, a saber: um á Seara e outro em Valle Meam, de que paga á safra de ambos 9 alqueires.

«Haja estes nove alqueires por seu pae—Henrique de Sá.»

d) *Fernão de Sá;*

e) *Brites de Sá;*

f) *Guiomar de Sá.* No Ms. da *Pedatura Luzitana*, t. III, p. 174, se lê: «era muito amigo d'ella o terrivel bispo de Coimbra D. João Galvão, 1.º conde de Arganil, e como a casaram seus irmãos com Affonso de Barros, D. João Galvão veiu de Braga quando era ali arcebispo para a matar, *e dizem que d'esta paixão morreu.*» D'estes amores do bispo, teve ella Lopo Esteves Galvão e outros filhos. Do casamento com o seu parente Affonso de Barros, cidadão de Coimbra e instituidor da Capella do Salvador, teve (*depois de viuva do bispo*, segundo a phrase dos mss.) Fernão de Sá de Barros. Camillo, na *Historia e Sentimentalismo* commenta estes factos: «Como o bispo conde fosse nomeado arcebispo de Braga em 1480, e para lá partisse a cobrar as rendas, como diz Alexandre Herculano, os Sás, na sua ausencia, induziram ou violentaram a irmã a casar com um Affonso de Barros, sujeito

çalo Mendes de Sá, que de uma mulher solteira chamada Ignez de Mello houve uma numerosa progenie. [1] A vida dissoluta do clero no seculo XV acha-se reflectida na desenvoltura dos bispos; a Egreja era propriamente uma fórma de propriedade, dos bens de *mão-morta*, que se iam accumulando de geração em geração, e tornavam a classe clerical rica, independente e em condições de satisfação de todos os appetites. Não admira que a decadencia do papado proviesse de se tornarem os pontifices princepes temporaes; os bispos viviam como os grandes senhores do feudalismo, e em geral o clero estava fóra do celibato, dando fórma legal á familia que constituia. Citaremos alguns factos que justificam o conego.

---

a meu vêr, de medianos escrupulos em cousas de honra. —O arcebispo assim que teve noticia do casamento em Braga, fez tanger as trombetas bastardas, mandou armar algumas centenas de vassallos, bravos minhotos, e em trem de guerra marchou sobre Coimbra, disposto a levar os Sás, a perfida e o noivo a ferro e fogo. Saíu-lhe ao encontro com bandeira de paz João de Sá, irmão de Guiomar, e com supplicas e rasões o desceu da ira, movendo-o a desandar no caminho de Braga. Este João de Sá... tinha sido o alcaiote dilecto do prelado.»

g) *Violante de Sá*, mulher de Antonio Gonçalves de Chaves.

h) *Philippa de Sá*, mulher de Antonio da Rocha.

[1] D. Gonçalo Coutinho occultou a qualidade de *conego* de Gonçalo Mendes de Sá; e para não fallar na *maternidade* do poeta, apenas alludiu á avó D. Philippa de Sá, causando por uma redacção ambigua o equivoco de a tomarem como mãe aquelles que não consultarem os Nobiliarios.

Os amores do bispo de Coimbra e arcebispo de Braga D. João Galvão com D. Guiomar de Sá, tia do poeta Sá de Miranda, não foram um caso excepcional no seculo XV; por este tempo nos Cancioneiros castelhanos e portuguezes eram saborosamente glosados os versos *Justa fué mi perdicion*, que D. Frei João Manoel, bispo de Ceuta e da Guarda, capellão-mór de D. Affonso V e embaixador ao papa Eugenio IV, fizera a D. Justa Rodrigues Pereira, irmã do alcaide-mór de Ourem e Monforte, da qual teve um filho o afamado poeta D. João Manoel, legitimado em 1475. A' galanteria d'estes amores fez o prelado o mote:

Justa fué mi perdicion!
De mis males soy contento.
Ya no espero galardon,
Pues vuestro merecimento
Satisfizo mi passion.

D. Justa Rodrigues foi aia do duque de Beja, e fundando em Setubal o convento de Jesus ahi se recolheu á penitencia como freira professa; e D. João Manoel abandonou tambem as pompas do seculo, retirou-se para a ordem do Carmo, conservando a divisa cavalheiresca *Justa fué mi perdicion*, com um sentido moral e ascetico allusivo aos seus soffrimentos ou arrependimentos. É certo que o mote, suggestivo de lances amorosos, começou a ser glosado pelos poetas palacianos de Castella, como Costana, por D. Juan Fernandez de Heredia, por Boscan, por Gregorio Silvestre e pelo principe de Esquilache; foi posto em musica por um cantor da capella

do duque de Alba, e Jorge de Monte-Mór e Camões tambem glosaram esses versos da *Justa*, que nunca perdera durante todo o seculo XVI a sympathia das damas da côrte. [1] É no meio d'esta atmosphera poetica que adeante iremos encontrar Sá de Miranda absorvido pela corrente do gosto, que elle atacou fundamentalmente. Terminaremos estas caracteristicas do tempo lembrando ainda o caso dos amores do bispo da Guarda D. José de Mello com uma dama de appellido Mesquita, que deram logar ao sarcastico apodo, conservado na tradição:

O bispo que deixa a Sé
Por se metter na Mesquita,
Mouro foi e mouro é,
Pois d'ella se não desquita. [2]

Não admira pois que os primeiros protestos reclamando a reforma na Egreja partissem dos crentes mais sinceros, e que essa reforma visasse simplesmente ao restabelecimento da disciplina, sem quebra da hierarchia.

No Liv. 16 da *Chancellaria de D. João II*, fl. 109 e v., vem registadas varias cartas de legitimação dos filhos do conego Gonçalo Mendes e de Ignez de Mello, mulher solteira; em

[1] Resumimos o curioso artigo de D. Carolina Michaelis, *Justa fué mi perdicion*, que vem no *Circulo camoniano*, vol. I, p. 293 a 299.

[2] *O Povo portuguez nos seus Costumes*, etc., vol. II, p. 504.

cartas datadas de Evora a 5 de dezembro de 1490, vem a legitimação de *Francisco* e de *Fernando;* e em cartas datadas de 7 do mesmo mez e anno, a de *Balthazar*, *Gaspar* e *Guiomar*.

E já no reinado de D. Manoel, em 1499, legitimou o conego Gonçalo Mendes mais trez filhos, *Henrique*, *Manoel* e *Margarida*, havidos da mesma mulher solteira Ignez de Mello, como consta das cartas registadas na *Chancellaria* d'aquelle monarcha, em data de 20 de novembro d'esse anno. [1]

Além dos oito filhos legitimados, appare-

---

[1] O Dr. Sousa Viterbo descobriu na Torre do Tombo os seguintes documentos que vêm alterar a base da biographia de Sá de Miranda; transcrevemol-os do *Instituto* de Coimbra, vol. XLII, p. 678 e 679, onde pela primeira vez appareceram:

Carta de legitimação de quatro filhos do conego Gonçalo Mendes

«Dom Joham, etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que nós querendo fazer graça e mercê a *Belltasar* filho de g.º mendez conego de Coimbra e de ynees de mello molher solteira ao tempo de sua nacença de nosa certa cyencia e poder ausoluto que avemos e despensamos com elle e legitimamollo e abelytamollo e fazemollo legitimo. E queremos e outorgamos que elle aja e posa aver todalas honras e preuilegios lyberdades dinidades oficyos asy pp.^cos (publicos) como priuados que de fecto e de aver poderia asy como se de legytimo matrymonyo nacydo fose etc. em forma. E esta despensaçam lhe fazemos ao pedir do dito seu padre que nollo por elle por sua pesoa requereo e soprimos todo falecymento de solenidade que de fecto e de direito for neçesario pera esta legyti-

cem os nomes de mais quatro sem esse reconhecimento: taes são *Mem de Sá*, a grande figura historica do governo geral do Brazil, *Ayres de Miranda*, que morreu sem successão, *Helena de Sá*, freira em Cellas, e *Ursula de Sá*, freira em Lorvão; vêm aponta-

---

maçam firme ser e mais valler em pero nom he nosa temçam per ella ser fecto perjuizo algũus erdeiros lydemos se os hy ha e outras quaes quer pesoas que algũu direito ajam em os ditos bẽes e cousas que lhe asy forem dadas e leyxadas e em testemunho desto lhe mamdamos dar esta nosa carta. Dada em a nosa cidade deuora a bjj dias do mes de dezembro elRey o mamdou per os doutores Fernam Roiz do seu conselho e dayam de Coimbra e Ruy boto ambos desembargadores do paço. bras afonso a fez ano do nascimento de nosso Snnor Jhũu X.º de mill iiii^c e noventa.

francisco filho do sobre dito

Dom Joham, etc. Item outra tall carta de legitimaçam de *framcisquo* filho do dito gomçallo mendez e da dita Ines de mello molher solteira ao tẽpo de sua nacẽça. Dada em a nosa cidade deuora a cinquo dias do mes de dezembro. elRey o mandou por os ditos doutores feita pello dito espriuam anno de mil iiii^c e noventa.

gaspar filho do dito g.º mendez

Dom Joham etc. item outra tall carta de legitimaçam como esta de cima de *gaspar* filho do dito gomçallo mendez coneguo de Coimbra e de Ines de mello molher solteira ao tempo de sua nacença. Dada em a nosa cidade deuora a sete dias do dito mes feita pello dito bras afonso anno do nacymento de noso Snñor Jhũ X.º de mill iiii^c e noventa.

dos em differentes Nobiliarios manuscriptos. Vê-se que ao conego Gonçalo Mendes era facil sustentar a sua numerosa progenie, por que mesmo dentro da Egreja achava os recursos para lhes dar collocação official como diligente pae de familia; assim:

---

guiomar filha do sobre dito

Dom Joham etc. item outra tall carta de legitimaçã como estas que atras ficam de *guiomar* filha do dito gomçallo mendez coneguo de coimbra e da dita Ines de mello molher solteira ao tempo de sua nacença de nosa certa ciencia e poder aussoluto etc. Dada em a nosa cidade deuora a bij dias do mes de dezembro el Rey o mamdou per os ditos doutores feita pelo dito espriuam anno sobre dito.

fernãdo filho do dito g.º mẽdez

Dom Joham etc. item outra tall carta de legitimaçam como esta de cima de *fernamdo* filho do dito gomçallo memdez coneguo de coimbra e da dita Ines de mello molher solteira ao tempo de sua nacença. Dada em a nosa cidade deuora a cimquo dias do dito mes de dezembro elRey o mandou per os ditos doutores e feta pello dito espriuam anno do nascimento de nosso Snnor Jhũu X.º de mill iiii^c e noventa.»

(*Chancellaria de D. João II*, liv. 16, fl. 109.)

Carta de legitimação de mais tres filhos do mesmo conego

«Dom Manuell etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que querendo nos fazer graça e mercee a *amrrique* filho de gomçallo mẽdez conyguo em a see da nossa cidade de coimbra e de Ines de mello molher solteira ao tempo de sua nacemça de nosa certa ciemcia e poder aussoluto que avemos despemsamos com elle e legitimamollo e abelitamollo e fazemollo legitimo e etc em forma. E esta despençasam

Henrique de Sá, foi conego na Sé de Coimbra, e deixou geração. [1]

Manoel de Miranda, foi Prior da Nogueira e do Amial.

Fernão de Sá, foi Mamposteiro dos Captivos.

---

lhe fazemos ao pidir do dito seu padre seguundo dello fomos certo por hum seu asinado que nos apresemtou em pesoa e soprimos todo falecimẽto de solenydade que de feto ou de direito for necesario pera esta legitimação firme ser e mais valler em pero nam he nosa temçã per ella ser feto perjuizo a algũus herdeiros lidimos se os hy ha e a outras quaesquer pesoas que algũu direito ajam nos ditos bẽes e cousas que lhe asy forem dados e leixados e em testemunho d'esto lhe mãdamos dar esta nossa carta em a nosa cidade de Lixboa aos xx dias do mes de nouembro ElRey o mãdou pello bispo da guarda do seu conselho e seu capelam moor e pello doutor gomcallo dazevedo ambos seus desembargadores do paço francisco dias a fez anno do nascimento de nosso Snõr Jhũu X.º de mil iiii^c noventa ix añnos.

Manuell filho do sobre dito

Dom Manuell, etc. item outra tall carta de legitimaçam como esta de çima nẽ mais nem menos a *manuell* filho dos sobre ditos nẽ mais nem menos. Dada pello dito bispo e doutor feta pello dito espriuam aos xx dias do mes de n.^ro de mil iiii^c noventa ix anos.

Margaida filha do dito g.º mendez

Dom Manuell etc. item outra tall carta de legitimaçam como a de çima nẽ mais nem menos a *margaida* filha dos sobre ditos. Dada pello dito bispo e doutor feita pello dito spriuam dias mes e era sobre dita.»

(*Chancell. de D. Manoel*, liv. 16, fl. 131 v.)

[1] Segundo os cadernos de linhagens, teve este conego da Sé de Coimbra trez filhos: *Ambrosio de Sá*,

2

Gaspar de Sá, serviu na India, onde morreu. Além das duas filhas freiras, tambem *Guiomar de Sá* foi freira abbadeça em Villa do Conde.

Francisco de Sá e Mem de Sá, que foram sempre intimos amigos, frequentaram a Uni-

---

que tambem foi conego em Coimbra; *Ignez de Mello* (com o mesmo nome da avó), e *Tristão de Sá*, que morreu na Mina.

Do *Livro 8.º de Legitimações de D. João III*, fl. 191 v., extrahiu o Dr. Sousa Viterbo as seguintes cartas de legitimação:

«Dom Joham etc. A quantos esta minha carta de legytimação for mostrada, faço saber que Amrrique de Saa, conego na see da cidade de Coymbra, me envyou dizer per sua pityção, que elle ouve hũu filho per nome *Tristão de Saa*, o qual ouve semdo cleriguo de hũa molher sollteira ao tempo do seu naçimento. E por quanto elle não tynha asçemdemtes nem outros herdeyros necessarios que sua ffazenda ouuesẽ de herdar, me pedia, por seu procurador, que lhe legytimasse ho dito seu filho e o ouuesse por legytimo e abelytado, segundo me pedia por hũu pubrico estormento que apresentava, e delo lhe mandasse passar minha carta de legytimação ẽ forma. E visto per mym, mãdey que ho dito Tristão de Saa ouuesse carta de legytimação ẽ forma a pitição de seu pay que ho pede per este estormento pubrico per seu procurador sofficiente da quall ao diante fara menção; e por bem do qual, de minha certa çiemcia e poder ausoluto despenso cõ ho dito Tristão de Saa e legytimo e o abilito e o ffaço e legytimo, etc. ẽ forma. Esta despensação lhe faço ao pydyr do dito seu pay que mo por elle emvyou pedyr, segumdo dello fuy certo per hũu pubrico estormento que Recontaua ser feyto e asynado per Gonçalo Gil, tabeliam das notas per mym na dita cidade de Coymbra, aos trinta dias do mes dabrill do anno presemte de mill bº quarenta j, e a seu Requerimento o legytymo e abelyto pela gysa que dito he, e supro todo ffalecimento de solenidade que de feyto e de direito for ne-

versidade de Lisboa, dirigindo-se um ao magisterio e o outro á magistratura.

Pela data da carta de legitimação de 5 de dezembro de 1490, e pelo logar que occupa na série de seus irmãos, Francisco de Sá de Miranda deve ter nascido em 1485, [1] e na

---

cessario pera esta legytymação fyrme ser e valer. Em pero não he minha temção que per esta legytymação seja feyto allgũu prejuizo a allgũus herdeyros lidemos, se hos hy ha, e a outras quaesquer pesoas que algũu direito ajam em os ditos bẽes e cousas que lhe asy forem dadas e leixadas. Em testemunho desto lhe mandei dar esta minha carta. Dada ẽ a minha cidade de Lisboa aos XIX dias do mes de mayo. ElRey ho mandou pelos Doutores Christouão Estevez de Espargoza, ffidalgo de sua casa, e Luis Eannes, ambos do seu cõselho e desembargo, e seus desembarguadores do paço e pityções. Jorge Vaaz, escripvão a fez anno do nacimento de nosso Senhor Jhu Xpo de mill bº quarenta j annos.»

«Dom Joham, etc. Outra tall carta de legytimação como esta acima escripta nem mais nem menos a *Ambrosyo*, filho dos sobreditos, despachada pelos ditos desembarguadores.....»

[1] D. Gonçalo Coutinho equivocou-se escrevendo 1495, relacionando rhetoricamente este anno com a acclamação de D. Manoel, sem se lembrar da incompatibilidade d'esta data com outras da vida do poeta. Dando-o como nascido em 1485, e sendo *Doutor* em 1514 (no *Cancioneiro geral*, de 1516, que estaria no prelo mais de dois annos, tem este titulo) graduar-se-hia com vinte e nove annos; quando fez a viagem á Italia em 1521, teria trinta e seis annos; quando casou com D. Briolanja de Azevedo em 1536 tinha já cincoenta e um annos, o que justifica a anecdota do bastão; e morreu em 1558 com setenta e trez annos de edade, o que não é extraordinario.

primavera, circumstancia que se infere da Ode de Andrade Caminha, *Aos annos de Sá de Miranda*:

> O vento, que sobejo
> Com furia estava tudo ameaçando,
> De todo já está brando;
> O céo claro e sereno, e assi corado
> Se mostra, que parece
> Que a este nosso dia favorece.
> Tudo aqui está calado,
> Tudo vos quer ouvir assocegado.

Já vimos, como Sá de Miranda pelo lado de sua avó D. Philippa de Sá se encostava ao grosso tronco dos — nossos *Sás Coloneses;* pelo lado de seu avô João Gonçalves de *Souto Mayor* e Miranda se aparentava elle com Garcilasso, da familia dos Lassos de la Vega, a que pertencia o genial renovador da poesia castelhana:

> Al mui antiguo aprisco
> De Lassos de La Vega
> Tuyo, el nuestro de Sá viste ayuntado...

Era o parentesco por via dos *Soutomayor*, pois se lê no *Nobiliario*: «uma filha de Ruy Paes de Soutomayor casou com Garcilasso de la Vega, o velho.» [1] Este prurido de nobreza era para mascarar a pécha de filho sacrilego, que se prestava a remoques e apo-

[1] *Portug. Mon.*—Scriptores, p. 387.

dos. Mas, á imitação dos nobres Sás, que viviam na côrte e eram afamados poetas, quiz o conego Gonçalo Mendes de Sá dar tambem uma certa educação litteraria a seus filhos. A esse exemplo allude Sá de Miranda, na *Carta* a João Rodrigues de Sá de Menezes:

As letras que hi não achastes,
Vós as mettestes na terra;
Á nobreza as ajuntastes
Com que d'antes tinham guerra.

Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiam ler,
Eram bons, eram ousados.
Eu não louvo o não saber,
Como alguns ás graças dados;
Louvo muito os seus costumes,
Doe-me, se hoje não são taes;
Mas, das letras ou perfumes
D'onde vem o dano mais? [1]

Effectivamente dava-se uma alteração nos costumes da aristocracia, que na aspiração a uma cultura litteraria tornou moda a viagem da Italia, e os divertimentos poeticos dos serões do paço.

Para o conego Gonçalo Mendes era facil em Coimbra, no fim do seculo XV dar educa-

[1] *Poesias* de Francisco de Sá de Miranda, edição feita sobre cinco Mss., etc., por D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, p. 206. Halle, 1885. Todas as nossas citações são feitas sobre esta edição fundamental e incomparavel, de que adeante fallaremos ao tratar do texto de Sá de Miranda.

ção á sua prole; por todo o reino corria a fama das escholas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, para onde a fidalguia portugueza mandava os seus filhos. Com certeza alli recebeu a primeira cultura de Artes e Humanidades, Francisco de Sá de Miranda, com os outros seus irmãos que seguiram a carreira ecclesiastica. A entrada dos alumnos para o Mosteiro de Santa Cruz era depois dos doze annos, como claramente o affirma D. Nicoláo de Santa Maria na *Chronica dos Regrantes;* e fixado com a maior plausibilidade o anno do nascimento do poeta em 1485, é por fins de 1497 que seria a sua admissão como interno do Mosteiro para a frequencia das escholas menores.

O primeiro ensino começava pela leitura dos *Disticos* de Catão, em latim, os quaes se versificavam em épodos, ou se commentavam com explanações moraes. Transcrevemos aqui alguns *Disticos*, para se apreciar a fórma da sua doutrinação:

Magistrum metue. Vino tempera. Verecundia serva.
Libros lege; quod legeris memento. Rem tuam custodi.
Libros erudi. Diligencia adhibe. Blandum esto. Jus jurandum serva.

. . . .

Plus vigila; semper ne sompno deditus esto;
Num diuturna quies viciis alimenta ministrat.

. . . .

Contra verbosos noli contendere verbis.
Sermo datur cunctis, anima sapientia paucis.

Dilige sic alios ut sis tibi carus amicus,
Sic bonus esto bonis, ne te mala dampna sequantur.
Rumores fuge. Ne incipias novas auctor haberi;
Nam nuli tacuisse nocet, nocet esse locutum.

Os *Disticos* de Dionysio Cato são muito numerosos; é natural que nas escholas os abreviassem, não só por que alguns repugnavam á situação das crianças, como para limitar o tempo do ensino, reservando-os para exercicios de memoria e de escripta. O *Catão*, como o cita o rei D. Duarte no *Leal Conselheiro*, (p. 38) conservou a sua popularidade nas escholas durante mil e duzentos annos, e foi dos primeiros livros reproduzidos pela Imprensa. Parece-nos vêr no typo moral de Sá de Miranda o effeito da doutrinação dos *Disticos*. O seu conhecimento da musica, a que allude o biographo D. Gonçalo Coutinho, justifica o systema de educação no Mosteiro de Santa Cruz, que a nobreza seguia e que era tambem muito dada á musica. Depois d'este estudo do *Catão*, como popularmente se chamava, começava a classe dos *Donatistas*, ou dos grammaticos, que frequentavam as chamadas trez Regras, ou trez annos. O estudo da grammatica, como se lê na escriptura do infante D. Henrique de 1431: «é de grande arruido;» quando Sá de Miranda frequentou esta disciplina, já a Arte ou o *Doutrinal* de Alexandre Villa Dei estava supplantado pela Arte de Pastrana, que por seu turno ia cedendo o passo á *Arte nova* de Nebrixa. Acabadas as trez Regras, entrava-se no estudo das Humanidades, ou a classe dos *Summulistas*. Duravam estes cursos quatro annos: estudava-se a *Isagoge*, os *Predicaveis* de Porphyrio, as *Perihermeneias* de Aristoteles, no primeiro; os *Priores*, *Posteriores*, *Topicos*, *Elencos*, e parte da *Physica*, de Aristoteles, no segundo anno; o tra-

tado *De Coelo*, *Metaphysica*, *Meteoros* e *Parva naturalia*, no terceiro anno; e no quarto, *De Generatione*, *De Anima*, *Ethicas;* e as *Partes* de Sam Thomaz. O estudo da Rhetorica continuava-se com as Artes, como um natural prolongamento da grammatica.

Se ao anno de 1497, accrescentarmos os sete ou outo annos d'estes cursos menores nas escholas de Santa Cruz de Coimbra, achamo-nos em 1505, quando a Universidade de Lisboa acabava de ser reformada pelo rei D. Manoel, que em 1504 a dotára com um edificio proprio para *Escholas Geraes*, com um corpo de Estatutos, com novas cadeiras, e com augmento de salario aos lentes. Essa reforma chamou o interesse da nação para a Universidade de Lisboa, e a principal nobreza ahi convergiu ao ensino das differentes faculdades. Não deixou isto de influir no animo do diligente conego Gonçalo Mendes, que tratou logo de mandar este filho mais velho para Lisboa a seguir a faculdade de Leis. O biographo anonymo, entre alguns erros de inadvertencia, diz: «Depois das primeiras letras de *Humanidade* (em que foy insigne) estudou *Leys* mais em obsequio ao gosto d'el Rey... [1] que por inclinação que tivesse áquella maneira de vida, e comtudo *obedecendo a seu pay que lh'a escolhera...*» Destaca-se da phrase confusa a verdade; por que o conego Gonçalo Mendes, que recebera

[1] Deverá lêr-se no texto *D. Manoel* em vez de *D. João III*, pois que o facto deu-se pela reforma de 1504.

do rei D. Manoel varios favores, como a carta de 12 de abril de 1497, concedendo-lhe o poder adquirir bens de raiz até á quantia de cem mil reaes, e as cartas de 20 de novembro de 1499 legitimando-lhe mais trez filhos, elle é que *mais em obsequio ao gosto de ElRei* (D. Manoel) *que de novo plantára então a Universidade na sua terra* (em Lisboa, dando-lhe paços novos) é que mandou o filho cursar a faculdade de Leis. [1]

Podemos pois fixar a vinda de Sá de Miranda para Lisboa, por 1505 aproximadamente; por que achando-o já denominado *Doutor* em 1516, (no *Cancioneiro* de Resende, que pelo seu enorme volume e morosidade dos trabalhos typographicos não esteve menos de trez annos no prelo de Hermã de Campos) vêmos que os seis annos de legista, nol-o dão graduado em 1511, tempo em que começa a frequentar os serões do paço, nos quaes ainda ouviu D. João de Menezes, que falleceu em 1513. As datas da sua vida ajustam-se pelos pontos de referencia que se podem mais ou menos laboriosamente aproximar, e que se vão confirmando á medida que o quadro se esclarece.

A Universidade de Lisboa, que vegetára confinada nas casas que lhe doára o infante D. Henrique em 1431 *acima da Egreja de S. Thomé, contra o muro da cidade*, em 1502

---

[1] As referencias de D. Gonçalo Coutinho á reforma por D. João III em 1536, são incompativeis com a vida de Sá de Miranda, já n'essa época refugiado na provincia.

alargava-se fazendo *Escholas novas*, com a compra de umas casas ao conde de Penela e a Gabriel Gonçalves; foi então que o rei D. Manoel doou á Universidade em 18 de janeiro de 1503 o palacio que fôra do infante D. Henrique, formando assim as *Escholas geraes*, no *sitio que fica abaixo de Santa Marinha*. Como Protector da Universidade D. Manoel conseguira do papa Alexandre VI, que se estabelecessem nas cathedraes prebendas para *mestres* theologos e *doutores* juristas. O quadro pedagogico da Universidade constava de duas cadeiras de Theologia, trez de Canones, trez de Leis, duas de Medicina, e cadeiras singulares de Philosophia natural, Philosophia moral, Logica e Grammatica. As cadeiras juridicas eram bem remuneradas, competindo á de prima o salario de trinta mil réis, á de vespera vinte mil réis, e á de terça dez mil réis.

Na época em que Sá de Miranda frequentou a Universidade de Lisboa, eram lentes da cadeira de prima de leis o Dr. Estevam Jorge; da de vespera o Dr. Gonçalo Vaz Pinto; e da de terça o licenciado Agostinho Affonso, que figuram na *Tabula legentium* depois de 1506. As disciplinas ensinadas eram a *Instituta*, em um anno, o *Digesto velho* em quatro annos, e o *Codigo* em trez annos.

Em 1510 deu-se uma modificação no pessoal docente da faculdade de Leis, pelo fallecimento do Dr. Estevam Jorge; passou para a cadeira de prima o Dr. Gonçalo Vaz Pinto, e para a de vespera o lente de terça *em que se lia a Instituta*, Agostinho Affonso, desis-

tindo da cadeira em 1521, por ser nomeado Desembargador. [1] Aqui temos pois uma vagatura na faculdade, por 1510, tendo de se lêr por substituição a cadeira de *Instituta*. Na biographia attribuida a D. Gonçalo Coutinho, lê-se ácerca de Sá de Miranda: «*tomou o grão de Doutor e leu varias cadeiras d'aquella faculdade*...» Em uma velha genealogia poz-se junto do seu nome que, lêra na Universidade «*sómente de substituição*.» [2] Sobre o modo das substituições, tomaremos algumas indicações dos Estatutos manulinos: á porta das Escholas fixava-se uma carta ou edital: «como tal cadeira he vaga, aa qual se hirã oppor os que quizerē dentro de vinte dias; e quando algũu se uier oppor lhe darã juramento que non daraa nem prometeraa per si nem per outrē dinheiro ouro ou prata nem cousa que o valha a nenhũu dos oppoentes porque dezista, e a nenhũu dos votantes porque lhe dēe seu voto... E passados os vinte dias loguo o Rector assignaraa trez liçoens a cada oppoente de hũu dia pera o outro, e argumentarão os oppoentes se quizerem em fim de cada liçam...» Além dos votos do Reitor e lentes da Universidade, faziase esta substituição *ad vota audientium* admittindo-se: «os ouvintes d'aquella faculdade de dous annos pera cima, e se ouver no studo algũus bacharees da faculdade poderão votar

[1] *Historia da Universidade de Coimbra*, t. I, p. 331.

[2] D. Carolina Michaelis. Edição das *Poesias de Sá de Miranda*, p. VIII. 1885.

dado que nom ouçã nas schollas continoadamente, se no dito studo fizerem exercicio de letras...» Para a simples substituição «nom votarão senão os ouvintes continuos da faculdade;» para a propriedade, votavam tambem os conselheiros e deputados da Universidade, e carecia-se da confirmação do Protector.

Para ser admittido á concorrencia nas vagaturas das cadeiras bastava ser: «ao *menos bacharel*, ho qual se poderaa oppor com lecenceado ou doutor; e levando a cadeira concorrendo com lecenceado fara sua Repitiçã e entrará em exame, e receberaa gráo de lenceneado dentro de hũu anno, sob pena de priuação da cadeira...» O mesmo se entendia concorrendo com doutor e levando-lhe vantagem. Por estas determinações dos Estatutos se vê, que podia em 1510 concorrer Sá de Miranda á vagatura da cadeira de terça ou de *Instituta*, como simples bacharel, graduando-se de *Doutor* no anno immediato.

É n'esta situação de Doutor, que o encontramos frequentando os serões do paço, na côrte apparatosa de D. Manoel, na intimidade de outros poetas, como Bernardim Ribeiro, que fôra seu condiscipulo na Universidade, [1] Christovam Falcão e D. Luiz da Silveira.

---

[1] Lêmos em uma nota da edição da *Menina e Moça* de 1891: «cursava a Universidade de Lisboa, pelos annos de 1507 a 1511 ou 1512, um estudante de nome *Bernaldim Ribeiro*. O nome de *Bernaldim Ribeiro* apparece no Livro I da Universidade de Lisboa, a fls. 28, 53, 79, 92, 107, 108 v. e 111 v.» Op. cit., p. 248.—Novas descobertas historicas e genealogicas vieram lançar uma grande luz sobre a vida do poeta das *Saudades*.

A época em que Bernardim Ribeiro frequenta a Universidade de Lisboa fixa-se em 1506, por que no anno anterior doára-lhe D. Manoel as Terras e Azenha de Ferreiros, situadas em Extremoz, não só para compensal-o das perseguições soffridas por sua familia no tempo de D. João II como para facilitar-lhe os estudos universitarios. A amisade entre os dois poetas foi profunda; communicavam-se os segredos dos seus amores, e influiram-se mutuamente na cultura artistica. Aos cantares bucolicos de Christovam Falcão e Bernardim Ribeiro, allude Sá de Miranda, na Ecloga *Celia*, passados muitos annos:

> . . . . . . Como se perdieron
> Entre nós el cantar? como el tañer
> Que tanto nombre a los pasados dieron?
> Mas dizen me que vienen a correr
> *Certos zagales de la Estremadura,*
> Que ora, ora asomaran por esa altura. [1]

Da sua entrada na côrte de D. Manoel falla Sá de Miranda na *Carta* a D. Fernando de Menezes, deixando alguns traços pittorescos sobre os serões poeticos em que tomou parte:

---

[1] Quando Sá de Miranda reelaborou esta Ecloga modificou estes versos, referindo-se então á eschola italiana:

> Cantava *Laso* en el Andaluzia,
> *Sincero* aun lejos aca se via.

(*Poesias de Sá de Miranda,* p. 310. Ed. Mich., p. 575.)

Os *Momos*, os Serões de Portugal
Tam fallados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?

Dos *Motes* o primor, e altos sentidos?
Uns ditos delicados, cortezãos,
Que é d'elles? Quem lhes dá sómente ouvidos?
. . . .

Porém, oh bom D. João, o de Menezes,
E oh D. Manoel, que taes tempos lograstes
Chamar-vos-hei ditosos muitas vezes.

Que com tanto louvor aqui cantastes
E com tal rezão dado, *inda alcancei*
O derradeiro som que ó ár soltastes.

Depois, de fóra parte aqui escutei
E ouvi cantares, foram elles taes
Que transportado assi cantando andei! [1]

Nas referencias d'estes versos deparam-se elementos historicos preciosos para definir a corrente litteraria dominante; os *Momos*, eram com certeza os espectaculos dramaticos, que representava Gil Vicente deante do rei D. Manoel nos paços da Ribeira e em Santos o Velho, taes como a *Farça de Quem tem farellos?* em 1505, o *Auto da Fama*, em 1510, e a farça do *Velho da Horta*, de 1512. Quando não havia representações, os velhos fidalgos poetavam, distrahindo as damas com os seus Motes e Ditos espirituosos. D'entre todos des-

[1] *Poesias*, p. 256. Ed. Mich.

tacava-se D. João de Menezes, que Sá de Miranda ainda ouviu antes d'elle partir para Azamor, em 1513, e aonde morreu em 15 de maio do anno seguinte. Aqui temos fixada pois a sua entrada nos serões do paço. Quem era este D. João de Menezes? Pelo verso da edição de 1595: «*Dois condes*, nos amores tão cortezes» era-se induzido ao erro de confundir este poeta D. João de Menezes, com esse outro D. João de Menezes, *conde* de Tarouca, [1] cuja actividade poetica foi diminutissima.

D. João de Menezes tem no *Cancioneiro* de Resende um Vilancete com a rubrica, que bem define a sua personalidade historica: «De Dom João de Menezes, *no tempo que esteve em Azamor, antes de se finar.*» Refere-se a pouco antes de 1513. Era terceiro filho de D. João de Menezes, senhor de Cantanhede, e de D. Leonor, filha de Ayres Gomes da Silva; criou-se em Santos-o-Novo, em casa de sua tia D. Brites de Menezes; e por que ajudando á missa ao capellão da Casa repicava desesperadamente o sino, chamaram-lhe o *Pica-sino*, alcunha que lhe durou toda a vida. [2] Foi este poeta Aio e Guarda do princepe D. Affonso, filho unico de D. João II; era elle que corria o pareo com o princepe,

---

[1] D. Carolina Michaelis conseguiu distinguir estes homonymos, nas notas ás *Poesias de Sá de Miranda*. p. 813, mostrando que o conde de Tarouca poucos versos tem no *Cancioneiro* de Resende, t. II, p. 65, e que era vivo ainda em 1521. Aproveitamos as suas valiosas correcções.

[2] Ms. 442, da Bibl. publica do Porto.

quando cahiu do cavallo abaixo, no areal de Santarem, em 13 de julho de 1491. Na mais inconsolavel tristeza deixou a côrte, e só passados annos é que voltou por chamado de D. Manoel, em 1502, que o nomeou Camareiro-mór e governador da casa do principe (D. João III). Comprehende-se como o afamado poeta dos serões de D. João II, e que em 1483 figurára no processo amoroso do *Cuydar e suspirar*, veiu abrilhantar os divertimentos poeticos da côrte de D. Manoel. Era elle então já muito velho, por que no pleito do *Cuydar* diz que está com os pés para a cova, e se dóe de lhe lembrarem amores passados. Algumas das suas coplas são escriptas em castelhano, imitando o gosto de Juan de Mena, Rodrigues del Padron e Stuniga; outras são escriptas em portuguez, alludindo aos amores de Macias el Enamorado e ás suas canções. Glosava com graça repentista os Motes apresentados pelas damas do paço; e por isso João de Barros, que foi sempre partidario das redondilhas, equiparava-o a Jorge Manrique e a Garci-Sanches. [1] Jorge Ferreira, que nunca abandonou a eschola da *medida velha*, dizia: «que ninguem fazia trovas, motes e glosas mais graciosas e agudas do que elle.» [2] E este testemunho era ainda repetido por Jeronymo Osorio, no *De rebus Emmanuelis*: «Quantas fossem as posses do engenho seu, bem o assinalam os versos que compoz em linguagem portugueza. Não se

---

[1] *Ropica pneuma*, p. 94.
[2] *Aulegraphia*, fl. 123 v. e 129.

encontram outros, nem se imaginam mais engraçados, mais agudos.» [1] As trovas castelhanas de D. João de Menezes penetraram no *Cancionero general;* [2] eram pelo gosto das de Jorge Manrique, muito imitadas e glosadas em Portugal, como o declara Sá de Miranda, que por esse mesmo tempo á glosa das coplas de Manrique, *No sé por que me fatigo*, poz a rubrica caracteristica: «*como se naquelle tempo acostumava.*» Nas doenças de D. João de Menezes, as damas interessavam-se pela saude do cavalleiro galanteador, mostrando-se sentidas pela sua falta nos serões do paço. Uma das suas melhores poesias é a que fez, sendo moço, a uma dama por despedida; dá-se tambem por infeliz em amores, umas vezes andando apaixonado por uma creada chamada Corrêa, outras por uma cativa sua, ou já por D. Guyomar de Menezes, que lhe foi roubada pelo prior do Crato. Era um espirito desannuviado, e um bravo. Foi como capitão a Azamor, assistindo á sua tomada (1513); venceu a peleja dos Alcaides em sexta feira de endoenças, um dos feitos mais lusidos de Africa, e soccorreu Arzilla, quando tomada pelo rei de Fez. [3] As suas numerosas composições poeticas, colligidas no *Cancio-*

---

[1] *Op. cit.*, III, 47. Ap. D. Car. Mich., p. 814.
[2] Na ed. de 1557, fl. 181.
[3] *Nobiliario* de Xisto Tavares; ahi se lê que era casado com D. Isabel Mendanha, filha de Pedro de Mendanha, alcaide de Castro-Nuno; ella erigiu o convento da Esperança, de Lisboa, e o de S. Francisco do Cartaxo.

neiro de Resende, [1] confirmam os louvores dos contemporaneos, e justificam a importancia que lhe ligava Sá de Miranda, ufando-se por ter ainda escutado os derradeiros sons do seu plectro. Muitas das taes composições mereceram ser póstas em musica, sendo cantadas em canto de orgão e a trez vozes. Na côrte de D. João II e D. Manoel a musica era recebida com predilecção e distincção aristocratica; pela prenda da musica, Garcia de Resende era favorecido pelo terrivel monarcha, o qual alliviava as suas tristezas ouvindo-o tocar guitarra. Tambem na Vida de Sá de Miranda se põe em evidencia o grande conhecimento que teve da musica.

O outro poeta, que Sá de Miranda ainda ouviu, e que põe a par de D. João de Menezes, é D. Manoel. Por equivoco natural, logo se imagina que será um D. Manoel de Menezes; [2] nada porém, no sentido dos versos obriga a ligar o nome de D. Manoel a esse appellido. A unica figura capaz de competir com D. João de Menezes na importancia heraldica e no talento poetico é D. João Manoel, filho do bispo de Ceuta e da Guarda, neto do rei D. Duarte, collaço do rei D. Manoel e seu camareiro-mór. Elle escrevia apaixonadamente versos castelhanos e portuguezes, e

---

[1] *Cancioneiro geral,* t. I, p. 107 a 135 e 341; t. II, p. 17, 66 e 569; t. III, p. 53, 71, 98, 118, 224 e 232.

[2] Assignada com este nome ha apenas uma estrophe em todo o *Cancioneiro* de Resende, e não se depara em todas as chronicas nenhuma referencia historica a elle.

enriqueceu os Cancioneiros dos dois paizes. Com o nome de *Dom Manoel* anda assignado o seu: Romance verdadero, de dolor muy desigual: — *Gritando va el caballero;* — e é tambem chamado D. Juan Manuel, *de Portugal*, para o distinguirem do celebre D. Juan Manuel, poeta e auctor do *Conde de Lucanor*, com o qual os criticos o confundiram. Era D. João Manoel um espirito culto, em correspondencia com Cataldo Siculo, e foi o embaixador que tratára do casamento do rei D. Manoel com a filha dos reis Fernando e Isabel. Os seus versos elegantissimos achamse dispersos nas collecções hespanholas, [1] e na collecção portugueza de Garcia de Resende apparecem com o nome de *Camareiromór.* [2]

Por isto comprehende-se o valor da referencia de Sá de Miranda, depois de *o de Menezes*, a esse outro D. João *o Manoel*, a quem em Castella os poetas chamam D. Manoel.

Na continuação do quadro dos serões do paço, Sá de Miranda allude a uma outra influencia, á magia de uns cantares *de fóra parte*, que escutára transportado; eram os de *Certos zagales de la Estremadura*, esses quadros bucolicos em que, ainda na côrte, mas não para distracção das damas, os dois apaixonados Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão davam expressão aos exaltados amo-

[1] No *Cancionero general* castelhano, pertencemlhe os n.os 277, 278, 455, 642, 820. Ed. 1880. Apud. D. Car. Mich., *Circulo camoniano*, vol. I, p. 297.

[2] *Cancioneiro* de Resende, t. I, p. 375 a 419; 135, 460, 463; III, p. 25, 116 e 233.

res pelas suas namoradas? A aproximação dos trez poetas n'esses serões é um facto importante e uma das paginas mais curiosas da historia da poesia portugueza. Caminhando no sentido da idealisação da realidade, e para a mais eloquente inspiração da verdade, os trez lyricos continuaram a metrificar ao gosto da côrte e das damas, mas fazendo-se notar pela vivesa do sentimento. Garcia de Resende colligia os motes, esparsas e voltas, em dois corpos independentes sob a rubrica: «*Do Doutor Francisco de Sá*», e sob a «*De Bernaldim Ribeiro.*» Nas redondilhas que acompanham a Ecloga *Crisfal*, e que pertencem a Christovam Falcão, algumas vêm entre ellas que no *Cancioneiro geral* figuram com os nomes de Bernardim Ribeiro e de Sá de Miranda. [1] Esta confusão resultou em parte da intimidade com que os trez grandes lyricos communicavam entre si as suas obras, e tam-

[1] Taes são: *Coitada, quem me dará* (*Canc. geral*, t. II, p. 323) e *Commigo me desavim* (*Canc. ger.*, t. I, p. 320) que pertencem a Sá de Miranda.—Pertencem a Bernardim Ribeiro: *Antre mim mesmo e mim* (*Canc. ger.*, III, p. 541); *Senhora, n'esse amarello* (*Canc. ger.*, III, p. 538); *Antre camanhas madanças* (*Ib.*, III, 540); e a Sextina: *Hontem poz-se o sol á noite.*

Por estas intercalações nas *Obras* de Christovam Falcão não se póde concluir que as demais Cantigas e Esparsas lhe não pertençam. No fim do *Crisfal* se allude a essas redondilhas:

> Eu o treladei d'ali
> donde mais estava escripto
> que aqui não escrevi . . .

E no v. do frontispicio vem o Indice, em que se lê:

bem da similaridade do estylo. Na collecção de Resende não vem poesias directamente assignadas por Christovam Falcão; a sua familia frequentava a côrte, onde se faziam notar como poetas Diogo Brandão e Fernão Brandão, irmãos de D. Maria Brandão, a encantadora namorada do *Crisfal*. Foi na convivencia do paço que os dois se amaram. [1] O periodo da extraordinaria inspiração de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão é posterior á publicação do *Cancioneiro* de Resende, em 1516; parece, que os versos da *Carta* a D. Fernando de Menezes, que pertence á edição de 1595, se referem á influencia do lyrismo castelhano, a que primeiro obedecera Sá de Miranda:

> Depois, de fóra parte, por aqui
> Se ouvem cantares, *não dos naturaes*
> *Mas estrangeiros*, já eu cantara asi. [2]

« Hua Carta do dito. *Hos presos*, etc.
« E outras cousas que entrelendo se poderam ver. »

Deve entender-se que estas *outras cousas*, que são as Cantigas que se seguem á Carta: « *Os presos contam os dias*, pertencem egualmente ao *dito*, que é Christovam Falcão.

[1] Uma irmã de D. Maria Brandão, chamada D. Philippa Pereira, era casada com João de Sá, filho de João Gonçalves de Miranda, e tio do poeta Sá de Miranda. Não podiam pois ser-lhe desconhecidas as aventuras d'aquelle desgraçado amor, succedidas pelo mesmo tempo em que se tornaram conhecidos os amores de Bernardim Ribeiro com sua prima D. Joanna Zagalo.

[2] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 257. Variantes 148-150.

Em 1511 foi publicado o *Cancionero general* de Hernan de Castillo, contendo as mais extraordinarias creações do lyrismo hespanhol; essa collecção influiu directamente no animo de Garcia de Resende para fazer uma compilação dos versos de todos os fidalgos portuguezes que floresceram nas côrtes de D. Affonso V, D. João II e D. Manoel. Este interesse do chronista, e a seducção suscitada pela belleza das composições dos poetas palacianos hespanhóes, vieram activar a elaboração poetica dos ultimos annos da côrte de D. Manoel, em que eram imitados Jorge Manrique, Garci-Sanches e outros. Este esplendor repentino da eschola das redondilhas ou da *medida velha*, deixou impressões profundas em alguns espiritos que nunca quizeram conciliar-se com os metros endecassylabos, como Jorge Ferreira de Vasconcellos e João de Barros, que na sua *Grammatica*, escrevia com certa ironia: «as cousas que competem aos poetas, ficaram para *quando fôr restituido a este reino o uso das trovas.*» Vê-se que confiava, em que um dia passaria a moda da imitação dos versos italianos.

A primeira maneira poetica de Sá de Miranda, em harmonia com o gosto dos serões do paço, foi a imitação dos poetas castelhanos, glosando os seus mais deliciosos Motes e escrevendo na sua lingua. De Jorge Manrique é essa cantiga: *No sé por que me fatigo*, que Sá de Miranda glosou: «*como se n'aquelle tempo costumava*» ou «como se n'aquelle tempo *muito acostumava.*» [1] Resende colli-

[1] Rubricas das edições de 1595 e 1614; e do Ms. da Bibl. de Paris.

giu esta glosa com a indicação: Do *Doutor Francisco de Sá;* e para evitar qualquer duvida sobre esta individualidade, acha-se copiada em um manuscripto da bibliotheca de Evora, com a rubrica: «Glosa de *Francisco de Sá de Miranda.*» As poesias de Jorge Manrique eram muito glosadas pelos poetas palacianos; já D. João II manifestava pela elegia de *Recuerd el alma dormida* uma sympathia quasi religiosa, a ponto de equiparal-a á oração dominical, fazendo-a recitar a Garcia de Resende. De Garci-Sanches de Badajoz, auctor do *Infierno de Amor*, é esse outro mote glosado por Sá de Miranda: *Secaron me los pesares.* Elle conhece os velhos poetas como Juan de Mena e o marquez de Santillana, e cita-os como auctoridades:

O *Marquez de Santillana*
Homem de braço e saber
Antre a gente castelhana,
Da lança soía a dizer
Co'as letras que se não dana;
A quem o bom *João de Mena*
Fez grande coroação
Quando já tinha alta pena,
Bem aparada inda não.

(*Poesias*, p. 207.)

A popularidade de Juan de Mena ainda se continuou em Portugal, no meado do seculo XVI, como vêmos pelos *Autos* do Chiado:

Por toda a doçura
faz cousinhas de feição.
Ri-se elle de *João de Mena,*
e assim, que sem candea,
fará coplas com areia,
em vos chegar nunca pena,
por onde vejo que é veia.

(*Obr.*, p. 29.)

De Juan del Enzina tirava Sá de Miranda motes para os seus Vilancetes, como: *Quien te hizo, Juan pastor* (p. 55); e o *Cancionero general* era-lhe conhecido, como se vê pela referencia a Pedraza, que ahi figura. É ainda d'esta época da vida da côrte que ficou o conhecimento do velho poeta Vasco Pires de Camões, ao qual em uma *Carta* allude seu cunhado Manuel Machado de Azevedo. Os antigos pliegos sueltos castelhanos forneciam-lhe cantares velhos, como *Sola me dejaste*, (p. 48) que o aproximavam das fontes poeticas populares, pois lhe imprimiram esse gosto da naturalidade, que nunca pôde perder apezar do subjectivismo da imitação italiana e da erudição moralista. É esse sabor popular que constitue a principal belleza das suas Eclogas e Cartas.

No genero, a que os castelhanos chamam *Passa-calles*, escreveu: «*A esta cantiga que cantão pelas ruas em dialogo*» ou: «*A este cantar velho das moças do adufe:*»

N'aquella serra
Quero ir a morar;
Quem bem me quizer
Lá me irá buscar.

(Pag. 42)

Serve-se em outros Vilancetes de differentes *cantares velhos* ou tradicionaes, taes como:

Soidade minha,
Quando vos veria.

(Pag. 47.)

Sola me dejaste
En aquel iermo,
Villano malo gallego.

(Pag. 48.)

Taño os io, mi pandero,
Taño os i pienso en al.

(Pag. 56.)

Este conhecimento da velha poesia tradicional apparece alludido em outras passagens dos seus versos, como conservando a continuidade das fórmas gallezianas dos Cancioneiros trobadorescos. Na Ecloga *Encantamiento*, ainda se recorda de fórmas populares, que eram conhecidas por outros quinhentistas partidarios das trovas:

Que se os velhos *Soláos* fallam verdade,
Bem sabe ella por prova como Amor
Magôa, e haverá de mi piedade.

(Pag. 418.)

E na Ecloga *Basto*, refere-se ainda a esta fórma popular, cantada por mulheres:

Guiomar, nem Ana
Não dão volta por aqui,
Cantando-se a *Muliana*
Com dos outros seus *Soláos*
Que me façam merecer
Muitas d'estas varapáos
Com seus olhos vaganáos,
Bons de dar, bons de tolher.

(Pag. 178.)

O seu intimo amigo e companheiro Bernardim Ribeiro tambem allude a esta fórma poetica popular, por modo a melhor se definir: «E começou ella entam contra a menina, que estava pensando, cantar-lhe um cantar á maneira de *Soláo*, que era o que nas cousas tristes se acostumava n'estas partes.» [1] E Jorge Ferreira de Vasconcellos, acerrimo partidario das trovas, na *Aulegraphia*, fl. 4, v., falla dos: «moços de esporas que soiam cantar de *soláo* a vozes:

Quebra, coração quebra,
Quebra que não és de pedra.

E outra vez na comedia *Eufrosina*, (fl. 187) diz das *lavadeiras que cantam de soláo.* [2] É tambem notavel que o amigo de Bernardim Ribeiro e de Sá de Miranda, o apaixonado Christovam Falcão, casualmente se refira a uma outra fórma popular esquecida, o *Canto de ledino*, de que dá uma amostra na estrophe 42 do *Crisfal*. No *Cancioneiro da Vaticana* existem canções de romaria, em que a palavra *ledo* no estribilho é a caracteristica do genero, definido no fragmento da Poetica provençal que vem junto do *Cancioneiro Colocci-Brancuti*. Assim encontramos em Sá de Miranda na Ecloga *Alejo*:

---

[1] *Menina e Moça*, cap. XXI.

[2] Varias etymologias propuz para interpretar o sentido d'esta palavra *Soláo*; desde que phoneticamente não póde derivar de *solatz*, é natural que proviesse da fórma do canto *a solo*, cuja designação por alteração popular se tornou *soláo*.

Dias ha que no canté:
Con el corazon no puedo.
Antonces *cantara ledo*,
Ora como cantaré?

(Pag. 101.)

Tambem Gil Vicente se apropriava do lyrismo popular nos seus Autos, intercalando n'elles os *Cantares guayados* (da neuma *Guay* ou *Ai*) e as *Serranas*. Era um bello symptoma de uma regenerescencia da poesia portugueza, como se vê pelas manifestações incomparaveis do genio de Christovam Falcão e de Bernardim Ribeiro, muito antes da renovação da eschola italiana. O proprio Sá de Miranda regressou a essas fórmas populares da redondilha nas suas melhores Eclogas e Cartas, embora na Elegia ao Dr. Antonio Ferreira se refira com desdem ao genero de Cancioneiro:

Vem um dando á cabeça e conta ufano
Cousas do seu bom tempo, ardendo em chammas,
Polas que fez todo al lhe é claro engano.

Andam-se ás rasões frias pol-as ramas,
Um *Vilancete* brando, ou seja um *Chiste*,
Letras ás invenções, *Motes* ás damas.

Uma *Pergunta* escura, *Esparsa* triste
Tudo bom! quem o nega? mas, por quê,
Se alguem descobre mais, se lhe resiste? [1]

---

[1] *Poesias*, p. 462.

Com uma segura erudição bem conheceu Sá de Miranda, que as differenças da eschola velha para com o gosto italiano não passavam de «*rasões frias pela rama;*» por que no fundo ambos derivavam das mesmas origens trobadorescas. A poetica das trovas ou da *medida velha* era simplesmente uma persistencia da poetica provençal; n'ella se encontram estas duas fórmas metricas:

Maestria mayor, ou dos versos de dez syllabas ou *endechas* (en decas) que são nos nossos velhos Cancioneiros trobadorescos frequentissimos, como imitação limosina. Apparecem no *Cancioneiro* de Resende, empregados na outava castelhana, e ainda no seculo XVI os emprega João de Barros em umas outavas historicas. Foi este verso da *Endecha* substituido pelo endecasyllabo, mais regular no corte dos hemistichios, e na coincidencia do accento prosodico com o accento metrico da palavra;

Maestria menor ou a *Arte menor* conservou-se na poetica do seculo XVI com o nome de *Maestria real*, por effeito das suas variadissimas combinações estrophicas, taes como Voltas, Glosas, Esparsas, Vilancetes, Letrilhas, Divisas, Perguntas, Silvas, Romances, Cançonetas, Lyras, e segundo o numero dos versos: Quadras, Quintilhas, Sextilhas e Decimas. Era impossivel desthronar a redondilha, pela sua naturalidade facil, pela improvisação e encanto, e pela bella expressão de themas tradicionaes. É consoladora a impressão que deixam as palavras de Sá de Miranda, mostrando a relação d'estes dois estylos poeticos, que outros consideravam antinomicos:

Entrando o tempo mais, entrou mais lume,
Suspirou-se melhor, veiu outra gente
De que o *Petrarcha* fez tão rico ordume;

Eu digo os *Provençaes*, que inda se sente
O som das brandas rimas que entoaram
De novo asi d'amor tão altamente. [1]

Das velhas fórmas provençalescas de Cancioneiro para as novas da Eschola italiana derivada de Petrarcha não havia uma solução de continuidade, e foi por isso que Sá de Miranda continuou a cultivar a redondilha, quando estava na posse completa da expressão esthetica. Nos seus versos conservou muitas fórmas provençalescas, taes como as *rimas dissolutas* e as *coblas recordativas*, que persistem nos Dialogos; nas *Leys d'amor* (I, 252) encontra-se a fórma typica da *Esparsa*, variando entre outo e dezeseis versos; as *Respostas* pelas mesmas consoantes são pelo estylo das *Sirventes;* a fórma de leixapren é uma reminiscencia da *cobla redonda, cap finida* ou *cap caudada*. [2] Por certo, o conhecimento que tinha Sá de Miranda da fabula da *Chuva de Maio*, elaborada pelo trovador Peire Cardinal, não foi alcançado pela simples tradição oral. Tendo adquirido uma notavel cultura humanistica, é natural que conhecesse, ainda antes de saír de Portugal, alguns dos

[1] *Poesias*, p. 253.
[2] Observações de D. Carolina Michaelis, na edição das *Poesias* de Sá de Miranda, p. 745, 759 e 771.

mais afamados poetas italianos, e fosse a sua admiração o principal motor da sua viagem.

N'esse tempo venturoso em que frequentou os serões do paço, era tambem com Bernardim Ribeiro que se entendia para discretear com as damas; em uma noite, recitou Bernardim uma sextilha «*Ás damas, estando ahi D. Leonor Mascarenhas.*» Ella respondeu-lhe tomando os mesmos versos, e exprimindo um sentido novo, que para nós, hoje, parece referir-se aos amores de Bernardim com sua prima D. Joanna Zagalo:

Pois heide soffrer a outrem
Culpas que não tem perdão?

Sá de Miranda veiu em auxilio do seu amigo e companheiro, transformando ainda a mesma sextilha:

Seja minha culpa a de outrem,
Que asi val mais que o perdão.

No manuscripto sobre que foi feita a edição de 1885, e no que se guarda na Bibliotheca de Paris, acompanha *Outro Dialogo que lhes tornamos a mandar*, [1] uma nota curiosissima sobre uma estrophe feita por D. Leonor Mascarenhas: «*polo d'ela que é cousa rara pus aqui isto por que se veja que tambem Portugal teve a sua marqueza*

[1] Rubrica da Edição de 1595, fl. 155.

de Pescara.» [1] Vê-se que a comparação de D. Leonor de Mascarenhas com Victoria Colonna, marqueza de Pescara, fundava-se no talento poetico. Antecipamos aqui esta nota que Sá de Miranda escreveu no traslado dos seus versos, de 1550, para se avaliar os traços d'essa sympathica dama celebrada nos serões do paço por D. João de Menezes, Fernão da Silveira, Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda. [2] Sobre a interessante personalidade d'esta dama colligiu D. Carolina Michaelis alguns dados biographicos, que merecem aproveitar-se, á parte as datas menos conciliaveis com a historia: «Ainda de mui pouca edade foi escolhida por el rei D. Manoel para dama da rainha D. Maria.» Referindo-se esta nomeação ao anno de 1502, era ella já nascida nos fins do seculo XV, e só assim é que poderia ter inspirado versos a D. João de Menezes, antes de 1313 em que partiu para Azamor. Diz mais a illustre escriptora: «Em 1526 a levou a infanta D. Isabel, quando casou com Carlos V. Os monarchas de Hespanha gostaram tanto d'ella, que em 1527 lhe confiaram o principe herdeiro Philippe II, nomeando-a para aia d'elle; mais tarde serviu de segunda mãe ao infeliz D. Carlos. Era muito amiga sua a princeza D. Joanna, mãe de D. Sebastião; D. João III e D. Leonor de França, antes 3.ª mulher de D. Manoel, lhe escreveram muitas cartas, testemu-

---

[1] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 40.
[2] *Canc. geral,* I, p. 110; II, 14 e 18; III, 190.

nhando-lhe intima confiança.»[1] Segundo as noticias de Gil Gonzalez Davila, fundou D. Leonor de Mascarenhas o convento de Santa Maria de los Angeles, em Madrid, em 1564, morrendo fiel ao voto de castidade que fizera em menina;[2] comprehende-se como em 1550, ainda Sá de Miranda se lembrava d'ella e a comparava pelo seu platonismo amoroso a Victoria Colonna, «*por que se veja que tambem Portugal teve a sua marqueza de Pescara.*»

Com a partida da infanta D. Isabel para Castella, em 1526, foi tambem uma outra dama muito celebrada pela sua graça e formosura, D. Isabel Freire. Na época em que Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro propunham problemas amorosos em verso a D. Leonor de Mascarenhas, egualmente no serão do paço estava D. Isabel Freire, a quem Sá de Miranda amava e idealisava com o anagramma de *Celia*. Este delicioso episodio da mocidade que alguns desgostos lhe causou, por que se viu forçado a sahir da côrte, acha-se vagamente contado pelo seu companheiro e amigo Bernardim Ribeiro, na Ecloga II, com particularidades, que merecem ser explicadas:

---

[1] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 875, fundando-se em Gil Gonzalez Davila, *Grandezas de la Villa de Madrid*, p. 287; e Fr. Luiz dos Anjos, *Jardim de Portugal*, p. 340, n.º 115.

[2] As datas do seu nascimento e morte, 1503 e 1584, é que são inconciliaveis com os outros factos.

Franco de Sandovir era
O seu nome, e buscava
Uma frauta que perdera,
Que elle mais que a si amava;
Este, era aquelle pastor
(*A quem Celia muito amou,*
Nimpha de grande primor)
Que em Mondego se banhou,
E que cantava melhor. [1]

E a *frauta* sua era aquella
Que lhe Celia dera, quando
O desterraram por ella.
Chorando elle, ella chorando;
Viera elle alli morar,
Por que achou aquellas terras
Mais conformes ao cuidar,
D'ambas partes cercam serras,
No meio campos pera olhar.

De outros tempos conhecidos
Estes dois pastores eram;
De extranhas terras nascidos,
Não no bem que se quizeram.
E por aquesta razão
Tornou Franco a lhe contar
Como jazia no chão;
E deu-lhe que suspeitar
O logar e a feição.

Muito esteve duvidando
O que aqui Franco faria...

O que *Franco de Sandovir*, ou Francisco de Sá de Miranda fez, vendo cahido o seu amigo, foi acercar-se-lhe:

---

[1] Deve entender-se que foi o pastor, que se banhou no Mondego, e não *Celia*, como póde inferir-se.

Suspeitou logo o que era,
(*Que era tambem namorado*).

É n'esta Ecloga II que Bernardim Ribeiro faz a confidencia dos seus amores com *Joanna* (sua prima D. Joanna Tavares Zagalo); mas deixando estas particularidades para outro estudo, o que agora interessa é o facto de *Celia* ter amado e inspirado o poeta Franco de Sandovir, por causa do que: «*O desterraram por ella.*» Este desterro foi talvez o motivo por que, sendo forçado a sahir da côrte, emprehendeu a sua longa viagem á Italia, em 1521; no seu regresso a Portugal não póde ser collocado este episodio amoroso, pois que em 1526 partiu *Celia*, ou melhor D. Isabel Freire para Castella, em companhia da Imperatriz. O logar do desterro foi nas cercanias de Coimbra, em que as duas serras de Louzam e do Bussaco coincidem com o verso: «*D'ambas partes cercam serras;* — no meio campos pera olhar.»

Em uma Cantiga das que são posteriores a 1516, allude Sá de Miranda a este desterro da côrte:

Cada ora estes olhos canso
Por *estes montes* arriba
Que á vista curta e cativa
Tolhem todo seu descanso.
Deixem-nos cegar, que tem
Olhando rezão por quê:
O coração que lá é,
Os tristes choram d'áquêm.

(*Poes.*, p. 29.)

E na Ecloga II de Bernardim Ribeiro, a Cantiga com que Franco de Sandovir o quer consolar versa sobre o mesmo caso:

> Perdido e desterrado,
> Que farei? onde me irei?
> Depois de desesperado
> Outra mór magoa achei.

E de facto, proximo de Coimbra, o logar chamado de *Sendomil*, que o rio Alva sepára de S. Julião de Mouronho, seria o sitio do seu retiro, como póde inferir-se pelo anagramma de *Sandovir?* Outros amores se tornaram conhecidos na côrte por este mesmo tempo, provocando por ventura qualquer severa repressão. Na Canção *A nossa Senhora «feita por aquella do Petrarcha:* Vergine bella» como se lê em dois manuscriptos, falla Sá de Miranda de uma prisão soffrida; ahi diz:

> Entrei polos perigos,
> Rodeado de imigos...

> Hei medo a quanto fiz, sei que mereço!
> Dos meus erros me espanto
> Que me aprouveram tanto,
> E agora só á lembrança desfalleço...

> D'onde socorro espero ao meu destroço
> Assi tam perseguido como vedes,
> D'antre tam altas, tam grossas paredes,
> De ferro carregado,
> Um coração coitado
> Chama por vós envolto em bastas redes. [1]

---

[1] *Poesias*, p. 87, st. 1, 2, 7.

Ainda nos dias alegres da côrte de D. Manoel, podia Sá de Miranda ter conhecimento das poesias de Petrarcha, tendo o seu parente João Rodrigues de Sá sido educado na Italia, e convivendo com elle nos serões do paço. Apezar de ser a *Canção a Nossa Senhora* uma das melhores composições de Sá de Miranda, não repugna por isso que fosse este o seu primeiro ensaio nos novos metros. A emoção em que estava era muito intensa. A historia d'estes amores explica-se pelas recordações docemente referidas em outras poesias, escriptas já em uma época serena da sua vida.

Mais explicita é a revelação contida na glosa a uma *cantiga velha:*

La que tengo no és prision,
Vos sois prision verdadera:
Esta tiene lo de fuera,
Vos teneis mi coraçon.

Na glosa ha o indicio de ter sido a prisão motivada pelos amores:

De la gente que aqui viene
A me vêr de risa muero;
Rio me de carcelero
Que piensa que aqui me tiene.
Ven i miran la prision,
Ven los fierros por de fuera,
No ven caduno que ende era
Donde era su coraçon. [1]

---

[1] *Poesias*, p. 20.

Não foi colligida por Garcia de Resende, o que leva a inferir ter sido a prisão depois de 1516; á auctoridade de quem o mandou prender allude em esta outra Cantiga:

Foi-me grande agravo feito!
Ser-me-hia ora máo de crer.
Quem o fez, póde-o fazer
Ou a torto ou a direito.

Estava ordenada ũa ora,
Veu i não houve i tardança,
E levou-me ũa esperança
Que se não fôra, eu não fôra.
Que remedio ao já feito?
Feze-o quem tinha o poder.
Eu que posso i al fazer
Que gemer dentro em meu peito? [1]

Ainda em outra Cantiga, lembra o facto da prisão:

Todo se me va en antojos,
La cruel carcel es escura.
Cuitados de los mis ojos
Que pagan tanta locura!
De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero... [2]

Na Ecloga *Celia*, dedicada ao infante D. Luiz, descreve Sá de Miranda a historia d'estes primeiros amores; pela allusão da

---

1 *Ibid.*, p. 28.
2 *Ibid.*, p. 50.

Ecloga II de Bernardim Ribeiro, vê-se que o nome de *Celia* teve uma realidade. Será possivel descobrir qualquer fio historico, para saber-se quem era *Celia?* A insigne editora das *Poesias* de Sá de Miranda aproximou os elementos criticos para chegarmos a um resultado acceitavel. A Ecloga *Celia*, foi dedicada ao infante D. Luiz, quando elle em 1535 regressava glorioso da empreza de Tunis, a que acompanhára Carlos V; vê-se isso expresso nas outavas seguintes:

> Por ora pasar se ha *Tunes* entrado
> A fuerza de armas i dende fuido
> Qual va el tirano, todo arrabiado
> Del miedo i de las mañas socorrido.
>
> . . . .
>
> Al santo Rei Luis, con tanta gente
> Cruzada, i Carlo el quarto denegó-se
> (De Francia entramos) lo que hasta el presente
> A Carlo Quinto i Luis reservo se.
> La vezina Cartago juntamente
> De sus antigos daños recordo-se,
> Temblavan africanos corazones
> Viendo venir a si dos Cipiones. [1]

Bem estabelecida a data d'esta Ecloga de *Celia* em 1535, quando o infante D. Luiz regressava de Tunis, a que proposito vem essa narrativa de uns amores da mocidade de Sá de Miranda passados na côrte? O assumpto, o caso que entre si narram os dois pastores

---

[1] *Poesias*, p. 294.

Aurelio e Mauricio, é o da morte de *Celia*, tão amada do pastor Amaro:

Triste de mi! De vida ia *Celia* es fuera!
Quien puede tal oir que no se muera!

—De Amaro i que será? solo dejado
Por claro enjemplo escura vida,
Como por muestra, como por dechado?

—Cruel Celia, dizia, ansi me dejas?
. . . .
Tan lejos ma levaron! (Triste, adonde
Te me han levado?) Celia, ansi te alejas
Sin memoria de mi? quien te me esconde?

Vê-se que o facto da morte de *Celia*, longe de Portugal, succedera por 1533, coincidindo a chegada d'esta noticia com o regresso de Tunis, em 1535; e considerando, segundo o systema empregado por Bernardim Ribeiro de anagrammatisar os nomes, este nome de *Celia* como anagramma de *Elisa*, vamos encontral-o na Ecloga *Nemoroso* designando D. Isabel Freire, que tambem fôra muito amada e celebrada na sua morte pelo poeta Garcilasso, que subsequentemente morrera em 1536. Comprehende-se pois a rasão intima que levava Sá de Miranda a celebrar a morte de *Celia*, e a dedical-a ao infante D. Luiz como tentativa de um gosto novo:

Poco aca, mas con fé, mas con poca arte
Cantan pastores *al modo estranjero.*
Corren lagrimas justas sin parar
Mentras Neiva tambien corre a la mar.

Sobre esta recordação dolorosa, escreve D. Carolina Michaelis: «O intimo pesar, a profunda magoa que sobresáe nos seus primeiros versos do *Cancioneiro* de Resende, ficaria assim naturalmente explicada por este amor infeliz, que exigiu o seu desterro. Este sentimento, vivo sempre e alimentado com uma rara constancia e intensidade, acompanhou o poeta em todos os lances da sua vida escholar, de cortezão e de viajante, e seguiu-o inclusive até ao remanso da sua vida campestre; se é que *Celia*, que elle festejou com os seus versos em 1512, é a mesma pessoa cuja morte elle deplorou em 1536, n'um tom que não vinha desferido de uma corda gasta e meia extincta, mas do fundo da alma, temperado nas ineffaveis recordações de vinte e quatro annos de uma leal affeição.» [1] Nas poesias de Garcilasso, iniciador da eschola italiana em Hespanha, ha composições a uma dama, a quem chama *Elisa*, que lhe recusa o seu amor, por que elle é casado com D. Helena de Zuniga; a canção de Garcilasso: *Culpa deve ser quereros*, traz em geral a rubrica: *Habiendose casado su dama;* e nos Cancioneiros manuscriptos de Iriarte e Gayanges, traz esta outra mais explicita: «*A dona Isabel Freyre por que se casó con un hombre fuera de su condicion.*» Deante d'esta clareza, reconhece-se que a *Elisa* celebrada por Garcilasso era realmente D. Isabel Freire, que acompanhou para Castella a infanta D. Isabel, quando em 1526 casou com Car-

[1] *Poesias*, p. 820.

los v. Faria e Sousa, como tambem notou D. Carolina Michaelis, colligiu a anecdota, ainda corrente no seculo XVII: «que ella era tão graciosa que a infanta D. Isabel declarára, ou não partiria para Castella, ou a haviam deixar leval-a comsigo.» [1] Quando Garcilasso estava fóra de Hespanha, D. Isabel Freire casou com o castelhano D. Antonio da Fonseca, de quem teve filhos, e morreu prematuramente de parto. Esta circumstancia apparece claramente expressa na Ecloga de Garcilasso *Salicio y Nemoroso*, da qual vamos extrahir alguns versos que tornarão mais patente o sentido da *Celia* de Sá de Miranda:

O bien cadúco, vano y presuroso,
Acuerdome durmiendo aqui algũ hora
Que despertando à *Elisa* vi á mi lado.
O miserable hado,
O tela delicada
Antes de tiempo dada
A los agudos filos de la muerte.

Do estan agora aquellos claros ojos,
Que llevavan tras si como colgada
Mi alma, do quier que ellos se bolvian?
Do está la blanca mano delicada
Llena de vencimientos y despojos,
Que de mi mis sentidos le oferecian?
Los cabellos que vian
Con gran desprecio al oro,
Como à menor thesoro,

---

[1] *Poesias*, p. 833. Nos Comm. de Faria e Sousa, t. v, p. 211 e 212: «*o no vendria, o la havian de dexar traer consigo a D. Isabel Freire.*»

Adonde estan? adonde el blanco pecho
De la coluna, que el dorado techo
Con presuncion graciosa sostenia?
Aquesto todo agora ya se encierra
Por desventura mia
En la fria, desierta y dura tierra.

. . . . suelto ya la rienda
A mi dolor, y assi me quexo en vano
De la dureza de *la muerte airada,*
Ella en mi coraçon metió la mano,
Y de alli *me llevó mi dulce prenda,*
Que aquel era su nido y su morada.

Em algumas estrophes d'esta Ecloga descreve Garcilasso, que foi o parto a causa da sua morte, não deixando duvida sobre o platonismo da sua paixão por D. Isabel Freire:

Mas luego à la memoria se me ofrece
Aquella noche tenebrosa, escura
Que siempre aflige esta anima mesquina
Con la memoria de mi desventura,
Ver te presente agora me parece
En aquel duro trance de Lucina.

Garcilasso na elevação mais intensa do seu sentimento termina por uma estrophe encantadora, que tem uma sigla manuscripta no meu exemplar de uso: «*Camões tomou daqui o assumpto para o soneto:* Alma minha gentil que te partistes,» [1] em letra dos fins do seculo XVII. Eis a estrophe:

---

[1] Edição de Anvers, em casa de Martin Nucio, MDLVI, fl. 258.

Divina *Elisa*, pues agora el cielo
Con immortales pies pisas y mides,
Y su mudança vées estando queda,
Por que de mi te olvidas, y no pides
Que se apresure el tiempo, en que esto velo
Rompa d'el cuerpo y verme libre pueda?

. . . .

Busquemos otros montes y otros rios,
Otros valles floridos y sombrios
Do descansar, y siempre pueda verte
Sin miedo y sobresalto de perderte.

Na Ecloga *Celia*, Sá de Miranda tambem a considera na sua morte: «Tan dina de infinito sentimento!» Egualmente exalta a sua extraordinaria formosura, e allude á morte prematura e de parto:

Dejemos la beldad que ella tenia
Por cosa vana, (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuidado via;
Mas en cuerpo tan sano alma tan sana
Que para nos, no para si bivia.
Como la muerte fue tanto vilana!
Cortó la tela ante tiempo, sañuda! [1]
Dejó tanta de gente aca desnuda. [2]

---

[1] Em uma variante: «*em medio de sus dias ida ansi*. (*Poesias*, p. 568.)

[2] Em outra redacção d'esta mesma Ecloga *Celia*, ao descrever os desconcertos do mundo, allude Sá de Miranda ás mortes de parto:

Vemos muertos caer los tiernos años,

. . . .

D'ellos mueren mamando, (ai nuestros daños)
Las madres de otra parte caen muertas.

(*Op. cit.*, p. 566.)

Sá de Miranda tambem se refere aos filhos que ella deixára:

> Y aquellos sus riquissimos despojos,
> El cuerpo; aquel precioso i grande arreo,
> *Sus hijos* (como en vida ella dezia),
> Aquel su amor tan dulce parecia.

Na Ecloga *Nemoroso*, em que Sá de Miranda celebra a morte de Garcilasso, recorda-se ainda de *Elisa*, que elle tanto idealisára, principalmente na Ecloga em que deplora a sua morte:

> *Elisa*, el tu cuidado
> *Que aca tanto plañiste*
> *Por muerte* (ai suerte) falta,
> Plañiendo la en voz alta,
> Quien no plañió despues do la subiste?
> Ora ella al cielo erguida
> Dejas la muerte atrás, vas te a la vida! [1]

A morte de Garcilasso, em 24 de novembro de 1536, na guerra entre Carlos V e Francisco I, só podia ser celebrada por Sá de Miranda em 1537; o seu parentesco com Garcilasso, a que allude com desvanecimento, e a sua paixão por *Elisa*, aquella mesma *Celia*, que elle outr'ora amára na côrte de D. Manoel, acordaram na sua alma o sentimento a que dera expressão vibrante na Ecloga offerecida ao infante D. Luiz em 1535.

---

[1] *Poesias*, p. 378.

Assim, se foi pela Ecloga de Garcilasso, que elle foi levado a imitar, celebrando a morte de D. Isabel Freire, *mas con fe, mas con poca arte — al modo estranjero*, seria pelo regresso do infante D. Luiz a Portugal, depois da missão de medianeiro a que fôra a Carlos v, que Sá de Miranda soube da morte de Garcilasso. [1]

Comprehende-se como a recordação de um mesmo amor *(Elisa = Celia)* aproximou os dois poetas; as duas Eclogas de Sá de Miranda, localisadas em 1535 e 1537, fazem determinar com certa segurança qual a realidade da sua emoção. Camões, que tanto estudou Garcilasso, como se vê em todos os seus versos, ao fallar do pastor *Nemoroso* na sua Ecloga II, ainda conservava a tradição dos amores com D. Isabel Freire, da sua morte prematura, e da sua origem portugueza:

E da morte invejosa Nemoroso
Ao monte cavernoso se querella,
Que sua *Elisa bel* em pouco espaço
Cortou inda em agraço. Ah dura sorte
Oh immatura morte . . . . [2]

Em Garcilasso:

. . . . dolor y grave pena
En que por mi se aflige *Nemoroso*,
Y llama á *Elisa;* Elisa, á boca llena

[1] *Ibid.*, p. 832.
[2] Camões, *Ecl. II.* Facto observado por D. Carolina Michaelis, *op. cit.*, p. 832.

Responde el Tajo, y lleva presuroso
Al mar de *Lusitania* el nombre mio
D'onde será escuchado, yó lo fio. [1]

N'esta confiança, de que o nome de *Elisa* hade ser repetido em Portugal por via dos seus versos, achamos a confirmação na Ecloga de *Celia* reelaborada por Sá de Miranda, que duas vezes se refere a Garcilasso:

Un pastor vuestro escuchá; *el estranjero*
El rei de Francia haze del tal cuenta!
El gran Carlo eschuchava (oh muerte ciega)
Cantando *Nemoroso de la Vega*.

Alludia á admiração que Francisco I e Carlos V tributavam a Garcilasso, já morto na época em que isto escrevia; quasi no fim da Ecloga, torna a referir-se a Garcilasso, lamentando a decadencia da poesia causada pela sua morte:

Como se fueron
Perdiendo el buen cantar i el buen tañer!
Las buenas mañas desaperecieron,
Las malas vienen a todo o correr:
Cantava *Laso* en el Andaluzia,
Sincero, aun lejos, aca se oia! [2]

Agora já se póde comprehender melhor o sentimento expresso nas poesias de Sá de

---

[1] *Ibid.*, notando este trecho da Ecloga III de Garcilasso.
[2] *Poesias*, p. 575.

Miranda, colligidas no *Cancioneiro geral* de 1516; em uma lindissima Esparsa exprime o seu intimo pesar, que tanto agradaria na côrte pela emoção viva que contém:

Cerra a serpente os ouvidos
A' voz do encantador;
Eu não, e agora com dor
Quero perder meus sentidos.
Os que mais sabem do mar
Fogem de ouvir as sereias,
Eu não me soube guardar,
Fiz minha alma e vida alheias. [1]

Em uma outra Esparsa parece alludir ao desenlace d'estes primeiros amores:

Tornou-se-me tudo em vento
Em fim de muito tormento
Que eu passei cuidando en al!
Vejo que foi cedo o mal
E tarde o conhecimento.
Eu assi desenganado
Vejo vir males maiores!
Oh tempo a que sam chegado!
Que posso doer ás dores,
E dar cuidado ao cuidado. [2]

E já depois de 1516, em uma Cantiga, que não entrou na collecção de Resende, descreve a situação que primeiramente Bernardim Ribeiro nos revelára:

---

[1] *Canc. geral*, t. II, p. 324; *Poesias*, p. 443.
[2] *Ibid.*, II, p. 325; *Poes.*, p. 13.

Toda a esperança é perdida,
Tudo veiu a falecer;
E o que inda fica da vida
Ficou para mais perder.

Aquella esperança minha
Assim fraca e vã como era,
C'os olhos que n'ella tinha
A todo o mal me atrevera.

Ora, ella é toda perdida,
Mas não me hão de fazer crêr
Que não ha mais n'esta vida
Se não nacer e morrer. [1]

Vistas á luz da realidade, estas trovas têm um grande relêvo de sentimento. Os serões do paço em que brilharam Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, decaíam pelas alterações que bruscamente se iam dar na côrte: primeiramente a prolongada doença da rainha D. Maria, por causa do laborioso parto do infante D. Manoel, e de que veiu a morrer; depois o casamento em terceiras nupcias do rei com a noiva de seu filho, e os partidos que á sombra d'isto se formaram por um e outro; a petulancia dos favoritos e o desgosto dos que se foram retirando da côrte. Em uma carta em trovas de Garcia de Resende a Manoel de Goyos, que estava por capitão na Mina, vêm descriptos os serões do paço n'este seu ultimo esplendor:

[1] *Poesias*, p. 15.

Estaa já certo na mão
o dia que vay caçar
aver á noite serão,
e não podeys la cuidar
os galantes que 'elle vão.
S'acerta de não aver
serão, he por entender
em despachos e conselho,
que me espanto, não ser velho
quem tanto tem que fazer.

Depois falla Garcia de Resende nas damas que figuravam pela sua belleza e graciosidade nos serões do paço:

As damas, que ca ficaram
quando d'aqui vos partistes,
algumas d'ellas casaram,
e vivem por isso tristes....

A que sabeys que casou,
que diz que é *mal maridada,*
o dia que s'ençarrou [1]
huma grande bofetada
a seu esposo pegou....

Dona Camilla casou
com Joam Rodrigues de Sá,
no outro dia a levou:
n'ysto muitas cousas ha,
de que vos conta não dou.
Convidou as damas todas
hum dia antes das vodas,
dom Martinho a gentar,
ouv'ahi tal que casar
desejou mays que aves gordas.

---

[1] Refere-se á fórma juridica da *Camera cerrada.*

João Rodrigues de Sá de Menezes, filho do poeta palaciano Henrique de Sá de Menezes, fôra casado em primeiras nupcias com D. Catherina de Lima, de quem teve Antonio de Sá de Menezes, da qual Sá de Miranda foi intimo amigo; a decima de Garcia de Resende refere-se ao seu segundo casamento com D. Camilla de Noronha, filha do conde de Villa Nova de Portimão e irmã de Jorge de Vasconcellos. (*Canc. ger.*, III, 473.) D'este casamento nasceram Francisco de Sá de Menezes, que foi excellente poeta lyrico e grande amigo de Sá de Miranda, e Sebastião de Sá, que morreu em Alcacer-Kibir.

Garcia de Resende vae enumerando as outras damas:

Tem por cousa muy sabida
muytos, que está concertado
casar Dona Margarida
de Mendonça c'um privado
de cá, muyto que é servida.
D. Guyomar de Menezes
está fóra, ha oito mezes,
do paço n'um moesteyro;
nunca mays houve terreiro,
nem no bailar antremeses.

Vae o poeta retratando com finas côres as varias damas, D. Joanna de Vilhena, que o rei D. Manoel casou depois com o conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, e que foi mãe do poeta D. Manoel de Portugal, um dos mais fervorosos discipulos de Sá de Miranda; as filhas do Conde-prior, e D. Maria Anriques, D. Joanna de Mendonça:

Creçeo tanto em fermosura,
em manhas, desenvoltura,
graça, saber, discriçam,
que nam sinte o coração
a quem não dé má ventura.

Depois a gentilissima D. Joanna Manoel, a Calatayud, e Figueiró:

Figueiró he no serão
de cantigas, de tenção
mays servida que ninguem
de trez que cantam muy bem:
n'isto sabereis quem são.

Vae citando e retratando as outras constellações, D. Maria de Menezes, D. Mecia de Tavora; mas Garcia de Resende aponta já os symptomas de decadencia d'aquella vida galante e fascinadora:

As damas nunca parecem,
os galantes poucos são,
cousas de prazer esquecem,
os negoceos vem e vão,
nunca mingoam, sempre crecem.
Nam ha já nenhum folguar,
nem manhas exercitar;
he tanto o requerimento
que ninguem não traz o tento
se nam em querer medrar.

. . . .

Anda tudo tam danado,
que o que menos merece
se mostra mais agravado,
e de homens que não conhece
he El rey importunado.

E estes, que Deos padeça,
ham de cobrir a cabeça
per'ant'elle no serão,
e só por isso lá vão
sem aver quem os conheça.

. . . .

Quem for muito comedido
e quem for justificado,
nam será muito valido;
quem for desavergonhado
será com todos cabido.
Nam ha homens de primor,
nem quem sirva por amor,
se nam por ter e mandar,
nem ha quem queira lembrar
o proveito do senhor.

Quem tem renda quer poupar,
e quem gasta bem o seu
nam no pode comportar,
ham-no loguo por sandeu,
e que é siso enthesourar.
Os velhos são namorados,
os mancebos acupados,
os casados são solteiros,
os fracos são muy guerreiros,
e os clerigos casados.

Ha qua poucas amisades
e grandes competimentos;
costumam pouco verdades,
servem-se muito de ventos
e cousas de vaydades.
Nam lembra a ninguem rezão,
se não só encher a mão,
e passe per hu poder,
nem creaes que bem fazer
faz ninguem, se el rey não. [1]

[1] *Canc. geral*, t. III, p. 573 a 583.

Embora a transcripção seja longa, tem o merecimento de nos pintar o meio palaciano em que se revelou o talento poetico de Sá de Miranda, e ao mesmo tempo a depressão moral em que a côrte manoelina ia cahindo, tendo em elaboração todos os germens que vieram a dissolver a nacionalidade.

No Ms. da Bibliotheca de Evora em que vem uma grande parte das poesias de Sá de Miranda, [1] acha-se uma Satyra violenta contra a côrte de D. Manoel, pintando o meio dissolvente em que o monarcha assoalhava a sua sumptuosa fatuidade e em que os seus favoritos se iam apoderando da riqueza publica com um descaro impune. As queixas que mais tarde fez Sá de Miranda contra a corrupção causada pelas riquezas da India, apparecem n'esta Satyra com o mesmo tom; vê-se que era um protesto espontaneo das consciencias mais puras contra uma decadencia que se mascarava com as pompas de uma exploração mercantil e militar, que hallucinava toda a gente. A Satyra é anonyma, e em fórma de carta enviada da côrte; mas não deixaria de correr de mão em mão, e de comprometter muitos poetas dos serões do paço, taes como João Rodrigues de Sá de Menezes, Luiz da Silveira, Fernão da Silveira, senhor de Sarzedas, e o proprio Sá de Miranda, os quaes todos abandonaram desgostosamente Lisboa e se recolheram ás suas

---

[1] É um volume in-folio de 238 folhas, com o registo $\frac{\text{CXIV}}{2\text{-}2}$; foi aproveitado por D. Carolina Michaelis para a edição de 1885.

casas na provincia. [1] O costume de mandar versos da côrte para os fidalgos que estavam nas suas casas na provincia ou nas capitanias, em epistolas metrificadas com caracter jocoso e satyrico, apparece-nos com frequencia no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende; escrevem n'esse genero em que se pintam as intrigas do paço com traços bem pittorescos Pedro Omem, o conde de Vimioso, João Rodrigues de Castello Branco, D. Luiz da Silveira, Duarte da Gama, Diogo de Mello, e o proprio Garcia de Resende, como vimos pelas magnificas decimas: «*estando el rey em Almeirim, a Manoel de Goyos, que estava por Capitam na Mina, e lhe mandou pedir que lhe escrevesse novas da côrte*...»

A Satyra anonyma *Trovas que se fizeram nas terças no tempo del rey D. Manoel* é mais virulenta do que as coplas de Resende, e por isso ficou anonyma. Foi escripta depois de 1516, como se deprehende da allusão ao segundo casamento do Mestre de S. Thiago, e por fidalgo da côrte de D. João II, que sabia vêr o fausto ruinoso e a corrupção dourada do reinado de D. Manoel, pondo em contraste a divisa do anterior monarcha:

---

[1] Foi publicada pelo sr. A. F. Barata, com o titulo: *Excerpto de um Cancioneiro Quinhentista. Trovas que se fizeram nas terças em tempo de elrei D. Manoel.* Evora, 1883.

O vão da memoria,
que o cetro possue,
vemos que destrue
sem acquirir gloria;
e sua tençam
nam he augmentar;
mas sempre danar
os bens que ca vam.

Não he seu manjar
tambem *pelicano*,
nem menos humano
se pode chamar...

É certo que Damião de Góes não calou os vicios do reinado de D. Manoel, que presagiavam a nossa decadencia nacional; mas os traços cruciaes dados sobre essas pustulas, hoje desconhecidas, apparecem na Satyra, preciosa pelo seu sentido historico. O titulo explicativo das *Trovas que se fizeram nas terças no tempo del rey D. Manoel*, parece referir-se ao começo das intrigas politicas para a unificação de Portugal e Hespanha, em que D. Manoel se achou envolvido pelo plano dos seus casamentos. As terças ou terçarias foram as trocas dos princepes e herdeiros das duas corôas portugueza e hespanhola, em quanto se não definiram os direitos da princeza D. Joanna, a chamada Excellente Senhora; nas terças substituiu D. Manoel seu irmão D. Diogo, durante uma doença. Da injustiça com que D. Joanna foi defraudada dos seus direitos inferiram os contemporaneos todas as desgraças que occorreram nas duas côrtes. Diz por isso o satyrico anonymo:

As terças terçaram
no tempo passado,
e assás mal gastado
o que ellas pagaram...

Mas tudo podemos
dizer que foy nada,
e dar-lhe passada
por males que vemos;
são taes os extremos
de pompas e vento,
que tem tal aumento
que a Deus esquecemos.

O monarcha tantas vezes iniquo com Vasco da Gama, com Fernão de Magalhães, com Duarte Pacheco, com Affonso de Albuquerque, e tantos outros heróes, tinha a obcecação dos favoritos que o lisongeavam; dizem as Trovas:

Os seus conselheiros
aos trinta nam chegam,
e todos navegam
a os mealheiros;
não são verdadeiros,
nem tratam verdade,
e da puridade
sam cheos palreiros.

Começa a enumeração de alguns favoritos que pervertiam a justiça para se enriquecerem, e o primeiro que aponta é o duque D. Jayme:

Ho grande Bragança
he pouco lembrado,
e de avisado
de fóra se lança,
e diz que descansa
por ser já antigo,
mas por o perigo
que vê na balança.

Está assentado
na sua Viçosa,
que como astrosa
o tem bem danado;
e está já inchado
com suas sophismas,
que em barbarismas
nam he outro achado.

Estas *barbarismas* eram as pretenções com que se inculcava como herdeiro do throno; vem da palavra *barbara* com que na velha escholastica se designava o raciocinio que conduzia a conclusões universaes affirmativas; e o inchaço da vaidade alludia á divisa heraldica: *Depois de vós, nós.* Uma outra estrophe faz vagas referencias ao desfavor em que cahira outra familia fidalga:

A casa Penela
está desterrada;
nam he já lembrada,
nem ha novas d'ella;
a sua donzella
o fez bem privar,
e tambem desprivar;
a causa foy ella.

D'este escandalo dará conta algum Nobiliario manuscripto, como o que descobriu a causa da privança do conde da Castanheira; em uma rubrica do *Cancioneiro* de Resende vem uma trova: «*polo princepe D. Affonso, quando casou D. Branca, com que elle andava de amores.*» [1] Os poetas palacianos estranharam este casamento depois da morte do princepe; seria esta a donzella que fez privar e desprivar a casa de Penela?

Uma outra estrophe allude ao Mestre de S. Thiago, bastardo de D. João II, o qual contando já setenta annos pretendeu casar com D. Maria Manoel, dama da rainha, que contava dezaseis annos:

O Mestre he já
d'aqui desmembrado,
e bem ausentado
da corte estaa;
e dizem por cá
que el rei o casou,
e se assi passou
he cousa mui má.

As pretenções amorosas do Mestre de S. Thiago deram origem a muitos chascos na côrte, chegando a vulgarisar-se a cantiga do *Velho malo*, talvez sobre o typo popular das *Maravilhas do meu velho.* Christovam Falcão, na Ecloga *Crisfal*, conta este episodio palaciano, personificando a dama sob o nome de Elena:

---

[1] *Canc. geral,* t. III, p. 193.

Esta dama e pastora
certo que melhor lhe ia,
quando a cantar ouvia,
dando fee que *em sua cama*
o velho não dormiria.

Ainda como tradição dos antigos escandalos da côrte de D. Manoel, conservou Camões no *Auto de Elrei Seleuco* a allusão á cantiga satyrica:

Ouviste vós cantar já
Velho malo em minha cama?

Justifica-se esta interpretação pela sequencia das duas estrophes que relatam o casamento da filha do riquissimo conde de Marialva com o infante D. Fernando, contractado por D. Manoel, para se apoderar da herdeira da casa mais opulenta de Portugal. Diz Faria e Sousa: «Este successo do duque (sc. de Aveiro) com D. Guiomar, parece *fue assumpto de los poetas d'aquel tiempo.*» Dizem as Trovas:

A nora tomada
sem justo juizo,
e logo improviso
infanta tornada,
nam foy aumentada
aqui a verdade;
mas com crueldade
foy mui desterrada.

Joeirou o thesouro
do gram Marialva,
e quiz-lhe a salva
levar do seu ouro;
nam sey se gentios
a tal se estreveram,
nem sey se fizeram
maiores desvios.

Penedo se fez,
desfez matrimonio;
aqui o demonio
pescou d'esta vez,
e quiz despensar
no que nam podia,
com tal ousadia
que he de espantar.

Aqui quero calar
e mudo fazer-me,
por nam estrever-me
mais alto fallar;
mas pois já está
bem aposentado,
e tanto calado
que não sôa já.

Na Ecloga *Crisfal* allude-se de um modo mais evidente a essa intriga palaciana do casamento do infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho, quando ella estava desposada clandestinamente com o marquez de Torres Novas; as trovas verberam a avidez sordida de D. Manoel, sendo anteriores ás desgraças que succederam, dando-se o fallecimento de D. Guiomar Coutinho, do infante D. Fernando e dos seus dois filhos com pequenos intervallos, como relata Fr. Luiz de Sousa, e

a que julgamos alludir Sá de Miranda na Ecloga *Andres*.

Depois de jogar tambem um golpe acerado á Casa de Villa Real, aparentada com o paço, gastando tudo em folias sem pagar a ninguem, a Satyra pinta a situação moral da alta sociedade portugueza:

As calvas e cans
não sam cá ouvidas,
mas sam muy cabidas
as cabeças vãs;
em mulas louçãs
os vereis andar,
e o seu resar
he por avelãs.

. . . .

Os mais namorados
molheres trosquiam,
e os cabellos criam
de muito presados;
dinheiro enviam
por ambres gastar;
de mouros matar
muito se desviam.

Pentes não abastam
nem menos espelhos;
andam mui vermelhos
d'oleos que gastam;
e todos já pastam
no campo dos pobres,
e chamam-se nobres,
do bem se afastam.

E vejo já agora
natura mudada,
e tanto danada,
nam sei quem nam chora;

bem vejo que mora
no cetro justiça,
mas crece cubiça
mil gráos cada hora.

Serviços nam paga,
nem menos trabalhos,
por dois mil atalhos
os homens estraga:
em Africa á fome
morrem cavalleiros,
e cá nos palheiros
o ouro se come.

Pera bem se gastar
pediram commendas,
e vejo as rendas
em mulas andar,
e vejo tomar
as alheias filhas,
e sam maravilhas
pera Deus castigar.

. . . .

C'os muito chegados
que tem mais valia
la bem desavia
dos circumcisados:
sam os mais prosperados
que no Reino ha,
e craro está
que o fazem cruzados.

Depois começa o poeta anonymo a mostrar a influencia do judaismo no meio d'esta avidez das riquezas:

Oulhay da Fazenda
quem he escrivam,
oulhay quem o pam
come da commenda...

E sabe muy bem
del rei a vontade,
e nunca verdade
a diz a ninguem;
por costume tem
mentiras dizer,
e de mal fazer
he todo seu bem.

. . . .

Esteves Christovam
tambem nomeemos,
e acertaremos
nos que nos estrovam;
com estes renovam
os da Ley cansada
e he enxalçada,
e da nossa se tornam.

He-lhe remettido
hos que d'Africa vem;
mas eu nam sei quem
tem tam máo sentido;
elle he muito cabido
e muito privado,
e no tal estado
muy pouco sabido.

. . . .

Desembargadores
sam novos christãos,
e em suas mãos
sam nossos errores;
sam corregedores
juizes tambem,
nos pilouros vem
por vereadores.

He grande perigo
n'aquisto fallar,
e quero calar,
e em geral digo:

he El Rei tam amigo
dos costumes seus
que puros judeus
sam já em castigo.

A terra está
de esnogas bem chea
e fazem a cea
dos asmos por cá;
vereis enfeitados
os sabbados todos,
vereis de mil modos
capuzes frisados.

Ao conde de Villa Nova de Portimão D. Martinho de Castello Branco, parecem referir-se as Trovas, por elle ter pedido o privilegio da exploração de uma *mancebia* ou bordel nas suas terras:

Este desterrou
o cetro em mal,
por elle ser tal
muy bem lhe pagou;
officio tomou
de virgens vender,
por bem o fazer
mil bens alcançou.

. . . .

he tal com estado
em tanto crecer,
que certo faz crêr
que espera condado.

Na Satyra aponta-se um Carvalho, alto favorito, talvez Pero de Carvalho, que D. Manoel admittiu ao beijamão em pelote, por occasião do seu terceiro casamento:

Carvalho tem cá
tambem valia,
que sua perfia
em conde está;
ho fruito que dá
bugalhos seram,
lançal-os no cham
se costumava cá.

Deu este tambem
volta a coroa,
e sua pessoa
bem sey de que vem;
e dizem que tem
tam grande privança
que el Rey não descança
com outro ninguem.

. . . .

Fazem desterrar
a outros mais altos,
e fazem dar saltos
que he para pasmar;
seu exercitar
nam he cavalaria,
mas grande perfia
de rendas ganhar.

No reinado de D. João III apparece em todo o valimento Pero de Carvalho, a quem Sá de Miranda dirige uma Esparsa e uma Carta em redondilhas; e Manoel Machado de Azevedo tambem cita um Carvalho, por cujo favoritismo — «só vive quem o respeita.»

Quando Sá de Miranda se refugiou da côrte, em Coimbra, parece que já possuia qualquer pequena propriedade n'aquellas cercanias, da qual passados annos, na sua Carta a Pero Carvalho, dizia:

No logar onde me vistes
De agua e de monte cercado
E de outros males que ouvistes,
Tenho mais dias contados
De ledos, que não de tristes. [1]

Possuiria já por este tempo o poeta a commenda da Ordem de Christo em *S. Julião de Mouronho*, no bispado de Coimbra? Era este facto ignorado, e apparece referido no recibo da quota paga por Sá de Miranda do rendimento das suas commendas para as obras do convento de Christo de Thomar. [2] Teria recebido Sá de Miranda por effeito de renuncia esta commenda para seguir os estudos na Universidade de Lisboa, ou talvez depois de Doutor como distincção de nobreza obtida pelos seus parentes Sás, de grande preponderancia na côrte.

Por esta mesma Carta a Pero de Carvalho, se allude a um facto succedido em 1520, o qual como diz D. Carolina Michaelis: «tem importancia para a biographia de Miranda,

---

[1] *Poesias*, p. 214.

[2] Noticia encontrada pelo Dr. Sousa Viterbo no *Livro da receyta e despesa das obras do convento de Christo*, 120, fl. 501, v., na Torre do Tombo. *Instituto*, vol. XLII, p. 683.

Nos materiaes reunidos pelo P.e Luiz Cardoso para o *Diccionario geographico* de Portugal, vol. 25, fl. 243 vem uma informação sobre S. Julião de Mouronho, situado a sete leguas de Coimbra. Era ainda no seculo passado couto do senhorio temporal do bispo-conde, e formava parte do seu senhorio de Coja. Compunha-se de onze logares: Mouronho (orago de S. Julião, e de padreado real, com o rendimento dos fructos certos

por que ajuda a provar que em 1520 estava em Portugal e ainda não havia emprehendido a sua viagem.» [1] O facto foi a visita do rei D. Manoel a Coimbra, e a trasladação da ossada de D. Affonso Henriques, o fundador da monarchia, para um mais sumptuoso mausoleu.

Conta Damião de Góes como teve D. Manoel a ideia d'esta trasladação: «Partiu El rei de Lisboa, aferrado no mez de outubro d'este anno de mil e quinhentos e dois, fazendo seu caminho por Coimbra, onde visitou o Mosteiro de Santa Cruz, e vendo que a sepultura d'el-rei D. Affonso Henriques, fundador d'aquella rica e sumptuosa casa requeria outra mais digna aos merecimentos de um tão magnanimo rei, logo propoz de a mandar fazer de novo, como depois fez do modo que agora está.» [2] A visita de D. Manoel a Coimbra em 1520 foi motivada pelo reconhecimento de agradecer á Cidade o ter recusado a admittir o titulo de *Duque de Coimbra*, que fôra dado ao bastardo de D. João II. O mo-

---

de 400$000 réis), S. Fagundo, Pereira, Pereirinha, Venda de Valles, Venda da Serra, Malhada velha, Castanheiro, Alvoeyra, Pousadouro e Fontão. A producção é de milho e azeite e algum vinho verde de latadas. Tem Mouronho duas ribeiras que secam no verão, a da Aguincheira e a de Val da Urs ou da Ribeira de Fontão, e vão a distancia de meia legua metter-se no rio Alva, que separa esta freguezia das Sacarias e Arganil. Nos livros da Chancellaria da Ordem de Christo não apparece noticia d'esta commenda, que por ventura seria incorporada na parochia.

[1] *Poesias*, p. 794.

[2] *Chron. de D. Manoel*, cap. 64, fl. 49, v.

narcha sentiu-se lisongeado com isso, e passou o titulo do ducado para Aveiro. Foi então que se aproveitou a estada do rei em Coimbra para se fazer a trasladação, da qual conta a *Memoria manuscripta* de D. Thimotheo dos Martyres: «No anno de 1520, em os 16 dias do mez de julho, estando o serenissimo rei n'esta cidade de Coimbra, veiu a este seu real Mosteiro á tarde, e mandou abrir as sepulturas antigas dos primeiros dois Reys deste Reyno, seus predecessores. Achou o corpo do devoto Rey D. Affonso Henriques inteiro, incorrupto, a carne sêca, e a côr pallida e macilenta, mas de aspecto severo, que parecia estar vivo, do qual saía cheiro suavissimo.» [1] É a este facto com todas as suas particularidades, que impressionaram a attenção publica, que se refere Sá de Miranda na seguinte estrophe:

Cidade rica do *santo*
Corpo do seu rei primeiro
Que *ainda vimos*, com espanto,
Ha tam pouco, todo inteiro
Dos annos, que podem tanto.
Rei a quem Deus se mostrou,
Rei que tantos reis venceu,
Rei que taes reis nos deixou;
O bom filho i se lançou,
Que té Sevilha correu. [2]

---

[1] Apud Simões de Castro, *Guia do Viajante em Coimbra*, p. 47; e D. Carolina Michaelis, *op. cit.*, p. 793.

[2] *Poesias*, p. 215.

Concorda a estrophe do poeta com a *Memoria* do cruzio D. Thimoteo dos Martyres, podendo-se assegurar que n'esse anno de 1520 estava Sá de Miranda em Coimbra, por ventura preparando as suas cousas para a viagem da Italia. Seu pae, o conego Gonçalo Mendes de Sá era ainda vivo em 1519, como se vê pelo *Livro dos Accordos*; da Sé de Coimbra, (fl. 77) com o arrendamento de dois olivaes na Seara e em Valle Meam, de que pagava nove alqueires de azeite. D'este insignificante facto se deprehende, que a viagem da Italia seria á custa do poeta com os rendimentos da sua commenda de S. Julião de Mouronho. Em um manuscripto genealogico, encontramos ácerca do conego Gonçalo Mendes: «foi clerigo e conego em Coimbra, *o qual, como consta de uma memoria, em 1523* recebeu a João Gonçalves de Castello Branco com sua sobrinha Antonia Pereira.» Até aonde póde merecer credito o apontamento genealogico, vivia o conego ainda na época em que seu filho andava em viagem na Italia, sendo talvez o seu fallecimento a causa do regresso do poeta a Coimbra.

O celebre poeta da côrte João Rodrigues de Sá e Menezes, o *Velho*, por que morreu centenario, (1464-1579) e que tanto se distinguiu nas guerras de Africa e em embaixadas importantes, tinha recebido a sua educação litteraria em Italia, junto do grande philologo Angelo Poliziano. Sá de Miranda que tanto o admirava pela sua illustração, por que seguindo o gosto humanista da Renascença introduzira entre a fidalguia *que mal sabia lêr* esse gosto pelas letras, deveu-lhe, pelo modo como

o considera na Carta que lhe dirige, a curiosidade de espirito que o levava a emprehender a viagem da Italia. O esplendor da Renascença artistica e litteraria, attrahia no fim do seculo XV os artistas e escholares á visita da Italia; D. João II escrevia directamente a Angelo Poliziano perguntando-lhe pelos seus estudantes, filhos do chanceller João Teixeira; as Universidades italianas eram frequentadas por estudantes portuguezes, mandados recolher ao reino depois da reforma da Universidade de Lisboa. Sá de Miranda, quando caminhava para a edade sedentaria, teve o desejo de visitar esse templo das artes, aonde os espiritos estavam em uma elaboração fecunda que não tornou mais a dar-se. Partiria por simples paixão de humanista, ou forçado por alguma circumstancia accidental? A sua indole apathica e contemplativa não se comprazia com a agitação de uma viagem, e sobretudo em uma época de perturbação e de guerras internacionaes. Alguma circumstancia o forçou á viagem. Sabe-se que D. João III, quando principe, tentou casar com a infanta D. Leonor, irmã de Carlos V; porém seu pae, tendo viuvado de sua segunda mulher a rainha D. Maria, mandou immediatamente um embaixador a Castella com o motivo apparente de comprimentar Carlos V, que regressára dos Paizes-Baixos, e com a missão secreta de pedir em casamento e casar logo ali por procuração com a infanta D. Leonor, tirando propositalmente a noiva a seu filho. Quando a noticia constou na côrte, já a infanta estava casada com o rei e a caminho de Portugal; o des-

gosto do princepe pelo acto do pae, como as clausulas onerosissimas do casamento de D. Manoel, provocaram severos commentos. Parte da nobreza tomou o partido da magoa do princepe, e alguns fidalgos foram desterrados da côrte por esse motivo, e só voltaram ao reino outros depois da morte de D. Manoel em 1521. Todos estes motivos eram bastantes para determinar Sá de Miranda a tentar em época tão inopportuna a viagem á Italia, á parte o natural estimulo do seu temperamento de artista e o deslumbramento por esse esplendor da Renascença. A viagem foi demorada; a phrase do biographo anonymo: «tendo visto com vagar e curiosidade Napoles, Milão, Florença e o melhor da Sicilia, tornou-se ao reino, e deteve-se algum tempo na côrte de D. João III, que *já havia muito que reinava,*» dá-nos a entender que partira ainda em vida do rei D. Manoel, e que só voltou depois de estarem apaziguados os animos com a successão do novo reinante. A amisade franca que sempre lhe dedicou D. João III, e a serena confiança do poeta dedicando ao monarcha algumas composições, revelam intimidades dos passados annos dos serões do paço. N'esse tempo, D. João III muito criança mostrava uma ephemera paixão pelas letras, e contam Severim de Faria e Fr. Luiz de Sousa, que elle ligava tão grande interesse á novella cavalheiresca do *Clarimundo* de João de Barros, que ia lendo os cadernos á medida que este os ia redigindo. [1] É natural que Sá de

[1] *Annaes de D. João III*, p. 8.

Miranda sem se envolver na politica da côrte, mas coração enamorado, seguisse a causa ou se manifestasse com sympathia pelo resentimento do principe. Na Italia, mesmo na desolação dos campos de Roma não o desampára a sua preoccupação amorosa; parece que é o motivo a que obedece.

§ II. A viagem á Italia e a actividade da Renascença

Escrevia Goëthe a Seidel: «Aquelle que uma vez viu a Italia e sobretudo Roma, nunca se considerará completamente infeliz.» O que se formúla por palavras é muitas vezes sentido por outras almas por um modo intimo e inexpressivo; e com certeza Sá de Miranda emprehendendo a viagem da Italia em uma época perturbada da sua vida e da côrte, presentia que d'esse fóco da actividade da Renascença receberia a luz, que lhe deu a visão ideal do mundo, que tanto o fortificou na sua concentração moral. É das vagas reminiscencias espalhadas nos seus versos que se colhem os elementos para se recompôr esta romagem artistica, com que tanto influiu na poesia portugueza. A admiração da Italia predominava na aristocracia portugueza nos fins do seculo XV, na época do seu verdadeiro esplendor; e no primeiro quartel do seculo XVI, quando entrava em uma irremediavel decadencia, ainda essa admiração automaticamente se continuava, pelo que escrevia Jorge Fer-

reira na comedia *Eufrosina*, por 1527, com certa intenção mordaz: «mas eu ter-me-hia ao torrão de Portugal, a que em sua quantidade sobeja tudo, se a *cobiça de Italia*, e as delicias de Asia o não devassaram.» (Act. II, sc. 5.) Sá de Miranda reconheceu como os *perfumes indianos*, ou a avidez das riquezas das conquistas do Oriente dissolviam o vinculo da aggregação nacional; e para elle a *cobiça de Italia*, que era o desejo de visitar o fóco da Renascença artistica via-a como um correctivo contra a sordidez da paixão da riqueza material. O biographo anonymo, alludindo á sua predilecção pelo estudo da philosophia moral, e á austeridade estoica «a que a sua natureza o inclinava» motiva a viagem á Italia em uma aspiração ideal, que tanto contrasta com as ambições mesquinhas da sociedade portugueza: «E levando-lhe ella o pensamento ao desprezo de todas as cousas de cá, quiz peregrinar pelo mundo, por que no repouso a que determinava recolher-se, o não inquietassem as novas do que não vira, e assi se foi a Italia, visitando primeiro os mais celebres logares de Hespanha, e tendo visto com vagar e curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença e o melhor de Sicilia, tornou-se ao reino...» Até Sá de Miranda chegára a fama do brilhantismo da civilisação italiana, desenvolvida sob o saudavel influxo da confederação dos cinco grandes estados de Milão, Veneza, Roma, Florença e Napoles, os quaes vencendo as dissenções e separatismos dos varios ducados, marquezados, senhorias e republicas, conseguiram unificar-se deante da ameaça de um perigo commum

— a aproximação dos Turcos. Guicciardini, o extraordinario historiador, fallando dos resultados d'esta Confederação, conclue: «Nunca a Italia gosou de uma tamanha prosperidade, nem se achou em uma situação tão invejavel como aquella em que se viu em tranquilla segurança, no anno da salvação christã de 1490, já nos annos que o precederam como nos que se lhe seguiram.» Depois de descrever a actividade e prosperidade economica da Italia populosa e rica, governando-se autonomicamente, accentúa em quanto á cultura artistica: «mas era a Italia illustrada pela magnificencia de muitos principes, pelo esplendor de muito nobres e bellas cidades; floresceu em homens eximios na administração publica, em nobres espiritos aptos para todas as doutrinas; brilhava pelas artes e pela industria, e, ornada de tantos dons, gosava por justo titulo a celebridade da fama, a mais deslumbrante entre todas as nações.» A Confederação dos cinco estados quebrou-se por accidentes fataes, como a morte de Lourenço de Medicis em 1492, e a successão do devasso Alexandre VI no throno pontifical. Carlos VIII de França reclama o direito de successão ao reino de Napoles e ao ducado de Milão, e enceta as expedições militares á Italia em 1494. Luiz XII continúa as pretenções de Carlos VIII, e de accordo com os Venezianos invade a Lombardia milaneza em 1499, e combina-se com o rei Fernando de Aragão em 1501 para conquistar e dividir o reino de Napoles; os papas para ampliarem os territorios da Santa Sé, combinam-se contra a autonomia italiana com os monarchas

estrangeiros, e para vencerem Luiz XII fazem a Santa Liga, em 1511, com o rei de Napoles e Aragão, e com Henrique VIII de Inglaterra, que abrem o caminho aos soldados do imperador Maximiliano. Mas todas estas calamidades que assolavam a Italia depois da extincção da Confederação dos cinco estados, iam-se aggravar com a exploração da rivalidade entre Carlos V e Francisco I por causa da eleição ao throno imperial da Allemanha. Não podendo alcançar o suffragio dos eleitores, Francisco I não queria que os votos fossem dados ao rei catholico. Escreve Mignet, historiando esta rivalidade: « A consolidação da sua posição na Italia exigia-o tanto como a propria segurança do seu reino. O rei catholico, herdeiro unico das quatro poderosas casas de Borgonha, de Austria, de Castella, de Aragão, tinha-se tornado o possuidor universal dos seus estados e o representante temivel das suas velhas animosidades contra a França. Antes de tudo, importava a Francisco I, que este principe não reunisse á Austria, aos Paizes-Baixos, á Hespanha, á Sicilia, a Napoles a corôa imperial. Ora, para impedil-o de adquirir este augmento de potencia e de ajuntar a suzerania do ducado de Milão a todas as causas de collisão que nasciam já do contacto dos territorios e da opposição dos interèsses, não havia se não um meio: era o collocar á frente da Allemanha um chefe allemão que se conservasse affastado da grande lucta prestes a rebentar entre os dois; para isso era preciso empregar previdencia, actividade, tempo, e o dinheiro que destinára até alli á sua propria

eleição.» [1] Carlos v, já então rei de Hespanha, soube-se insinuar como princepe allemão, e explorando a traição de Leão x, conseguiu o voto dos sete eleitores, para rei dos Romanos e imperador da Allemanha. Continúa Mignet: «Assim começou entre Francisco I e Carlos v a rivalidade que devia encher mais de um quarto de seculo. — Esta eleição devia ter consequencias consideraveis; mudou a proporção das forças entre os dois rivaes; foi o signal de um conflicto encarniçado, que havia de ter sobretudo por theatro a Italia, e por principal objecto a defeza ou a revindicação do Milanez.» [2] As luctas dos francezes com os imperiaes rompem em 1521; o papa atraiçôa Francisco I, fazendo um tratado secreto com Carlos v em 8 de maio d'esse anno, e uma liga offensiva entre Leão x, Carlos v e Henrique VIII, em 24 de novembro.

É n'esta época perturbada de devastações militares, que Sá de Miranda visita a Italia, como relata na sua *Carta* a D. Fernando de Menezes:

> Senhor meu Dom Fernando de Menezes,
> Vi Roma, vi Veneza e vi Milão
> *Em tempo de Hespanhóes e de Francezes.*

O momento não era azado para uma viagem artistica; devendo por tanto considerar-

[1] Mignet, *Rivalité de François I et de Charles Quint*, t. I, p. 204.

[2] *Ibid.*, p. 213.

se como influindo n'essa resolução tambem os conflictos que se passavam na côrte portugueza entre o rei D. Manoel e seu filho, D. João (III), que foi sempre grande amigo do poeta. Na referida Carta *Á maneira italiana a Dom Fernando de Menezes, em resposta do que lhe escreveu de Sevilha*, como se lê na rubrica da edição de 1595, falla Sá de Miranda do itinerario que seguiu, por Hespanha, alludindo a logares memoraveis:

Os *jardins de Valença de Aragão*
Em que o amor vive e reina, onde florece,
Por onde tantas rebuçadas vão;

Mas isto (caje direi) que mais parece
Ás *cousas de Sevilha soterranhas*
Onde a vida em prazer desapparece.

Quem não dirá tambem que são patranhas
As cousas que ali vistes em verdade?
Sabeis de que lhe vêm? de ser tamanhas.

Os *jardins de Valença* a que se refere o poeta era uma celebre mancebia, que foi amplamente descripta em 1501 pelo viajante francez Antoine Lalaing, do sequito de Philippe o Bello; era uma quasi instituição esse afamado bairro de prostitutas. Escreve o viajante francez: «é grande como uma pequena cidade, fechada de muros ao redor, e com uma porta unica. Em frente da porta está alevantada uma forca para os malfeitores que acontecer encontrarem-se lá dentro; á porta

um homem, para isto encarregado, toma conta dos bastões dos que querem entrar dentro, e diz-lhes se querem despejar o dinheiro que levam, que lhes será restituido sem desfalque; e se pelo contrario lh'o não derem a guardar e lh'o furtarem de noite, o porteiro não será responsavel. N'este logar estão trez ou quatro ruas cheias de pequenas casas, aonde em cada uma ha moças gorduchas, vestidas de velludo e de setim. Andam por duzentas a trezentas raparigas; têm os seus quartos arrumados e revestidos de roupas lavadas. A taxa estabelecida é de quatro dinheiros da sua moeda, os quaes para nós valem um gros. — Ha ahi tavernas e botequins. Não se póde, por causa do calor, vêr tão bem este logar de dia como ao fim da tarde ou noite, por que ellas estão assentadas aos seus patamares, com a candêa pendurada junto de si, para serem vistas mais á vontade. Ha ahi medicos contractados pelo partido da cidade para em cada semana inspeccionar as moças, a saber as que tem algumas doenças, taes como as secretas, para as fazer despejar o sitio. Se ha alguma doente na cidade, os senhores d'ella ordenam ahi logar para ser tratada á sua custa, e as de fóra da terra são mandadas para onde queiram ir.» [1] O viajante francez narra estes factos para mostrar o alto aperfeiçoamento das regulamentações policiaes. Pela primeira vez se explica a referencia aos *jardins de Valença* do verso de Sá de Mi-

---

[1] Rabutaux, *Histoire de la prostitution en Europe*, fl. XXIII, d'onde extrahimos esta citação.

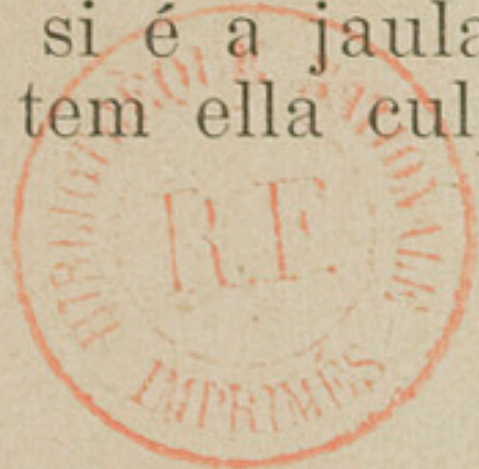
randa; o poeta que notára isto em Hespanha, tambem observaria em Milão um bairro reservado da mancebia, e especialmente em Veneza, aonde a prostituição como escreve Rabutaux, «era, em certa maneira, uma parte do governo n'esta republica desconfiada; já que os magistrados quizessem amolecer nos prazeres e no desregramento a mocidade veneziana e desvial-a do conhecimento dos negocios, já para que estas innumeras cortegianas se tornassem auxiliares da sua policia infatigavel.» [1] Em outro verso allude Sá de Miranda ás *cousas de Sevilha soterranhas;* é uma referencia á celebre Cárcel de Sevilla, da qual ha uma relação curiosissima dos fins do seculo XVI pelo advogado Cristóbal de Chaves. [2] Transcreveremos alguns traços descriptivos, para notar que impressões poderiam produzir no espirito de Sá de Miranda os costumes hespanhóes. O carcere occupava a parte principal da cidade, em um grande edificio, de trez andares, contendo para mais de mil e outocentos presos; differentes confrarias religiosas estavam organisadas para o serviço dos presos, com missa diaria, e festas, sermões, ladainhas e peditorios, e confrarias da nobreza hespanhola para sollicitar nos tribunaes os negocios dos presos, pedir o perdão ou pagar-lhes as carceragens. Era verdadeiramente uma cidade do

---

[1] *Ibid.*, fl. XXII.

[2] Acha-se publicada no *Ensayo de una Bibliotheca española de libros raros*, por Gallardo, t. I, p. 1342 a 1370.

crime, para a qual se entrava por trez portas: a *puerta de oro*, assim denominada pelas ricas propinas e achegas que rendia ao seu guarda, por que por ella entravam todos os presos, homens e mulheres, sendo d'ali distribuidos pelas enxouvias segundo os crimes ou a importancia das propinas que pagavam; a segunda porta era chamada *puerta de cobre*, por que rendia menos, e d'ella se passava para a *puerta de plata*, por onde passavam os presos para os aposentos fortes *camara del hierro* e *galera vieja*, aonde existiam muitos fidalgos e os criminosos mais façanhudos. Dentro do carcere existiam *tabernas* e *bodegones*, explorados por conta do alcaide, para a venda de vinho, fructas, generos alimenticios e artigos de escriptorio, vivendo-se lá dentro em um desvairamento desenfreado de jogos, desafios, cantigas, com as visitas contínuas e quasi permanentes dos amigos e amantes dos presos. Escreve Cristóbal de Chaves: «As portas nunca estão fechadas nem de dia nem de noite até ás dez horas, em que se recolhem os presos e o alcaide guarda as chaves; e todo o dia e noite, como formigueiro e procissão, entram e sáem homens e mulheres com comida e camas, e fallam com os presos sem perguntar-lhes a que vêm, nem detel-os; d'onde considerará o que tiver bom entendimento, que Deus guarda o carcere, e que qualquer que se atrevesse a saír pela porta não o deteriam...» «Costumam dormir de noite no carcere de ordinario cento e mais mulheres, além das que de dia entram a visitar os seus conhecidos, sem que a justiça o possa remediar ou impedir; por

que como se fosse uma virtude o exigem o alcaide e os presos.» O alcaide concedia por valiosos presentes bilhetes a certos presos para passarem a noite fóra do carcere. Os requebros das prisões dos homens para a das mulheres completavam-se com offertas de madeixas e de rosarios, e de noite cantando *xácaras* ou *cantares germanes* a que ellas respondem com toques de guitarras ou de ferrinhos batendo com as navalhas nas grades. Vagam pelas prisões condemnados *pregoneros* que andam vendendo prendas; e *procuradores*, que cada manhã acodem a offerecer os seus prestimos aos presos que entraram de novo. As fossas do carcere formam um vasto tanque com escadaria de pedra, com columnas de pedra e abobadas, debaixo das camaras altas, e a essa immundicie se arrojam os presos para fugirem aos açoites a que foram sentenciados. As scenas mais pittorescas d'essa extraordinaria instituição eram as despedidas dos que iam ser executados: «a esta gente atrasada e perdida, quando vão a morrer parece-lhes que vão para uma boda.» Na sua descripção da *Carcel de Sevilla*, o escriptor chega a recear pelo credito da cidade, e declara que os presos são pela maior parte forasteiros: «E a cidade é tão opulenta e rica, que vêm de todo o mundo a ella, não sómente este genero de gente, porém os pobres, chagados e aleijados de pés e mãos arrastando-se pelos caminhos; a qual, como é grande, entendem que todos cabem n'ella e se póde encobrir a torpeza de cada um. De maneira, que por si é a jaula maior de todo o mundo, e não têm ella culpa, mas sim os

passaros que ali vêm que são ruins; por que como digo, não escrevo senão das *cousas de mais admiração*...» Sá de Miranda, que observou a *Carcel de Sevilla*, explica tambem essas duas existencias sociaes:

Espreita onde vê rica ociosidade
Amor, e a seus prazeres solta e vã
Desenfreada prodigalidade.

Imigo das leis santas, e da sã
Da boa temperança e vida pura,
D'essa outra vida sevilhana irmã.

Aquelles são seus parques, e segura
O seu estado grande e a sua côrte,
De um poderoso deus qual a pintura.

Depois de se ter demorado pouco tempo em Hespanha, seguiu o poeta na sua peregrinação artistica para a Italia, então profundamente perturbada pela lucta entre Carlos V e Francisco I. Em carta de 29 de agosto de 1520 escrevia o embaixador junto do papa D. Miguel da Silva, contando a tempestade que se preparava no horisonte politico: «No ducado de Milão e Genova ha hy grandes apercebimentos, e se affirma que elrey de França vem este anno. Venha, ou faça por demostração, tudo he sospeyta da vynda del rey dos Romãos.—Papa e francezes parece que praticam união; porém eu creo que tudo não será nada, se a outra parte fôr alguma cousa; aynda não acabo de entender que cousa são estas uniões e irmandades, poys

dellas nam nace senão guerra e morte de christãos.» Depois d'estes terrores bellicos, falla o bispo D. Miguel da Silva de um outro terror que trazia alvoroçados os espiritos,— o Turco: «Os dias passados vinte fustas de turcos deram sobre puçol (Puzzoles) a par de Napoles, e tomaram mais de 300 almas sem trabalho.» E peior ainda, uma outra sombra se levantava na christandade, a dissidencia religiosa; o embaixador portuguez escrevia na mesma carta: «Contra aquelle frade de Allemanha, Martym Luther, que lá faz tantas revoltas, fez aguora o papa huma bulla *de que se elle muyto ri*, segundo dizem: he esta una cousa que tira o somno por que todo aquelle povo pede *concilio e reformação.*» [1] Aqui estavam os germens das grandes tempestades, que devastaram o seculo XVI. Sá de Miranda pertencia á pleiada dos altos espiritos que aspiravam a uma reforma na Egreja sem saír da orthodoxia; e n'esta mesma esperança encontraria em Roma altos personagens com quem manteve relações de intimidade por via da familia Colonna. Porém, os motivos de tristeza accumulavam-se na sua alma; a Roma chegára a carta de 19 de dezembro de 1521, em que D. João III participava ao seu embaixador junto do papa que o rei D. Manoel «adoeceu de humas febres tão agudas, que nom viveu mais de nove dias...» Uma crise se ia operar na côrte portugueza, que Sá de Miranda frequentára na sua época de esplendor. Em uma *Recopila-*

---

[1] *Corpo diplomatico portuguez*, t. II, p. 30 a 33.

ção de varias noticias e Nobiliario das Familias, consignando o fallecimento do rei D. Manoel, lê-se: «Depois da sua morte começaram as cousas d'este reino a decahir e a entristecer-se de todo.» [1] Esta nota depressiva encontra-se referida em Gil Vicente, quando diz que — Jeremias é nosso tamborileiro. E o proprio Sá de Miranda accentuou profundamente a mesma nota, quando diz dos serões do paço — «tão fallados no mundo, onde são idos?»

A impressão de tristeza que produziu no espirito de Sá de Miranda a vista dos grandes campos de Roma, é a mesma que achamos em Chateaubriand, M.me de Staël, Lamartine, Stendhal, Michelet e outros grandes escriptores; a sua situação pessoal dava-lhe um relêvo, que pelo confronto com o mundo subjectivo fica uma revelação da sua alma.

Em uma Cantiga, que tem a rubrica na edição de 1595 (fl. 152, v.): «*feita nos grandes campos de Roma*» ainda o poeta se lembra dos amores de D. Isabel Freire, de que o afastaram da côrte:

Por estes campos sem fim,
Em que a vista assi se estende,
Que verei, triste de mim,
Pois vêr-vos se me defende?

E comparando o estado da sua alma com a desolação tão conhecida dos campos de

[1] Ms. da Bibliotheca nacional, n.º 312.

Roma, mostra como apezar da distancia e das variadas impressões da viagem, não póde esquecer a mulher amada:

Todos estes campos cheos
São de dor e de pesar,
Que vêm para me matar,
Debaixo de céos alheios,
Em terra extranha e mar.
Mal sem meio e mal sem fim,
Dor que ninguem não entende,
Até quam longe se estende
O vosso poder em mim! [1]

Um outro espirito superior de um singular senso moral, Montaigne, que viajou na Italia durante dezesete mezes (1580-1581), não encontrou nos grandes campos romanos, de uma solidão profunda, de uma extensão silenciosa, semeados de ruinas de estradas, aqueductos e tumulos, senão o *horror da sua nudeza!* O sentimento da natureza perde-se e adquire-se conforme as civilisações; já no seculo XVII Poussin traduzia nas tintas, na luz a impressão moral d'esse deserto que conduz a Roma. Chateaubriand, nas *Memoires d'outre tombe*, descreve com a mais viva poesia essa impressão vagamente sentida por Sá de Miranda: « Apercebereis aqui e além alguns troços de vias romanas em logares por onde não passa ninguem, alguns alveos seccos das torrentes do inverno; estes vestigios vistos de longe tem a apparencia de grandes

---

[1] *Poesias*, p. 16.

estradas batidas e frequentadas, e não são senão o leito deserto de uma onda tempestuosa que se escoou como o povo romano. Descobrireis apenas algumas arvores, mas por todos os lados se alevantam ruinas de aqueductos e de tumulos; ruinas que parecem ser as florestas e as plantas indigenas de uma terra composta de poeira de mortos e de despojos dos imperios. Muitas vezes, em uma grande planicie julguei vêr ricas searas; aproximo-me: ervas seccas tinham-me illudido a vista. A's vezes sob estas messes estereis distinguem-se vestigios de uma antiga cultura. Não apparecem passaros, nem lavradores, nem construcções campestres, nem mugido de gados, nem aldêas...

«Acreditaes, depois d'esta descripção, que nada ha mais medonho que os campos romanos? Muito vos enganaes; elles tem uma inconcebivel grandeza. — Nada é comparavel pela belleza ás linhas do horisonte romano, á doce inclinação dos planos, aos contornos suaves e ondulados das montanhas que o terminam. — Um cariz singularmente harmonioso consorcia a terra, o céo e as aguas; todas as superficies, por meio de uma gradação insensivel das côres, unem-se pelas suas extremidades, sem que se possa determinar o ponto aonde uma cambiante começa ou a outra acaba. — É certo que n'esta hora do repouso dos campos, no ár não ressôam já os cantos bucolicos; já não ha ahi pastores, *Dulcia linquimus arva!*» Uma outra phrase de Chateaubriand sobre as campinas romanas: «Se as considerardes como economista, infundem-vos desolação; se as contemplaes como ar-

tista, como poeta, e mesmo como philosopho, não quererieis que ellas fossem de outro feitio.» Stendhal, como um verdadeiro artista descreve o *agro romano*: «A trez ou quatro leguas de Roma, começa a notar-se esta perfeita solidão, esta desolação sublime, de que têm fallado tantos viajantes. — Atravesso paizagens admiraveis, isto é, tristes, tranquillas, grandiosas, emocionando a alma profundamente, e cujas recordações se não póde mais apagar. — Sahimos pela porta de S. João de Latrão. Vista magnifica da Via Appianna, apontada por uma série de monumentos em ruina, admiravel solidão da campina de Roma; effeito pasmoso das ruinas no meio d'este silencio immenso. Como descrever uma tal sensação. Tive trez horas da mais singular emoção; influia n'isso bastantemente o respeito. Para não ser obrigado a fallar, fingi que dormia. Teria tido muito mais prazer estando só. A campina de Roma atravessada pelos seus longos fragmentos de aqueductos é para mim a mais sublime das tragedias.»

Pelas descripções dos grandes escriptores que fallaram do agro romano comprehende-se o valor e sentido moral dos versos de Sá de Miranda sobre — estes campos cheios de saudade e pezar. — Não lhe escapou a impressão do rio Tibre, consignada no quarteto:

> Del *Tibre envuelto* al nuestro Tajo, ufano
> De sus arenas d'oro e rica plaia,
> Enchi todo de quejas, venga o vaia,
> Llorando por la muerte surda en vano.
>
> (*Poesias*, p. 72.)

Ao descrever com surprehendente colorido a campina de Roma, tambem allude Taine ao Tibre, que por ella serpêa: «Dos dois lados o Tibre arrasta-se e tornea, *amarellado e viscoso* como uma serpente doente. Nenhuma arvore sobre as suas bordas, nem casas, nem culturas.» Os regatos que vão dar ao Tibre «que corre á flôr da terra no seu leito vulcanico» como o descreve Quinet, é que o tornam turvo, *envuelto*, como diz o poeta. Mas ao atravessar a campina romana, tinha Sá de Miranda ainda um outro motivo para emoção, avistando de longe a torre feudal dos *Colonnas*. Descreve Quinet: «Do cimo dos planaltos vêdes surgir uma das torres feudaes dos Colonnas ou dos Orsini, ou tambem aqueductos que atravessam a campina em todos os sentidos como esquadrões em debandada...» Os Colonnas e Orsini, as duas familias poderosas de Roma, viviam em uma secular rivalidade, com alternativas de preponderancia conforme a politica dos papas, que dominavam ou serviam. Na época em que Sá de Miranda visitou Roma, os Colonnas estavam no favor; por causa do odio dos Orsini, Prospero Colonna voltára-se para o partido de Hespanha e estava com seu primo Fabricio Colonna servindo os Imperiaes; o cardeal Pompeo Colonna servia missões politicas do papa Adriano VI, e determinava a eleição do cardeal Julio de Medicis ao pontificado sob o nome de Clemente VII. Comprehende-se o orgulho do poeta alludindo ao seu parentesco com essa poderosa familia, e quando os Orsini estavam abatidos, — *os nossos Sás Coloneses*. — Com certeza visitando

Roma não deixaria de ser apresentado á illustre familia, então de lucto pela morte de Fabricio Colonna nas fileiras imperiaes, aonde em breve tambem tinham de ser sacrificados á causa de Carlos V, Prospero Colonna, e o marido da formosissima e generosa Victoria Colonna, agora de lucto por seu pae. A comparação que passados annos fez Sá de Miranda de D. Leonor de Mascarenhas com a marqueza de Pescara, que em 1521 estava no esplendor dos seus trinta e um annos, absorta na mais enternecedora paixão por seu marido, ausente na campanha sangrenta entre hespanhóes e francezes, leva a concluir que o poeta a conheceu pessoalmente, e que Victoria Colonna pelo seu idealismo amoroso influiria de certo modo na revelação do lyrismo petrarchista.

A época da viagem á Italia e principalmente a Roma «em tempo de Hespanhóes e de Francezes» era effectivamente calamitosa; mas todas essas catastrophes eram a maior das lições que Sá de Miranda podia receber na sua viagem; tantas e contínuas desgraças tiveram o poder de o impellir para a contemplação artistica. O genio italiano desalentado na aspiração á sua autonomia politica, pelas traições dos papas e princepes entregando-se aos invasores francezes ou hespanhóes, segundo o egoismo das suas rivalidades, volveu-se para o mundo da Arte. A politica e a erudição humanista cediam ante a contemplação esthetica; Petrarcha, que symbolisa esta aspiração italiana, que animou a canção provençalesca com o platonismo dos eruditos e com a emoção pessoal de um sonho irrealisa-

vel, foi o poeta mais lido n'esta longa perturbação do seculo XVI; em quanto em todo este seculo a *Divina Comedia* de Dante contava trinta edições, o *Canzoniere* de Petrarcha era reimpresso cento e sessenta e sete vezes. E quando a dictadura monarchica, apoiada nos exercitos permanentes era levada por Carlos V, Francisco I e Henrique VIII ao delirio da *Monarchia universal*, a Italia sempre devastada refugiava-se no mundo dos sonhos da cavalleria: o *Orlando furioso* de Ariosto n'esse seculo de tormentas era impresso cento e setenta e seis vezes. [1] O mesmo aconteceu em Portugal, quando no fim do seculo XVI sob o jugo da Hespanha, se imprimiram os seus poetas quinhentistas. Comprehende-se pois como Sá de Miranda na viagem á Italia foi attrahido invencivelmente á admiração do lyrismo petrarchista.

Os acontecimentos que se passavam em Roma, não podiam deixar de impressionar profundamente o espirito de Sá de Miranda; alguns dias depois da tomada de Milão pelos hespanhóes, morria no 1.º de dezembro de 1521 o papa Leão X, com quarenta e sete annos de edade, envenenado pelo seu copeiro Malaspina. Nos outo annos do seu pontificado, estavam na expansão fulgurante do genio Miguel Angelo, Raphael e Leonardo de Vinci, Corregio, Ticiano, André del Sarte e Julio Romano; a par d'estes supremos artistas figura o poeta Ariosto, o politico Macchiaveli, o historiador Guicciardini, e o terrivel

[1] Ferrazzi, *Bibliographia petrarchesca*, p. 208.

satyrico Aretino. Synthetisavam nos seus mais pittorescos aspectos o *seculo de Leão X.* Mas com as victorias dos hespanhóes uma sombra gélida ia cahir sobre Roma; Carlos V mandou eleger ao conclave como successor de Leão X, o seu antigo preceptor Adriano Florent, filho de um cervejeiro de Utrecht, sacerdote virtuoso mas que detestava a arte antiga como uma idolatria. Da sua eleição falla D. Miguel da Silva em carta de 9 de maio de 1522: «no ponto que foram lidos os quinze votos que tinha, todollos outros cardeaes francezes e não francezes, e alguuns d'elles *não sabendo se este homem era vivo se morto,* se alevantarão e como fóra de si a quem iria primeiro lhe derão seus votos todos por aceso, e ouve hi tal dos mais firmes na fee franceza que, acabado de lho ter dado e delle ser papa, se voltou aos que estavam a par delle preguntando-lhes que homem era este. Desta maneira foy elegido santamente sem simonia nem sospeita d'ella papa Adriano aos IX de janeiro 1522, XIIII dias depois dos cardeaes entrarem em conclavi, e quarenta e dois despois da morte de papa Lião... Esta eleição por se aver como feyta *na propria pessoa do Emperador,* sendo este homem seu mestre e seu governador e em sua casa, sosteve as cousas de sua alteza em pee, temendo-se todo o contrario morrendo papa Lião, por cujo falecimento parecia que falecia todo o remedio de poder manter as cousas de Italia. E nam somente se manteve o estado de Milão, mas sempre seu exercito esteve com vantagem no campo...» [1] Adria-

[1] *Corpo diplomatico,* t. II, p. 65.

no VI não se conformava com os costumes romanos, e na sua frieza de asceta, ao vêr os frescos de Miguel Angelo no tecto da capella Sixtina, exclamava: «Isto não é uma capella é uma casa de banho!» E queria mandar borrar todas essas figuras núas. Com aquella facilidade de eliminação dos individuos na sociedade italiana, Adriano VI durou apenas dois annos; a sua morte em 14 de setembro de 1523 foi quasi uma festa publica, apparecendo engrinaldada a porta do seu medico com o distico sarcastico: *Ao libertador da patria!* [1] Novas luctas para a eleição de um novo papa, que satisfizesse os planos politicos de Carlos V; d'esta vez o conflicto estabeleceu-se entre Pompeo Colonna e Julio de Medicis; mas apezar dos Colonnas se acharem todos do lado dos imperiaes, combatendo a França nos exercitos de Carlos V, como Prospero Colonna e Fabricio Colonna (pae da graciosa Victoria Colonna, que tambem tinha o seu marido Fernando d'Avalos, marquez de Pescara, nas fileiras dos imperiaes) a sorte pendeu para Julio de Medicis, eleito com o nome de Clemente VII, pela segurança que tinha n'elle Carlos V.

A rivalidade entre as duas principaes familias romanas Colonnas e Ursinos estava ainda accesa; segundo a intuição dos seus odios mutuos ora serviam a França ora a Hespanha na invasão da Italia. Quando os Ursinos se declararam a favor dos Aragonezes, Prospero Colonna declarou-se logo pelo partido

---

[1] Lannau-Rolland, *Michel-Ange et Vittoria Colonna*, p. 52.

do rei de França Carlos VIII, que invadia a Italia; o mesmo fez seu primo Fabricio Colonna, que morreu um anno antes de começarem as luctas entre Carlos V e Francisco I. Na carta de D. Miguel da Silva, de 9 de maio de 1522, falla-se dos triumphos de Prospero Colonna na Lombardia: «Em Lombardia os francezes... forão casi no mesmo dia a poher cerco a Pavia, onde estava o marquez de Mantua, capitão da igreja, o qual a defendeu tão bem que francezes alevantaram o campo e perderam cento e vinte lanças grossas; e vindo já a elle *Prospero Coluna* capitão geeral do Emperador, socorrer, e achando que se alevantavão e sem muita ordenança, lhes matou huma boa parte de soiços. E em todas estas partes (Florença, Sena, Bolonha) venceo a parte imperial estes dias passados, e o cardeal de Medicis (o que foi Clemente VII) em todos teve muy grande parte e ajudou grandemente com dinheiros e gente.» Da batalha de Bicoque, ganha por Prospero Colonna, em 22 de abril de 1522 contra Lautrec, escreve o embaixador D. Miguel da Silva: «Ho logar se chama a Bicoca, huuma legoa e mea de Milão, no caminho direito de Monza, que he um lugarete onde os francezes estavam alem da Bicoca outra legoa e meia, de maneira que estava o campo do Emperador antre Milão, e os imigos a meio caminho; este lugar he todo cercado de grandes cavas e acequias, como he toda Lombardia, e estava de maneira ordenada a artilheria que huuma mosca não podia passar sem dar nella.» Não transcrevemos a descripção dos combates de Bicoca e Lodi, mas sómente

a nota alegre da victoria: «Em Roma se fezerão grandes festas por esta nova, e o Castello de Sant'Angelo descobertamente fez fogos. Dizia-se que el-rei de França queria viir a Italia; agora com este tamanho desbarato cumprirá mudar proposito, por que toda França nam tornará em quatro annos, segundo dizem, a poher em pee outro tal exercito, nem tam luzido como este era; etc.» [1] Como o papa Adriano não se apresentava em Roma, os cardeaes do partido da França «vendo tardar tanto o papa, se começavão a cuydar cousas de muy maa maneira e de grande escandalo na cristantade, e o cardeal de Medicis houve cartas ás mãos, que eu vy, que tocavam no mais alto, *não sem pensamento de scisma*... Dava a isto alguuma occasião, juntamente com a tardança nam ter o papa ainda aceptado nem serem de qua idos os legados com o instrumento da eleição...» Adriano VI tendo pedido auctorisação ao sacro collegio para conservar o seu nome, escreveu annunciando a sua partida de Barcellona. [2] Além de todos os males de uma guerra em quasi toda a Italia, movida pelos

[1] *Ibid.*, p. 69.

[2] Levou mais de outo mezes a chegar a Roma. «Á sua chegada, os poetas ausentaram-se, o secretariado dos breves foi mudado; Sadoleto retirou-se para o campo; as letras e as artes jazeram sob o terror.» Guinguené, *Hist. litteraire d'Italie*, t. IV, p. 34.—Para Adriano VI, o latim elegante era linguagem de poetas; a estatua de Laocoonte, no Belvedere, um idolo dos antigos, e as obras classicas da litteratura, profanidades gentilicas.

odios egoistas dos princepes italianos e dos papas, explorando as ambições e rivalidades de Carlos V e Francisco I, vinha a peste accumular sobre essa desgraçada terra ainda mais calamidades.

Em uma carta do bispo-embaixador D. Miguel da Silva, dirigida a D. João III em 27 de setembro de 1522, e escripta de Florença, falla-se da terrivel peste que devastava por este tempo a Italia: «Eu embarquey em Liorne pera seguir o papa, posto que de tam maa vontade como todas as outras pessoas que hião, vendo que hia a tão craro perigo do tempo e da peste; ... E estando já embarcado me tomou a febre e alguns criados meus juntamente, e me foy forçado sair me do mar, e polla terra ser de muy maaos aares me vim como pude a Frorença, onde graças a nosso senhor me deixaram as febres e estou já bem. Dos de minha casa tenho ainda doze em cama e dous me falecerão: e huum d'elles foy *Joham Cru* filho de Gomez Cru, que tambem la he hora falecido. Por estas doenças minhas e de toda minha casa nam pude partir d'aqui; e posto que de Roma seja saida toda pessoa que não quer craramente morrer, todavia no ponto que poder caminhar, e alguns d'estes meus forem sem perigo, me partirey, e irey onde o papa estever a esperar recado de vossa alteza...» [1] Nas redondilhas de Sá de Miranda, vem uma quadra que elle desenvolveu, assignada na edição de 1595 com a rubrica: *Cantiga de João Cru;* e nos dois ma-

[1] *Corpo diplomatico*, t. II, p. 93.

nuscriptos de Paris, e Juromenha, vem mais: *Cantiga de João Cru, fidalgo galego.* Esta rubrica desapparece nas outras edições e manuscriptos sob a fórma geral de *Cantiga alhea* e *Cantiga velha.* Poderemos inferir, que seria este João Cru, da casa do embaixador D. Miguel da Silva, o auctor da *Cantiga,* com certa expressão de saudade:

> Como no se desespera
> Quien se ve como me veo?
> *Tan lejos* de do deseo,
> Tan cerca do no quisiera. [1]

Como Sá de Miranda declara na Carta a D. Fernando de Menezes, que vira Florença, é plausivel concluir que deixára Roma por causa da peste violenta de 1522, e que se refugiára em Florença, aonde então se achava D. Miguel da Silva, em cuja casa falleceu João Cru. Na carta do embaixador que vamos extractando vem: «A peste de Roma he muy grande, e com a viinda do papa e gente nova que veio aa cidade se acendeu em muy grande maneira. Começou logo a tocar em casa do papa, e faleceo em XXX horas huum filho do conde d'altamira que se chamava dom Diogo, e tras elle deu ao embaxador de Polonia, e não durou senão dous dias, e cada dia vay crecendo. Ha y dia de cento e cinquenta, e sam muytos os que se soterram secretamente, assi polo medo de os a que cer-

---

[1] *Poesias,* p. 36.

ram as casas enfermas, como polos tratos dos mercadores e officiaes, que não querem que a gente fuja de suas casas... o papa está ainda em Roma; porém agora se affirma que se sairá antes d'oito dias. Tem dada licença a todollos cardeaes que se saiam e officiaes e alongadas as audiencias da Rota por todo oytubro, e nam dá já audiencia casi a nehũma pessoa, e essas tam breves que nam concruy n'ellas nada.»

Juntamente com os desastres da peste a christandade estava em perigo de perder a ilha de Rhodes tomada pelos turcos. O embaixador D. Miguel da Silva, em carta de 22 de outubro de 1522, escreve a D. João III: «O juizo que se faz das cousas de Rhodes he que se se não socorre, que todavia se perderá, o que nosso senhor nam queyra; e do socorro se faz tambem juizo que nam será já qual compre, até estas cousas da guerra de França e do Emperador não tomarem algum assento, que parece será muy tarde, segundo cada dia as vontades se danão mays. O papa não faz nada, e parece que esta peste de Roma vem de cima, pera se nam se fazer nada em nada, por algum outro mayor misterio, por que nunca se viu cousa mays cruel *nem papa mays descansado*. Nam ha hy dia nenhum que nam morram cento e cinquoenta e dozentas pessoas quando menos, e aguora se descobrirão em huum só dia cem casas alem das que ja havia danadas, que passam de duas mil, e não se contam aqui espritays nem outra infynda gente que morre sem se ter della conta. Despoys da vinda do papa se acha que sam mortos em Roma XVII mil

pessoas. — E esta peste, senhor, he de muy maa maneira, e se apega muyto mais que as outras que soya haver em Roma...»

E já em carta de 4 de março de 1523, D. Miguel da Silva dá conta do previsto desastre da tomada de Rhodes pelos Turcos: «nem Rodes pode soster o peso de tamanho exercito, nem o socorro lhe foy nunca de nenhuma parte, de maneira que aos xx de dezembro foy forçado o Mestre dar-se a partido salvando as vidas e pessoas e dinheiros e artilheria e não se sabe ainda se lhe mantiveram os promettimentos...» [1] E em carta de 25 de maio de 1523, narra os terrores da invasão turca: «Despois da perda de Rodes nam se sabe outra nenhuma nova do Turco senam que tem dous grandes exercitos pola banda de Ungria e Croacia; e segundo parece por aquella parte faz fundamento de entrar... Sem nenhuma duvida toda Austria e tras ella até Italia e até Roma, nam se poderia defender nada, principalmente estando as cousas do Emperador e del Rey de França da maneira que estão... O papa tinha feito o cardeal *Columna* legado pera lá... A peste de que nosso senhor nos guarde vae em muito crecimento, e he tam espalhada por toda a cidade, que nom ha logar nem pessoa com que sem grande perigo se possa praticar, e dentro do paaço adoecem e morrem cada dia. Se nam diminuir será forçado o papa a se sair de Roma, por que nam quererá tornar a matar outras xx mil pessoas ou passante dellas,

[1] *Ibid.*, p. 120.

que seu querer estar por força em Roma matou o anno passado.» [1]

Esse outro terror, tão forte como o da peste ou da invasão dos Turcos, que quebrantava os espiritos, era a expansão que tomavam as ideias da Reforma. N'esta mesma carta escreve D. Miguel da Silva: «N'este ponto me dizem que he viinda huma carta do archiduque d'Austria, que *Martim Luter*, aquele frade de santo Augustinho que tanta torvação tem dada na christandade e á fee, he preso com muitos de sua seita: praza a deus que seja verdade, porque he pessoa de grande escandalo no mundo, ainda que está já por nossos pecados tam arreigada sua opinião em toda Alemanha que pola ventura nam bastará ser elle preso, como nam abastou em Bohemia a morte de Jeronimo Huus (João Hus e Jeronymo de Praga?) a qual mais acendeo que apagou o fogo.» Em carta de 10 de junho de 1523 ratifica: «*Martim Luter* nom he preso como em outra disse que avia cartas, mas era hum *Hutem* (Ulric d'Hutten) grande luteriano e pessoa de alguuma conta em Alemanha.» [2] Em carta de 14 de setembro de 1523 dá o embaixador conta: «Aprouve a nosso senhor de levar pera si papa Adriano: faleceo hoje que são quatorze de setembro... Por estes lugares de redor de Roma, despois que o papa começou a estar sem esperança, se levantaram as partes de que todo o Estado da Igreja he per-

---

[1] *Ibid.*, p. 164.
[2] *Ibid.*, p. 168.

dido, e a *Ursina* em Viterbo tomou a fortaleza; aqui está toda a cidade em armas e cada huma chama a mais gente que pode de fora.» [1] E logo em duas cartas de 18 de novembro de 1523 participa a eleição do cardeal Julio de Medicis, com o nome de Clemente VII; descreve como conseguiu com dezeseis cardeaes seus partidarios vencer a colligação dos vinte e trez cardeaes que o hostilisavam, com a reconciliação do cardeal Pompeo Colonna. A familia Colonna continuava assim a ser preponderante em Roma. N'esta mesma carta D. Miguel da Silva mostra a importancia d'esta eleição para a politica imperial: «Esta vitoria (evacuação de Milão pelos francezes) com a eleição do Papa Clemente, pode creer vossa alteza, que mete o cravo na fortuna do Emperador vosso irmão e asegura as cousas pera longos dias.» [2] Illusoria previsão; Julio de Medicis continuava a politica doble de seu primo Leão X, procurando o engrandecimento da sua familia, inclinandose ora para o partido imperial ora para o partido francez, deixando-os degladiarem-se sobre o territorio da Italia e á custa da liberdade da patria. O saque de Roma pelo condestavel de Bourbon, foi a consequencia das tergiversões de Clemente VII; e essa grande catastrophe estava prevista ao saber-se da liga secreta com Francisco I, como corria então na prophecia popular:

---

[1] *Ibid.*, p. 175.
[2] *Ibid.*, p. 179.

Pues año de veinte é siete
Dexa a Roma y véte.

Se Clemente VII continuava a politica de Leão X, como Medicis continuou tambem a sua protecção pelas artes e bellas letras, até aonde as agitações politicas o permittiram. Brilhavam a Universidade de Roma, a *Academia romana* e enriquecia-se a bibliotheca do Vaticano com livros antigos e ineditos; Sadoleto abandonava o seu retiro a seu chamado, Sanazzaro e Vida recebiam uma decidida protecção; Berni merecia-lhe todos os favores, e Erasmo era tambem brindado com prezentes de centenares de florins de ouro e instantes convites para vir estabelecer-se em Roma. Por occasião das reuniões da Academia de Roma, teria occasião Sá de Miranda de frequentar a convivencia dos grandes eruditos da Renascença; ahi figurava o celebre erudito Angelo Colocci, que possuia o manuscripto apographo do grande *Cancioneiro portuguez*, [1] do qual tambem existia uma copia fragmentaria na Bibliotheca do Vaticano; brilhavam Sadoleto e Vida, Blosio Palladio, Negri, Bembo, Castiglione, Paolo Jovio, e Andréa Navagero, que communicou á Hespanha o gosto do moderno lyrismo italiano. [2] Sá de Miranda conviveu com alguns d'estes

---

[1] Foi achado na livraria do conde Brancuti di Caglia, e publicado em 1880 por Molteni, como complemento do *Cancioneiro da Vaticana*.

[2] Tiraboschi, *Storia della Letteratura italiana*, t. VII, p. 142.

eruditos e poetas, como confessa com desvanecimento na sua Ecloga *Nemoroso:*

> Por otros verdes mirtos
> I sauzes mas crecidos,
> Otras iervas mas frescas i otras fuentes
> Van los altos espirtos
> Que adelante son idos,
> De los que acá dejaste diferentes.
> Que nuevo gozo sientes
> En compania viendo
> Aquel buen *Sanazaro*,
> De un Sebeto mas claro
> Por la fresca ribera repartiendo
> Con el su *Meliseo*,
> De nuestro tiempo uno Lino, el otro Orfeo.
>
> (*Poesias*, 375.)

Sá de Miranda lembrava-se d'aquelles versos saudosos de Sanazzaro: «Pudesse eu em sonhos tornar a vêr muitas vezes a minha terra de Napoles, e ouvir o doce murmurio do meu *Sebetho* e do meu Sarno.» [1]

A referencia a *Meliseu* entende-se ao nome poetico do bucolico napolitano João Joviano Pontano, (1426-1503) mestre de Sanazzaro, que com esse nome o glorifica na sua *Arcadia*. São os dois chefes do bucolismo na Renascença. Com o nome poetico de *Sincero* é que Sanazzaro fôra apresentado ainda joven á *Academia napolitana* fundada por Panormita. Sá de Miranda conheceu em Roma a

[1] «*Sebeto*, hoje fiume della Maddalena, é um pequeno rio que atravessa Napoles...» D. Car. Mich., *Poes.*, p. 836.

Sanazzaro, que veiu a fallecer em 1530; e sendo Navagero da *Academia de Roma*, torna-se admissivel, o ter sido tambem influenciado por elle como o foram Boscan e Garcilasso, a seguir o *dolce stil nuovo*. Escreve D. Carolina Michaelis: «É possivel que Miranda... durante as suas viagens... se declarasse, tambem por influencia de Andrea Navagero, e ao mesmo tempo que os visinhos hespanhóes, pelas novas fórmas italianas: não ha porém prova alguma positiva a favor d'esta hypothesé.» [1] Bastava a revivescencia da *Academia de Roma* logo em seguida á elevação de Julio de Medicis ao pontificado, para se explicarem as relações litterarias de que Sá de Miranda tanto se gloría.

É na estrophe seguinte, que celebrando os chefes da eschola toscana, Petrarcha, o cantor de *Laura*, e Boccacio, o cantor do *Fiametta* (Maria, filha do rei Roberto de Napoles, á qual dedicára a novella pastoral em prosa e verso *Ninfale l'Admeto*) Sá de Miranda não se esquece de memorar os dois eruditos Giovanni Rucellai, (1475-1526) florentino, e Lattanzi Tolommei, que o iniciaram no conhecimento das novas fórmas:

Dos pastores toscanos
Que en tiempos antigos,
Laura uno, otro *Fiameta* aca han cantado,
Saldran, a ti las manos
Tendiendo como amigos,
Honra de la zampoña i del caiado;
I aquellos que han alzado

[1] Ed. das *Poesias*, p. 831.

Sena i Florencia tanto
Por noble sangue i lengua,
(Ai grave daño, ai mengua
Que no la pudo igualar el llanto,
Aunque fuera de lei)
Juan Rucellai, Lattanzio Tolomei!

(*Poesias*, p. 376.)

Rucellai é auctor do poema bucolico *Le Api*, e primo dos dois papas da familia dos Medicis Leão X e Clemente VII; Sá de Miranda exalta-o por sua nobreza e erudição *(por noble sangre i lengua)*. Aspirou ao cardinalato, e foi nomeado Governador do Castello de Santo Angelo, mas não conseguiu a purpura por ter fallecido em 1526, segundo a noticia que deixou Pierio Valeriano. [1] Pela convivencia com Rucellai teria Sá de Miranda a revelação do theatro classico, que elle renovára seguindo apoz Trissino com as suas duas tragedias *Rosemunda* e *Oreste*. O outro erudito Lattanzio Tolommei, era versadissimo no grego, latim, hebraico e chaldaico; e Ariosto celebrava-o como um dos mais cultos espiritos do seu tempo. A influencia que exerceu em Sá de Miranda póde determinar-se pelas suas valiosas relações litterarias; e pelo que elle fez em 1537 introduzindo o pintor portuguez Francisco de Hollanda na intimidade de Victoria Colonna e de Miguel Angelo, se concluirá quanto lhe deveria Sá de Miranda, ainda aparentado com a encantadora marqueza de Pescara. Nos *Dialogos da Pintura*,

[1] Tiraboschi, *op. cit.*, t. VII, p. 1214.

traz Francisco de Hollanda traços que nos dão a physionomia de Lattanzio Tolommei: «Onde estes dias, que eu assi naquella corte passara, houve um domingo de ir ver Messer *Lactancio Tolomei*, como outros costumava, o qual, com a ajuda de Messer Blosio, secretario do papa, foi o que me a mi deu a amizade de Michael Angelo.

«E era este M. *Lactancio* pessoa mui grave assi por nobreza de animo como de sangue, (que sobrinho fora do cardeal de Senna) como por sapiencia de lettras latinas, gregas e hebraicas, como por sua auctoridade de annos e de costumes. Mas achando eu em sua casa recado que estava em Monte Cavallo na igreja de São Silvestre, com a Senhora *Marqueza de Pescara*, ouvindo uma lição das epistolas de São Paulo, lá me fui a Monte Cavallo e a São Silvestre.» [1]

Pela confissão de Francisco de Hollanda, era a Lattanzio Tolommei que elle devera o conhecimento com a gentilissima Victoria Colonna; pelo parentesco de Sá de Miranda com os Colonna e pelas relações litterarias com Lattanzio Tolommei, póde-se admittir como um facto positivo o ter o nosso poeta convivido de perto com a inspiradora marqueza de Pescara, a cuja impressão alludia passados quasi trinta annos. Victoria Colonna era apaixonada pela poesia petrarchista, em uma época em que todas as damas intelligen-

[1] Francisco de Hollanda, *Quatro Dialogos—Da Pintura antiga*, edição critica de Joaquim de Vasconcellos. Porto, 1896. In-fol. *Dial. I*, p. 4.

tes discutiam ou faziam dissertar sobre as subtilezas do amor; assim, conheceria Sá de Miranda a belleza do *dolce stil nuovo* ou a metrica italiana, e mesmo o idealismo platonico com que a Renascença vivificava o lyrismo. Transcrevemos do *Primeiro Dialogo* de Francisco de Hollanda o episodio do seu encontro com Victoria Colonna e Miguel Angelo, passado mais tarde, mas que nos revela traços psychologicos da incomparavel dama, que, ainda no tempo em que Sá de Miranda viajava na Italia, fez com que seu marido rejeitasse a corôa de Napoles. Escreve Hollanda:

«É polo conseguinte a senhora Vittoria Colonna, Marqueza de Pescara e irmã do senhor Ascanio Colonna, uma das illustres e famosas damas que ha na Italia e em toda a Europa, que he o mundo; casta, e inda fermosa, latina, e avisada, e com todas as mais partes de virtude e clareza que se numa femea podem louvar. Esta, despois da morte de seu grão marido, tomou particular e humilde vida, contentando-se do que já em seu stado tinha vivido, e agora só Jesu Christo e os bons stados amando, fazendo muito bem a proves molheres e dando fructo de verdadeira catholica. E tambem esta senhora devia eu á amisade de M. Lactancio, que era o mór privado e amigo que ella tinha.

«Como ella me mandou assentar, e se acabou a lição e os seus louvores, olhando pera mi e pera M. Lactancio, se me não engano, começou a dizer:

«—Logo Francisco d'Ollanda tomára de melhor vontade ouvir prégar da pintura M. Angelo......

«Conhecendo a marqueza minha tenção, chamou a um seu criado, sorrindo-se, e dixe:

«— A quem sabe agradecer ha se lhe de saber dar, mórmente pois me fica a mi tamanha parte dando, como a Francisco d'Ollanda recebendo. — Foão, vae a casa de M. Angelo, e dize-lhe que eu e M. Lactancio stamos aqui com esta capella agoada, e a egreja fechada e graciosa; se quer vir perder um pouco do dia comnosco, para que o nós gainhemos com elle. E não lhe digas que está aqui Francisco d'Ollanda, o Spanhol.

«Mormurando eu da discrição da senhora marqueza, em tudo, a orelha de Lactancio, e querendo ella saber de que:

«— Stava-me dizendo (dixe Lactancio) quão bem v. ex.ª sabia guardar o decoro a tudo, até n'um recado, e por que sendo M. Michael já mais seu que meu, diz que, antes que se topem, que faz quanto pode por lhe fugir e não se toparem, por que depois que se topam, não se sabem apartar......

«Estando um pouco sem fallar e sintindo bater á porta, começaram-se todos a doer de que não devia de vir Michael, pois tornava tão depressa a resposta. Mas Michael que ao pé de Monte Cavallo pousava, acertou por minha boa dita, de vir contra São Silvestre, fazendo o caminho das Termas, com o seu Orbino, filosophando pela via exquilina, e achando-se tão dentro do recado, não nos pode fugir, nem deixar de ser aquelle que batia na porta. Ergueu-se a senhora marqueza a o receber, e steve em pé bom pedaço, antes que o fezesse assentar entre ella e M. Lactancio. E eu assentei-me um pouco arre-

dado, mas a senhora marqueza (estando-se um pouco sem fallar) e não querendo dilatar o seu stylo de ennobrecer sempre os que a conversavam, e o lugar onde estava, começou com arte, que eu não poderia screver, a fallar muitas cousas bem ditas e avisadas cortezmente ditas, sem tocar nunca em pintura, pera nos assegurar o grande pintor; etc.» [1]

O *Dialogo*, que temos extractado é de uma belleza singular, podendo-se considerar Francisco de Hollanda um dos principaes creadores da prosa portugueza do seculo XVI; transcrevemos do *Dialogo* apenas as linhas que nos dão os contornos luminosos de Victoria Colonna, para se apreciar o seu poder sugestivo. Na época em que Sá de Miranda estava em Roma, tambem alli se achava Miguel Angelo, que só depois da eleição de Julio de Medicis foi encarregado de trabalhos em Florença. Victoria Colonna tinha o seu marido na guerra dos imperiaes, e em breve ia cahir em perpetua viuvez, d'aquelle que emquanto estivera prisioneiro em Ravena escrevia para distrahir-se um *Dialogo de Amor*, que enviava a sua mulher. Ella então não dava ao idealismo petrarchista o sentido mystico, e saberia revelar a Sá de Miranda a excellencia do lyrismo italiano. Nas conversas eruditas entre Colocci, Tolommei, e outros, deante da marqueza, a origem da poesia italiana era

---

[1] *Quatro Dialogos—Da Pintura antiga*, p. 5 a 7. Ed. Joaquim de Vasconcellos. Todas as citações e extractos d'este *Dialogo* de Hollanda tem sido feitas sobre a livre traducção franceza de Raczynsky.

determinada como um desenvolvimento da poesia dos trovadores. Colocci possuia varios Cancioneiros provençaes; e ahi é que Sá de Miranda póde fixar aquelle facto capital dos germens das canções «*provençaes* de que o *Petrarcha* fez tão rico ordume.» Sá de Miranda, além de Roma, Veneza e Milão, tambem visitou a melhor parte da Sicilia. Foi a influencia da poesia trobadoresca da Sicilia sobre o dialecto toscano, fallado em Florença e escripto por toda a Italia, que deu logar ás fórmas definitivas da poesia moderna, creadas por Dante e por Petrarcha, fixando o amor como o thema eterno do lyrismo. A imitação d'este *dolce stil nuovo, ch'io odo* (Purgat., canto XX) abriu novas fontes á poesia européa, acabando com a admiração pelas fórmas rudimentares da poesia *siciliana* e *limosina*, da antiga época trobadoresca. No fim da Edade media chamava-se *siciliana* a nova poesia amorosa composta pelos poetas toscanos. Referindo-se á côrte de Frederico II, onde começára a nova poesia amorosa, escreveu Dante no seu livro *Della vulgar Eloquenza*: «E perchè il loro seggio regale era in Sicilia, accadde che tutto quello che i nostri precessori composero in volgare si chiama *siciliano*, il che rilevemmo ancora noi, e i posteri non lo potranno mutare.» [1] E de facto, a poetica romanica ou occidental achou as suas fórmas definitivas. Tambem Petrarcha, referindo-se no *Trionfi d'Amore* aos *Siciliani, che fur già primi*, diz no prefacio das

[1] Lib. I, cap. 42, trad. Trissino.

Epistolas familiares: «l'arte de verseggiare, ouvero lo idioma volgare poetico, rinato non molti secoli addietro, come è fama, appo i *Siciliani*, in breve tempo si stesse per tutta la Italia.» [1] A irradiação da poesia trobadoresca da ilha da Sicilia para a Italia, explica-nos o caracter tradicional das *Pastorellas*, que do mesmo fundo ethnico occidental se conservaram na peninsula hispanica com o nome de *Serranilhas*. A Sicilia era uma região confinada, em que se refugiára a tradição do Dorismo da Grecia; Niebuhr provando a identidade dos Siculos com os antigos habitantes do Latium, deixa vêr como tão promptamente revivesceu a tradição poetica no continente. Na divisão do Imperio a Sicilia ficou ao do Occidente, até ao tempo dos Arabes, cuja cultura recebeu; passou depois da conquista dos Normandos para a dos Suevos, em que irrompeu sob Frederico II essa aurora nova de poesia que synthetisa a fina sentimentalidade da civilisação occidental. Frederico foi casado com Constancia de Aragão; é admissivel que a tradição poetica da Galliza proveniente do seu elemento suevo, sobrevivesse recebendo fórma litteraria na côrte sueva de Frederico. [2] Assim se comprehenderá a primasia que aos trovadores gallegos e portuguezes attribuia o marquez de Santillana. Em Portugal foram

---

[1] Trad. Giudici, *Storia della Letteratura italiana*, t. I, p. 61.

[2] Em Portugal encontra-se na tradição popular a lenda do Piero delle Vigne, poeta da côrte de Frederico. Vid. *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, t. I, p. 140, n.º 59.

conhecidos os principaes trovadores chamados *sicilianos*, Bonifazio Calvo, de Genova, e Sordello de Mantua; mas só muito tarde é que o *dolce stil nuovo* foi conhecido em Portugal por um modo indirecto, pelo gosto e imitação da poesia allegorica de Aragão, nas obras do condestavel D. Pedro e em algumas composições do *Cancioneiro* de Resende. A Sá de Miranda coube a gloria de comprehender a belleza da poesia toscana ou italiana, e de dar o passo decisivo para a iniciação do novo lyrismo; e por isso conscio da sua alta missão, não se conformava com a opposição dos trovistas: — «mas por que — se alguem a descobre mais se lhe resiste?»

A nova expressão poetica era vivificada por um sentimento, em que a antiguidade classica e Edade media se encontravam em uma harmonia espontanea; esse sentimento era o *amor ideal*, mystico sob a emoção religiosa do christianismo, sonho de perfectibilidade moral segundo as doutrinas metaphysicas do platonismo, tão sympathicas e inspiradoras no seculo XVI. Estas duas correntes, na primitiva egreja levam á sanctificação da mulher como symbolo da pureza, no bello sonho do *Pastor Hermas*, á creação da incomparavel synthese da affectividade humana no typo da Virgem, que todas as fórmas da arte representaram; fecundaram a poesia moderna, desde os *sicilianos* aos *Fieis do Amor*, a Dante, a Petrarcha, até aos grandes lyricos do seculo XVI. É certo, que a comprehensão da Edade media decahia deante da admiração fervorosa da antiguidade classica da Renascença, mas não decahia a doutrina do Amor,

systematisada no *Banquete* de Platão, explicada na *Academia florentina*, como continuadora da tradição que inspirára Dante e Petrarcha. O renascimento do platonismo na Italia, contrabalançando-se com o aristotelismo, abriu aos espiritos um mais largo horisonte de idealisação *artistica*, como o conhecimento directo da obra de Aristoteles liberta dos commentadores arabes guiava o espirito critico para a renovação *scientifica*. O genio italiano revelava assim a sua dupla-capacidade pela sciencia e pela arte; escreve Renan: «O renascimento do hellenismo, que se manifestava em Padua, em Veneza, e no norte da Italia pelo regresso ao verdadeiro texto de *Aristoteles*, manifestava-se em Florença pelo regresso a *Platão*. Florença e Veneza são os dois polos da Philosophia como da Arte em Italia. Florença e Toscana representam o ideal na arte, o espiritualismo na philosophia; Veneza, Padua, Bolonha, a Lombardia, representam o realismo, o racionalismo, o espirito exacto e positivo. Platão quadrava melhor aos colloquios de Careggi e dos jardins de Rucellai; Aristoteles ás instituições reflectidas de Veneza.» [1] Não seguiremos a marcha das concepções philosophicas que conduziram ao criterio experimental, que attinge a sua maior força em Galileo; a grande actividade artistica, ou propriamente poetica com que a Italia no seculo XVI deslumbrou *a Europa, que é o mundo*, segundo a phrase eloquentissima de Francisco de Hollanda, veiu-lhe do

---

[1] *Averroès et l'Averroisme*, p. 309. Ed. 1852.

ideal despertado pela philosophia platonica. Escreve Saint-Marc Girardin: «O *Banquete* de Platão é o modelo e a theoria d'este amor mystico e cavalheiresco, que floresceu principalmente nos tempos modernos.—A religião e a cavalleria são as duas causas principaes d'este genero de amor; mas deve elle muito tambem ao *Banquete* de Platão, pois que ali é que encontrou a sua theoria. Era um sentimento; lendo-se o *Banquete* tornou-se uma sciencia.» [1] Os trovadores presentiram essa *gaia sciencia*, que esboçavam nas suas subtilezas discutidas nas *Côrtes de Amor;* mas o genio italiano aproximando-se do hellenismo é que revestira essas vagas allegorias da *Flor*, da *Luz*, da *Estrella* com a realidade viva da mulher amada. Escreve Delécluze: «Ha tres gráos pelos quaes a doutrina e a poesia mysticas passaram á Italia. Começa um com o imperador Frederico II (1190), e acaba em Guinizzelli (1260), quando as opiniões de Platão estavam ainda confusamente expostas, e que os poetas não designavam ainda o objecto do seu amor senão pelo emblema de uma *Flor*, uma *Luz*, ou uma *Estrella*. A segunda época é occupada por Dante, sob o influxo de Beatriz, cuja personificação successivamente modificada passa do estado de mulher real ao de sêr intermediario ou angelico que se identifica por fim na *Philosophia*. Depois vem o terceiro gráo caracterisado por Petrarcha; é ahi que se opéra o regresso ás ideias

[1] *Du Banquet de Platon et de l'Amour platonique.* (Rev. des Deux Mondes, 1847.)

originaes de Platão. O amor que inspira a creatura é mais vivo, mais sincero, e por isso se distingue mais facilmente do que se consagra ao creador. A potencia d'estes dois sentimentos que tendem a excluir-se, é a alma das poesias de Petrarcha.»[1] Comprehende-se como a Italia da renascença apaixonando-se pela metaphysica de Platão, encontrava em Petrarcha o seu poeta dilecto, o que melhor exprimia a emoção amorosa, reimprimindo cento e sessenta e sete vezes o seu *Canzoniere*. O *Petrarchino* era o livro de horas dos apaixonados do hellenismo. Aretino descreve como a joven aristocracia de Roma passeava toda dengue com o seu *Petrarchino* na mão; e em uma novella de Bandello (I, 12) conta-se como Ranuccio Farnèse, estando na guerra, lia á meza aos seus companheiros de armas o *Canzoniere*.[2] É esta relação sentida entre o real e o ideal, entre o desalento e a esperança, que tanto compraz á situação dos espiritos n'esse perturbado seculo XVI. *Laura* era o nome da mulher amada, substituido ás allegorias dos sicilianos; mas na essencia, a idealisação ascencional tornava-a um symbolo, ou um ideal resistindo a todas as cruezas da realidade. A revelação do nome da mulher amada imprimiu um maior relêvo ao lyrismo: «Guido Guinizzelli aventurou-se a nomear a sua *Lucia;* mas foi Cavalcanti, que escolhendo nomes mais usuaes, chamou a uma das suas

---

[1] *Dante Alighieri ou la Poésie amoureuse*, p. 135.
[2] Lefebvre Saint-Ogan, *De Dante à l'Aretin*, p. 207.

duas bellezas *Mandetta*, por quem se apaixonára em Tolosa, e *Joanna* a que com os seus olhares o cativára em Florença. Dado este exemplo, foi escrupulosamente seguido por todos os *Fieis do Amor*, e Francisco de Barberino teve a sua *Constancia*, Dante de Maiano a sua *Nina*, Dante Alighieri a sua *Beatriz*, Petrarcha a sua *Laura*, Boccacio a sua *Fiametta*, etc. » [1]

Comprehendendo este caracteristico do lyrismo, e a ideia platonica da immortalidade pelo amor, Sá de Miranda escreve na Carta a Jorge de Monte-mór:

No ves los dias que prisa se dan
Unos tras otros ? pocos son los ledos !
Y todos juntos pero, que seran ?

Humos i vientos que nunca estan quedos,
Ese poco de vida i breve instante,
Lleno de sobresaltos i de miedos.

Otra vida a *Beatriz* ha dado el Dante ;
A *Laura* hizo el Petrarcha tan famosa,
Que suena deste mar al de levante.

Bocacio alzó *Fiameta* en verso i prosa :
De Pistoia el buen Cino a su *Selvaja !*
Ah buenos años ! buena edad dichosa !

Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria
De toda parte, i como que se nos cuaja.

(*Poes.*, p. 460.)

[1] Delécluze, *op. cit.*, p. 132.

Sá de Miranda ao regressar a Portugal pôde acordar nos espiritos cultos o interesse pelos novos metros italianos; mas a comprehensão do ideal platonico do amor, que inspiraria o moderno lyrismo, essa não achou quem a alcançasse, e é por isso que elle escrevia no meado do seculo XVI, que *os tempos se esfriam por toda a parte*. As fórmas da poetica italiana foram trazidas á litteratura portugueza por Sá de Miranda; mas a essencia, o espirito amoroso, fortificado pelo idealismo platonico só encontrou em Camões o seu revelador. Os grandes poetas do amor, Bernardim Ribeiro e Christovam, amaram, soffreram e morreram pela paixão desvairada por D. Joanna Zagallo e por D. Maria Brandão; a expressão exaltada do seu amor é um documento psychologico. Na idealisação de *Nathercia* concentrou Camões todas as bellezas artisticas do lyrismo petrarchista, partindo sempre do elemento de uma realidade. Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, sem a realidade que os domina seriam dois poetas mysticos; Camões, com uma vida serena seria um philosopho, como os que discutiam o amor com Lourenço de Medicis nos seus jardins de Careggi. É d'esta doutrina que deriva a supremacia do lyrismo italiano, e a influencia que exerceu em todas as litteraturas romanicas. Escreve Saint-Marc Girardin: «Esta doutrina conjunctamente pagan e philosophica é a que reapparece nos platonicos do seculo XV na Italia. Convinha ao genio italiano, e convinha tambem aos costumes italianos do seculo XV. Convinha ao genio italiano por que se harmonisa admiravelmente

com o genio das artes e com o culto do bello. Effectivamente, Platão não creou no seu *Banquete* sómente uma doutrina nova sobre o amor, creou tambem, se assim o posso dizer, a philosophia das artes. Mostrando a relação que existe entre a belleza da fórma e a belleza da ideia, e como uma póde conduzir á outra, elle revelou o principio divino das artes; por que nas artes como no amor, a belleza material só é boa quando nos inicia na belleza moral; as Virgens de Raphael não são bellas senão para serem divinas. A doutrina platonica convinha tambem aos costumes da Italia no seculo XV, pois que não desdenhando da belleza da fórma, era por este lado mais indulgente com os sentidos, comportando uma especie de tolerancia que, para os philosophos tem o merito de não estar em contradicção, por isso que, quando amam a belleza julgam-se em via de amar a virtude.»

Nos costumes italianos da Renascença era frequente reunirem-se as damas para ouvirem discretear sobre o amor; ellas tornavam verdadeiro o verso de Dante na *Vita Nuova*: «*Donne, ch'avete intelletto d'amore.*» Victoria Colonna e sua amiga Veronica Gambara, trocando sonetos com Bembo e Molza, embrenhavam-se no platonismo amoroso; e ahi n'esses torneios poeticos se lembraria Sá de Miranda do elevado espirito de D. Leonor de Mascarenhas. Seguindo esses costumes galantes, vêmos o Tasso, deante da bella princeza Marfisa d'Este dissertar um dia inteiro sobre o amor, respondendo aos problemas propostos pelas duas damas Ginevra Marzia e Tarquinia Molza; e respondendo á pergunta

da princeza, que definição póde dar do amor, diz-lhe depois de um alardo de erudição propria da época: *Una quiete nel piacevole.* Era no amor que o Tasso queria achar a quietude, que faltava em todas as grandes manifestações mentaes e sociaes do seculo XVI. E de facto a aspiração ao amor divino apparece-nos sob a sua expressão mystica ligada á aspiração do seculo, que procurava realisar a reforma da Egreja dentro da orthodoxia, reagindo assim contra a renascença do paganismo em que descambavam os humanistas. Era na egreja de S. Silvestre, onde Victoria Colonna tanto conversava com Miguel Angelo, que nos momentos em que na Allemanha se alevantavam os ventos da Reforma, se reuniam ahi os espiritos sinceros que ainda acreditavam que a Egreja podia reformar-se por um impulso proprio. Mais de cincoenta individuos formavam esse gremio sympathico do *Oratorio do Amor divino*, d'entre os quaes se destacavam Contarini, Sadoleto, Giberti, Caraffa, Gaetano de Thiene, Lippomani; esta reunião que parecia opposta ao protestantismo, era como o reconhece Ranke «parallela, e mesmo em um certo sentido semelhante; tanto uns como outros queriam oppôr-se á decadencia geral da Egreja pela renovação das convicções religiosas, pois tal fôra o primeiro mobil de Luthero e Melanchton.» [1]

Foi n'este sentido que Sá de Miranda comprehendeu a marcha da reforma religiosa a par da renascença humanista; quando em

[1] *Histoire de la Papauté,* t. I, p. 148.

Portugal se trabalhava para fundar a Inquisição e se estabeleceu a terrivel repressão contra a heterodoxia, Sá de Miranda não teve mais do que refugiar-se na solidão, e entregar-se á sua profunda tristeza moral. Falhava-lhe mais esse ideal. No mesmo sentimento de crente protesto contra a dissolução da disciplina da Egreja escrevia tambem Gil Vicente o seu *Auto da Feira*, em que verbera as simonias de Roma. Na Satyra anonyma das *Trovas que se fizeram nas terças no tempo do Rey D. Manoel*, que vem junto ao Ms. das *Poesias* de Sá de Miranda, da bibliotheca de Evora, acha-se a expressão de protesto pela situação decadente da Egreja:

Verá com mil dores
a Egreja chorar;
verá lamentar
seu gado e pastores;
verá os altares
muy esfarrapados,
verá nos telhados
buracos a pares.

Nam ter que comer
verá sacerdotes;
ver-lhe-ha os pelotes
muy rotos trazer;
pera padecer,
os bens do Senhor
verá sem temor
judeus comer.

Ver-lhe-ham cruz no peito
lavrada com ouro,
roubando o tisouro
de quem he com direito;

ver-lhe-hã perfiar
per ricos mosteiros,
que proves palheiros
os fazem tornar.

Verá simonias
verá mil siseiros,
verá mil rendeiros,
verá tiranias;
verá por mil vias
muito mal fazer,
verá pouco crêr
que he vindo o Mexias.

. . . .

Da Egreja direy
por andar perdida,
he muito abatida
a guisa que sey;
e nam tocarei
no summo Pontifiquo
por ser muy magnifico
tambem peccarey.

. . . .

A ygreja vereis
tam esfarrapada,
e tam chupada
que magoa avereis;
e bem chorareis
a tal perdição,
e se sois christão
a levantareis.

. . . .

Os leigos priores
sam ja das parrochas,
e das suas tochas
tambem roedores;
sam destruidores
do sangue innocente,
e Deus muy cremente
sofre estes errores.

Não ha conesia
nem menos raçam,
que todos nam vam
com assás tirania
e tanta perfia
d'aver cura d'almas,
tangendo as palmas
e o demo os guia.

Olhai-me tambem
moesteiros de frades,
vereis que abbades
agora elles tem:
chamam-se senhores
dos bens dos passados,
mas intitulados
sam destruidores.

. . . .

Tambem sam danados
os das communidades
barrigas d'abbades
tem cheos prelados;
sam tam descorados
dos muitos jejuns;
comtudo a beduns
fedem desejados.

Viuvas danadas
seus frades as tem,
e sempre as vem
ás portas fechadas;
vam tam perfumadas
debaixo do doo,
que cheira o pó
das suas passadas.

Do santo cordam
sam muito devotas,
abertas as portas
a ellas se vam;

tem por devoçam
trazel-o comsigo,
e lá bem metido
no seu coração.

Os papas tratavam de illudir a convocação de um concilio para a reforma da disciplina da Egreja, e entretinham as guerras na Italia por meio das suas traições, attribuindo todas as catastrophes á ambição dos invasores estrangeiros. Assim o escrevia com parva sinceridade D. Miguel da Silva, em carta de 10 de junho de 1523, ao rei D. João III o que lhe ditára o papa: «que el rei de França nam queria nenhuum asesego na cristandade, nam consintindo nem querendo ouvir fallar em paz nem tregua sem lhe ser restituido o ducado de Millaom, a qual condição alem de ser imposyvel de se comprir sem a mesma guerra com que se perdeo, e muito mais cruel, he pouquo honesta por ser em tempo que parece que a cristandade tem necessidade de breve concerto antre os cristãos e nam de nova guerra ver.» Estas palavras em cifra diplomatica significavam um fino jogo, derivando a guerra da Italia «principalmente da cobiça que tem de senhorear em Italia nace todo o mal que vemos.» [1] Mas o que os crédulos e ingenuos viam de um modo, o julgamento impassivel da historia apresenta-o sob um outro aspecto: «Foram os Hespanhóes que mais contribuiram para estender e sustentar a soberania da Santa Sé; tinham restabele-

[1] *Corpo diplomatico*, t. II, p. 170.

cido os Medicis em Florença. A sua alliança com os papas d'esta illustre familia tinha servido para favorecer as suas conquistas na Italia. Alexandre VI tinha-lhes aberto a baixa Italia; entraram no centro d'ella pelo soccorro de Julio II, e na alta Italia pelo ataque sobre Milão, unidos com Leão X. O proprio Clemente VII não contribuiu pouco para estas invasões successivas. Existe uma instrucção a um dos seus embaixadores na côrte de Hespanha na qual enumera os serviços que prestou a Carlos V e á sua familia. Lembra-lhe que foi elle que impediu Francisco I de avançar até Napoles, na sua primeira invasão na Italia; foi elle que influiu com que Leão X não fizesse opposição á eleição de Carlos V ao imperio, e a supprimir a antiga constituição em virtude da qual nenhum rei de Napoles podia ser ao mesmo tempo imperador; foi elle que, apezar de todas as promessas dos Francezes favorecera a alliança de Leão X com Carlos V para a reconquista de Milão; e para obter estes resultados não poupára nem os thesouros da patria, nem os dos seus amigos, nem a sua propria fortuna; fôra elle que fizera eleger o papa Adriano, e aos olhos de toda a gente era como se se escolhesse o proprio imperador.» [1] Mas este excesso do poder dos Hespanhóes ou de Carlos V na Italia começou a exacerbar o sentimento nacional, e o proprio Clemente VII viu-se na necessidade de contraminar a potencia que tanto tinha auxiliado; depois de tentarem attrair

[1] Ranke, *Histoire de la Papauté*, t. I, p. 97.

ao movimento italiano o marquez de Pescara, em 1525, a quem prometteram a corôa de Napoles, que Victoria Colonna lhe fez regeitar com dignidade, rompeu em 1526 a revolta dos Milanezes contra os Imperiaes. Era, como escrevia Giberto, ministro de Clemente VII: «para decidir da libertação ou da escravidão da Italia.»

Temos até aqui traçado o quadro, que Sá de Miranda synthetisa ao determinar a sua viagem á Italia: «*No tempo de Hespanhóes e de Francezes.*» Preparava-se pois a grande calamidade do saque de Roma pelo condestavel de Bourbon; tambem no anno de 1526 a causa prégada por Luthero caminhava para o triumpho definitivo, e na Dieta de Spira era proclamada a liberdade de consciencia. Não bastariam estes successos para determinarem Sá de Miranda a regressar a Portugal; por ventura a noticia do fallecimento de seu pae, que era ainda vivo em 1523, e as tristezas de Victoria Colonna, inconsolavel pela morte inesperada de seu marido na guerra n'esse anno de 1525, o levaram a fugir de uma terra em que os homens eram tão intelligentes, instruidos e sociaveis, e os acontecimentos tão esmagadores. Sá de Miranda visitára tambem Milão, o pômo da discordia entre Carlos V e Francisco I; e tendo visitado Veneza, é de suppôr que o fizesse no seu regresso para Portugal. Não temos um documento por onde se infira a impressão que a corajosa Republica lhe deixou no seu espirito; mas supprimol-o transcrevendo a passagem em que Frei Pantaleão de Aveiro

no seu *Itinerario da Terra santa*, descreve Veneza:

« São tantas as grandezas d'esta illustrissima cidade, e os gostos e invenções que de contínuo n'ella se ordenam e fazem para recreação do povo, que ha livros impressos que d'isso tratam, d'onde nasceu o proverbio que n'aquellas partes se costuma dizer: — « Veneza, quem te não vê não te preza. » E em outro logar: « Tive grande contentamento em vêr aquelle traje tão honesto, vindo-me á memoria a honestidade do nosso Portugal; por andar enfadado e ainda escandalisado de vêr os deshonestos trajes da Italia aonde as mulheres todas andam em corpo, e não com a honestidade que convém, posto que cada terra tem seu costume. » (Cap. III.) D'este descontentamento podemos já inferir, que o espirito austero, ou stoico, como lhe chama o biographo anonymo, veiu deslumbrado com a opulencia dos costumes e festas italianos, mas trazendo comsigo mais accentuado o desgosto que o fez abandonar a côrte pelo remanso de uma ignorada vida provinciana. Eis o quadro de Veneza e seus costumes traçado por Frei Pantaleão de Aveiro: « Está fundada e edificada esta tão nobre Cidade dentro do mar Adriatico. A terra mais propinqua que tem a si, são duas leguas, seu circuito póde ter outras duas. Toda se anda por mar e por terra, salvo alguns bairros, a que os Venezianos chamam *Traguetos*, aos quaes se não póde ir, salvo por mar, por estarem tão apartados da terra, que se não podem servir d'elles com ponte. Vae pelo meio da Cidade um canal mui largo, que a divide em duas

partes, no meio do qual tem uma formosa ponte, toda de muitas tendas occupada, cheias de preciosas e ricas mercadorias. Pelo meio d'este canal navegam galés de toda a sorte, caravellas carregadas e náos grandes vasias. Anda-se quasi toda a cidade por mar, e por terra, tirando os bairros *Traguetos* que tenho dito; e isto por haver quatrocentas e cincoenta pontes entre publicas e particulares, a maior parte d'ellas de pedra e outras de madeira. E para serviço dos que querem negociar nas cousas por mar e com mais brevidade, tem a cidade onze mil barcas antes mais do que menos, as quaes chamam *Gondollas:* e todas andam toldadas de panno preto, com muita curiosidade e limpeza, em tanta maneira, que os mais dos dias lhe põem um lençol lavado da pôpa á prôa, para que os que entram ponham os pés n'elle e não sujem a gondolla. Os toldos são feitos ao modo dos que cá costumam levar as tumbas da Misericordia, de maneira que os que vão dentro não são vistos, se não querem.

«Todas estas gondollas estão de contínuo promptas e prestes, assim de dia como de noite, para quem se quer servir d'ellas, e com mui grande barato; e tem tal ordem na passagem que todos ordinariamente ganham, por que nenhum póde levar gente de uma a outra parte, salvo por certa quantidade de dinheiro, da qual passando, ainda que lhe queira dar gratis, tem grandissima pena. Além d'estas barcas que servem ao commum, ha outras muitas particulares de pessoas nobres, que as podem sustentar; e muitas d'ellas nas festas são toldadas de toda a sorte de

seda e pannos ricos, conforme a qualidade das pessoas cujas são... É toda a cidade ornada de ricos aposentos e paços soberbissimos, com toda a sorte de jaspes e outras muitas pedras preciosas, de que cá não temos noticia. As janellas pela maior parte tem vidraças. Os templos são muitos, e os mais ornados e sumptuosos que tenho visto, em tanto que eu sou de opinião excederem aos de Roma... Entre muitas cousas que a cidade em si tem de notar, é uma rua que vae da praça de S. Marcos até outra praça, que vae além da ponte que atraz fica dito, á qual praça se chama Realto, o mesmo nome tem a ponte. Esta rua tem de comprido uma mui grande milha, e toda de uma e outra parte é ornada e cheia de todas as outras cousas preciosas da vida, nem creio se pedirá cousa que ali falte. Todo genero de brocado, e telas de ouro e prata de qualquer sorte e invenção que quizerdes. Todos os cheiros e perfumes do mundo, tendas de pedraria riquissima, joyas, penachos, muito marfim lavrado, e dentes inteiros de elephantes: *grandes livrarias, nas quaes se acham todas as maneiras de livros que quizerdes*; logeas grandissimas, cheias de especiaria, de maneira que parece aquella rua uma feira armada e ornada de todas as mercadorias e mercadores do mundo.»

Foi por certo n'esta passagem por Veneza, que Sá de Miranda adquiriu o seu exemplar de Homero em grego, que elle annotava como excellente humanista, os *Assolanos* de Bembo, o *Orlando* de Ariosto, o *Canzoniere* de Petrarcha, e a *Arcadia* do bom velho Sanazzaro. Na Ecloga *Nemoroso*, allude Sá de

Miranda ás suas viagens como precedendo o periodo da concentração moral:

Quanto tiempo perdi,
No sé por donde anduve,
Vi tierras, vi costumbres differentes,
Ia tarde buelto en mi
Un poco sobreestuve
Arrimado y dexé correr las gentes. [1]

Tendo deixado a patria em tempo em que a nobreza estava dividida tomando parte nas dissidencias do princepe com o rei seu pae D. Manoel por causa do terceiro casamento, Sá de Miranda regressando a Portugal passados alguns annos depois da acclamação de D. João III vinha encontrar novos tormentos na côrte, apezar da intima affeição que lhe dedicava o monarcha e seus irmãos o infante D. Luiz, o cardeal D. Henrique, D. Duarte. Demorou-se poucos annos na côrte, como diz o verso: *Un poco sobreestuve*; mas refugiando-se no isolamento da provincia, pôde realisar o desejo de concentrar o seu espirito aturdido por tanta variedade de costumes e de acontecimentos: *Ia tarde buelto en mi.*

---

[1] Na lição do Ms. F. Denis:

Mucho tiempo perdi
Bien hecha la mi cuenta:
Vi tierras, vi costumbres differentes.
Entonces, vuelto en mi,
Entrado en nueva afruenta,
Sobreestuve i dejé correr las gentes,
Por los inconvenientes
De fuera ver mejor.

(*Poes.*, p. 321.)

§ III. Regresso a Portugal e começo da Eschola italiana

O biographo anonymo do poeta assim como não determina a época da sua viagem á Italia, falla do regresso á patria por uma fórma vaga: «tornou-se ao reino, e deteve-se algum tempo na côrte del Rey Dom João o Terceiro, que já havia muito que reinava...» Por esta phrase se deprehende que encetára a viagem reinando ainda D. Manoel; em 19 de dezembro de 1521 participou D. João III o fallecimento de seu pae ao papa, começando logo o novo reinado. Não se poderão contar menos de cinco annos na expressão indeterminada: «*já havia bastante tempo que reinava.*» Coincide com o sentido do verso allusivo ás luctas entre Carlos V e Francisco I *(em tempo de Hespanhóes e de Francezes)*, que se fixam no seu periodo mais intenso de 1521 a 1526. Depois da batalha de Pavia, em que Francisco I ficou prisioneiro de Carlos V, em 1525, a situação da Italia tornava-se desesperada; os patriotas italianos, tendo conspirado no intuito da sua autonomia atiçando os *barbaros* uns contra os outros, Francezes, Allemães e Hespanhóes, que se entredestruiam, reconheceram que o triumpho immenso do Imperador o tornava dominador absoluto da Italia. É assim que depois da victoria de Pavia se fórma uma conspiração patriotica, em que entra o papa Clemente VII e para a qual se procurou attra-

hir o marquez de Pescara, marido de Victoria Colonna, ao qual se lhe offerecia a corôa de Napoles, e o duque de Milão, Francisco Sforza. Vivia-se em uma atmosphera de violencia, que presagiava uma grande catastrophe; Carlos v soube da conspiração tramada e fez lograr todos os planos, apezar da liga assignada entre o rei de França, o papa, a republica de Veneza e o duque de Milão. Essa catastrophe foi o saque de Roma, pelo Condestavel de Bourbon, com vinte cinco mil vagabundos lansquenets allemães, piões hespanhóes e guerrilheiros italianos famintos e com atrazo de soldos. O saque de Roma estava prognosticado nos ditados populares. Sá de Miranda, que saberia da conspiração pela familia dos Colonna, não podia escolher occasião melhor para deixar a Italia do que em 1526. A morte do marquez de Pescara em 1525 e o lucto na familia Colonna, seria talvez uma causa para apressar o regresso, se é que a noticia do fallecimento de seu pae, que era vivo ainda em 1523, não foi influir tambem n'essa resolução. Pouco se demoraria em Lisboa, já então assaltada da peste, e tanto que os lentes da Universidade representaram a D. João III para se fecharem as aulas; a *Oração* feita á chegada de D. João III a Coimbra mostra-nos evidentemente que em 1527 Francisco de Sá se encontrava ali, tendo precedido a fuga da côrte, não tanto por medo da peste, que grassára em Italia todo o tempo que lá se demorou, mas para negocios de familia.

Ao chegar a Lisboa em 1526, Sá de Miranda veiu encontrar frequentando a Univer-

sidade seu irmão mais novo Mem de Sá, nascido depois de 1500, por isso que não vem incluido o seu nome nas cartas de legitimação por D. Manoel, de 20 de novembro de 1499, de mais trez irmãos seus. Estava Mem de Sá nos primeiros annos da faculdade de Leis, em que seguia um curso brilhante, por que chegou á licenciatura. Em uma carta régia de 11 de maio de 1532, é nomeado Desembargador da Casa da Supplicação o Licenciado Mem de Sá, por confiança na sua bondade, letras e sciencia. A licenciatura era uma preparação para o magisterio na Universidade, e habilitava á entrada na Relação e Casa da Supplicação como desembargador sem ter seguido o tirocinio lento da magistratura judicial. Dando os seis annos completos do curso juridico até á licenciatura, não andaremos longe da verdade collocando o começo da frequencia de Mem de Sá na Universidade de Lisboa por 1524 ou 1525. E apontamos estas circumstancias para explicar as relações de intimidade que o poeta manteve sempre com este irmão mais novo, mas que o deslumbrava pelo talento, tendo o gosto de assistir aos seus triumphos academicos, e de contribuir, por ventura, para o seu rapido despacho para desembargador da Casa da Supplicação.

Na Universidade fallecera um lente da peste, o que alvoroçou o corpo docente, em 1525. No *Regimento a bem da saude publica* dado por D. João III a 27 de setembro de 1626, já se falla do decrescimento da peste; [1]

---

[1] *Collecç. dos Regim.*, p. 53.

no *Livro das Vereações de Coimbra*, vem apontada a peste de 1526, [1] mas Coimbra offerecia uma certa immunidade, por que ali nos apparece D. João III n'esse mesmo anno. Gil Vicente, que então estava residindo em Santarem, viera a Coimbra representar a sua *Farça dos Almocreves*, para distrahir o rei e a côrte. Nas preciosas rubricas historicas que acompanham as composições dramaticas de Gil Vicente, precede esta declaração a *Farça dos Almocreves:* «Esta seguinte farça foi feita e representada ao muito poderoso e excellente Rei D. João o terceiro em Portugal d'este nome, na sua cidade de Coimbra na éra do Senhor de 1526.» O rei e a côrte occupavam o palacio no alto de Coimbra, que depois foi cedido para paço das Escholas, e miseravelmente vendido por Philippe II á Universidade. Vê-se que D. João III procurava ahi um refugio contra a peste; mas a côrte não achava distracções na cidade, e suspirava pelo *desejado Almeirim*, como diz Sá de Miranda na sua Carta a Pero de Carvalho. Já em Coimbra em 1526, Sá de Miranda, que assistira na Italia á representação das comedias plautinas de Ariosto, Macchiavelli, Bibiena e de outros eruditos, ao acharse diante da representação de um auto de Gil Vicente, sentia o contraste profundo entre a arte espontanea da Edade media e a cultura refinada da Renascença; repugnava-lhe o nome de Auto em vez da designação humanistica de Comedia, o verso rimado em

[1] Fl. 17 e 22.

vez da prosa franca da linguagem usual. Sá de Miranda deveria mostrar uma certa antipathia contra a *Farça dos Almocreves*, por que esse titulo parecia um apodo aos habitantes de Coimbra, aos quaes segundo os ditados topicos se chamava os *Arrieiros*. O poeta comico, quando entra em scena o almocreve com a chocalhada, cantando uma serranilha tradicional, põe-lhe na bocca as intencionaes interjeições:

Arre, mulo namorado...
Arre, arre, arre embora,
Que já as tardes são de amigo.
Apre, besta do ruim.
Uxtix! o atafal vae por fóra
E a cilha no embigo.

(*Obr.*, III, 214.)

O Auto é primoroso, por que desenha de um modo vivissimo o typo nacional do *fidalgo pobre*; a versificação é espontanea e repassada de uma fina ironia. Abre com a scena do Capellão, que não recebendo o salario dos serviços que presta ao Fidalgo, para distrahir-se vae passear ao *Arnado*, logar ainda hoje conhecido:

Pois que não posso resar,
Por me vêr tão esquipado,
Por aqui por este *arnado*
Quero um pouco passear
Por espaçar meu cuidado.
E grosarei o romance
De *Yo me estaba en Coimbra*,
Pois Coimbra assim me cimbra,
Que não ha quem preto alcance.

O verbo *cimbrar* apparece empregado no *Cancioneiro geral* por Ruy Moniz, que diz ás damas: cimbrar ou cazar. O romance cavalheiresco é uma parodia grotesca, com allusões aos *arrieiros*:

> *Yo me estaba en Coimbra,*
> Cidade bem assentada;
> Pelos campos do Mondego
> Não vi palha nem cevada.
> Quando aquillo vi mesquinho,
> Entendi que era cilada
> Contra os cavallos da côrte
> E minha mula pellada.
> Logo tive a máo sinal
> Tanta milhã apanhada,
> E a peso de dinheiro
> Ó mula desemparada.
> Vi vir ao longo do rio
> Hũa batalha ordenada,
> Não de gente, mas de mus,
> Com muita raiva pisada. Etc.

Parecia uma troça á gente de Coimbra; talvez que Gil Vicente servisse com a sua farça as disposições hostis da côrte, que *suspirava por Almeirim*. A *Farça dos Almocreves* não era para reconciliar Sá de Miranda com as fórmas do Theatro medieval; parecia que o comico fallando dos fidalgos pobres alludia a elle e ás suas viagens recentes:

> Mais fermoso é ao villão
> Máo burel, que máo frisado,
> E romper matos maninhos;
> E ao fidalgo de nação
> Ter quatro homens de recado,
> E leixar lavrar ratinhos.

Qu'em Frandes e Alemanha,
Em toda França e Veneza,
Que vivem por siso e manha
Por não viver em tristeza,
Não é como n'esta terra...

(*Ibid.*, p. 220.)

E referindo-se ás conversas politicas dominantes, assumpto em que effectivamente Sá de Miranda estava o melhor informado, recita Gil Vicente:

Anda El Rei tão occupado
Co'este Turco, com este Papa,
Co'esta França, co'esta trapa,
Que não acho váo azado,
Por que tudo anda solapa.

(*Ibid.*, p. 212.)

Gil Vicente, desde o repto da Farça de *Inez Pereira*, de 1523, andava de ponta com os humanistas da Renascença portugueza, ou *certos homens de bom saber;* agora, que Sá de Miranda regressára do fóco da Renascença e proclamava a superioridade da sua doutrina litteraria, Gil Vicente visava-o directamente. Como a todo o espirito culto da Renascença, para Sá de Miranda a Edade media era barbara, e os Autos hieraticos, mettendo em scena assumptos dos livros santos, verdadeiras pasquinadas. Era patente o antagonismo. Segundo os desejos da côrte, D. João III partiu para Almeirim, com intuito de regressar a Coimbra. Lá passou o natal, e como Gil Vicente estava residindo em Santarem,

ahi foi representar-lhe o *Clerigo da Beira*, para distrahir a côrte. N'esta farça achou Camillo Castello Branco allusões directas a Francisco de Sá de Miranda, filho do clerigo-conego Gonçalo Mendes de Sá. Lê-se na rubrica: «Segue-se outra farça de folgar, que trata como hum Clerigo da Beira, vespera do Natal, determinou de ir aos coelhos; e indo pera a caça com hum filho seu rezam as matinas. —Foi representada ao muito poderoso e christianissimo Rei D. João, o Terceiro do nome em Portugal, em Almeirim, éra do Senhor de 1526.» Vejamos como Camillo interpreta esta farça:

«É de suspeitar que Sá de Miranda, o classico iniciador da eschola italiana, menosprezasse a reputação mais genial e menos culta de Gil Vicente; e naturalmente o auctor das Farças de folgar metteria a riso na scena o detractor, como usava com personagens de maior respeito. Na farça do *Clerigo da Beira*, a satyra a Sá de Miranda é pessoal de mais para a considerarmos mera casualidade. Já sabem que Francisco de Sá era filho de um clerigo. O clerigo da farça tem um filho que tambem se chama Francisco. O proprio pae lhe diz com conhecimento de causa:

Filho de clerigo és,
Nunca bô feito farás.

«A comedia foi representada (cumpre notar, depois da retirada de Coimbra) em 1526 em Almeirim. Florecia então na côrte Sá de Miranda com grande voga de poeta. A essa

invejada prosperidade alludiria ironicamente Gil Vicente, quando o clerigo, menoscabando as qualidades do filho, diz:

> Medraria este rapaz
> Na côrte mais que ninguem,
> Por que lá não fazem bem
> Se não a quem menos faz.
> Outras manhas tem assaz *(a Sás?)*
> Cada hũa muito boa:
> Nunca diz bem de pessoa
> Nem verdade nunca a traz.
> Mexerica que por nada
> Revolverá San Francisco;
> Que para a Côrte he hum visco,
> Que caça toda a manada.

«Pouco antes, vem á baila os filhos de Frei *Mendo*. (Peores são os de Frei Mendo —E os do Beneficiado...) Haveria intenção de fazer bem transparente a satyra, por que o pae de Sá de Miranda era o padre Gonçalo *Mendes*. Outra allusão clara: Os Sás eram tambem *Menezes*, e d'essa alliança lhes vinha o maior realce da sua prosapia. Gil Vicente, na mesma farça do *Clerigo da Beira* zombeteia d'essas pretenções em cortezãos que tem costella de lavrador. Seria de baixa esphera a mãe de Francisco de Sá. O satyrico diz:

> Vejo eu portuguezes
> Da côrte muito alterados,
> Mais propinquos dos arados
> Que parentes dos *Menezes*.

«Se Francisco de Sá de Miranda taxou indirectamente de *pasquinadas* as farças do

seu cóevo, não lhe faltaria direito a mais sensivel desforra; mas não a tirou o reportado philosopho.» [1]

Transcrevêmos as proprias palavras de Camillo pelo valor da sua interpretação, em que avivámos o trocadilho de *assaz* e *a Sás;* induziu-o a esse modo de vêr a referencia dos nobiliarios ao *conego* Gonçalo Mendes, e mais se fortificaria vendo nas cartas de legitimação o nome da mãe, Ignez de Mello, *molher solteira*, e os dos filhos do *clerigo* Henrique de Sá.

Pelo livro do celebre Amato Luzitano *Curationum Medicinalium*, vê-se que em 1527 a peste recrudesceu em Lisboa, propagando-se a Santarem; [2] a côrte teve de fugir de Almeirim outra vez para Coimbra. Gil Vicente, que então residia em Santarem, e em 1527 tornou a Coimbra a representar dois Autos deante de D. João III, em umas trovas ao conde de Vimioso, diz em uma rubrica: «Foi isto em tempo de peste, e o primeiro rebate d'ella deu por sua casa;...» [3]

Esses dois Autos foram a *Comedia sobre*

---

[1] Camillo Castello Branco, *Historia e Sentimentalismo*, II, p. 33.—Sobre esta interpretação, diz D. Carolina Michaelis: «Tendo esta farça a data de 1526, a allusão só poderá ser referida a Sá de Miranda (como quer Camillo) caso elle tivesse regressado a Portugal já n'esse anno, o que será difficil provar.» (*Poes.*, p. XXVI.) Em 1527 acompanhou o poeta a côrte para Coimbra, tendo-a seguido em 1526 de Coimbra para Almeirim; as allusões do *Clerigo da Beira* são um repto contra os reparos á *Farça dos Almocreves*.

[2] Apud *Epidemologia portugueza* do Dr. Vieira de Meyrelles, p. 238.

[3] *Obras*, t. III, p. 381.

a Divisa da Cidade de Coimbra, representada, ao que melhor parece, por occasião dos festejos da recepção de D. João III no regresso a Coimbra em 1527, e o Auto da *Serra da Estrella*, na festa de congratulação depois do parto da rainha D. Catherina, que na mesma cidade deu á luz a infanta D. Maria (a futura esposa de Philippe II). Por estas duas composições de Gil Vicente se fórma ideia das festas da côrte em Coimbra em 1527; assim melhor se comprehende em que occasião e por que motivo nos apparece Francisco de Sá recitando uma *Oração* gratulatoria deante dos monarchas. Seria este Francisco de Sá o poeta? O exame dos pensamentos da Oração o comprova. Pela intimidade que lhe deu D. João III, teria seguido a côrte para Almeirim em 1526, aonde viu representar o *Clerigo da Beira*, e acompanhal-a-hia para Coimbra em 1527, associando-se aos festejos da recepção real. Comprova-o cabalmente a *Oração aos Reis Dom João o III e raynha Dona Catherina na cidade de Coimbra, que fez Francisco de Saa, no anno de 1527.* [1] O nome

[1] Quando andávamos nas pesquizas sobre fundamentos historicos para a vida de Sá de Miranda (1.ª edição, na *Hist. dos Quinhentistas*) deparámos no *Catalogo dos Manuscriptos portuguezes do Museu Britanico*, de Figanière, p. 289, com a indicação d'esta *Oração*. Reconheci logo que era a mesma de que dá noticia Barbosa Machado (*Bibl. luz.*, II, 247) com o titulo *Oração na entrada de el rei Dom João III e a Rainha D. Catherina na cidade de Coimbra*, dizendo do seu auctor Francisco de Sá, que a sua patria é tão incognita como reconhecida a sua erudição poetica e oratoria. Accrescentava Barbosa Machado, que o ma-

de Francisco de Sá era o que usava o poeta, e por que é geralmente conhecido nos manuscriptos do seculo XVI. A secção das suas trovas no *Cancioneiro* de Resende, traz a rubrica: «*Do Doutor Francisco de Sá.*» Nos Mss. de Ferd. Denis e da Bibliotheca de Paris, na glosa a uns versos de Manrique, vem: «*de Francisco de Sá.*» E nos versos a D. Leonor de Mascarenhas, lê-se: «De *Francisco de Sá* tambem a ella.» Glosando um cantar velho com o conde D. João da Silveira, a sua estrophe é assignada: *Francisco de Sá.* Nos Sonetos o que começa *Em pena tam cruel*, traz no Ms. Juromenha a rubrica: «Soneto primeiro do mesmo *Francisco de Sá* emendado.» O soneto *Tantas mercês*, tem a rubrica: «Resposta de *Fr.co de Sá;*» e na edição de 1595: «Resposta de *Francisco de Sá* pelas mesmas consoantes como fez o Petrar-

nuscripto da *Oração* se guardava na Livraria dos Marquezes de Abrantes; ora como a varonia d'essa casa é Sá, por descenderem dos Sás de Menezes, parentes do poeta, não era sem motivo que se guardava n'essa livraria um tal documento. Foi isto o que me fez ligar toda a importancia ao manuscripto do Museu Britanico para provar a presença de Sá de Miranda em Coimbra em 1527. Encarecendo a luz de um tal documento para o estudo em que trabalhava, lamentei-me deante de Brito Rebello (então capitão de caçadores, da guarnição do Porto) por não ter recursos para obter do Museu Britanico a *Oração* recitada por *Francisco de Sá.* Qual não foi o meu pasmo, quando este meu amigo me affiançou que em menos de um mez me apresentaria a copia tirada do Museu Britanico. Como duvidasse do milagre, elle francamente me declarou que tinha um cunhado em Londres, empregado de commercio, e que por via d'elle ia obter a copia. De facto em poucas se-

cha.» No Ms. de Paris, depois da Canção á Virgem, termina com a rubrica: «Fim da primeira parte das Obras de *Francisco de Sá.*» O Ms. Ferd. Denis começa a sua segunda parte com a rubrica: «Outra parte das Obras de *Francisco de Sá*, que tambem mandou ao princepe.» No Cancioneiro de Luiz Franco egualmente se acha: «Soneto ao princepe nosso senhor por *Francisco de Sá* (fl. 71, v.)—Ecloga de *Fr.*[co] *de Sá* de muitos pastores, (ibid.) Elegia de *Fr.*[co] *de Saa* (ibid., fl. 85, v.)» Poderiamos accumular mais citações; mas isto basta para evidenciar que até á época em que se retirou para a provincia o poeta era mais conhecido pelo nome de *Francisco de Sá*, e que o apellido de *Miranda* seria usado por elle desde que se começou a distinguir como poeta lyrico um outro *Francisco de Sá* (de Menezes). [1] Concorda comnosco a diligen-

---

manas recebi uma copia diplomatica do documento que *eu descubri*, para uma *questão especial* que eu ventilava. Agradeci na *Vida de Sá de Miranda* (p. 63, nota 1) a obsequiosa intervenção de Brito Rebello; como porém elle offerecesse a Innocencio para o Supplemento do *Dicc. Bibliographico* uma segunda copia, appareceram as duas reproducções em 1871, sendo eu accusado de me ter servido do documento de Innocencio, sem o ter citado! No *Dicc. popular*, vb.º *Sá de Miranda*, vem uma forte carga sobre este meu plagio. Innocencio contentára-se em incluir o papel que lhe deram, sem suspeitar do problema historico que continha.

[1] Escreve D. Carolina Michaelis: «A Bibliotheca Eborense possue como se póde vêr pelo Catalogo dos Manuscriptos a p. 79 e 113 ainda outro Codice com poesias de um *Francisco de Sá*,—contém com effeito 66 Sonetos hespanhoes, e portuguezes, de bastante

tissima editora do poeta, quando diz: «O facto do manuscripto da *Oração* se ter guardado na livraria dos marquezes de Abrantes, descendentes do poeta, como o affirma Barbosa (II, 247) ajuda a acceitar a attribuição como verosimil.» E considerando os dois Franciscos de Sá, exclue o de Menezes por estar na infancia em 1527, concluindo: «fóra d'este e do nosso poeta, não conhecemos outro Francisco de Sá, que estivesse em contacto com D. João III.» [1] D. Carolina Michaelis admittiu na monumental edição das *Poesias* de Sá de Miranda (n.º 154, p. 526 a 528) essa *Oração* como genuina, e fundamenta-a com passagens empregadas pelo poeta, taes como: «o louvor das quinas, o elogio da temperança e mansidão de El Rei, a sua qualificação de *pae dos seus irmãos*... Mais especial e propria de Miranda é a allegoria ás

---

merecimento em parte,—linguagem, os pensamentos, em summa todo o estylo é completamente differente da individualidade poetica de Sá de Miranda. Os versos amorosos resam de uma certa Filis e denunciam a musa branda e doce de *Francisco de Sá de Menezes.*» Ed. 1885, p. LXX.

[1] *Poesias*, p. 861. No *Instituto* de Coimbra escrevia o Dr. Sousa Viterbo: «Tem-se discutido muito sobre quem seria um Francisco de Sá, que recitou um discurso de boas vindas a D. João III na sua *visita* (?) a Coimbra... Não faltou até quem attribuisse semelhante falla ao nosso poeta, o que para nós é extremamente duvidoso.

«Nos fins do primeiro quartel do seculo residia em Coimbra um *Francisco de Sá*, escudeiro da casa real e monteiro-mór da montaria real de Coimbra e seus termos. D. João III o nomeou para este cargo por fallecimento de João Tavares com mantimento annual

abelhas, que elle empregou tambem na Carta a El Rei:»

> A cabeça os membros manda,
> *Seu rei seguem as abelhas.*
>
> (*Poesias*, p. 190.)

E na *Oração*: «E assim, como vós, Senhor, quizestes seguir em elle aquelle exemplo novo da natureza das abelhas, assim o quer todo elle (sc. o povo) seguir comvosco, que todo anda após vós, como vedes, vivendo da vossa vista, e os que vos não podem seguir com os corpos, seguem-vos com as vontades.» [1] Na *Carta* a Pero de Carvalho, escripta com referencia á fuga da côrte para Coimbra em 1527, vem epithetos dados á sua terra natal que tambem se encontram na *Oração*:

> Da *antiga* e *nobre cidade*
> Som natural, som amigo...
>
> (*Poesias*, p. 215.)

---

de cento e outenta e seis reaes. A respectiva carta foi passada em Evora a 19 de outubro de 1524.» (*Chancell. de D. João* III—Doações, liv. 37, fl. 172). *Instituto*, vol. XLIII, p. 320.

É uma homonymia como tantas outras que apparecem nos documentos do seculo XVI. Mas o caracter humanistico da *Oração*, e a intimidade que sempre teve o poeta com o rei e os infantes, podem por ventura transferir-se para um qualquer escudeiro e monteiro da casa real?

[1] *Poesias*, p. 528.

E na *Oração*: «esta mui *antiga* e mui *nobre* sempre leal cidade de Coimbra, nunca é alegre verdadeiramente senão com vossas alegrias.» Para recitar ao rei este discurso de felicitação não era preciso ter Sá de Miranda um cargo official em Coimbra; bastava-lhe a intimidade com que D. João III o accolheu, dando logar ao poeta para lhe dedicar a *Fabula do Mondego*. Só um homem conhecedor da politica do seculo XVI, no antagonismo entre Carlos V e Francisco I, e na neutralidade admiravelmente conservada por Portugal, é que podia como Sá de Miranda dizer na *Oração* a D. João III: «Donde, senhor, vos veiu que os móres princepes do mundo, com os quaes tinhas tão estreitas obrigações de sangue, todos se quizeram acrecentar comvosco de novo por casamentos taes, que, não tam sómente a vossos reinos dam certa confiança de repouso, mas a toda a christandade asossegasse os corações desassossegados de tanto tempo.» Referia-se ao casamento de Carlos V com D. Isabel, irmã de D. João III, e de Francisco I com a rainha D. Leonor, madrasta do monarcha portuguez. Quem, como Sá de Miranda, que observára na Italia a lucta tenaz entre Hespanhóes e Francezes, poderia em tão sensatas palavras resumir a politica europêa nas suas relações com Portugal? A *Oração* foi effectivamente recitada por Sá de Miranda, e por ventura por ella entrou outra vez na intimidade do paço, de que andára afastado desde que teve de fazer a viagem da Italia. As narrativas da vida deslumbrante de Roma, entre poetas, artistas e eruditos despertariam a curiosidade de D. João III

para tentar a futura reforma da Universidade, trasladando-a para Coimbra em 1536; ninguem como Sá de Miranda podia expôr ao rei de um modo mais deslumbrante o quadro da renascença na Italia, que elle viu de perto e por que tanto se apaixonou. Foi tambem da Italia que D. João III mandava vir os lentes para a reforma universitaria, convidando Alciato, Socino, Radino e outros jurisconsultos. A consideração que D. João III e seus irmãos o cardeal D. Henrique, infantes D. Luiz e D. Duarte ligaram a Sá de Miranda fundava-se principalmente na sua cultura humanistica; escreve o biographo anonymo: «na côrte de D. João o Terceiro... alli co as calidades de sua pessoa e boas partes que n'elle concorriam, sem outra alguma ajuda das que costumam levantar os indignos, — fez tamanho logar, que foy sem controversia senão o mayor *hum dos mais estimados cortesãos de seu tempo*, concorrendo cos milhores que este Reyno teve por ventura...»

Quando a côrte estava em Coimbra em 1527 refugiada da peste, foi recebida a reliquia do braço de Sam Sebastião mandada de presente a D. João III, depois do saque de Roma pelo Condestavel de Bourbon. A este facto allude Sá de Miranda:

> Áquelle Santo martyr consagrado
> Que é vosso protector na epidemia;
>
> Que esse reino vos tem d'ella emparado,
> Não se vos pode dar mais clara prova
> *Que o proprio braço seu a El rei mandado.*
>
> (*Poesias*, p. 468.)

Sá de Miranda, que se achava em Coimbra em 1527, não pôde esquecer esta circumstancia quando em 1554 celebrou em uma elegia a morte prematura do principe D. João. Em uma *Chronica inedita de El Rei D. Sebastião*, escripta no anno de 1580, achou Faria e Sousa esta noticia: «*O braço do Martyr S. Sebastião trazido a este reyno do Saco de Roma, em tempo de Clemente VII.*» Como a reliquia do santo fôra roubada por occasião do saque, chegou-se a duvidar da sua authenticidade, escrevendo-se para Roma ao Dr. Braz Neto, para fazer as necessarias pesquizas. Em carta de 11 de junho de 1531 a D. João III, escreve: «Quanto ás reliquyas de Sam Sebastiam vieram de Milão duas cartas per duas vezes, em que afirma hum, a quem de qua escreveo hum homem de bem cortesão natural de laa, em que diz que perguntou freguezes velhos e antigos e hum clerigo antigo da igreja de Sam Sebastiam de Milão, e que dizem que nunca tal ouviram nem de tal sabem parte. Agora mandey pintar o braço asy como de laa veo pera me ficar este que qua tenho pera mandar fazer outra deligencia e mandar saber se ha outro Sam Sebastiam em Milão, e se o ouver fazer outra tal deligencia com a mesma pintura, e o que achar escreverey a Vosa Alteza. E verdadeyramente que a *reliquia, segundo está e eu a vy em Coymbra,* parece que deve de ser verdadeyra, e será doutra igreja e nom de Sam Sebastiam de Mylam. E certo, Senhor, que eu nom curaria de mays inquirir isto, e tel-a-hia em veneraçam por honra de Sam Sebastiam, segundo lha o papa concede;

que muitos lenhos ha hy, que dizem que são do lenho da vera-cruz e o nom som; e asi os cravos e tambem a lança que aqui está em Roma, que dizem que he a com que foy dada a lançada a nosso Senhor Jesu christo, e nom ha outra prova disso senam dizerem que o foram e são verdadeyros, e posto que nom aja outra prova disso pela mayor parte que fama, nom se leixa de se lhe fazer mui grande veneraçam. Eu, Senhor, comtudo nom leixarei de hir ao cabo com a deligencia e inquisiçam pera vêr se posso achar algum rasto.» [1]

O que nos interessa n'este facto, é o ter sido recebida a reliquia *em Coimbra* por occasião da peste de 1527, a sua origem duvidosa por ter sido roubada no *Saque de Roma*, e a offerta a D. João III, que Sá de Miranda não esqueceu por que se achava a esse tempo já em Coimbra.

A vida de Coimbra era aborrecida, e a fidalguia da côrte lembrando-se com saudade das caçadas de Almeirim, queixava-se da monotonia da terra. D. João III, como se lê nas *Instrucções ao Nuncio Lippomano*, era muito amigo de frádes; e emquanto esteve em Coimbra entretinha-se a planear a reforma dos conegos de Santa Cruz de Coimbra, sob a fórma de obrigação clausural, em transferir o Priorado-Mór de Santa Cruz de seu irmão o cardeal-infante D. Affonso para outro seu irmão o infante depois cardeal D. Henrique, em dividir as rendas do Priorado para a fundação de dois bispados, e desenvolvi-

[1] *Corpo diplomatico*, t. II, p. 325.

mento dos dois collegios de *San Miguel* e de *Todos os Santos*. O rei estava no seu elemento; mas a côrte bocejava e maldizia da terra. Em uma Carta a Pero Carvalho allude Sá de Miranda a esta situação da fidalguia, e da sua maledicencia contra Coimbra; e exaltando a alegria dos sitios em que vive, aonde tem contado mais dias alegres do que tristes, exclama:

Isto que ora ouvis de mim,
Não sei se ouvireis de alguem;
Buscae, perguntae sem fim
No *desejado Almeirim*,
No farto de Santarem.

Que tenção todos tomastes
Á terra que me criou,
De que tanto praguejastes?
Por que? Que vos acoutou
Da *peste* com que hi chegastes?
Fostes mal agasalhados?
Não, certo, que té as fazendas
Vos davam parvos honrados.
Pois, por que? Por que os privados
Tinheis longe vossas rendas?

O que eu por parcialidade
Nem outros respeitos digo:
Da antiga e nobre cidade
Som natural, som amigo,
Som porém mais da verdade.
Como vos partistes de i,
Logo abrigados achei
Em que me desencolhi,
Seguramente dormi,
Seguramente velei.

(*Poesias*, p. 214.)

Este Pero Carvalho é aquelle a quem D. Manoel, por occasião da chegada da sua terceira mulher, concedeu a graça de ser admittido em pelote a beijar-lhe a mão; e que em 1532 figura como guarda-roupa de D. João III. Sá de Miranda tinha com elle certa intimidade. Em boas relações vamos ainda encontrar com elle o poeta, quando em Evora em 1533 lhe dirigiu uma Esparsa de agradecimento, que na primeira edição de 1595 e no Ms. de Paris traz a rubrica: «*mandando-lhe um presente de luvas nos dias caniculares de Evora antes da agua da prata.*» (*Poes.*, p. 63.) D'esta rubrica se conclue que Sá de Miranda acompanhava a côrte, achando-se em Evora, quando em 1533 se começaram as obras do antigo Aqueducto de Sertorio; [1] e é d'esta sua convivencia palaciana que lhe provieram os desgostos e o aborrecimento, que lhe fez amar a solidão, e retirar-se por fim para a vida provinciana. Como um bom humanista, escrevendo em 1527 a comedia em prosa *Os Estrangeiros*, recommenda o *arremedar Plauto e Terencio*, e mostra-se conhecedor das comedias de «*Ariosto, natural de Ferrara, homem nobre de muitas letras e de muito engenho.*» Era verdadeiramente um repto a Gil Vicente, apresentando um typo da comedia classica, segundo as novas fórmas italianas. Vendo a estimação

---

[1] Não se póde referir a phrase *antes da agua da prata*, ao fim das obras do aqueducto em 1543, por que já a este tempo vivia o poeta fóra da côrte. (*Poes.*, p. 754.)

que se dava na côrte aos divertimentos dramaticos, e para reagir contra a monotonia dos fidalgos que maldiziam Coimbra, Sá de Miranda teve a ideia de seguir a renascença italiana na restauração do theatro. Referindo-se na Carta dedicatoria dos *Estrangeiros* ao infante D. Henrique, falla com franqueza da sua prioridade no genero: «em Portugal, escrevem poucos; *n'esta maneira de escrever, ninguem*...» Jorge Ferreira de Vasconcellos, que tambem frequentava a este tempo a côrte, elaborou a *Eufrosina* pelo mesmo tempo, mas seguindo o exemplo de Sá de Miranda; conhecia os exemplares do theatro latino, e em vez de imitar os escriptores comicos italianos, inclinou-se mais para o genero hespanhol representado surprehendentemente na *Celestina* de Rojas, que lhe serviu sempre de modelo. Sá de Miranda conhecia a desenvoltura da vida italiana da Renascença, tal como se descreve no *Retrato de la Lozana andalusa*, e ao esboçar a comedia dos *Estrangeiros* servia-se d'esse pretexto para pintar os quadros que observára; é assim que na Ecloga *Andres* falla das cortegianas, continuadoras das hetairas gregas:

Junto del turbio Tibre, que rebaños
Ay de zagalas, mas que deven sueltas,
Que viven de doblezas i de engaños;
Palavras dulces en pozoña envueltas
Con que à los moços, con que a viejos amos
Hazen que ciegos van dando mil vueltas.
Que isla de Circes mala alli vereis,
Unos tornados puercos, otros bueis.

(*Poesias*, p. 336.)

Na Carta a D. João III o poeta allude ao que vira em Roma, o apparato de guerra que circumdava o Papa; e na Carta a Antonio Pereira serve-se da sua reminiscencia da estatua do *Paschino* para menoscabar o uso de metter no theatro os assumptos religiosos, segundo o estylo de Gil Vicente:

Que troca vêr lá *Pasquinos*
Portuguezes cento a cento
(Quem o vê sem sentimento?)
Tratar os livros divinos
Com tal desacatamento!
De ler, se em giolhos não,
(Que graças para chorar!)
Torcem fazendo falar
Ó som da sua paixão.

Esquecidos do conselho,
Pudera dizer mandado,
Sendo por quem foi vedado
No santissimo evangelho:
Ós cães não deis o sagrado...

(*Poesias*, p. 242.)

Sá de Miranda consignava aqui uma das suas reminiscencias de Roma; no grupo de Patroclo, Ajax e Meneláo, de um esculptor grego, a figura de Meneláo tornou-se na credulidade popular de Roma o celebrado *Pasquino* das objurgatorias ou *pasquins*. Escreve J. J. Ampère, na *Histoire romaine à Rome:* «No angulo que formam duas ruas de Roma (abaixo do palacio Braschi) vê-se ainda *il Pasquino*, nome dado pelo povo a um dos mais bellos restos da esculptura an-

tiga. — A estatua de Meneláo recebeu este grotesco baptismo, por que n'ella se pregavam os epigrammas attribuidos a um alfaiate da visinhança chamado *Pasquino.*» E em nota: «Na origem, affixavam-se n'este logar, ao que se diz, as bullas e as indulgencias. Tinha-se achado o grupo demolindo o antigo palacio Orsini, edificado como o palacio moderno sobre o logar do Theatro de Marcello, que esta bella obra de arte decorava.» Contra o espirito de opposição de *Pasquino*, applicou-se uma outra estatua, a de *Marforio*, para fixar as papeletas em desaggravo. Escreve ainda o auctor citado: «A esculptura antiga contribuiu tambem com um personagem que se encarregava de responder a *Pasquino*, e que se chama *Marforio*. É uma estatua do Oceano achada junto do Capitolio onde se reuniam os magistrados municipaes. Esta circumstancia tinha sem duvida feito escolher *Marforio* para ser o defensor officioso da auctoridade.» [1] Sá de Miranda identificava os espiritos que satyrisavam os costumes da côrte de D. João III como *Pasquinos* aos centos; elle achava-se em um optimismo fugaz que o levava a fazer o papel de *Marforio*. Estava com um certo enthuziasmo para implantar o gosto italiano; tentára-o no theatro, contrapondo os *Estrangeiros* em 1527 á farça dos *Almocreves*, que no anno antecedente representára Gil Vicente em Coimbra. Agora, por occasião das festas feitas pelo regresso do

---

[1] Estava proximo do Capitolio «em um logar chamado na Edade media *Martis forum*, d'ahi *Marforio*.» *Op. cit.*, t. III, p. 440 e 441.

rei e da rainha, Gil Vicente desempenha nos serões do paço uma nova tragicomedia composta sobre o Brazão da cidade de Coimbra. Na rubrica está toda a historia da *Comedia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra;* vê-se mesmo, que tinha por fim attenuar resentimentos suscitados pela farça dos *Almocreves,* ou dos arrieiros coimbrãos: «Comedia representada ao mui alto, poderoso e não menos christianissimo Rei D. João, o terceiro em Portugal d'este nome, *estando na sua muito honrada, nobre e sempre leal cidade de Coimbra.* Na qual comedia se trata o que deve significar aquella Princeza, Leão e Serpente, e Calix ou fonte, que tem por divisa; e assi este nome de Coimbra d'onde procede, e assi o nome do rio, e outras antiguidades de que não he sabido verdadeiramente sua origem. *Tudo composto em louvor e honra da sobredita cidade.* Feita e representada éra do Senhor de 1527.»

Sá de Miranda tomou este mesmo assumpto e tratou-o nos novos metros italianos, dedicando a sua composição com o titulo *Fabula do Mondego* a D. João III. Esta coincidencia não é casual. No argumento da Comedia escreve Gil, que explicará:

Outro si as causas por que *aqui tem*
Os clerigos todos mui largas pousadas
E mantém as regras das vidas casadas,
D'esta antiguidade procedem tambem,
Sem serem culpados,
Por que são leis dos antigos fados,
Cousa na terra já determinada,
Que *os sacerdotes* que não *tem ninhada*
De clerigosinhos, são excommungados.

(*Obras,* II, 107.)

A Comedia desenvolve-se de um modo phantastico apparecendo uma Serpente e um Leão, que defendem uma Donzella; mas no fim, o personagem que recita o prologo faz um epilogo descrevendo a nobreza da terra, e fallando dos *Mellos*, diz:

> De mim procederam os *Mellos* direitos...
> Esta he sua alcunha e seu sobrenome
> *Fallo dos finos, e não contrafeitos.*

Haveria aqui alguma allusão á maternidade de Sá de Miranda, filho de *Ignez de Mello*, mulher solteira (porém nobre, segundo alguns linhagistas)! Em todo o caso é para notar, que fallando Gil Vicente dos Castros, Silvas, Silveiras, Sousas, Pereiras, Mellos e Menezes, não falle da importante familia dos Sás de Coimbra.

A comedia de Gil Vicente *Sobre a Divisa da Cidade de Coimbra* parece-nos ser aquella, hoje desconhecida, que se intitulava *Auto da Donzella da Torre*, de que dá noticia Barrera y Leirado. Basêa-se esta composição phantastica na explicação dos emblemas do Brazão da cidade de Coimbra; diz o poeta no seu argumento:

> Por ella vereis por que esta cidade
> Se chama Coimbra, e d'onde lhe vem
> O *Leão* e *Serpe* e *Princeza* que tem
> Por sua divisa já d'antiguidade.

Na rubrica inicial em prosa aponta-se tambem o *Calix* do Brazão: «Na qual comedia

se trata *o que deve significar aquella Princeza, Leão e Serpente e Calix ou fonte*, que tem por divisa; e assi este nome de Coimbra donde procede, e assi o nome do rio, e outras antiguidades de que não he sabido verdadeiramente sua origem.» No fim da comedia apparece como em epilogo a Princeza, e diz:

> Eu assentei aqui esta cidade;
> E eu sou Coimbra; vem de Celimena.
> Tomei por devisa aqueste *Leão*
> E aquesta *Serpente*, por que fui livrada;
> E o *Calix* do meio *he cousa errada*
> *Por que hade ser Torre* com sua prisão.
>
> (*Obras*, II, 136.)

Gil Vicente explicando o nome de Coimbra pelo da princeza Colimena, e do Mondego pelo do gigante Monderigon, que a queria raptar, segundo as etymologias de mythificação, reconhece que o que no seu tempo parecia um *Calix* é o vestigio de uma *Torre*. Tambem na *Fabula do Mondego*, tratando Sá de Miranda da origem do nome do rio, formando-o da agglutinação dos nomes da Nimpha *Munda* e do pastor *Diego*, que a perdeu prematuramente, allude ao monumento antigo da *Torre de Hercules*, na qual estava esculpido o primitivo e tradicional Brazão:

> Cuia venida ado aquella agua baña
> Los campos de Coimbra, *por nembranza*
> *Una alta Torre de Hercules* lo publica
> Como aquellas Colunas que la España
> De Africa parten en distancia chica.
>
> (*Poes.*, p. 268.)

Ainda no seculo XVII, no sermão prégado em Santa Cruz de Coimbra pelo lente de theologia Frei Luiz de Sá, na acclamação de D. João IV, allude: «que em todo o tempo as *Armas* desta real e sempre leal cidade *de Coimbra, arvoradas na sua Torre de Hercules*, qualificaram bem o grande valor e animo com que os moradores d'ella serviram...» E como se tratava da restauração de 1640, explica o Brazão allegoricamente: «Por que á primeira nova que nos chegou de nossa felicidade e restauração... não houve *Dama* que melhor rosto mostrasse que Coimbra, e no valor não ha n'ella cavalleiro que Hercules, seu fundador, não esteja parecendo no animo com que fica disposto contra o *Leão* de Castella por parte da *Serpente* de Portugal...» [1]

---

[1] Aproveitamos esta citação do artigo *O Brazão de Coimbra* do Dr. Simões de Castro. (*Instituto*, vol. XLII, p. 597.) N'este mesmo estudo traz a indicação das Armas de Coimbra em um sello de 1265, usado pela municipalidade, assim descripto por D. José de Christo (Ms. da Bibl. do Porto): «N'esta carta se vêem ainda hoje as Armas de Coimbra antigas, muito differentes das modernas, por que têm uma *Donzella* dos peitos para cima com sua corôa na cabeça, dos peitos para baixo está como comida, por que tem tres pontas a modo de campainhas, debaixo uma *Cobra*, que está com a cabeça mettida em uma cousa que parece *Vaso* (o *Calix* ou vestigio da *Torre?*), com dois escudos das Armas de Portugal de uma parte e outro da outra, junto dos hombros da figura, com esta letra que diz: *Sigillum consilii ciuitatis Colimbriae.*» Este mesmo sello apparece no Auto da acclamação de D. João I, nas Alcaçovas de Coimbra, em 6 de abril de 1385. (No mesmo numero do *Instituto* vem a gravura d'este sello.) No *Catalogo dos Bispos de Coimbra* de Pedro Alvares de Nogueira (ms. da Sé de Coimbra) vem a descripção das mesmas Armas com a modificação que

A obscuridade d'estes symbolos heraldicos prestava ás imaginações mil sentidos, segundo a intenção com que a *Serpente* e o *Leão* representavam já a prudencia e a valentia, como ainda o usou Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo em um epigramma latino, em 1648.

O interesse, porém, com que os dois poetas quinhentistas foram provocados a tratarem o mesmo assumpto do Brazão de Coimbra, teve origem n'aquella preoccupação dos eruditos da Renascença que attribuiam a origem das cidades a semideuses do polytheismo greco-romano e aos heroes foragidos da guerra de Troya, vindo essa ideia a preponderar no systema da historia propagado por Fr. Bernardo de Brito. [1] Na época em que a

---

se operou no seculo XVI: «Depois d'isto usaram de outras Armas, que eram um *Vaso* no qual se apparecia uma *Mulher* dos peitos para riba com uma corôa na cabeça. E ao pé do *Vaso* estava uma *Cobra*, que parece que andava... *Depois se mudaram estas Armas da maneira que vêmos:* por que pozeram n'este *Vaso* de uma parte uma *Serpente*, e da outra um *Leão;* a rasão d'estas mudanças deixamos aos curiosos.» Foram estas mudanças que suscitaram a imaginação de Gil Vicente e de Sá de Miranda, para explicarem o sentido d'esses symbolos conservados tradicionalmente. Ainda em 1895 escrevia o Dr. Simões de Castro: «Explicar o verdadeiro sentido dos emblemas de que se compõe tanto esse como o moderno Brazão, não o sabemos fazer.»

[1] O insigne patranheiro tambem explicou pelo seu processo o Brazão de Coimbra, sendo a *Donzella* a princeza Cindazunda, filha do rei dos Suevos Ermenerico, representado na *Serpente*, o qual tendo sido vencido por Ataces rei dos Alanos, figurado no *Leão*, fez as pazes offerecendo a mão da filha ao vencedor, vindo o *Calix* a significar o sacramento do matrimonio.

côrte se achava em Coimbra, em 1527, ainda não teria decahido o interesse com que se tratava desde o reinado de D. Manoel da reforma da heraldica nacional. Não admira que a *Torre* velha de Coimbra fosse explicada pelo humanista Sá de Miranda como uma *Torre de Hercules*, segundo as noticias das lendas heracleanas de Diodoro Siculo e Apollodoro. Para o poeta a *Torre* é semelhante ás Columnas do Abyla e Calpe, e allude tambem a outros monumentos antigos de Coimbra:

> Tras esta multiplica
> Otra i otra señal,
> Un arco triunfal
> Las grotas i edificios romanos
> Los luengos aqueductos ia mal sanos,
> Que la han de antiguedad enoblecida,
> Segun las nuestras manos
> A sus obras mal dan años de vida.
>
> (*Poesias*, p. 268.)

Vamos mostrar na explicação dos symbolos do Brazão de Coimbra dada por Sá de Miranda, que elle se aproximou do conto popular, ultimo vestigio da tradição de um culto chthoniano, que na *Fabula do Mondego* representa nos amores de uma Nimpha com o pastor Diego. Evidentemente a *Fabula do Mondego* foi escripta para competir com a comedia que representára Gil Vicente sobre a *Divisa de Coimbra*, e o poeta aproveitou o ensejo para offerecer a D. João III uma obra escripta no *dolce stil nuovo*. Diz na dedicatoria:

I viendo que *bajais vuestros oidos*
Por esa tan humana mansedumbre
Al canto pastoril ia hecho osado,
Quizá moveré mas hazia la cumbre
De aquel alto Parnaso, por olvido
I malos tiempos ia medio olvidado.

Sá de Miranda espalhou por toda esta composição um grande numero de reminiscencias da antiguidade classica, e aponta Virgilio como o verdadeiro guia:

El buen, el alabado
Titiro *mantuano*
Alzando el canto llano
Del campo, nos dejó sobrada escusa
D'irmos tras el, i aquella ufana musa
Quanto las fuerzas podran sostener,
Como vemos que se usa
Reconociendo al tiempo el su poder.

Apontando a fórma da canção IV de Petrarcha como a construcção rythmica seguida na *Fabula do Mondego*, explica D. Carolina Michaelis a rasão d'este titulo: «por que quiz seguir o exemplo de Poliziano na *Fabula de Orfeo*, como mais tarde fizeram Boscan na *Historia de Leandro y Hero*, Mendoza na *Fabula de Adonis e de Atalante*, Castillejos na *Fabula de Narciso*, Coloma na *Fabula de Orfeo*, Silvestre na *Historia dos amores de Daphne e Apollo*, etc., e como o proprio Miranda fez na mimosa *Fabula de Psyche*.» [1]

[1] *Poesias*, p. 817. No entrecho da *Fabula do Mondego*, intercala Sá de Miranda a *Fabula de Orfeo*, imitada directamente de Angelo Poliziano. Escreve D. Ca-

Foi em Coimbra que Sá de Miranda escreveu e recitou ao rei a *Fabula do Mondego*, pelas allusões locaes, ao tumulo de D. Affonso Henrique, ao Pendão da cidade, e por tanto foi isto em 1527, por que no fim d'este anno já encontramos a côrte em Lisboa, aonde Gil Vicente representa *A Não de Amores* á rainha D. Catherina. É por tanto a *Fabula do Mondego* a primeira composição importante com que Sá de Miranda inicia em Portugal a Eschola italiana. Determinada a nova fórma, vejamos como tratou o elemento tradicional da *Torre de Hercules*.

As chamadas *Columnas* ou *Torres de Hercules*, eram templos construidos por toda a extensão dos territorios que occuparam os colonisadores do littoral do Mediterraneo, desde as povoações massaliotas até ao Rhodano, que se foram confundindo com elementos phenicios e jonicos. D'aqui o syncretismo dos vestigios pre-historicos dos cultos chthonianos e hetairistas com o semitismo da épоca phenicia, com as lendas gregas de Hercules, e com a systematisação artificial d'essas lendas nos Trabalhos de Hercules e suas interpretações astronomicas. Não era possivel

---

rolina Michaelis: « Miranda teve á vista a *Fabula d'Orfeo* de Angelo Poliziano—com as *Metamorphoses* de Ovidio (x, 1-63) e as *Georgicas* de Virgilio (IV, 454-527). » Da *Fabula* impressa em 1494 e reproduzida em dezanove edições até 1524, accrescenta: « Foi ella de certo uma das joias da poesia italiana que Miranda trouxe das suas viagens, apezar de não citar nunca o nome de Angelo Poliziano. Não o imita servilmente; apenas algumas phrases se podem considerar traduzidas; etc. » (*Ibid.*, p. 818.)

aos espiritos da Renascença destrinçar estes diversos elementos da antiguidade, que elles viam através dos escriptores gregos. Hoje já se podem interpretar esses symbolos da *Torre*, da *Donzella* e da *Serpente* como vestigios de um culto primitivo inconscientemente conservados e por tantas fórmas explicados allegoricamente.

A construcção de *Torres* era attribuida por Strabão ás colonias massaliotas (para lhes servirem de pharóes, segundo o geographo) primeiro signal de occupação do territorio, erecto sempre ao lado de um templo á divindade feminina, dos cultos eneanos. Hercules, representando a colonisação phenicia, segundo Strabão levantou ou Columnas ou Torres nas duas margens do Rhodano, como o fizera anteriormente em Gades: «as Columnas ou Terminos, que precediam o templo de Diana, eram conjunctamente um emblema do poder viril e um signal de tomada de posse.» [1] As Columnas de Hercules foram designadas anteriormente Columnas de El *(Beith-El)*, o que nos transporta á sua origem e intenção religiosa semitica. A divindade feminina a *Dama* ou a Senhora ou a Mãe divina, era como Cybele ornada com uma corôa mural: «A *Torre* era o verdadeiro symbolo original da Mãe, e é a ella que a divindade deve o seu nome de *Mater turrigera* ou *Turrita*. Comtudo, ella não data, no seu desenvolvimento chthoniano, senão de uma

---

[1] Jules Baissac, *Les origines de la Religion*, t. II, p. 98.

época secundaria, a que se appensou o macho; por que é uma fórma amplificada da columna e do menhir, e por cima da caverna utero, como em Babylonia...» [1] Com relação ao symbolismo da caverna, ainda Sá de Miranda allude no verso: *Tantas las grutas* (Ed. 1614) e *Las grotas*, que eram consagradas á Mãe-universal, Anath. O Templo da Torre de Borsippa, tinha na base uma caverna ou gruta, que era o templo da esposa de Anu.

D'esta tradição de um culto primitivo veiu a evehmerisação em varias lendas como a de Hero na *Torre* de Sestos sobre a margem européa do Hellesponto, sacerdotisa de Cybele, por cujos amores morre Leandro; como a de Santa Martha e o mancebo que atravessa o Rhodano para ouvil-a e morre afogado. *Magdal-El* ou a Torre divina, desenvolve-se nas lendas eroticas de Magdalena. A este mesmo culto chthoniano da Europa pre-historica pertencem, e ainda persistem nos costumes, as *Serpentes* e *Dragões* symbolicos, restos das representações das cheias dos rios; [2] na antiga procissão de Corpus Christi representava-se a figuração da *Dama e do Drago*, ou a *Serpente* (a Tarrasca e outras variadissimas designações, nos costumes populares.) Na identificação do deus chthoniano com Hercules, pelos escriptores antigos, que systematisaram os seus Trabalhos sob a fórma do culto solar, serviram-se dos velhos symbolos, como a

---

[1] *Ibid.*, p. 108.
[2] *O Povo portuguez nos seus Costumes*, II, 162.

Torre ou o Vaso em que passava o Oceano, e o *Leão* de Nemêa e *Serpente* ou hydra de Lerna que elle subjugava, bem como a *Dama* ou Hebe com quem elle por fim se desposava, como designando a sua immortalidade. Foi n'esta phase syncretica de mythificação que a Renascença tomou conhecimento da antiguidade, confundindo mais os elementos poeticos primitivos, até ás interpretações astronomicas de Dupuis.

Sá de Miranda embora estivesse possuido do culto da antiguidade classica, na *Fabula do Mondego* aproxima-se dos elementos poeticos chthonianos; a Nimpha «*sin arreos, que aciende altos deseos*» estava junto de uma fonte, escondida por um bosque:

> La fuente mana de *una peña biva,*
> *Escondida* a pastores i al ganado.

É então, que Diego, «que bajava del monte fatigado» contempla essa figura encantadora e fica apaixonado por ella. E como a Nimpha se escondesse, exclama Diego:

> Quien me abrirá la tierra hasta su cientro,
> Que siempre vaia, i nunca vuelte atrás
> Por feo ò duro encuentro,
> Hasta que llegue a dar donde tu estás?

Como no desdobramento do mytho chthoniano na lenda de Hero morre o seu namorado Leandro, tambem Diego morre de tristeza por não conseguir tornar a vêr a appa-

rição d'aquella que: «Fuió, ai, *Diosa cierto, i no Donzella.*»

Terminando a *Fabula* com um epilogo ao rei, finalisa Sá de Miranda apartando as varias explicações do Brazão de Coimbra:

> Por grande prueva del antigo cuento
> Conforme a lo que os he, señor, contado,
> Parece de Coimbra en el pendon
> Qual lo vêmos al aire desplegado,
> La *Ninfa* a modo de un encantamiento,
> Que la guardan un *Drago* i un *Leon*.
> I por justo Blason
> Si el reino lo apregona
> Que es alli su corona,
> A la Ninfa *corona* fué anadida...

Sobre o conto popular de origem chthoniana, Sá de Miranda enxerta a allegoria da *Mater turrigera* ou do symbolo da corôa mural, significando a supremacia de Coimbra como corôa do reino. Resume por fim as outras tradições do syncretismo classico:

> Otros dan tal pintura a la *Donzella*
> Que nombre dió a los montes Perineos,
> De *Hercol* por amor despedazada;
> El cuerpo de alimañas, de deseos
> El alma, mientras busca i se querella
> I buscando lo a el, no teme nada.
> Otros, que fuese una *Hada*
> Quieren, medio *Serpente*
> Que el mismo en oriente
> De si incinta dejó: dejo lo *Vaso*
> Rico por que bevia...

Ha na *Fabula do Mondego* um elemento pessoal que lhe dá muito valor; com o nome

de Diego se representa muitas vezes o poeta nas suas Eclogas; a Nimpha que foge e desapparece para sempre era D. Isabel Freire, que no anno anterior partira para Hespanha. Ahi faz o parallelismo com Orfeo sem Eurydice, e esboça um quadro da desolação da natureza por esse desapparecimento.

Quando Sá de Miranda regressou a Portugal depois da longa viagem de cinco annos, a sua namorada D. Isabel Freire era levada para Madrid, no sequito da infanta D. Isabel, desposada de Carlos v. Em Madrid, apezar de celebrada tambem pelos versos de Garcilasso, D. Isabel Freire casou com um D. Antonio da Fonseca; não foi extranho este golpe a Sá de Miranda, glosando *aquelle cantar velho:*

En toda la trasmontana
Nunca vi cosa mejor
Que era *la esposa de Anton,*
Vaquerizo de Morana.

Não será subtileza de exegese, mas as duas seguintes estrophes pintam uma dolorosa realidade:

N'aquelle *longo desterro*
Que eu por vontade segui,
(Quer fosse rezão, quer erro,
Quis o coração assi),
Vi ũa visão estranha,
(Ás vezes cuido que não)
Fosse verdade ou visão,
Pareceu-me ella serrana.

. . . .
Olhos que taes olhos vistes,
Vivei bem aventurados,
E porém, ouvidos tristes,
Pera tanto mal guardados,
Que é isto que assi engana
E assi despreza a rezão?
Que *sospira por Anton*
Quem não tem nada de humana. [1]

Depois d'isto comprehende-se a glosa d'aquelle «*Cantar velho: Dona bella*» ou como diz a rubrica da edição de 1595, (fl. 157, v.): «*Aquella cantiga velha: Dona bella mal maridada*»:

La gracia i desemboltura
Todo se es mudado en llanto,
Suerte tan presto mudada
Tan imbidiosa de si!
Donzella ditosa ansi,
I dueña tan desdichada.

No sé que me diga, o a quien
Culpemos en mal tamaño?
No se ajunta tanto bien
Si no pera tanto daño.
En todo tan acabada,
(Dije io luego que os vi)
No nacistes vos ansi
Pera ser bien empleada. [2]

Ás damas que acompanharam para Castella a imperatriz, e que por lá tomaram ou-

---

[1] *Poesias*, p. 43.
[2] *Poesias*, p. 50.

tros amores tambem allude Gil Vicente, na tragicomedia *Náo de Amores*, de 1527:

> D. Francisco Lobo diz...
> Não sei, esta seria ella—
> Já sei; diz que *a Imperatriz*
> *Lhe levou pera Castella*—
> Não sei—será Beatriz?
> Nome de mulher era ella;
> E elle queria-lhe bem,
> E elle samicas não na tem,
> *E ella* samicas *já*
> *Terá lá querença a alguem.*
>
> . . . .
>
> Como lhe vem amores novos
> Logo fazem outra banda.
>
> (*Obr.*, II, 320.)

No Auto ou tragicomedia pastoril da *Serra da Estrella*, representado em Coimbra em 1527, por occasião do parto da rainha D. Catherina, (15 de outubro) [1] ainda allude Gil Vicente á partida de D. Isabel, noiva de Carlos V, para Castella, nascendo para substituil-a a infanta D. Maria:

[1] Lê-se na rubrica d'esta tragicomedia: «feita e representada ao muito poderoso e catholico Rei D. João, o terceiro d'este nome em Portugal, ao parto da Serenissima e mui alta Rainha D. Catherina nossa Senhora, e nacimento da illustrissima Iffanta D. Maria, que depois foi Princeza de Castella, *na cidade de Coimbra*, na éra do Senhor de 1527.» (*Obr.*, t. II, p. 420.)

Sendo a Rainha tamanha,
Veiu cá á Serra embora
Parir na nossa montanha
Outra Princeza de Hespanha
Como lhe démos agora:
Hũa rosa imperial
Como a mui alta Isabel...

N'esta magnifica composição appresenta Gil Vicente as chacotas e bailados da Beira, com mimosos trechos das serranilhas populares. Foi depois d'esta representação, que ao recolher-se a casa, em Santarem, o roubaram os almocreves castelhanos, os quaes por favor concedido pela rainha D. Catherina, levavam o que muito bem queriam pelos fretes. No fim d'este anno de 1527 achamos a côrte em Lisboa, como o indica a data e logar da representação de outra tragicomedia da *Náo de Amores*. Sá de Miranda não podia abandonar o favor que encontrava junto de D. João III; na Universidade de Lisboa seu irmão Mem de Sá seguia o curso de Leis brilhantemente, e era para o poeta um constante amigo. É n'este regresso á côrte de Lisboa que Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro se tornam a encontrar reatando a antiga intimidade. Os dois poetas estavam feridos nos seus amores; o que soffria Sá de Miranda com a partida de D. Isabel Freire para Madrid está definido nas queixas do pastor Diego no desapparecimento da mysteriosa Nimpha, e mais ainda quando soube que *Celia* casára com quem a não merecia, ou como escreveu o poeta Garcilasso: «*por que se casó con un hombre fuera de su condicion.*» A situação moral de Bernardim Ribeiro era

mais desesperada e violenta; a mesma dôr aproximou os dois poetas. Sá de Miranda ainda podia achar um balsamo nas meditações da philosophia moral, mas Bernardim Ribeiro era um naufrago da vida. A catastrophe amorosa do sonhador da *Menina e Moça* recebeu uma grande luz dos documentos historicos e genealogicos [1] recentemente descobertos, e com essa luz penetra-se o sentido intimo da Ecloga *Aleixo*, na qual Sá de Miranda conta a desgraça dos amores de Bernardim Ribeiro. Depois da *Fabula do Mondego*, é a Ecloga *Aleixo* a nova composição em que prosegue na implantação dos metros italianos; por ella se vê que tambem Bernardim Ribeiro tentára esse novo estylo, o que condiz com algumas poesias em metro endecasyllabo que lhe são attribuidas. Além da importancia litteraria d'esta Ecloga, o biographo anonymo de Sá de Miranda chamára para ella a attenção dos criticos, apontando-a como causa do ostracismo da côrte a que Sá de Miranda se condemnára. Escreve D. Gonçalo Coutinho a proposito dos que se resentiram das allusões do poeta: «sentindo como *injurias particulares* a detestaçam que os judiciosos e discursivos fazem dos vicios em geral.» E restringe-se ao facto concreto: «por que, ainda que o nosso Poeta podera ser em seu modo maior que a enveja, (como Quinto Curcio diz que o foy Alexandre no seu) nam quiz ella perdoar-lhe, concitando em seu dano

1 Trata-se este ponto na nova edição de *Bernardim Ribeiro*.

hũa pessoa muito poderosa d'aquella éra, em desprazer de quem se interpretava mal pela mesma enveja, hum logar da sua Egloga *Aleyxo...»* [1]

Quando lêmos esta Ecloga sem lhe ter alcançado o sentido historico, pareceu-nos fria e sem interesse; quando encontrámos n'ella a confirmação de factos revelados pelos documentos biographicos de Bernardim Ribeiro é que conseguimos comprehender o seu vivissimo drama psychologico: a loucura de Bernardim Ribeiro depois do desastre dos amores com sua prima D. Joanna Tavares Za-

---

[1] Quando iniciámos os estudos sobre Sá de Miranda, lêmos attentamente esta Ecloga e não penetrámos então as referencias pessoaes n'ella implicitas; e como o biographo anonymo affirmava por tradição dos contemporaneos, que em todas as outras mais composições de Sá de Miranda havia allusões a casos particulares que succederam na côrte, e foram para o poeta graves as consequencias da interpretação de uma Ecloga sua, localisámos na que se intitula *Andres* todo o exame, parecendo-nos pela importancia dos factos ahi alludidos, que só essa justificava os resentimentos apontados pelo biographo anonymo. Mas por ser verdadeira a nossa interpretação da Ecloga *Andres*, nem por isso deixava a Ecloga *Aleixo* de ser aquella que especialmente produzira um certo alarme na côrte: «concitando em seu dano hũa pessoa muito poderosa d'aquella éra, em desprazer de quem se interpretava mal...» Insistindo sobre este ponto, a senhora D. Carolina Michaelis, na annotação d'esta Ecloga *Aleixo* penetrou o sentido mysterioso, que, por falta então de documentos historicos, appresentou como hypothese: «O facto de não se conhecer o fio da intriga palaciana que foi o thema da Ecloga *Aleixo,* não auctorisa ninguem a dar, sem mais nem menos, como falsas as explicações supracitadas de D. Gonçalo Coitinho.— Não sabemos rasgar o véo das allusões: offerecemos

galo. Foi então que soubemos avaliar as palavras do biographo anonymo de Sá de Miranda, ácerca do sentido das suas poesias: «compos... todas ou as mais dellas sobre casos particulares que succederam na côrte em seu tempo, introduzindo pessoas conhecidas d'aquelles que então vivião, de que ainda temos algumas tradições e vestigios derivados a nós dos contemporaneos que o venceram em dias...» Vêmos portanto d'aqui que é de força lêr as poesias do venerando quinhentista procurando o commentario ou a intelligencia d'ellas nos successos coévos; e como

---

porém uma hypothese que talvez se confirme mais tarde por algum documento coévo: A scena fatal parece-nos ser entre Antão e João Pastor, (str. 46-62), a unica que contem allusões pessoaes, a unica que nos cita um nome que nos póde servir de indicio. Este nome *Ribero* reapparece varias vezes n'esta e n'outras poesias de Miranda, e por algumas variantes que especialisam *Ribero* como *amigo de Torrão* se conhece claramente que o poeta designa com o tal nome de *Ribero* o seu amigo Bernardim, o saudoso auctor da *Menina e Moça.*» (*Poes.*, p. 765.) Cita ainda uma sigla marginal manuscripta, em letras do seculo XVII, junto da str. 49, no exemplar da segunda edição, da Bibliotheca da Ajuda: «Um acaso favoreceu-nos com a solução provavel do enigma.» A nota junto do verso: *De aquel gran pino*, diz com todo o laconismo: «*inde a occasião do sentimento dos Attaides.*»

Está pois achada a interpretação definitiva da Ecloga *Aleixo;* recentes descobertas de documentos historicos tiram-lhe o caracter de hypothese, dando-lhe o relevo da mais viva realidade. As explicações porém que D. Carolina Michaelis apresenta sobre as relações dos dois poetas e dados biographicos sobre Bernardim Ribeiro é que não subsistem deante dos documentos achados.

diz em seguimento da transcripção supra, D. Gonçalo Coitinho: «se houvera algum que fizera hũa annotaçam d'isto, por ventura que fôra bem agradavel historia, porque nam ficaramos só pendentes cada hum de seu juizo na especulaçam d'estas cousas, ainda que o engenho e arteficio poetico com que as elle dispoz he bastante materia pera occupar e deleitar toda a curiosidade...»

A Ecloga *Aleixo* foi das primeiras composições com que Sá de Miranda iniciou a Eschola italiana, como o declara mais tarde na Epistola dedicatoria a Antonio Pereira, senhor de Basto:

> Estas nuestras zampoñas, *las primeras*
> *Que por aqui cantaran,* bien ó mal
> Como pudieran, *rimas estranjeras*
> Envialas el nuestro maioral
> Que a vêr os vengan en todas maneras...

As seis outavas de dedicatoria, só se encontram na edição de 1614 (fl. 77, v.) e no Ms. Juromenha; tanto pela circumstancia de não apparecerem no manuscripto mandado ao princepe D. João, como pela allusão ao facto do desastre de Africa de 1553, conclue D. Carolina que foram escriptas por este tempo. Por que se lembrou Sá de Miranda de offerecer por este tempo a Antonio Pereira, em um regosijo de familia, a Ecloga *Aleixo*, com a historia dos tragicos amores de Bernardim Ribeiro? É por que em 1552 Bernardim Ribeiro fallecera louco no Hospi-

tal de Todos os Santos.[1] Na estrophe ultima da dedicatoria accentúa o facto:

> Entrar-se-ha aqui un zagal *muerto d'amores*
> Sin que el lo sepa bien. Mas no os turbeis,
> Que a mas ha succedido que a pastores.
> Nunca de Amor, ni con Amor burleis;
> Quando no lo pensais, se alza a maiores,
> Desobligado de todas las leis.
> No ha hi caso tan dudoso i incierto a ser
> Que aiudado de Amor no se haga crêr.
>
> (*Poes.*, p. 454.)

Qual seria a época em que Sá de Miranda compoz propriamente a Ecloga *Aleixo?* Pela redacção do Ms. Juromenha póde fixar-se essa data; ahi se allude a uma época capital:

> Pienso que ha *diez i nueve años.*
> Quien del tiempo no se vela,
> Como vuela.
>
> (*Poes.*, p. 690.)

Nas poesias do *Cancioneiro* de Resende escriptas o mais tardar por 1513, já ahi nos apparece Bernardim Ribeiro apaixonado, e confidenciando com Sá de Miranda. Fixando ahi o começo conhecido dos seus amores, pela referencia á loucura vem a Ecloga a determinar-se em 1532.

---

[1] O mesmo processo usou Sá de Miranda dedicando ao infante D. Luiz a Ecloga *Celia*, em 1536, celebrando n'ella a morte de D. Isabel Freire.

Vamos resumir em poucas linhas os dados biographicos de Bernardim Ribeiro, segundo o estado actual das investigações, para bem se comprehender todas as particularidades da Ecloga *Aleixo*. O pae de Bernardim Ribeiro era recebedor das rendas da casa do duque de Vizeu, quando este foi assassinado por seu cunhado o rei D. João II; por esta circumstancia, como suspeito na conspiração fugiu Damião Ribeiro para Castella em 1484, até aonde o foi perseguir o odio do terrivel monarcha. Sua mulher D. Joanna Dias Zagalo, com dois filhos, Bernardim, de dois annos de edade, e uma menina, recolheu-se em casa de seus primos D. Ignez Alvares Zagalo e o desembargador Antonio Alvares Zagalo, na quinta dos Lobos em Cintra. Pelo fallecimento de D. João II, o rei D. Manoel favoreceu as familias perseguidas; Bernardim Ribeiro, já com treze annos de edade, saíu do azylo em que estava refugiado. D. Ignez Alvares, prima de sua mãe, casou em Extremoz com um rico proprietario, Sancho Tavares, de quem houve varios filhos e entre estes D. Joanna Tavares (a *Aonia*, da novella, a *Joanna* das Eclogas) prima e namorada de Bernardim. Em 1504 foi D. Ignez Alvares chamada para os paços da Ribeira para ama da infanta D. Beatriz; por sua influencia fez o rei D. Manoel doação a Bernardim Ribeiro das Terras e Azenha de Ferreiros, em 1505, por ventura para seguir os estudos na Universidade de Lisboa. Nas matriculas de 1506 a 1512 encontra-se o seu nome; e depois da formatura, em 1513, frequentou a côrte, como se vê pelas poesias do *Cancioneiro* de Resen-

de, de 1516. O que era essa paixão por *Aonia* dizem-no pela fórma a mais eloquente as Eclogas em que descreveu o seu amor. Nos manuscriptos genealogicos dos Zagalos, fallando-se de D. Joanna Tavares Zagalo, lê-se: «ha noticias de se ter apaixonado por um seu parente, e de ter sido por interesses de familia obrigada a casar com Pero Gato... que falleceu pouco tempo depois do seu casamento, e que essa morte fôra violenta.» Aqui está o terrivel drama com todo o laconismo. Sabe-se por uma carta de D. Ignez Alvares, datada de 15 de agosto de 1522, que sua filha D. Joanna Tavares, já viuva, entrára para o convento de Extremoz, e que ahi soffria por fórma que ella carecia de quatro pessoas para a segurarem. Até esta data de 1522 se passaram os amores do poeta, o casamento da sua namorada com Pero Gato, a morte violenta d'este, e a entrada da formosa viuva para o convento de Extremoz. De Bernardim Ribeiro ha um desconhecimento completo de 1516 a 1524, em que por carta de 23 de setembro torna a apparecer na côrte nomeado escrivão da camara de D. João III, pelo seu *saber, e pratica e ensino que tem.*

Quando Sá de Miranda tornou a conviver com Bernardim Ribeiro em 1527, tinha-se dado a fatalidade, que deixamos esboçada. Ainda o quiz chamar para a idealisação poetica, interessando-o pelo gosto dos metros italianos. Bernardim ainda quiz comprazer com o velho amigo fazendo alguns ensaios, mas a rasão profundamente abalada perturbou-se, vindo depois de uma longa doença a acabar em uma cellula do Hospital de Todos os

Santos.[1] Agora se poderá penetrar o sentido da Ecloga *Aleixo*, em que se representa com delicado sentimento a parte mais dolorosa d'este quadro.

Começa pelo apparecimento do joven pastor *Aleixo*, que vem desvairado:

Dias ha que no me entiendo,
No percundo este mal mio!
Al sol muero-me de frio.
A la sombra estoi me ardiendo!
En ninguna parte atiendo
Que pueda pensar que fuese?
Como si de otren fuiese
Assi de mi voi fuiendo

. . . .

Mas vamos a lo peor,
(No sé que se me afigura)
Quizá *puede ser locura*,
Quizá *puede ser amor*.

E depois de cantar uma cantiga do tempo d'esses amores felizes, allude áquella com quem fôra creado desde a meninice como quasi irmão:

Si aqui estuviera mi hermana
—*Que me la llevó su esposo*—
Con ella huviera reposo
Esta mi cuita villana
Que tantas vezes liviana
Me altera i muda tan presto,
De la mañana al sol puesto,
Del sol puesto a la mañana.

---

[1] Vid. o opusculo *Bernardim Ribeiro*, pelo visconde de Sanches de Baena. Lisboa, 1895.

Quantas vezes me dezia:
No me parece mi hermano,
Que es hablar cosa de sano
Tanto desto noche i dia. [1]

É n'esta situação que o desolado *Aleixo* se deita na revolvida relva, quasi occulto ao pé de uma fonte; á busca d'elle vem o velho pastor *Sancho*, cansado das suas inuteis pesquizas, e revela este traço intimo:

Buen descanso me fue dado
Del mi hado!
Ochenta annos, quando menos
Mal con hijos que he engendrado,
Mal con los hijos ajenos.

Parece uma allusão clara a Sancho Tavares, á situação de sua filha D. Joanna, e tambem á de Bernardim, creado de pequenino em

---

[1] No Ms. Juromenha as Variantes d'esta Ecloga são tão importantes, que a illustre editora D. Carolina Michaelis imprimiu-a integralmente (p. 686 a 706.) Depois da estrophe: Si aqui estuviera mi hermana— segue-se:

No turan las cosas, no!
Llevaron la lejos tierra!
Por el valle i por la sierra
Todo se me escureció;
El corazon me caió,
Soncas, en tal desemparo
Que a pensár ratos mi paro
Si soi o si no soi io.

sua casa como filho. E mesmo que se tome a edade dos *outenta annos* do velho pastor Sancho como uma realidade, dava-nos Sancho Tavares como nascido em 1452, o que condiz com a edade de qualquer das pessoas que accolheram Bernardim Ribeiro na infancia. Depois descreve como fôra abandonado em criança, e o recolheu em casa: I isto ha sus *diez i nueve años.* — Encarece o seu talento precoce:

Veis que a maiores alcanza
En crianza
En saber i ser lozano.
Ai! de una vana esperanza
Al fin que queda en la mano?

Era locura pensar
Cosas que aun niño dezia.
Despues *cantava i tañia*
El caramillo sin par... (p. 107.)

Hablar de otro no sabia;
De *dos hermanas* contava,
Con que sabor escuchava
Quanto de ellas me dizia.
Era como a la porfia!
De ellas siempre ella contando,
Io no sabia escuchando
Si era noche o si era dia. (p. 687.)

Pelas genealogias sabe-se que D. Joanna Tavares teve duas irmãs, D. Isabel Tavares (a *Belisa,* da *Menina e Moça*) e D. Maria Tavares (*Arima,* da novella?) que casou com João Rodrigues de Lucena, poeta do *Cancioneiro* de Resende. Em uma variante, em vez de *dos hermanas,* Sá de Miranda escreve: «Certas *zagalas*...» (p. 104.)

. . . .

. . . aora ia medio loco
Del ganado descuidó
I aun de si le cale poco.

E em quanto o velho pastor Sancho vae gritando e chamando pelo zagal que vaga perdido, na fonte junto da qual Aleixo se recostára cansado apparece uma *Ninfa de la Fuente*, uma visão como imagem de D. Joanna Zagalo, fallando dos seus amores:

Duerme el hermoso donzel,
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dió
Mi alma se dió a el.

. . . .

Tornar-se-ha por su camino
El mozo como despierte.
Que haras tu? Que es la tu suerte
Estar-te aqui de contino.

. . . .

Agora que más pensé,
Es me otra cuita mortal:
Podiera sufrir mi mal,
El suio como poderé?

Aleixo acorda ao canto da Nimpha da Fonte, que deixou as aguas encantadas, e exclama, como com vagas recordações:

He dormido. Ora que atiendo?
Quiero pasar la montaña:
Quiza en la parte estraña
Me estará el bien atendiendo.

Segundo a tradição, Bernardim Ribeiro saíu de Portugal e foi a Saboya; de facto ali estava D. Ignez Alvares Zagalo, ama da infanta D. Beatriz, e mãe de D. Joanna Tavares. Seria por tanto de 1521 a 1524, que o poeta estaria ausente de Portugal.

Si es quiza que si me alejo
De aqui que me irá mejor?
En cortesia de amor
I de ventura lo dejo. (p. 114.)

. . . .

Que el corazon se me encierra
I no quiere oir consejos,
Adios mi tierra i mis viejos,
Gran mal de vos me destierra.
Si muriere en otra tierra,
Aqui los huesos me traian!
Que mundos piensas que vaian
Allá tras aquella sierra?

Por despedida bebe da Fonte que está encantada, e fica transportado dos seus effeitos:

No veo al monte salida;
La vista se me esvanece...

Na variante do Ms. Juromenha vem esta bella representação subjectiva da Fonte:

Matar me he la sed de nuevo
(Nunca tal tuve qual tengo)
Con que secura a ti vengo,
Fuente que en mi alma llevo!

(*Poes.*, p. 693.)

Depois que o pastor parte desvairado, como na successão de uma scena representavel, vêm dois novos personagens, Anton e Juan pastor; este diz:

No sé como no llorava.
Sabes por que sospirava?
Por que aqui cantó *Ribero*,
Aqui nuestro amo escuchava,
Rodeavan lo pastores,
Colgados de la su boca,
Cantando el los sus amores.
Gente de firmeza poca
Que le dió tantos loores,
I aora ge los apoca!

Anton, além das tristezas por vêr Bernardim Ribeiro amesquinhado por aquelles que outr'ora tanto o louvaram, considera os symptomas de profunda decadencia em que a sua terra vae a abysmar-se, devidos á influencia de um grande favorito:

I a que se pueden alzar
Ia los ojos sin dolor?
Ni a que se pueden bajar
Donde los pornas enjutos?
Adelante, o cara atras?
Las tierras niegan sus frutos:
El sembrar es por demas,
Los aires andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.

De aquel gran pino á la sombra
Ia ves quanto que ensanchó!
Que el prado i zarzas cobrió
I los vezinos asombra. [1]

---

[1] Falta no Ms. Juromenha, o que revela um intuito; nas edições de 1595 e 1614 traz a variante:

Foi á margem do verso: *De aquel gran pino* á la sombra, — que D. Carolina Michaelis encontrou a sigla: *inde a occasião do sentimento dos Athaydes*, em letra do seculo XVII, a fl. 83, v., do exemplar das *Obras* de Sá de Miranda de 1614 pertencente á Bibliotheca da Ajuda. [1] A eximia editora do texto critico de Sá de Miranda comprehendeu o alcance d'esta descoberta para a «solução provavel do enigma» apontado na Ecloga *Aleixo* como causa do ostracismo de Sá de Miranda; escreve o biographo anonymo: «concitando em seu dano hũa *pessoa muito poderosa d'aquella éra*...» De facto, segundo a sigla manuscripta, *o sentimento dos Athaydes*, significa o odio da familia do conde da Castanheira, o omnipotente valido de D. João III e seu védor da fazenda, cargo que exerceu sempre com favoritismo durante vinte outo annos. Entre as causas de tão extraordinario valimento junto do monarcha lê-se nos manuscriptos genealogicos: «El rei D. João III sendo mancebo foi amigo de mulheres, e seu grande privado um D. Antonio de Athayde, que o servia de alcoviteiro, e dizem que por seu consentimento lhe tocava El rei na mulher, que era formosa; depois o fez conde da Castanheira de juro, o qual foi filho de D. Al-

---

A *la sombra de aquel pino*
Que *a tal dicha se plantó*
No lia por mucho, no,
Que tido el campo vezino,
De la su rama asombró.

[1] *Poesias*, p. 766.

varo de Athayde, que foi um dos tredos das traições de D. João II. Assim D. Antonio, conde da Castanheira, foi muito aborrecido de todos por que com sua privança fez mal a muitos.» [1] É certo que aquelles mancebos que na côrte por occasião do terceiro casamento do rei D. Manoel, manifestaram a sua sympathia pelo principe, e foram d'este afastados, como Martim Affonso de Sousa, D. Luiz da Silveira, Sá de Miranda, quando D. João III começou a reinar foram sympathicamente accolhidos; mas o valido D. Antonio de Athayde tratou de os affastar por todos os modos da convivencia do monarcha; D. Luiz da Silveira teve de recolher-se philosophicamente á sua casa da Sortelha, Martim Affonso de Sousa foi systematicamente encarregado de longinquas expedições maritimas nas costas do Brazil e India em 1530 e 1534, e Sá de Miranda foi contemplado com uma commenda muito longe da côrte por este mesmo tempo. Pela indicação *inde* junto do verso: *De aquel gran pino*, vê-se que segundo a tradição quasi coéva, era aquella passagem allusiva ao conde da Castanheira, o individuo «em desprazer de quem *se interpretava mal* polla mesma enveja hum logar da sua Ecloga de *Aleyxo*...» como escreve o biographo anonymo. Por uma leitura desprevenida, em qualquer das redacções da citada estrophe, vê-se que as desgraças do paiz eram produzidas por uma grande arvore, que com *tal dicha se plantou*, que ensom-

[1] *Ms.* 445 da Bibl. do Porto; (sem paginação.)

bra com a sua ramagem os campos dos visinhos e os esterilisa. Era assim, apenas um remoque ao clamoroso favoritismo de D. Antonio de Athayde; mas havia ainda uma interpretação maligna, e de tal natureza que Sá de Miranda, segundo o biographo anonymo: «sentindo — *nem querendo declarar-se melhor*» — preferiu abandonar a vida da côrte. Em 1531 estava D. João III na mais ferrenha exaltação fanatica para fundar em Portugal a Inquisição, para perseguir implacavelmente os christãos-novos, que regressavam ao judaismo; n'este tempo dizer que alguem *tinha raça* de judeu (que se apurava por meio, quarto e sexto de christão novo) era o stigma mais destructivo que se podia atirar contra um individuo.

A interpretação malevola do *Gran pino* era nada menos do que a imputação de que o conde da Castanheira tinha sangue judeu na familia. Uma Satyra pungente, conhecida pelo titulo de *Trovas da Maria Pinheira*, correu por esse tempo na côrte, e repetiram-se na tradição reservada as seguintes quadras:

Mestre João sacerdote
De Barcellos natural,
Houve de uma moura tal
Hum filho de boa sorte.

Pero Esteves se chamou,
Honradamente vivia;
Por amores se *casou*
Com uma formosa judia.

D'este (pois nada se esconde)
Nasceu *Maria Pinheira*,
Mãe da mãe d'aquelle conde
Que é *conde da Castanheira*.

(Str. 53 a 55.)

Na versão que conservou D. Manoel Caetano de Sousa, vem: — E sua avó verdadeira, — em vez do verso que nas suas *Memorias ineditas* traz Diogo de Paiva de Andrade: — Que é *conde da Castanheira*. Por estas differenças de lição, deve attribuir-se a primeira a uma época em que D. Antonio de Athayde ainda não era conde da Castanheira, isto é, antes de 1532. A referencia directa ao conde na segunda variante é já uma reincidencia de acclaração ulterior ao que já estava escripto. Na propria Satyra da *Maria Pinheira*, vem topicos para se inferir a sua data, como a attribuição do casamento da infanta D. Isabel em 1526 e o abandono de Safi e Azamor aos mouros em 1524, e seguidamente a perda de Arzilla, tudo por conselho do omnipotente valido:

Por seu conselho casou
A princeza em Castella,
Vêde como Deus livrou
Este vosso reino d'ella.

Por seu conselho deixastes
Quatro lugares aos mouros;
Verdade é que poupastes
Com isso grandes thezouros. (Str. 48-49.)

A data da Satyra da *Maria Pinheira* coincide com a que se fixa para o conhecimento

da Ecloga *Aleixo;* segundo D. Carolina Michaelis: «a Egloga *Alexo* é a primeira em data; foi composta... talvez pouco antes ou pouco depois da creação do condado da Castanheira (1532) e motivou, por incluir a defeza de Bernardim Ribeiro, a ira do poderoso e orgulhosissimo valido, obrigando o auctor a sahir da côrte.» [1] É para notar, que o nome de *Maria Pinheira* apparece nas genealogias no seculo XVI, quando se quer deslustrar com *raça* judaica uma familia; segundo Fr. Bernardo de Brito o pae de *Maria Pinheira* era o Dr. Pero Esteves de Sá, sobrinho da avó de Sá de Miranda. [2] Seria a allusão a parentescos entre Sás e Athaydes, que acordou a malquerença do conde da Castanheira? Tambem quando se queria hostilisar um homem de letras, no seculo XVI, davam-no por auctor das *Trovas da Maria Pinheira.* Sabe-se pelo processo da Inquisição contra Damião de Góes, que elle veiu a Portugal em 1533 para ser occupado como thezoureiro da Casa da India; bastou esta circumstancia para lhe imputarem a composição da *Satyra da Maria Pinheira,* de que elle obteve uma cópia, [3] e tambem o rancor dos Castanheiras.

Apparecendo a Ecloga de Sá de Miranda quasi simultanea com as *Trovas da Maria*

---

[1] *Poesias,* p. 766.

[2] Vid. supra, p. 8.

[3] Tudo quanto dizem Diogo de Paiva de Andrade e D. Manoel Caetano de Sousa ácerca de ser Damião de Góes auctor da Satyra é sem fundamento. A Satyra só chegou ao conhecimento de D. João III muito tarde, depois de successivas remodelações, em 1554; lê-se

Pinheira é natural que interpretassem uma pela outra. E tratando na Ecloga da desgraça da loucura de Bernardim Ribeiro, pôde Sá de Miranda susceptibilisar o valido ou *o sentimento dos Athaydes?* Só se por esse tempo se attribuiu a Bernardim Ribeiro a composição da Satyra, que é, contra a opinião de Camillo, de grande valor litterario.

Continúa Juan pastor deixando as cousas em que vê tão rapidas mudanças, e volvendo á situação de *Ribero:*

> Mas las quejas a de parte
> A lo que mandas, vengamos,
> *Al cantar que aqui cantámos*
> *Fue* (sabes) *de estraña parte*
> *Donde en tiempo ambos andamos.*
> I dir te he como pasó;
> *Acertó se que io tañese*
> *Aquel modo,* i el cantó;
> Rogó que me respondiese.

Vê-se que Sá de Miranda allude aqui, que tendo elle e o seu amigo Bernardim Ribeiro visitado a Italia (este a Saboya, segundo a tradição) incitou o bucolista a imitar o lyrismo italiano, e que elle o tentára. Nas variantes de 1595 refere-se ao paiz extranho:

---

na strophe 25 a referencia ao tempo em que estava o Castanheira no favoritismo:

> Té quando, pois durará,
> Senhor, tão cruel engano,
> Sortido em tanto dano
> *Trinta e trez annos ha!*

Donde anduvimos, entr'amos.
Io llevava el descante
El se entonava primero
Con el su triste semblante
Al modo i son estranjero.

N'esta variante é mais explicita a situação: Bernardim Ribeiro já regressára á côrte (despacho de 1524) e com *semblante triste*, conheceu o ensaio primeiro tentado por Sá de Miranda na *Fabula do Mondego* em 1527, seguindo-o n'esse metro endecasyllabico. Vê-se pois que Bernardim Ribeiro fez algumas tentativas no inicio da Eschola italiana; escreve D. Carolina Michaelis: «Miranda affirma que Bernardim andou por terras extranhas e attribue-lhe composições no estylo da eschola nova, em endecasyllabos.» [1] Existem composições de Bernardim Ribeiro n'este genero, que ficam authenticadas por Sá de Miranda. Na Ecloga *Aleixo*, os pastores Anton e Juan, cantam uma canção *como si Ribero fuese;* é um trecho vivamente sentido, e no qual ha o artificio trobadoresco de *lexapren* á moda galleziana, ou *cap caudada* á maneira provençalesca, d'onde passou para a poetica italiana, [2] consistindo na repetição do ultimo verso de uma estrophe no começo da

[1] *Poesias*, p. 770; recommenda o exame da Canção conservada por Faria e Sousa (apud Juromenha, ed. de Camões, t. III, 418 e 439) e as duas Eclogas que vêm com as iniciaes D. B. R. *(De Bernardim Ribeiro)* nos Ineditos de Caminha, vol. II, p. 107 e 207.

[2] A eximia editora das *Poesias* (p. 771) considera este artificio imitado de Sanazzaro, na Ecloga II, 19.

immediata, tambem frequente na improvisação popular. Mas os versos d'essa intercalação de endecasyllabos são pungentes, e relatam as particularidades do amor de Bernardim Ribeiro, tendo sua prima D. Joanna Tavares Zagalo casado com outro. Vamos transcrever alguns trechos, que lidos a esta nova luz são de uma belleza que compunge:

Zagala, aunque estés toda embevida
En amar un zagal que bien ha luchado,
Pero io que ansi soi desechado
Tu siempre eres mi muerte, tu la vida.

. . . .

Zagala, bien que el tormento se agrave
A tuerto otro zagal vendo delante,
No por que mejor baile ó mejor cante,
Tu la mi prision eres, tu la llave.

Cada ora mas se aleja
De mi mucho cruel. Quien lo desmiente?
Ah que lo saben todos! quien ganó
El precio de la lucha, ese perdió!
Enemigo señor que tal consiente!

Enemigo cruel que tal consiente
Mas antes favorece tal maldad,
Todo se rije por la voluntad;
Si esto alguna ora fue es lo al presente;
Un pastor inocente
La sampoña tañia en regla estrecha
Del tañer afinado i ansi cantava;
Plugo mas un zagal que alto silvava!
Ved razon entre Amor quanto aprovecha.

(*Poes.*, p. 695-6.)

Ha com certeza uma intenção n'este nome de *Zagala* dado á namorada de Ribero; aquelle que a levou sem merecimentos *(a tuerto)* era Pero Gato, filho do Contador de Çafim, Nuno Gato, cavalleiro da casa real; e aquelle retrato do inimigo senhor que tal consente, bem se parece com o do omnipotente valido o conde da Castanheira. E interpretando assim a estrophe, como tendo a familia de D. Joanna Tavares Zagalo cedido á intervenção do valido védor da fazenda, e achando-se louco Bernardim Ribeiro em 1532, o descrever a sua situação desgraçada era provocar o *sentimento dos Athaydes.* Em uma das ultimas estrophes da Canção, vem ainda este traço:

> *Zagala* hermosa, pero fementida,
> Amor cruel te ha dado
> Enteramente todos sus poderes,
> Mas ingrata muger de las mugeres,
> Quien el alma llevó, lleve la vida.

Na Ecloga allude tambem Sá de Miranda ao regresso de Bernardim Ribeiro á côrte, e como isso acabou de perturbal-o:

> No se me acuerda mas
> Ni de mi ni de *Ribero.*
> *Amigo i buen compañero*
> Quan presto dejado me has!
> Bien pensé que mas despacio
> Duraria
> Nuestra dulce compañia.
> *Fue la tu muerte el palacio.* [1]

---

[1] *Poesias,* p. 697. Como Sá de Miranda refundiu muitas vezes os seus versos, assim alterou certos toques de realidade em muitos logares.

E em outra variante, Sá de Miranda confirma o aggravamento do seu mal: «*Mas en dar te a palaciego,*» por se ter deixado attrahir para a vida palaciana. (p. 123.)

A Ecloga anima-se com um certo interesse dramatico com a entrada do pastor Toribio, que estivera escutando aquelles novos cantares; Añton pergunta-lhe:

Como pareció te apunto
El cantar nuestro estranjero?

—Para mi cierto es sin par,
I aun para todos,
Son que *en esto de los modos*
Cada uno quiere juzgar.

Juan Pastor, que é o que iniciára o novo canto, reconhece que tem de luctar contra o uso da redondilha:

Andar contra la costumbre
Es nadar contra la vena.
Forzado es que se deslumbre
Aunque tenga buena leña,
I mas *en tierra do tanto*
El uso vale,
Si alguno del uso sale,
Encomiende se a buen santo.

A Juano Pastor (Sá de Miranda) responde Anton (talvez o *Natonio*, que apparece no *Crisfal*):

Alguno hado comezar!
Mas bien ó mal ia cantámos,
Tu tambien has de cantar,
Que unos de otros nos riamos.

E animando Toribio, intervem Juan Pastor, a quem elles chamam *el maestre*, referindo-se aos louvores dados a Garcilasso e a Boscan, e ás luctas da introducção da nova eschola, combatida com risos sardonicos:

Si muchos tales pastores
Huviese por la montaña
No *se irian los loores*
Todos pera tierra estraña.
Aqui buenos naturales
Suele haver
Mas vezes sin aprender
Nos dañan nuestros zagales.

A risa, mas que a pesar
No sé como defender-me
Que se quiera avantajar
El que duerme al que no duerme.
I despues medio dormiente
Como iaze,
Dezir: esto no me plaze,
Le es razon mui suficiente.

(*Poes.*, p. 131.)

Depois de Anton dizer, que Toribio—el que mas desea—*son los cantares estranjeros*,—relata Juan Pastor as suas viagens.

Con deseo de ver tierras
Huvo de pasar los puertos;
Puse me a las blancas sierras,
Rios del hielo cobiertos.
Alla que pastores vi!
Quan enseñados
A cantar versos rimados!
Que plazer que ende senti!

Vino un dia un viejo cano,
Convidamos lo a cantar,
Tomó la zampoña en mano,
Tocó, bolvió la a posar.
Todos, sobre todo io
Deseando
De oir mas, i porfiando,
El buen viejo asi cantó . . .

(*Poes.*, p. 134.)

Seguem-se quatro outavas endecasyllabicas, que no *Cancioneiro* de Luiz Franco tem a rubrica: « *Canção do velho. Em estancias a modo italiano.* » As duas estrophes acima citadas referem-se a que a sua viagem foi pelos Pyreneos, e no inverno; e allude aos poetas e humanistas, primeiramente o *bom velho* Sannazzaro, Bernardo Tasso, Ariosto, Trissino, Rucellai, Molza, Berni, Sadoleto, Bembo, Alamani, Aretino, Lactancio Tolommei, Guicciardini. Comprehende-se por que Sá de Miranda se encommodava tanto com os risos dos ineptos que se insurgiam contra as manifestações do *dolce stil nuovo* em Portugal, quando elles admiravam Garcilasso e Boscan em Hespanha. Parece referir-se a esses bellos dias de Roma, na estrophe:

Cantado que el *buen viejo* huvo,
Toda aquella nuestra gente
Como personaje estuvo,
Io tambien por consiguiente.
En fin que licencia toma
I adivino
Que era *pastor peregrino*
Que iva en romaria *a Roma.*

No meio d'esta scena sobre descantes passada entre os trez pastores, surge de repente Pelaio, espantado:

> Que anda aqui cerca emboscado
> *Un zagal, dad lo por loco.*
> Mas por que son mui diversos
> Los modos de enloquecer,
> Digo-os que a mi parecer
> *Que anda componiendo versos.*

Caminham todos para vêrem o zagal que está louco ao pé da fonte, e reconhecem que: «Este es *Alejo*, el de Sancho.» Elle continúa cantando quadras ternissimas, que os outros pastores vão commentando, e diz Juan Pastor, como quem sabia todo aquelle mysterio:

> Segun suenan sus palabras,
> Amigos de este mochacho,
> Es que da le *amor* empacho
> Ni el aqui busca otras cabras.
> *Amor* malvado, i no tal
> Por cierto como el se nombra,
> No lo deja a sol ni a sombra;
> Haze, como suele, male.
>
> (*Poes.*, p. 144.)

A Ecloga *Aleixo* é perfeitamente representavel, e não deixaria de produzir assim certo encanto; lida como quadro da vida de Bernardim Ribeiro toma um relêvo de inspiração cada verso, cada palavra, que d'antes nos causavam uma fadiga suporifera.

Para acabar de fixar a data da composição da Ecloga *Aleixo*, encontra D. Carolina

Michaelis nos versos 499-6 uma referencia ao terremoto de 1531:

Que cuidas *al tremer*
De tierra como hogaño? o si arde el cielo.

A este terremoto tambem se refere Gil Vicente na Carta que, achando-se em Santarem, escreveu a D. João III «estando S. A. em Palmella, sobre o tremor de terra, que foi a 26 de janeiro de 1531.» Escripta a Ecloga já em 1532, vamos encontrar Sá de Miranda acompanhando a côrte em Evora, como se comprova pela Esparsa a Pero Carvalho: «*mandando-lhe um presente de luvas nos dias caniculares de Evora, antes da Agua da prata,*» [1] isto é, antes de começarem as obras do Aqueducto de Sertorio. Por este mesmo tempo era despachado seu irmão Mem de Sá desembargador da Casa da Supplicação, por carta régia de 11 de maio de 1532, [2] com o

[1] *Poesias*, p. 63.

[2] «Dom Joham, etc. A quantos esta mynha carta vyrem faço saber que comfiando eu da bondade, letras e ciemcia do *L.do Mem de Sá*, cremdo que todalas cousas que lhe encarregar fará asy bem e direitamente como compre a seruiço de Ds e meu, por lhe fazer graça e merce, tenho por bem e o tomo ora novamente por desembargador da minha casa da sopricação, asy como o elle deve ser, e como o sam os outros desembargadores da dita casa, com o qual oficio elle averá aquele mamtimento que per outra minha carta, que tyrará de minha fazenda, lhe será declarado, e mays todos os preuilegios, liberdades e premynencias que tem e de que usam os outros desembargadores da dita casa. E porem mando ao Regedor da dita casa da

ordenado aos quarteis de sessenta mil reis em cada anno. Aqui nos apparece este vulto que veiu a ter um grande relêvo historico; seu irmão Francisco de Sá de Miranda cáe em um desgosto e quasi repugnancia da vida palaciana, e Mem de Sá, com quem manteve sempre as mais affectuosas relações mesmo longe da côrte, subia em progressiva importancia, como vêmos pelas cartas régias de 24 de março de 1536, em que é nomeado Corregedor dos feitos civeis da côrte, com o ordenado de outenta mil reis, e de 6 de agosto de 1541 promovido (acrescentado) ao cargo de desembargador dos aggravos da Casa da Supplicação com o mantimento ou ordenado de cem mil reis. [1] Não antecipamos aqui outros

---

sopricaçáo que o aja por desembargador della e lhe dê a posse do dito oficio e lhe leixe guozar de todolos previlegios, graças, homras, mercês e liberdades de que guozam e tem os meus desembargadores da dita casa, e lhe leixe servir e usar do dito oficio, segumdo a elle pertence, sem nyso lhe ser posto duvida nem outro nenhum embarguo, por quanto lhe faço do dito oficio mercê, como dito he, o qual L.do Mem de Sá jurará na minha chancelaria aos santos avangelhos que bem e verdadeiramente e como deve syrva e use do dito oficio, guardando em todo muy compridamente o serviço de D.s e meu, e o direito das partes. Dada em a villa de Setubal a XJ de maio.—Fernão da Costa a fez—anno do Senhor Jhū X° de mill bc XXXIJ.» (*Doações de D. João III*, L. 16, fl. 52.) O ordenado era de sessenta mil reis aos quarteis: *Ibid.*, Carta de 14 de maio de 1532, publicadas por S. Viterbo, no *Instituto*, vol. XLIII, p. 329.

[1] *Doações de D. João III*, L. 21, fl. 91, v.; *ibid.*, L. 31, fl. 93; *ibid.*, fl. 131. (Publicadas por Sousa Viterbo, no *Instituto*, cit. p. 331 e 332.—Outra Carta de 10 de julho de 1534 concede-lhe a administração da Capella do Pinheiro em Torres Vedras. *Ibid.*, p. 333.

despachos, como os de Governador do Brazil em 23 de julho de 1556, e de conselheiro do rei em 7 de novembro do mesmo anno; servem estas indicações apenas para tornar melhor comprehendidos os desabafos do poeta com este irmão sempre querido, e para mostrar, quanto desprezou as grandezas tendo a estima de D. João III e dos infantes. Além do alto valor intellectual de Mem de Sá, é até certo ponto provavel, que n'essa época de favoritismo, as honras que Sá de Miranda repellia de si fossem passadas ao irmão que elle tanto presava, quasi como filho, pela distancia da edade.

O poeta projectava abandonar a vida da côrte; o caso de Bernardim Ribeiro contristava-o dolorosamente, vendo-o assim louco, e a interpretação malevola da Ecloga *Aleixo*, com que pretendiam attrahir contra elle o odio do valido conde da Castanheira, até certo ponto o amedrontava. Elle bem sabia o por quê, vendo como eram afastados da côrte os antigos amigos do rei, do tempo em que era princepe. Na Ecloga *Basto*, alludindo á sua sahida da côrte, torna a fallar claramente em Bernardim Ribeiro, e no seu *amigo do Torrão*. É muito curiosa essa passagem, por que Sá de Miranda dando trez redacções differentes a esta Ecloga, eliminou nas copias destinadas ao princepe D. João todos os vestigios por onde se percebesse a realidade do que ahi se narrava; como: «Tornaste-me ora á lembrança — *Aquelle amigo fuão...*» [1] que

[1] *Poesias*, p. 169, v., 351-52.

na versão do *Cancioneiro* de Luiz Franco se lê: « *Um amigo do Torrão.* » [1] São por tanto estes trechos da Ecloga *Basto* comprobativos da interpretação da Ecloga *Aleixo*, como deixámos exposta: Na segunda redacção da Ecloga, mostrando a sua incompatibilidade moral, embora escripta já longe da côrte, diz:

Des i tenho um coração
(Que isto é o que mais me empece)
Que outro senhor não conhece
Salvo verdade e rezão.

Porem faço-te a saber
Que em casos que aconteceram,
Já os houve muito mister,
Amigo, não me valeram.
Ora asinala este dia
Em que te digo que *hei medo*
De ver a vingança cedo
Muito mais do que eu queria.

O meu bom *Ribeiro* amigo
Que em melhor parte ora sê,
Conheceu bem o perigo,
Logo fez atraz um pé.
Travavam mil cousas d'elle,
Poz os hombros, poz os braços,
Passou por mil embaraços,
Deixou i porem a pele.

(*Poesias*, p. 391.)

Na terceira redacção da Ecloga *Basto* está supprimida a estrophe referente a Bernardim Ribeiro, e continúa:

[1] *Ibid.*, p. 553.

Tornaste-me ora á lembrança
Um *amigo do Torrão*,
Que ao tempo d'essa mudança
Tambem 'si te foi á mão.
Ora eu i no tal ensejo
Escutei (lembra-me tudo)
Falou-te como sesudo,
Parece-me ora que o vejo.

Longa conta ali lhe déste
Do passado e por passar,
Emfim quando tu disseste
Que querias descansar
E dar cabo a mil pesares,
Elle, seus olhos no céo,
Suspirando respondeu:
—Bem será, se repousares;

. . . .

Quando n'este valle estou,
Todo o outro que apparece
Muito milhor me parece,
Não é 'si quando lá vou.—

(*Poesias*, p. 553.)

É escusado notar para a intelligencia d'estes versos, que Bernardim Ribeiro era natural do *Torrão*, como elle proprio o declara em uma Ecloga. Na segunda redacção que Sá de Miranda deu á Ecloga *Celia*, muito depois de 1536, enumerando os desastres que acompanharam a morte da chorada D. Isabel Freire, aponta tambem a desgraça de Bernardim:

Dizen me que ferió por la cabaña
De nuestro Alonso un raio, aquel pastor
Que de ganado blanco en la montaña
(No quiero dezir mas) es el maior.

. . . .

Aquel zagal hermoso que cantava
De todos con espanto aqui cercano,
A quien, oiendo i viendo, no encantava
A su voz acordada a la su mano?
La gracia que de sus ojos manava?
Llorando, cuentan, dijo un viejo anciano:
—Quan presto te arrepiendes, cruel hado,
Quando das un tal don de havel-o dado!—

Por cierto, que *io lo vi, que no quisiera*
Havel-lo visto, que es ido al palacio,
Creció tan presto... [1]

Evidentemente ha aqui a allusão ao encantador poeta bucolico, que Sá de Miranda antes não quizera tornar a encontrar assim fulminado por uma irremediavel loucura; o nome de *Aleixo*, com que o personifica na Ecloga, é uma adopção do *Alexis* de Virgilio, em que é celebrada a amisade inquebrantavel de dois pastores.

Outros dolorosos amores se tornaram fallados na côrte, como o do poeta Christovam Falcão por D. Maria Brandão, tão idealmente celebrada na Ecloga *Crisfal;* mas sobretudo em 1531, o casamento de D. Guiomar Coutinho com o infante D. Fernando, depois de um ruidoso e prolongado processo do marquez de Torres Novas que se dizia casado clandestinamente com essa dama, insistindo ella na sua negativa, este successo deixou um grande ecco nas poesias contemporaneas.

---

[1] *Poesias*, p. 566.

Já na Satyra do tempo do rei D. Manoel vimos como o ávido rei se apoderou da grande fortuna do conde de Marialva, forçando-o a casar sua filha D. Guiomar Coutinho com o infante D. Fernando, como condição sem a qual ella não herdaria os bens paternos. O casamento só foi realisado em 1531. D. João de Lencastre, marquez de Torres Novas e depois duque de Aveiro, era filho do bastardo D. Jorge e neto de D. João II; cultivava tambem a poesia [1] e vivia na intimidade de Christovam Falcão e de Sá de Miranda. Ambos estes poetas se referiram ao seu desgraçado amor. Sá de Miranda ainda impressionado com a fatalidade amorosa de Bernardim Ribeiro, não pôde ficar indifferente ao desdem com que D. Guiomar Coutinho renegou os laços que a uniam ao joven D. João de Lencastre, para se aparentar mais de perto com a casa real. Era como uma estrangulação; e lembrando-se do facto historico em que o joven *Andreazzo*, irmão do rei da Hungria, fôra estrangulado com um cordão de ouro por sua mulher Joanna de Napoles, neta do rei Roberto, serviu-se d'esta analogia pintando sob o nome de *Andrés* a situação em que ficára o seu apaixonado amigo com a perfidia de D. Guiomar Coutinho. Em uma das estrophes da Ecloga, em que sob o nome de Pascuala retrata D. Guiomar Coutinho, equi-

[1] Em um Ms. encontrou Faria e Sousa o Soneto *Que fiz amor*... com a rubrica *Do duque de Aveiro*. e uma mimosa redondilha. D. Carolina Michaelis encontrou dois sonetos seus no Ms. de Evora CXIV-2-2, fl. 155, v.

pára-a a essas varias Joannas, que deixaram triste nome na historia:

> Las dos Janillas, tan *ricas zagalas*
> De pastos, de ganados, i tesoro
> (Que en todas partes ha i de las Pascualas!)
> Colgó el su amigo *Andrés* de un cordon de oro
> Que ella labrava por sus manos malas
> A fin tan amoroso;...
>
> (*Poesias*, p. 335.)

O titulo da Ecloga já por si revelava o seu intuito; nas edições de 1595 e 1614 e em varios manuscriptos traz a dedicatoria *Ao duque de Aveiro*, e no Ms. da lição mandada ao princepe D. João vem mais explicito: «*Ao duque de Aveiro, neto de el Rei Dom João o segundo de Portugal.*» Nos nossos primeiros estudos considerámos pela gravidade dos factos a que se alludia na Ecloga *Andrés*, como sendo esta composição a causa do ostracismo de Sá de Miranda da côrte, modificando a indicação de D. Gonçalo Coutinho; D. Carolina Michaelis considerando como inadmissivel este motivo, que rejeita, reconhece comtudo como verdadeira a nossa interpretação das allusões ao facto succedido na côrte: «Dizem respeito ao casamento do infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho e á affronta feita ao primeiro marido d'esta dama D. João de Lencastre, primeiro duque de Aveiro, casado clandestinamente... allusões que Th. Braga *decifrou muito bem*, de resto.» [1]

[1] *Poesias*, p. 763.

A Ecloga *Andrés* teve, como todas as composições de Sá de Miranda muitas elaborações; e assim na occorrencia dos successos ia alludindo a elles, conforme retocava os seus versos. É por isso que, embora na dedicatoria da Ecloga se chegue a determinar a data de 1538, poderia e é natural que fosse o thema poetico tratado entre 1531, em que se effectuou o casamento de D. Guiomar Coutinho, e 1534, em que se deu o seu fallecimento. Não era no remanso da provincia, e quando já tinha Sá de Miranda abandonado a lingua castelhana, que elle ia tratar com tanta emphase um assumpto sobre o qual a morte deixára um sello de mysterio, e um concentrado apaziguamento. Evidentemente na introducção da Ecloga *Andrés* as estrophes 3 a 8, são uma intercalação tardia, contendo traços biographicos do duque de Aveiro, escriptos por occasião em que lhe enviou uma copia da Ecloga:

Señor, i no os sea en menosprecio
La musica de Pan, dios de pastores,
Tenida antigamente en grande precio
De los medianos i de los maiores...

A vos, señor, no os cupo en suerte guerra;
Estamo-nos aqui como en vedado
Por el buen rei que en paz rige la tierra,
Numa aqui a nos, fuera Romulo armado
Que los infieles tan lejos destierra:
Testigo Diu tenido i gañado.
Entre tanto abris llanos camiños
Por *los libros humanos i divinos.*

Entre los quales tienen su lugar
Las blandas musas, que alivian el peso
Del siempre estar atento a especular,
Que sufrir no lo puede humano seso...

Pudierades pasar la juventud
Como otros grandes principes andando
A pasatiempos, a la multitud
De sus sabores, onde, como i quando
Hiziese mas hermosa la virtud
Asi como ella va de flaco bando!
Tan presto conocistes los afeites
I el falso resplandor de los deleites.

(*Poesias*, p. 318.)

Explica D. Carolina Michaelis as seguintes passagens d'esta dedicatoria: *no os cupo en suerte guerra*, significando que não tomára parte na expedição de Tunis em 1535; e *Testigo Diu tenido i gañado*, ou segundo a variante do Ms. Juromenha: *Si no, diga-lo Diu ensangrentado*, como referencia ao primeiro cêrco em 1538 defendido por Antonio da Silveira. [1] Estas datas determinam de um modo plausivel a época em que Sá de Miranda enviou ao duque de Aveiro uma das novas elaborações da Ecloga *Andrés;* mas pelo calor com que ella está escripta, vê-se que foi ainda no tempo em que o atraiçoado amante soffria o golpe que lhe dera D. Guiomar Coutinho, que Sá de Miranda procurára consolal-o com essa poesia. É por isso, que passadas estas estrophes laudatorias, ao entrar no assumpto, começa: *Ora otra vez a Andrés*... D. João

[1] *Poesias*, p. 828.

de Lencastre procurára consolar-se com a poesia, que tambem cultivava, e deixára-se preoccupar com as questões religiosas da Reforma, dominantes no seu tempo. Sá de Miranda, cujo espirito tambem era attrahido pelas mesmas apprehensões, allude a este seu interesse abrindo *llanos caminos por los libros humanos i divinos*. De facto no processo da Inquisição de Lisboa contra Damião de Góes, lê-se que o Deão da Guarda Lucas d'Orta mandára ao duque de Aveiro seis ou sete volumes de Luthero e Ecolampadio sobre a *Escriptura*, com um tratado de mão sobre *De Gracia, Fide et Operibus*, opiniões novas que circulavam em Italia. Este mesmo interesse encontrámos no infante D. Fernando, o desgraçado esposo de D. Guiomar Coutinho; d'elle escreve Damião de Góes, na *Chronica de D. Manoel:* «assi na mocidade, como depois de ser homem feito, foi de bom parecer e bem disposto, *muito inclinado ás letras* e dado ao estudo das Historias verdadeiras e inimigo das fabulosas, e por haver as verdadeiras trabalhava muito, de que eu sou testemunha, por que estando em Flandres, em serviço de el-rei D. João III, seu irmão, me mandou pedir todalas Chronicas que se podessem achar escriptas de mão, ou imprimidas, em qualquer linguagem que fosse, as quaes lhe mandei todas. E por tirar a limpo as Chronicas dos reis de Hespanha desde o tempo de Noé até o seu despendeu muito com homens doutos, a que dava ordenados e tenças e fazia outras mercês; e me mandou um debucho da arvore e tronco de esta progenie, desde o tempo de Noé até o del rei

Dom Manoel seu pae, pera lhe mandar fazer de illuminura, pelo mór homem d'aquella arte que havia em toda a Europa, per nome Simão, morador em Bruges, no condado de Flandres. Na qual arvore e outras cousas de illuminura, dispendi por sua conta gram soma de dinheiro.» [1] O infante D. Fernando era uma individualidade sympathica, e n'este desastre do casamento foi victima da avidez com que D. Manoel quiz *joeirar o thesouro* do conde de Marialva, como diz a satyra contemporanea, e da má vontade de seu irmão D. João III. Pelas suas relações com Damião de Góes, vê-se que era um espirito cultivado, liberto da obcecação religiosa que dominava os outros seus irmãos; em um velho manuscripto encontrámos estes traços: «foi este princepe de mui formoso rosto; *de condição mui livre*, de peito descoberto, alheio de toda a maneira de adulação, *pelo que não era mui acceite a El Rei seu irmão.*» [2] Comprehende-se por isto, que Sá de Miranda dependendo tanto da amisade de D. João III, nunca citasse nos seus versos o infante D. Fernando, demais a mais apaixonado pela cultura historica. Na Ecloga *Andrés* todo o colorido incide na condemnação da pastora Pascuala (D. Guiomar Coutinho.)

---

[1] *Chronica*, P. II, c. 19.—No *Catalogo dos Manuscriptos do Museu britanico*, de Frederico Francisco la Figanière, dá-se como existente ali esta illuminura, comprada em 1848 em Lisboa por dez libras. Em 1538, Francisco de Hollanda citava o nome de Simão como um dos mais celebres illuminadores da Europa.

[2] *Recopilação de varias noticias e Nobiliario das Familias*, etc. Ms. n.º 312 da Bibl. nac., fl. 42.

Vamos esboçar a historia d'este casamento para melhor comprehensão da Ecloga. O rei D. Manoel contractára com o riquissimo e velho conde de Marialva o casamento do infante D. Fernando com a sua filha unica D. Guiomar; este contracto ficou declarado no codicilo do testamento do monarcha feito em 1521, recommendando ao princepe, quando rei, o dar-lhe cumprimento. O infante D. Fernando nascera em 1507, tendo por tanto quatorze annos quando se abriu o testamento de D. Manoel. Logo no anno de 1522, não se demorou D. João III a fazer as capitulações esponsalicias em casa do conde de Marialva, por Damião Dias. [1] Foi quando rompeu o escandalo na côrte; extractamos aqui as palavras do genealogista D. Antonio Caetano de Sousa, que lançam toda a luz n'este trama palaciano: «Estando tratado e ajustado o casamento do infante, se oppoz D. João de Lencastre, marquez de Torres Novas, pedindo a condessa D. Guiomar por mulher, com quem publicava estar *clandestinamente casado*. Queixou-se o conde de Marialva a el-rei D. João III, dizendo que el-rei D. Manoel seu pae, deixára em seu testamento concertado o infante para casar com sua filha, e com comminação, que se o conde se arrependesse não vindo no casamento, lhe não confirmasse el-rei a mercê que lhe tinha feito, para succeder em toda a sua casa sua filha; por que quando el-rei lhe fizera a dita mercê, fôra n'aquella consideração, como se via em seu testamento e codi-

[1] Sousa, *Provas da Historia geneal.*, t. III, p. 407.

cilo, que tinha em um livro o secretario Pedro de Alcaçova, em virtude do que tinha sua Alteza contractado com elle conde estas vodas, a que ajuntou outras rasões mui vivas. El-rei vendo deante de si injuriado um velho tão authorisado, a quem os annos faziam venerando, e os merecimentos augmentavam o respeito, consultou os mais graves letrados do reyno, de que se seguiu mandar prender no Castello de Lisboa ao marquez de Torres Novas, e a seu pae o Mestre de Santhiago mandou sahir da côrte. Durou quasi nove annos a causa, e el-rei mandou por theologos e canonistas fazer novas perguntas; e como a condessa persistisse constante contra o marquez, foi contra elle sentenciado, e se effectuaram as vodas com o infante, a quem sobreviveu pouco tempo, por que veiu a morrer a infanta D. Guiomar Coutinho, em quarta-feira 9 de dezembro de 1534.» Quando Sá de Miranda regressou á côrte por 1526, tomára a questão do casamento uma solução definitiva. Por carta de D. Miguel da Silva, de 1523, já se tratava activamente d'este assumpto em Roma; o breve concedendo a dispensa é de 1526, [1] e em carta de 30 de dezembro d'este anno escrevia o novo embaixador D. Martinho de Portugal ao Secretario de estado: «A'cerca da despensação daquelle matrimonio mando um breve pera Juizes... Com o breve vae a copia do que am de responder. Faça-se em publico por hum notario cognycido, asele-se do selo do Juiz, e em che-

[1] *Corpo diplomatico*, t. II, p. 281.

gando qua irá a despensação. Mas isto faz o papa *pera exemplo que pera al;* por tanto ei por mui necessario o que screvi sobre isto a vossa mercê e a sua alteza. Parece me que pidirão trezentos cruzados, por que asi passou agora outra de Portugal; etc.» [1]

O exemplo era para fazer perder a confiança nos casamentos clandestinos, de que tanto se abusava no seculo XVI. Tambem o casamento clandestino do poeta do *Crisfal* com D. Maria Brandão não foi respeitado; talvez que o outro breve de que falla D. Martinho de Portugal fosse concernente a este celebrado desastre amoroso. Em carta de 14 de julho de 1530 escrevia o Dr. Braz Neto ao Secretario de estado: «O despacho do ynfante vae muy bem despachado e como compre a serviço de deus e del rey nosso senhor e seu...» [2] Realisou-se o casamento em 1530; *el temerario furor de nuestro Andrés*, —não podia celebrar-se depois do apaziguamento de 1534, quando o infante D. Fernando, D. Guiomar Coutinho e sua filha morreram successivamente.

Fr. Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos* conta que achando-se o infante na «villa da Asinhaga e levantando-se uma manhã, referiu aos fidalgos que o vestiam, que *sonhára* aquella noite, que vira sahir de sua casa em Abrantes *tres tumbas juntas* e cobertas de negro.» [3] No dia seguinte, outubro

[1] *Ibid.*, p. 315.
[2] *Ibid.*, p. 315.
[3] *Hist.*, P. II, lib. 6, cap. 3. Sousa, *Provas*, III, 484.

de 1534, veiu-lhe recado da morte de sua filhinha D. Luisa, em novembro falleceu elle infante com vinte sete annos de edade, e em 9 de dezembro sua mulher D. Guiomar Coutinho. Fallando d'estas mortes repentinas, escreve Fr. Luiz de Sousa, nos *Annaes de D. João III*: «Deram estas mortes assim repentinas *grande occasião a discursos*, querendo cada cabeça julgar por ellas a rasão do casamento, por verem dentro de cinco annos não só mallograda, mas perdida e apagada a illustrissima casa de Marialva, subida tão alto para sentir mais a queda.» Não será a Ecloga *Andrés* a causa que determinou o desgosto de Sá de Miranda, *o desprazer de uma má interpretação*, mas deve considerar-se como uma obra nascida n'essa *grande occasião a discursos*, como diz Fr. Luiz de Sousa. Na estrophe 40, allude-se ao facto de um *sonho*, no qual *Andrés* viu em uma cova mysteriosa Silvanos e Faunos, que condemnavam a infidelidade de Pascuala:

> Fuese vision, locura, o *sueño*, Andrés
> . . . .
> Crean los por venir que harto es gran prueva
> *Vel-lo de loco cuerdo.*

Parece que aquella visão ou sonho realisado o apaziguára na sua temeraria exaltação; é este tambem o final da Ecloga, em quasi todas as variantes:

Seguio-se deste mal grande provecho,
Que oindo de Pascuala i de Andrés
Hablar, ergui me a fuerza en gran despecho,
Mas vuelto a mi diziendo:—Esto como és?
Si sueño? ó vanamente si sospecho?...

(Str. 54.)

Quando na Ecloga o pastor *Andrés* começa a sua queixa contra Pascuala, prorompe na estrophe dez:

Pascuala, cruel sierpe, no ofendida
A lo menos de mi, mas inflamada
De tu veneno, das de arremetida,
El *cuelo*, el *pecho* i la *cabeça* alçada,
En *tres partes* la lengua repartida
Como llama de fuego apresurada.
Que es esto? oie Pascuala, ah que me quieres?
Cruel, la mas cruel de las mujeres.

É possivel, que Sá de Miranda reelaborando sempre as suas composições poeticas, alludisse n'esta estrophe ás trez mortes mysteriosas, então consideradas como castigo do céo. O elemento dramatico da Ecloga é froixo, como monologo; lamentando-se o pastor d'aquella

Que debajo de aquella vista hermosa
Tan llegada al divino parecer,
Escondio la natura artificiosa
El maior mal que pueden ojos vêr,
Engaño que haz la pena deleitosa,
Ponzoña de gran fuerza! mata el vel-las,
Mata el oil-as, mata el aire d'ellas.

(Str. 17.)

E n'esta sua queixa e fuga desvairada chega a um penhasco ao pé do qual havia uma caverna profunda, e espreitando para dentro sentiu os Faunos e Silvanos cantarem em tripudio de todas as mulheres infieis e sanguinarias, e a par de Pasiphe, de Leda, de Semiramis, de Irifile, de Lycoris, e das duas Juanillas, escutou entre sarcasmos pronunciado o nome de Pascuala. Isto bastou para lhe restituir a serenidade da alma e recuperar a rasão. N'esta Ecloga traz Sá de Miranda um fragmento de serranilha, segundo o typo popular:

Huid la valle do iaze el zagal,
Que por amar tan bien morió tan mal.

Que por amar tan bien, tan mal morió,
De esta peña alta amor lo despeñó.

Na Ecloga *Aleixo* ha tambem uma referencia aos amores do marquez de Torres Novas, sobretudo na variante de 1595:

No sé pero mal me siento,
De quando esposó *Guiomar*
Que dixe aquel mi cantar:
Buelve acá pastor sin tento.

(*Poes.*, p. 101.)

Vê-se que a loucura de Bernardim e o golpe que recebeu o amante de D. Guiomar Coutinho foram quasi ao mesmo tempo, e que o resentimento contra Sá de Miranda

podia basear-se n'uma ou n'outra Ecloga, *Andrés* ou *Aleixo*, por que não foram sómente os Athaydes que deram ouvidos a más interpretações. Pedro de Alcaçova Carneiro que era o guarda da escriptura do casamento feito por D. Manoel tambem não devia gostar dos considerandos sobre a perfidia de Guiomar. Na Carta de Manoel Machado de Azevedo a Sá de Miranda em redondilhas, cita os *Carneiros* e os *Carvalhos* como indomaveis nas luctas do favor palaciano:

Os *Carvalhos* e os *Carneiros*
Da Beyra, Entre Douro e Minho,
São muy bons qua no seu ninho,
Aos fidalgos e escudeiros.

A quem d'elles se aproveita
São de proveito e sustento;
Mas lá com seu valimento
Só vive quem os respeita.

(Str. XIII e XIV.)

Manoel Machado de Azevedo, que frequentára a côrte no tempo em que ali andou Sá de Miranda, na sua Carta refere-se aos effeitos de escrever verdades:

Só a *penna* e lingua são
As que causam maior pena,
Que só Deus julga e condemna
As culpas do coração.

Se da lingua ou do *tinteiro*
As palavras sáem á praça,
Já por graça ou por desgraça
Não lhes falta pregoeiro.

(Str. x e xi.)

E referindo-se á sua grande reputação litteraria, e aos perigos a que póde arrastal-o o talento que tudo julga, escreve o generoso fidalgo a Sá de Miranda, que veiu a ser seu cunhado:

Vós quereis com descripções
E *com vossas letras grandes*,
Que em Italia, Espanha e Frandes
Vos reconheçam as nações.

. . . .

Hade enfreiar sua penna
Como un potro desatado,
Quem quizer ser mais medrado
Que Camões ou Juan de Mena.

(Str. vi e viii.)

O grande affeito me ordena
Que aconselhe a um *letrado*,
Perdoai-me, que um Machado
Não apára bem *a penna*.

(Str. xx.)

Ha aqui reminiscencias da antiga poesia castelhana, de Vasco Pires de Camões, já afamado no *Cancionero* de Baena, e immensamente favorecido em Portugal pelo rei D. Fernando, e Juan de Mena, o poeta favo-

rito da côrte de D. João II de Castella. O bom fidalgo Machado, lendo pela velha cartilha não se mostra sectario da eschola italiana, mas admira as grandes letras de Sá de Miranda. O resentimento dos Carvalhos não se póde bem explicar pelas relações de Sá de Miranda com Pero Carvalho, a quem escrevera a Carta em que falla do tempo em que a côrte se refugiou em Coimbra por occasião da peste em 1526 e 1527, e na qual pinta os fidalgos suspirando por Almeirim quando os *parvos honrados* da terra gastavam com elles a sua fazenda. Em 1532 pela Esparsa de Sá de Miranda a Pero Carvalho, vê-se que as suas relações eram de confiança; mas, escreve Manoel Machado de Azevedo na Carta já citada, que os *bons ditos* se tornam perigosos:

Põe-se *em mui grande perigo*
Quem descobre todo o peito;
Por *um bom dito* ou conceito
Não perdais nenhum amigo.

(Str. XII.)

Este Pero Carvalho é aquelle que no tempo do terceiro casamento de D. Manoel andava ainda em pelote no paço; e Damião de Góes cita-o entre os fidalgos que foram admittidos a beijarem a mão do rei quando em 1518 chegou a noticia d'esse casamento insensato: «despois d'estes senhores terem beijado a mão a el-rei, lh'a beijámos *Pero Carvalho* e eu, que andavámos em pelote no paço, por que n'este caso não se permittia

entrar em pelote mais que nós ambos.» [1] Vê-se por isto, que Pero Carvalho era dos que aprovava o terceiro casamento de D. Manoel, mas como novo soube desculpar-se, insinuando-se no favor de D. João III, de quem foi guarda-roupa. Já na Satyra anonyma do tempo de D. Manoel, se apóda a *grande privança* de um Carvalho, que tem muita *valia.* [2] Não se prestaria tambem esta Satyra anonyma a attribuições malevolas? N'esse caso os *bons ditos* de que Machado de Azevedo precavê Sá de Miranda devem considerar-se como uma das causas da hostilidade de Carvalho. A' medida que o aborrecimento da côrte se apoderava da alma de Sá de Miranda, os acontecimentos complicavam-se de modo que elle se via obrigado a romper para sempre com a sociabilidade palaciana. Sobre este estado moral de se não poder conformar com os escandalos, escrevia-lhe ainda Manoel Machado:

Não queiraes emendar tudo
No mundo e seu desconcerto,
De cujos erros é certo
Ouvir, calar ou ser mudo.

(Str. IX.)

Se se diz bem dos ingratos,
Cuidam que tudo lhes devem;
Se a poderosos se atrevem
Dão unhadas como gatos.

---

[1] *Chron. de D. Manoel,* cap. 36.
[2] Vid. supra, p. 81.

Assim sou de parecer
Que nem bem, nem mal digamos,
N'esta éra em que estamos
Para poder bem viver.

(Str. XVII e XVIII.)

Em 1534 foi mandada ordem da côrte para ser preso na India Garcia de Sá «neto do famoso poeta João Rodrigues de Sá e Menezes, sobrinho do primeiro conde de Mathosinhos, e filho do védor da fazenda do Porto.» [1] O poeta era seu parente, e bem lembrado devia estar dos amores aventurosos de Garcia de Sá com uma rapariga de Miragaya, chamada Catherina, que tinha a alcunha de *Piró*. Como a poderosa familia dos Sás Menezes não consentisse estes amores deseguaes, Garcia de Sá requereu a Capitania de Malaca, e para alli partiu em 1518 levando comsigo a Catherina Piró. Garcia de Sá tratou de se enriquecer por todos os meios, mas mantendo sempre uma exuberante e prodiga sumptuosidade no seu tratamento, d'onde resultou ter ora o auxilio de poderosos amigos, e prisões de que soube livrar-se. Dos amores com a mocetona de Miragaya nasceram duas filhas, sendo a primogenita a formosissima D. Leonor de Sá, que o pae queria casar com o velho capitão Luiz Falcão, mas pelo assassinato d'este, se desposou com Manoel de Sousa Sepulveda, o heroe do lamentoso naufragio, ainda hoje celebrado na historia. Livre das accusações de 1534, Gar-

[1] Camillo, *Historia e Sentimentalismo*, II, p. 87.

cia de Sá foi outra vez preso em 1536 por ordem de D. João III, mas valeram-lhe como sempre as influencias que com os seus desperdicios comprára.

Por este mesmo tempo surgia na côrte uma outra questão, a que Sá de Miranda não poderia conservar-se indifferente já como *letrado*, já como parente. Camillo appresenta assim o facto: «Seu tio em segundo gráo Antonio Borges de Miranda, senhor de Carvalhaes, Ilhavo e Verdemilho, casára com D. Margarida, filha de D. Affonso Henriques, senhor de Barbacena, de quem houve dous filhos: Simão de Miranda Henriques e Gonçalo de Miranda da Silva, ambos seus companheiros de infancia, e o segundo, futuro abbade de Avelãs, seu contemporaneo na Universidade, onde se doutorou em direito canonico. — Antonio Borges de Miranda, já avançado na edade, viuvou: mas ainda verde nas fragilidades, engraçou com D. Antonia de Berredo, fidalga ainda fresca e formosa, que tinha dado á luz um filho de D. João III, um D. Manoel que morreu criança. — D. Antonia de Berredo, segunda mulher de Antonio Borges de Miranda, gerou Ruy Pereira de Miranda. Este filho do segundo matrimonio estava legalmente fóra da successão dos vinculos de seu pae que pertenciam a Simão de Miranda Henriques, o primogenito em primeiras nupcias. — Falleceu o pae. O successor da casa, Simão Henriques habilitava-se naturalmente, quando o irmão *consanguineo* e a viuva lhe sahiram com embargos á posse. Divulgou-se a pretensão absurda do filho da Berredo. Os jurisconsultos, tanto os extranhos como os in-

teressados na justiça de Simão indignaram-se contra os embargos. No emtanto D. Antonia recorreu ao seu real amante, e os desembargadores, obrigados por D. João III, sentenciaram a favor do filho do segundo matrimonio, que se apossou de todos os haveres vinculados e commendas de seu pae.» [1] Não se póde concluir que estes factos actuassem de uma maneira directa no animo de Sá de Miranda para a sua retirada da côrte, mas complicavam a situação em que elle mesmo confessa que — teve aos dados jogada a sua rica e amada liberdade. — A vida da côrte encommodava-o pelo chatinismo em que se occupava o rei e toda a fidalguia. Em quanto os chronistas officiaes pintavam a grandeza de Portugal no seculo das navegações e conquistas, Sá de Miranda tinha a tristeza de quem descobria a gangrena debaixo dos mentidos ouropeis. O estado geral da nação motivava a sua intima tristeza, mais do que os desgostos pessoaes. Na Carta a D. Fernando de Menezes, em que allude aos bons tempos dos serões da côrte, contrapõe a depressão dos interesses materiaes:

> Verdade he que estes tempos não dão graça
> Aquella que dar soía no passado
> Que sair os não deixa tanto á praça.

---

[1] Op. cit., p. 35. Camillo transcreve do *Nobiliario das Gerações de Entre Douro e Minho*, de Manoel de Sousa da Silva: «Ruy Pereira de Miranda succedeu na casa de seu pai *por assim o querer D. João III.*»

Teme-se de um imigo apoderado
Da rezão, que *só sonha India e Brazil*
Té que cada um de lá torne dourado.

Lançou-nos a perder engenhos mil
E mil *este interesse* que haja mal,
Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.

Os *Momos*, os serãos de Portugal
Tam fallados no mundo, onde sam idos ?.[1]

E lamentando esta decadencia dos costumes galantes, entre essas causas accentúa a preoccupação das riquezas e a tristeza geral que se espalhava pela absorpção crescente do fanatismo na familia real. Escreve elle na conceituosa Carta a João Rodrigues de Sá de Menezes:

Estes mimos indianos
Hei gram medo a Portugal
Que venham fazer os danos
Que Cápua fez a Anibal,
Vencedor de tantos annos...

(Str. 5.)

[1] *Poesias*, p. 255. — Este divertimento dos *Momos* tinha alguma cousa de scenico; foi bastante usado no fim do seculo XV e primeira metade do seculo XVI, pelo que se vê em Cartagena, no *Doutrinal de Cavalleiros:* « El juego que nuevamente agora se usa de los *momos*, aunque de dentro del esté onestat é maduretat é gravedad entera, pero escandalizase quien vê fijos dalgo de estado con visajes agenas. É creo que no lo usarian si supiesen de qual vocabulo latino desciende esta palabra *momo.* » Glosa al cap. 13, lib. II: *De Providencia.* (Ed. 1510.)

E na Carta a Pero Carvalho:

Escravos mais que os escravos,
Por rezão e por justiça
Deixae-vos de vossos gabos,
Que vos vendeu a cobiça
A mar bravo e a ventos bravos!
Espritos vindos do céo,
Póstos em lanços na praça,
Com que nadas vos venceu!
Por que nadas vos vendeu!
Milhor fora antes de graça.

Metaes de tão baixa liga,
Que nos tam alto escondera
Natureza mãe e amiga,
Antre nós e elles posera
Tanto cansaço e fadiga.
Assi maior apetito
Disserão cobiça e enveja,
Emfim seu feito e seu dito!
Criado pera al o esprito
Isto só sonha e deseja.

(Str. 13 e 14.)

E na Carta a Antonio Pereira:

Não me temo de Castella
Donde guerra inda não sôa,
Mas temo-me de Lisboa,
Que ó cheiro d'esta canella
O reino se despovôa,
E que alguem embique ou caia!
Ó longe vá, máo agouro
Falar por aquella praia
Na riqueza de Cambaia,
Narsinga das torres de ouro.

(Str. 3.)

É entrada pelos portos
No reino crara peçonha
Sem que remedio se ponha.
Uns doentes, outros mortos,
Outro pelas ruas sonha.
Fez-nos a ousada avareza
Vencer o vento e o mar,
Medo hei de novo á riqueza
Que nos torne a cativar.

(Str. 4.)

Ao reino cumpre em todo elle
Ter a quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que é grande o peso, e com elle
Mette o barco na agua a prôa...

(Str. 34.)

Se a avidez do ouro dissolvia os caracteres, e o centralismo sangrava todas as energias dos antigos concelhos attrahindo a Lisboa todas as forças vivas da nação, uma outra tempestade se levantava mais intensa — a intolerancia religiosa, mantida pelo infamissimo tribunal da Inquisição. O genio portuguez ia caír em uma invencivel tristeza, que Gil Vicente reconheceu, e que Sá de Miranda foi dos primeiros a sentil-a.

Uma sombra immensa ia caír sobre Portugal e ferir mortalmente a nacionalidade. Em 1531 enviava D. João III a Braz Neto as Instrucções, para pedir ao papa o estabelecimento da Inquisição: «Eu determino ora por asi o aver por serviço de deus e meu, que em meus regnos e senhorios aia *officio de inquisiçam geral* e inquisidores deputados contra as heresias, e para isso vos en-

comendo e mando que, o mais em breve que poderdes, com muita diligencia e segredo peçaes de minha parte ao santo padre os poderes e faculdades que pera este caso sam nesarios; e vos enformai dos poderes e faculdades que sam dados per os papas aos inquisidores de Castella e d'outros regnos...» N'este pedido ia nada menos do que a quebra da disciplina da Egreja, isentando os inquisidores da auctoridade dos bispos, a quem competia o exame da orthodoxia das doutrinas: «sem os ordinarios bispos e seus vigarios, nem serem obligados a lhe dar parte nem conta de cousa alguma do que fezerem, nem lhe pedir seus pareceres: etc.» Em carta do Dr. Braz Neto de 11 de junho de 1531, pedindo a bulla da Inquisição de Castella para ser ampliada e servir de base, diz: «isto se devia fazer com grande cautella e desymulaçam por que se nom sinta, por que eu tenho por certo que logo antes que as cartas pera qua partissem se soube la. Eu, Senhor, quando faley a Santiquatro nisto achey-o hum pouco aspero, e disse-me que isto parecia que se ordenava pera proveito e aqueryr as fazendas d'esta gente, como diziam da de Castella.» [1] O sacro collegio oppunha-se ao estabelecimento da Inquisição em Portugal, por que como conhecedor da politica, percebeu o jogo de Carlos V, que perseguia em Hespanha os judeus, e abria-lhe franco azylo nos Paizes-Baixos, para onde queria attraír os seus capitaes e actividade. É por isso que o

[1] *Corpo diplomatico*, II, 323.

imperador actuava insistentemente no animo de D. João III e dos infante D. Luiz e Cardeal D. Henrique para estabelecerem em Portugal a Inquisição. Nas Instrucções dadas aos Nuncios em Portugal, revela-se este jogo de Carlos V, e a necessidade de contemporisar sem atacar nem ceder deante da exaltação religiosa do rei e dos infantes. Dados ás letras e até certo ponto protectores d'ellas, o fanatismo religioso levou o rei e seus irmãos a considerarem o humanismo como um dos fautores da Reforma; por isso queria D. João III, que os estudantes fossem *menos latinos* e mais religiosos. As ideias da Reforma penetraram em Portugal, quando se pretendia uma regeneração na disciplina da Egreja; era a reacção da ingenua credulidade contra as expoliações e atheismo papal. Para explicar esta reacção, que nos paizes mais atrazados e sinceros passou da *disciplina* para a remodelação da *hierarchia*, basta lembrar a fórmula com que Tetzel, legado do papa vendia na Allemanha as Indulgencias: — « Vinde! que eu vos darei breves munidos de sellos, pelos quaes até os mesmos peccados que tivesseis desejo de vir a commetter no futuro vos serão perdoados. — Eu tenho salvado mais almas com as minhas Indulgencias do que o proprio S. Pedro com os seus discursos. — Não ha peccado por maior que seja que a Indulgencia não possa remittir; e mesmo se qualquer, o que é de todo o modo impossivel, tivesse violado a Santa Virgem Maria, mãe de Deus, isso mesmo lhe seria perdoado. — O arrependimento nem mesmo é preciso. — Mas ainda ha mais; as Indulgencias não sal-

vam sómente os mortos.—Padre, nobre, mercador, mulher, donzella, mancebo! ouvi vossos paes e vossos amigos defuntos, que vos clamam do fundo do abysmo: Estamos soffrendo um horrivel martyrio! uma pequena esmola nos salvaria.—No mesmo instante em que o vosso parco dinheiro tinir no fundo do mealheiro, a alma parte do purgatorio e vôa logo livre para o céo.» [1] Causa nojo este pregão da venda das Indulgencias. Antes de Luthero, e dentro da orthodoxia, o rei D. Manoel apezar de sectario da intolerancia religiosa e de ter perseguido os judeus, mandou por embaixadores a Roma D. Rodrigo de Castro, alcaide-mór da Covilhã, e D. Henrique Coutinho, «para admoestarem o papa e lhe pedirem como obedientes filhos da Egreja catholica, quizesse pôr ordem e modo nas dissoluções da vida, costumes, e na expedição de breves, bullas e outras cousas que na côrte de Roma se tratavam, de que toda a christandade recebia escandalo.» [2] Fernando o Catholico, tambem enviou para este mesmo fim os seus embaixadores, conforme tinha combinado com o monarcha portuguez em Toledo. Deante d'este facto, que visava só á disciplina da Egreja, explica-se melhor a liberdade com que Gil Vicente manifestava a aspiração á *reforma*, deante do rei D. Manoel; e no reinado de D. João III, em um auto representado em 1527, alludia á simonia ecclesiastica, o escandalo fundamental que provocou a Reforma:

---

[1] Seckendorf, apud Morisson, *Hist. gen. de la Réformation*, p. 79.
[2] Góes, *Chron. de D. Manoel*, P. I, c. 5.

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, *Papas adormidos;*
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,
Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecessores.
Feirae o carão que trazeis dourado;
Oh Presidentes do Crucificado,
Lembrae-vos da vida dos santos pastores
Do tempo passado. [1]

Havia já dez annos que a Allemanha reclamava este regresso á Egreja primitiva; desde 1517 que atacava a cynica mercancia das Indulgencias, e só em 1526 é que na Dieta de Spira se proclamára a liberdade de consciencia. A impressão que estes successos produziram em Portugal não se conhece nos chronistas officiaes, quasi sempre da ordem ecclesiastica; porém bastantes protestos da opinião geral se reflectem nos *Autos* de Gil Vicente. No *Auto da Feira*, Roma exprime-se no seguinte dialogo:

ROMA: A troco das estações
Não fareis algum partido,
E a *troco de perdões,*
Que é thesouro concedido
Para quaesquer remissões?
MERCURIO: Oh Roma, sempre vi lá
Que matas peccados cá,
E leixas viver os teus.
E não te corras de mi;
Mas com teu prazer jocundo
Assolves a todo o mundo,
E não te lembras de ti,
Nem vês que te vás ao fundo.

(*Obr.*, I, 166.)

---

[1] *Obras,* t. I, p. 157.

Quando Sá de Miranda viajava na Italia lavrava por alli já o protesto da Reforma; eram os livros de Luthero perfeitamente conhecidos nos conventos italianos. Era em Veneza que se proclamava essa doutrina com mais enthusiasmo. O cardeal Campegge dizia: «Não me afflijo tanto com a Allemanha, como com a Italia, aonde os escriptos de Luthero circulam com uma rapidez assustadora.» Na Carta a D. João III, manifesta Sá de Miranda o seu desgôsto pela disciplina do clero, que foi uma das primeiras expressões da Reforma:

As santidades da praça,
Aquelles rostos tristonhos
Com que este e aquelle caça,
Para Deus, senhor, é graça,
Para nós tudo são sonhos?

(Str. 13.)

Por minas trazem suas azes,
Os rostos de tintoreiros,
Falsas garras! falsas pazes!
De fóra mansos cordeiros,
De dentro lobos robazes.

(Str. 14.)

Mas eu vejo cá na aldeia
Nos enterros abastados
Quanto padre que passea
Emfim ventre e bolsa chea
E asoltos de seus peccados.

(Str. 31.)

Em 1531, na Carta que precede a *Ropica pneuma*, João de Barros faz uma referencia

aos *Colloquios* de Erasmo e ás luctas theologicas da Allemanha: «Não lhe pareça que o digo por os de Erasmo, que estes já são velhos; mas por alguns novos portuguezes que vós e eu temos ouvido antre homens que n'este trato de mercadoria *falam tam solto, como se estivessem em Allemanha nas rixas de Luthero.*» O nome de Eramismo designou na peninsula a liberdade de pensamento dos humanistas; e provocou o anexim sarcastico: — Quem diz mal de Erasmo — ou é frade ou é asno. — D. João III chegou a pedir a Damião de Góes para convidar Erasmo a vir para a Universidade que projectava reformar; mas poucos annos depois, Ignacio de Loyola affirmava: «Ainda que o Papa calcasse aos pés o rei de Portugal não faria com que elle desobedecesse ao vigario de Christo.» Era o escalavro da Renascença, e o apagamento de toda a aspiração da Reforma. João de Barros, como erudito, sem professar as ideias da Reforma dizia: «Não me convém mais theologia de Christo do que tenho; já sei que per bancos de cambo e nam per ella posso saltar no curral das mitras.» [1] E fallando das leis injustas, attribue-lhes a causa da Reforma: «Sabes que se causa aqui? O que vêmos, que alguns movem contra os Concilios da Egreja Romana, dizendo que o Espirito Santo nam pode falar per bocca de peccadores de vida infame.» [2] ... «e agora novamente dos Lutheranos, que é hũa salada

[1] *Ropica pneuma*, p. 96.
[2] *Ibid.*, p. 161.

de todas estas passadas ervas, muy saborosas a ignorantes e *dissimulada de alguns doctos.*» [1] «Mais me parece (pois tam desarrazoado estás) que te convém o nome de *sandice Erasma*, que razam portugueza.» (*Ibid.*, p. 223.)

No seculo XVI o humanismo da Renascença actuava na fórma litteraria dos sermões; prégava-se recitando versos do pulpito, allegando textos de Petrarcha em vez dos de S. Jeronymo. João de Barros fazia este retrato dos prégadores, em 1531: «Vêr estar um prégador quebrando a cabeça a sy e a todolos os ouvintes, *volteando* no pulpito todo um sermão: e nam lhe fica Garci Sanches de Badajoz, nem Dom Jorge Manrique, em a contemplação de *Recorde el alma dormida;* nem Dom João de Menezes, em *Quem tem alma não tem vida:* nem quantos Sonetos fez a madame Laura (pera d'hy auspirar a graça) que todos não alegue por serem autores já escriptos no catalogo de Hieronimo: e com todas estas e outras palavras cortezans, que anda buscando pera isca de seu requerimento tacito, sam já palavras tam previstas que aventam o visco de longe. E em seu logar de galardam, pagam ao coitado o suor da testa com dizer depois que dece: — Oh cedo? Estaveis um Paulo em Athenas, etc.» (*Ibid.*, 94.) Com o estabelecimento da Inquisição em 1536 e a entrada dos Jesuitas em Portugal em 1542, a Renascença ficou falsificada, e a Reforma abafada pelo terror. As

[1] *Ibid.*, p. 190.

Instrucções dadas por ordem de Paulo III ao Nuncio Lippomani fallam com segurança *delle cose di Portogallo:* «O rei, e consequentemente toda a nobreza que o rodêa presta grandissimo credito aos frades; ou pela sua diligencia e ambição immensa, ou por negligencia e desmazelo dos prelados, tornaram-se os tyrannos d'aquelle reino por meio das confissões e da prédica. — Fr. João Soares, confessor do rei, frade de poucas letras mas de grande audacia e ambiciosissimo... faz negocios de toda a especie sobre pretexto de confissão... É de pessima vida e perigoso...»

«Junto do rei nas cousas graves, são bastante poderosos o infante D. Luiz, por auctoridade que se arrogou quasi violentamente, e o conde da Castanheira por affeição grande que o rei lhe tem. É este *homem malignissimo*, mas faz profissão de consciencia e santidade para colligar-se com os frades que fallam com o rei continuamente. — Dizem que a rainha toma voluntariamente parte nos negocios, e quer parecer que assim o faz. É muito religiosa. — E sobre tudo fallando com ella, todas as cousas devem ser apresentadas como serviço de Deus e bem da Egreja, appelando sempre para a consciencia, para o outro mundo, para o perigo da heresia, e censura da Egreja; e em summa tudo quanto apavora as mulheres religiosas, o que com ella produzirá muito fructo.» E fallando assim o Sacro-Collegio nas Instrucções secretas ao seu Nuncio, revela o jogo de Carlos V incitando os cunhados para o estabelecimento da Inquisição em Portugal: «Convém que o Nuncio saiba, que se diz que o infante D. Luiz é

muito exaltado sobre esta Inquisição, *per essergli cosi imposto dall'Imperatore...»* Emfim, aquella tristeza que Sá de Miranda veiu encontrar na côrte explica-se pelo bigotismo da rainha D. Catherina, sempre aterrada com as cousas do outro mundo, e principalmente por esta conclusão das Instrucções secretas: «Portugal ao presente está reduzido a termos taes que se acha com pouca força; e o rei, além de ser pobrissimo, e com grandissimas dividas dentro e fóra do paiz, augmentadas com grandes juros, é muito mal visto pelo povo, e ainda mais da nobreza, não por sua má natureza, que deixado a si mesmo procederia de outra fórma, mas pelos máos conselhos e actos d'aquelles que o rodeiam.» [1] Sá de Miranda, na Carta em redondilhas a D. João III allude a esta situação do monarcha, e á impossibilidade d'elle poeta se conservar na côrte:

> Quem graça ante o rei alcança
> E i fala o que não deve,
> (Mal grande da má privança!)
> Peçonha na fonte lança
> De que toda a terra bebe!
> Quem joga onde engano vai,
> Em vão corre e torna atraz,
> Em vão sobre a face cai.
> Mal hajam as manhás más
> De que tanto dano sai!

[1] *Corpo diplomatico*, t. v, p. 152.

Homem de um só parecer,
D'um só rosto, e d'ũa fé,
D'antes quebrar que torcer,
Outra cousa pode ser,
Mas de côrte homem não é.

(Str. 11 e 12.)

D. João III, que sempre estimára Sá de Miranda, e que muito confiava no saber de seu irmão Mem de Sá, vendo que elle desejava confinar-se na vida da provincia, deulhe uma Commenda do Mestrado de Christo, Santa Maria das Duas Egrejas, no alto Minho. Todos os factos da sua biographia, como o casamento, e a paga do quarto dos seus rendimentos aos Freires de Thomar, levam a fixar a saída da côrte em 1534. Na Elegia á morte do princepe D. João, allude Sá de Miranda á época em que se recolheu ao retiro dos campos do alto Minho, guiado da influencia ou do desgosto, — quando ouviu fallar do *malvado Inglez*, isto é, de Henrique VIII, que em 1533 se separára da Egreja catholica, por que o papa não quiz permittir o repudio com Catherina de Aragão, para casar-se com Anna Bolena. Eis os versos que interpretamos:

Oh mundo tudo vento e tudo enganos,
Que é d'aquelles triumphos, que é das festas
Que haviam de tornar cedo em mais danos?

Sabe quem tudo vê, que logo eu d'estas
Outras que se seguiram me temi,
Andando polas sombras das florestas

E polos bosques, onde me escondi
Ha tanto já, guiado da influencia
Quando d'aquelle Inglez malvado ouvi.

(*Poes.*, p. 467.)

Era este geralmente o modo de datar os successos da sua vida, usado por Sá de Miranda. Como Henrique VIII em 1533 se declarou protector e chefe supremo da Egreja de Inglaterra, guiado da influencia d'este desgosto, quando ouviu fallar do *malvado Inglez*, é que Sá de Miranda foi esconder-se nas sombras das florestas da Commenda das Duas Egrejas. A circumstancial *Ha tanto já*, com que outro successo póde relacionar-se, escrevendo o poeta em 1554? [1] Na vida da provincia, adquiriu Sá de Miranda a serenidade

[1] D. Carolina Michaelis dá uma outra interpretação a esses versos: «Trata-se do sacrilegio commettido em Lisboa, pelo inglez Robert Gardner, com a hostia na capella real, em presença de toda a côrte, e que provocou a Pastoral de 12 de dezembro do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos.» Cita o trecho de Francisco de Hollanda, *Da Fabrica*, etc., fl. 29:— «ali onde foi do ereje tão mal tratado, na Sala d'El Rei vosso avó em o tempo das festas do casamento dos muitos serenissimos princepes D. João e D. Joanna, vossos gloriosos pai e mãi...» Depois de citar outras referencias ao facto, continúa a diligentissima editora: «A profunda impressão que este attentado causou, revela-se na tradição que diz não ter El Rei largado o lucto, que então tomou, todo o resto da sua vida.— É inacceitavel o que Th. Braga diz a respeito das linhas que interpretamos, trazendo a campo Henrique VIII, de Inglaterra, etc.—A data que Th. Braga fixa para a retirada de Miranda *por causa* das heresias

da alma, e o equilibrio moral da sua existencia, o que lhe deu uma bella idealisação artistica e o poder de um «*alto e heroico entendimento.*»

§ IV. Na vida da provincia, e a manifestação dos novos talentos

Logo que Sá de Miranda se retirou da côrte, procurando a tranquillidade ou antes a existencia monotona da vida da provincia, preferiu o alto Minho, cuja natureza como os costumes contrastavam com a região e habitos da Beira. O motivo d'essa preferencia talvez se explique por ter ali adquirido a Quinta da Tapada, que elle melhorou; e por

---

del rei de Inglaterra (1534) não tem pois o menor fundamento.» (*Poesias*, p. 853.) A data de 1534 está fixada e acceita por D. Carolina Michaelis, como aquella em que Sá de Miranda se estabeleceu na Tapada (p. XXIII); e eu nunca attribui á heresia de Henrique VIII a causa do ostracismo do poeta. A allusão ao *malvado Inglez* está relacionada com a época do seu retiro para a provincia, e para que vinha o fallar n'este facto senão para limitar essa época passada *Ha tanto já.* Demais se o poeta quizesse alludir ao desvairado inglez de Bristol que calcou aos pés a hostia, dar-lhe-ia um nome menos generico e importante, sem empregar a letra maiuscula *Inglez*, fórma antonomastica de designar o rei de Inglaterra. O crime do desacato foi logo exageradamente castigado, emquanto que a desmembração da Egreja pelo *malvado Inglez* (Henrique VIII) é que occorria ao grave juizo de Sá de Miranda, associando o seu retiro a um grande acontecimento, mas só como mnemonica.

este mesmo motivo, possuindo já a Commenda de S. Julião de Mouronho a sete legoas de Coimbra, é que D. João III lhe deu a Commenda do Mestrado de Christo em Santa Maria das Duas Egrejas, no alto Minho, proximo da sua casa. [1] A natureza e a vida do Minho deixam uma impressão indelevel nos que ali não foram nascidos; na Carta a Antonio Pereira, senhor de Basto, consigna Sá de Miranda essa impressão:

Penedos sobre penedos
De que as serras cá são cheas,
Vistas se vos fazem feas.
Direis dos *vinhos azados*
O que já disse Cineas
A quem, nos convites dado
A provar se lhe aprouvesse
Depois *nos almos mostrado:*
—Nunca vi (disse) *enforcado*
Quem a forca assi merecesse.

Ás vezeiras montarias,
Derribar aves no chão,
Cantando inverno e verão,
Que al é se não remir dias
Do enfadamento aldeão?

(*Poes.*, p. 238.)

Um dos aspectos curiosos do Minho é pelos montes e encostas a agglomeração de

---

[1] Ha outras freguezias com os nomes de *Santa Maria das Duas Egrejas*, em Aguiar de Sousa, que era do bispado do Porto; *Sam Sylvestre das Duas Egrejas*, na Beira baixa; o logar das *Duas Egrejas*, no bispado de Miranda.

grandes blocos graniticos erraticos; é essa belleza das arvores cobertas de vides cheias de cachos de uvas, como um andor que deslumbra o crente; é tambem o *vinho verde*, ou o *vinho de enforcado*, que dão essas parreiras penduradas de arejões ou arvores que dividem os campos. Depois as montarias ao porco bravo ou teixugo, as romarias para onde se vae e vem sempre em descantes, as esfolhadas, as espadeladas, tudo cantando, apupando. Para a indole melancholica de Sá de Miranda, o Minho por isso que era assim áspero e ao mesmo tempo risonho tornava-se-lhe sympathico; era ali, como na phrase de Lope de Vega, «peregrino en su patria.» Tambem allude ao costume ainda hoje persistente de correrem a provincia os almocreves com canastras de peixe salgado, de que se alimenta o aldeão nos dias mais abundantes:

> A cêa fará mais branda.
> Com dois peixinhos passarás
> Do rio, e *não d'almocreves*
> Que as vilas fazem tão caras.
> Beberás nas fontes claras,
> Sonharás sonhos mais leves.
>
> (*Poes.*, p. 182.)

Assim que Sá de Miranda se achou longe da côrte, e readquiriu a serenidade do seu espirito, fez como o naufrago que olha para o pelago d'onde escapára, e o contempla de longe com segurança. Fallando de si sob o nome de pastor Gil, na Ecloga *Basto*, refere-

se aos dois conflictos que actuaram na sua viagem e no retiro a que se accolhe:

O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra,
Vem um, vem *outro alvoroço*:
Co'seu fardel ó pescoço
A pastor se recolhera.

Ora elle assi pastor sendo,
Se primeiro andára mal,
Foi apalpando, foi vendo
Antre nos que era outro igual.
Tambem se foi delambendo.
Uma vez lama, outra poo,
Sempre homem anda achacado!
Fez inda *mais outro vôo*:
Por milhor houve andar soo
Que assi mal acompanhado.

(*Poes*, p. 158.)

Ha n'estes versos duas allusões; os factos comprovam-as. Por causa dos seus amores com D. Isabel Freire, saíu elle da côrte e foi fazer a viagem da Italia, como vimos, em uma época tão calamitosa. Quando já na côrte de D. João III chegou a Lisboa a noticia do fallecimento de D. Isabel Freire em Madrid, o poeta ajuntou mais essa magoa á d'aquelles que lhe faziam sentir «Que enfada muito a verdade.» Não faltou quem attribuisse na côrte esta retirada a amores:

Mal vae que sempre empiora!
E que lingua a dos pastores!
Um olho ri, outro chora,
Este diz—que *são amores*;

Outro mais, que é *mal de fóra.*
Um se torce, o outro diz
(É máo jogo este das linguas!)
Ou tal fiz, ou tal não fiz.
A cada canto um juiz,
Entre tanto á praça as minguas.

(*Poes.*, p. 163.)

O poeta compraz-se n'esta Ecloga *Basto*, offerecida como uma confidencia ao seu bom amigo Nuno Alvares Pereira, seu visinho, a enumerar os motivos da determinação que tomára:

Tu sabes que eu me abrigára
A esta vida de pastor:
Vinha mui corrido á vara...

Um vento após outro vem,
Andára muitos logares,
Vira já muito, e porém
O que não experimentares
Não cuides que o sabes bem!

. . . .

Achei-vos cá *fortes amos*
Que querem que os adoremos.

O entendimento que é nosso
Não nol-o querem deixar.

. . . .

Polo qual co' meu fardel
Fugi das vossas aldeias...

E depois de esboçar a prepotencia dos favoritos, mostra como foi uma questão de ami-

sade, que o tornou incompativel com os mandões:

A suidade não se estrece
Porém soffra o coração
(Que este é o que mais me empece!)
Se outro senhor não conhece
Salvo justiça e rasão.

É então n'esta seguinte estrophe que allude a Bernardim, *o seu amigo do Torrão:*

Então queixo-me-te logo,
Que em casos que aconteceram,
Vi-me por elles no fogo,
Bradei e não me valeram.
Nem os brados, nem o rogo
Ali me sahi, mas quedo
A quedo, e fará um dia
O que outro não faz, e hei medo
De vêr mór vingança cedo
Do que já'gora queria.

(*Ibid.*, p. 168.)

Vim fugindo ás armadilhas
Que via armar e tecer.

(*Ibid.*, p. 171.)

Muitos dos váos apalpei
Aos trabalhos me despuz,
Dos que cuidei e cuidei
Disse comigo:—Ora, sus,
Se erros fiz, erros paguei.
Cuida homem que bem escolhe
A's singelas só comsigo,
Não sei quem te a vista tolhe!
Fujo como quem se accolhe
D'onde vê certo o perigo.

(*Ibid.*, p. 177.)

Na Carta a Pero Carvalho descreve as falsidades da vida palaciana, em época em que se póde crêr que começavam as fogueiras da Inquisição:

Mas torno áquelle abrigado
Em que me accolhi aos ventos,
E depois de em mim tornado
Que rir! que esmorecimentos
De tempo tam mal gastado!
E os fogos que ora se accendem,
As prestezas das mudanças,
Males que logo se estendem,
A's vidas curtas defendem
Tomar longas esperanças.

(*Ibid.*, p. 216.)

Não seria eu, isto vendo,
De juizo e rezão sã,
Andar-me os dias perdendo?
Comecei de ante-manhã,
Não sei que andava fazendo,
Ia-me enjoando assi
O' tom por onde os mais andam.

(*Ibid.*, p. 221.)

Essa Circe feiticeira
Da Côrte tudo trasanda,
Um faz uma onça ligeira,
Outro faz lobo que manda,
Outro cão que a caça cheira.
Cantam ó passar sereas
Que fazem adormecer.
Correndo todas as vêas
De sono e tal sabor cheas,
Não se póde homem erguer.

(*Ibid.*, p. 222.)

Esta comparação da Circe apparece-nos paraphraseada em uma Carta de Caminha, signal de que a Carta a Pero Carvalho fôra muito lida na côrte, e que o ostracismo do poeta não foi um facto indifferente.

A saída de Sá de Miranda obedeceria tambem a esta tendencia de imitação com que se manifesta o assentimento aos actos das grandes individualidades. O velho poeta palaciano João Rodrigues de Sá de Menezes resolvera retirar-se para a sua casa na provincia, como repousado refugio da sua longevidade; na Carta de Manoel Machado de Azevedo a Sá de Miranda allude-se a este facto:

> Vosso parente e amigo
> *Joanne de Sa*-ber tanto
> Descantou tanto em seu canto
> Que deu n'um canto comsigo.
>
> Descoseu linhas a tantos
> (Se bem mais canonisou!)
> Mas um d'esses se vingou
> Sem lhe valer estes santos.
>
> (Str. 15 e 16.)

Quando mais tarde Pero de Andrade Caminha lhe escreveu uma Epistola, saudando-o no seu retiro, queixava-se:

> Que esta Circe feiticeira
> Da Côrte, dá volta a tudo,
> E a lingua mais verdadeira
> Converte em mais lisongeira,
> E em mais doudo o mais sesudo.

Tambem se refere á retirada de Sá de Miranda da côrte, motivada nos desgostos inevitaveis do meio aulico:

O grande *Sá de Miranda*
Bem entendeu a verdade
D'este mal que entre nós anda,
Lançou-se lá d'essa banda
Seguro que nom se enfade.

Bem se vê que nom se enfada
Nas maravilhas que escreve,
Que alta fama tem ganhada,
A vêa só n'elle achada
Quanto todo ingenho deve.

Fugiu ás occasiões
Do tempo, que ha muitas cá
Que quebram mil corações,
Que causam mil semrazões,
De que está seguro lá.

Sobre tudo poz os pés
Como quem sente o que sente,
Viu tudo andar ó revés;
Nom fora cá ledo um mez,
É lá todo anno contente. [1]

Talvez se possa fixar a data d'esta Epistola por 1539, por que Pero de Andrade Caminha refere-se a um acontecimento lamentavel:

---

[1] Caminha, *Poesias*, p. 103.

Vêdes quantos fundamentos
    Que *desfez n'este janeiro!*
    Que é d'aquelles pensamentos?
    Mudou-os em sentimentos,
    Mas avisou-nos primeiro.

Que castigos nom pequenos
    Deu de pouco para cá,
    Nom merecemos nós menos,
    Mas forom par'este acenos,
    Se n'elle acabasse já.

Sabe-se que a infanta D. Beatriz morreu em 2 de janeiro de 1539, e sua irmã a imperatriz D. Isabel no 1.º de maio d'este mesmo anno; as desgraças succedidas em 1534, o fallecimento do infante D. Fernando, seus filhos e sua mulher, parecem explicar a phrase do verso *de pouco para cá*. A' ideia de castigo attribue Caminha os acontecimentos, que elle mesmo não ousa indicar:

D'Elle assi nos castigar
As causas Elle as entende;
Poderam-se adivinhar,
Mas quem ousará fallar,
Se o tempo nol-o defende?

Na Carta escripta a seu irmão Mem de Sá, depois de 1543, ainda allude á retirada da côrte:

Polo qual a este abrigo,
Onde me *accolho cansado*
E já com assaz perigo,
A essas letras que sigo,
Devo que nunca me enfado;

Devo a minha muito amada
E prezada *liberdade*
Que tive aos dados jogada.
Aqui sómente é mandada
Da resão boa e verdade.

Nas côrtes não póde ser!
Vêdes os tempos que correm!
E assi vêmos té morrer
Irem muitos a correr
Por fugirem d'onde morrem.
Ora pôr peito á corrente,
Que sejaes forçoso e são,
E de sangue inda fervente,
Gram nadador, claramente
É quebrar braços em vão.

Buscar e sonhar privanças
Dar de entrada a liberdade
Logo por vãs esperanças,
Esses jogos, essas dansas
Passem co'a mocidade.

(*Poes.*, p. 228.)

D. João III, quando conseguira chamar a Portugal o grande humanista Nicoláo Clenardo, em 1534, devia ter um certo pesar em vêr que Sá de Miranda se ausentava da côrte para o isolamento da provincia; mas logo que soube do seu designio, e como estava investido do Mestrado de Christo nomeou-o Commendador de *Santa Maria das Duas Egrejas*, proximo do Pico de Regalados, na margem esquerda do Neiva, no concelho de Villa Verde, Arcebispado de Braga. [1]

[1] Em carta e Instrucções dadas ao Dr. João de Faria em 22 de julho de 1522, recommendava-lhe

Não existe a carta régia de nomeação por se ter perdido o livro da chancellaria da Ordem de Christo d'esta época; conhecia-se o facto pela referencia do biographo anonymo: «tendo-lhe El rey dado hũa Commenda do Mestrado de Christo, que chamão as Duas Igrejas, no Arcebispado de Braga...»[1] Hoje ha um documento que o confirma; é um recibo datado de 18 de abril de 1537, que se encontrou no livro que está na Torre do Tombo, intitulado *Caderno do recebimento do dinheiro dos tres quartos que os Commendadores da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo pagam das suas Commendas para as obras e fabrica d'este Convento de Thomar.*[2] Pagou Sá de Miranda para as obras do convento o quarto do rendimento das suas duas Commendas, Santa Maria das Duas

D. João III, para obter do papa o que já mandára pedir por Alvaro de Sousa: «que lhe prouvesse de nos conceder a menistração e guovernança do mestrado de nosso senhor Jesus Christo...» Em carta de 25 de maio de 1523, escrevia D. Miguel da Silva a el-rei sobre a bulla da concessão do padroado dos trez Mestrados: «vagando *pode nomear pessoa idonea*, e o papa a hade confirmar; e pola confirmação não se lhe deve mays que certa quantidade de dinheiro pequena... e não sendo a pessoa abile por defeito de edade ou por não querer tomar o habito a poder ser mestre segundo os estatutos da Religião, em tal caso compre vyr ao papa...» *(Corpo dipl.)*

[1] Errou a collocação, accrescentando: «Junto a Ponte de Lima.» Mas justifica-se, por que este logar era servido pelo correio de Ponte de Lima.

[2] «Aos xbiij dias do dito mes *(o recibo anterior é de X dias do dito mes de Abril e da dita éra de 1537)* recebeo mais o dito frey Gaspar, recebedor, de frey Francisco de Saa de Miranda, per hum seu criado,

Egrejas, no Arcebispado de Braga, e S. Julião de Mouronho, no Bispado de Coimbra. Pelo documento citado se fica conhecendo um facto ignorado, o da propriedade da Commenda de Mouronho, a qual não se encontra na lista das Commendas da Ordem de Christo, talvez por ter sido annexada á parochia, por causa do seu pequeno rendimento. Infere-se mais do mesmo documento qual o rendimento que Sá de Miranda tocava; escreve Viterbo: «Pagando elle 17:500 reaes pelo quarto do rendimento, o total d'este vinha a ser de 70:000 reaes, o que para aquella época era valiosissimo.» Multiplicando por vinte este rendimento, seria de 1:400$000 reis na actualidade. Pela lista dos Commendadores, vê-se que depois da morte de Sá de Miranda, entrou como commendatario de Santa Maria das

---

dezasete mil e quinhentos rs. de hum quarto das comēdas de Santa Maria das Duas Igrejas, do arcebispado de Braga, e de São Gião de Moronho, do bispado de Coimbra, de que he comēdador, perante mim sobredito scpriuão e por verdade assino aqui. = frey Sebastiam = frey Gaspar.» *Livro da receita e despeza das obras do Convento de Christo,* 120, fl. 501, v. Na Torre do Tombo. Documento achado pelo Dr. Sousa Viterbo, e publicado no *Instituto,* vol. XLII, p. 683. Sobre este Ms. escreveu o mesmo auctor no *Diario de Noticias* (6-XI, 95: «Este livro contém tambem verbas de despeza feitas com as obras, indicando os nomes de alguns artistas, como o do architecto João de Castilho, e do illuminador Antonio de Hollanda, e foi sob o ponto de vista artistico que o exploraram alguns distinctos investigadores. A parte, que diz respeito aos Commendadores estava por assim dizer intacta, sendo porém de grande interesse historico e digna de ser publicada pelos esclarecimentos que presta para a biographia de alguns membros da ordem.»

Duas Egrejas um frei Antonio de Sá, que se não póde saber se era parente do poeta.

No *Livro de toda a Fazenda do Reino de Portugal*, feito em 1606 por Luiz Figueiredo Falcão, secretario de Philippe II, encontra-se apontado o rendimento da Commenda das Duas Egrejas. Das cento e outo Commendas do Mestrado de Christo no Arcebispado de Braga, é a das Duas Egrejas a decima terceira, pertencendo ao numero das Commendas Novas, que *pagam meia anata*: «A Commenda de Santa Maria das Duas Egrejas: he hoje (1607) Commendador Ruy Mendes de Vasconcellos. Avaliada no anno de 1592 em cento oytenta mil reis.» [1] N'este tempo já o marco de ouro valia quarenta mil reis, e por tanto reduzido ao preço de hoje, equivalia o seu rendimento a quinhentos e quarenta mil reis; porém, se em vez de considerarmos este valor em metal, deduzirmos a proporção para genero, era o rendimento d'esta Commenda de mais de um conto de reis annual. D'onde se deprehende que a outra Commenda de S. Julião de Mouronho tinha um pequeno rendimento. Parece-nos entrevêr por que motivo a Commenda não continuou na familia de Sá de Miranda. Pela bulla do papa Leão X, as *meias anatas* das Commendas Novas eram pagas em Roma á Camara apostolica, aonde os Commendadores depois da nomeação régia eram obrigados a impetrar uma nova provisão dentro de outo mezes. «O papa Clemente VII a instancias de el

[1] *Livro de toda a fazenda*, p. 213.

rei D. João o 3.º concedeu *authoritate apostolica*, que os Commendadores d'estas Commendas não fossem obrigados a pagar mais que hũa so *quarta parte* da renda de hum anno nos primeiros dois annos, e que com esta parte se aja por satisfeito ao dito Statuto, como se paguassem trez coartos e gozassem da graça do dito Statuto confirmada pelo papa Alexandre VI. Esta concessão feita por Clemente VII confirmou o papa Paulo III seu immediato, a instancia del rei D. João III no anno de 1534, como parece do Livro da fundação da Ordem, folhas, 107.» [1] Aqui temos explicado o por que Sá de Miranda pagava o quarto do rendimento das Commendas; por que recebera a graça de D. João III em 1534, competindo-lhe a concessão pontificia. Descontando os outo mezes da impetração em Roma de nova provisão e o da tomada do habito em Thomar, o *quarto* pago em 1537 é a primeira d'essas duas prestações impostas aos novos Commendadores, nos primeiros dois annos, e que era condição para gosarem o privilegio de testar.

A Commenda de Sá de Miranda comprehendia a freguezia de Santa Maria das Duas Egrejas, á qual eram sufraganeos differentes logares ou povoações, que se acham apontados no relatorio em 1758 pelo parocho, quando o P.e Luiz Cardoso tentou reconstruir o seu *Diccionario geographico de Portugal*. Ahi se lê, que o orago é Santa Maria: «celebra-se a 15 de agosto; dá n'esse dia a Com-

---

[1] *Ibid.*, p. 249.

menda de esmola ao parocho pela missa 2$500, por costume e sentenças antigas.» Produz milho, centeio e algum vinho verde. A parochia fica no centro de um valle, e confinada pela serra do Cural ao norte, e ao sul pela serra de Trancos; por ella passa «um regato a que commumente chamam *rio Neiva*, que corre brandamente e vem da freguezia de Pedregaes, corre de nordeste entre rumo de susudoeste e sudeste para a freguezia de S. Payo de Goaes, que em algum tempo se caçam n'elle algumas trutasinhas. N'elle entram no districto d'esta freguezia dous regatos mais pequenos e arrebatados, que principiam na mesma, que se chamam rio do Souto e rio de Lagares.— A pescaria é livre. Suas margens se cultivam e fazem uma campina aprasivel; produz bastante vinho verde, e é fertilissima de milhão; tem alguns moinhos; os lavradores usam livremente das suas aguas para a cultura das suas terras.» [1] O nome de *Neiva* serviu na poesia portugueza do seculo XVI para designar bucolicamente Sá de Miranda, segundo o estylo usado nas litteraturas da Renascença. Sá de Miranda, que nas visitas aos seus amigos Pereiras de Cabeceiras de Basto comia ali as trutas apanhadas no Tamega, tambem as tinha no seu Neiva; e na Ecloga *Basto* diz:

Como lontra jaz no rio
Um que o seu gado mal passa,
Elle pesca, ora co' fio,
Ora cana, ora com naça.

(*Poes.*, p. 158.)

[1] Mss. do *Dicc. de Cardoso*, vol. XIII, fl. 203. Na Torre do Tombo.

E na Carta a Pero Carvalho:

Por faminto que venhais
Morto de sede e frio,
Fogo onde quer o achais,
Dá-vos da sua agua o rio,
E ás vezes de que comais.

(*Ibid.*, p. 217.)

Eram frequentes as romarias e feiras em volta de Santa Maria das Duas Egrejas; no logar da Silva a romaria de Santa Martha; no do Chasco a de Santo Antonio; em Sobradello a de S. Sebastião; no logar de Cabanas era a feira franca em 13 e 14 de dezembro de alimarias de creação. Sá de Miranda allude a estas romarias, que são o divertimento minhoto mais popular, em que ha contínuos descantes que elle imita nas suas Eclogas em redondilhas com uma naturalidade que encanta. Com a saída da côrte, o seu contacto com a natureza deu-lhe uma expressão viva e inimitavel á sua poesia, alliando o espirito philosophico com as sentenças da sabedoria popular. E para corrigir o exagerado subjectivismo a que o levavam os seus desgostos ou desenganos, fortificou-se com o contacto da natureza:

Fallemos co'a natureza
Andando pelas florestas.

(*Ibid.*, p. 154.)

Na biographia por D. Gonçalo Coutinho, relata-se que Sá de Miranda, logo que aban-

donou a côrte, foi tomar posse da Commenda: «recolheu-se a hũa Quinta que tambem tinha ahi perto, chamada da Tapada, deixando o mimo da côrte, a conversaçam dos amigos, a esperança de muitas mercês...» Por estas palavras deprehende-se que o poeta já era proprietario da Quinta da Tapada, e que a ella se recolheu por se achar *ahi perto* da Commenda com que fôra agraciado. Em duas velhas genealogias encontrou D. Carolina Michaelis as seguintes indicações: *fez a Quinta da Tapada*, e tambem: *Fundou a casa e Quinta da Tapada.* [1] Em uma Ode de Caminha a Sá de Miranda, allude ao prazer d'esta obra:

> Louvas teu doce Neiva, as aguas sans
> *Da tua fonte, as fruitas que plantaste,*
> As aves que ouves, os teus santos ocios.
>
> (*Op. cit.*, p. 204.)

A Quinta da Tapada não fazia parte da Commenda das Duas Egrejas, que apenas constaria dos rendimentos e de uma casa de celleiro ou arrecadação das prestações em generos. [2] A situação da Tapada na fregue-

---

[1] *Poesias*, p. XXIII, not.

[2] Escreve D. Carolina Michaelis: «Um facto não ponderado até hoje leva-nos a crêr que a Quinta não fazia parte da Commenda, e é: o acharmos uma outra familia na posse das Duas Egrejas já em 1592, os Mendes de Vasconcellos, familia nobilissima que teve o seu solar n'estes sitios, no concelho de Amares... A Quinta porém continuou e continúa na posse dos descendentes do poeta: os Azevedos de S. João de Rei, como solar.» *Ibid.*, p. XXIII, not.

zia do Fiscal (districto de Braga) fica a meia hora do castello e solar de Crasto, de que era então senhor Manoel Machado de Azevedo, que fôra companheiro de Sá de Miranda na Universidade de Lisboa, e nos mais alegres dias da côrte. É natural que pela sua amisade sempre respeitosa pelo talento e valor moral de Sá de Miranda, o fidalgo Manoel Machado de Azevedo influisse no seu animo para adquirir e fazer a Quinta da Tapada. E' certo que pela proximidade a que estava da casa de Crasto, tornava-se agradavel ahi a vida, por uma facil e escolhida sociabilidade. Em quanto Sá de Miranda se concentrava na sua delicada idealisação dos costumes populares nas Eclogas em redondilhas, no retiro da Tapada, temperava essa contensão de espirito alegrando-se no solar de Crasto, aonde se celebravam alegres banquetes, estrondosas festas a que concorreram por distincção especial os infantes D. Luiz e D. Henrique, e em que se davam bellas representações dramaticas, mômos, comedias, e se discreteava sobre poesia. A situação da Quinta da Tapada foi descripta por D. Carolina Michaelis, que fez a piedosa romagem aos logares em que vivera e está sepultado o poeta; e embora nada exista na Quinta que seja contemporaneo de Sá de Miranda, comtudo a natureza é sempre a mesma, e nos mostra como impressionaria aquelle elevado espirito: «A situação é idyllica, e reina alli o mais profundo silencio. — A casa da habitação, collocada na encosta de uma collina e com vistas desafogadas, é bastante vasta, de um andar, com cocheiras e adegas. — Falta-lhe a ala es-

querda; em seu logar vê-se a capella, em posição mais elevada do que a casa...» Embora estas obras pertençam aos principios do seculo XVII, representam-nos a situação da edificação anterior. Saíndo da capella ha o «vasto Terreiro deante do palacete, do qual se gosa uma formosa vista sobre os campos e collinas fronteiras, por que a posição da Quinta é bastante elevada.» [1] Dando volta á ala direita da casa, junto ao muro depara-se um tanque no qual jorra agora a agua que alimentava outr'ora *a fonte* a que o poeta se assentava contemplativo, de que existem quasi fronteiros os vestigios: «A fonte ao pé da qual o poeta, segundo conta a tradição, imaginou grande parte das suas poesias, arruinou-se, vendo-se hoje em seu logar só uma cova, coberta de silvas.» Na tradição dos actuaes proprietarios, attribuem uma grosseira esculptura como resto da «*antiga fonte*, que ficava á frente do tanque e um pouco á direita n'uma depressão do terreno, debaixo de uma nogueira alta e ramalhada.» Caminha, na Ode a Sá de Miranda parece referir-se a esta arvore, encarecendo as aguas sans *da tua fonte, os fructos que plantaste.* No Ms. de Paris o soneto X, traz a rubrica *A ũa fonte sua;* é encantador, por que nos revela a phase moral em que o poeta se achava quando começou certa sympathia por D. Briolanja de Azevedo, do solar de Crasto:

[1] *Poesias*, p. XLII.

Io no entiendo bien que, mas esta *fuente*
Habla comigo, i ora se me antoja,
De tantas quejas mias que se enoja,
Oras que me consuela i que las siente.

Amor que aqui me trajo, no consiente
Que io vaia a otra parte donde me acoja
D'estes sueños en que ando, juzgue i escoja;
I es verguenza tardar tan luengamente. [1]

Sá de Miranda cedo reconheceu na sua vivenda de celibatario, que a solidão moral era mais terrivel do que todos os inconvenientes da sociabilidade. Desde a noticia do casamento de D. Isabel Freire em Hespanha, podia elle conservar-se celibatario, como em certa fórma stoica de protesto; porém conhecido o seu fallecimento, era um sacrificio insignificativo. Distrahia-se na caça pelas serras de Cural e Trancos, e convivia ora em casa dos seus bons amigos Nuno Alvares Pereira e Antonio Pereira, senhor de Basto e Lamegal, na Quinta da Taipa, ora na Quinta e solar de Crasto com Bernardim Machado e Manoel Machado de Azevedo, senhor de Entre-Homem e Cávado. Vamos acompanhal-o n'esta intima e santa convivencia, em que se fallava de poesia e de arte n'essas ceias do paraiso. Na casa de Crasto vivia D. Briolanja de Azevedo em companhia de seus irmãos, typo minhoto, pouco formoso mas de ár carinhoso e genio manso; já passára a florente adolescencia. Sá de Miranda reconhecia-se

[1] *Poesias*, p. 73.

pobre para a convidar para a existencia conjugal na Quinta da Tapada, que elle estava fazendo; além d'isso como atrever-se a fallar n'isso ao seu poderoso amigo Manoel Machado de Azevedo? Era natural a hesitação. Na Ecloga *Basto*, communica este seu pensamento intimo a Nuno Alvares Pereira:

O coração é na aldeia
Lá me hão de levar os pés.
E tu dize o que quizeres,
Torce cá e torce lá;
Defende teus pareceres,
Mas onde hi não ha mulheres
Sabe que hi vida não ha.

Aquella graciosa edade,
O parecer que nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta,
Não é de todo vaidade.
Sospiraste! ora eu te entendo;
Nós fallaremos depois.
Por ora a deus te encomendo.

(*Poesias*, p. 182.)

Na Carta ao seu velho parente João Rodrigues de Sá, tambem se refere a este projecto de casamento, que não foi tanto a frio como faz suppôr o biographo anonymo, e que foi a fonte de uma incomparavel felicidade:

Fui posto em gram diferença
Se casaria, se não?
Houve de saír sentença
Que a só ũa desse a mão,
A's outras boa licença.

Isto assentado, Amor deu
Claro sinal que era ali;
Eu o som do coldre, eu
O som das setas ouvi.

Amor, que estás sempre avindo
E junto á propria vertade,
Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade,
Que entrego em te aqui sentindo.
Põi do teu fogo a esta casa!
Arça sempre e nunca abrande,
Que deus é fogo que abrasa
Sei-o de um privado grande!

(*Ibid.*, p. 213.)

Na *Vida de Manoel Machado de Azevedo*, consigna-se o facto de ter Sá de Miranda rogado a D. João III que servisse de medianeiro n'este casamento, pedindo a Manoel Machado a mão de sua irmã. O senhor de Entre-Homem e Cávado sentiu-se muito lisongeado com o pedido do rei, e da parte de Sá de Miranda cessaram os receios de que se fallasse em elle ser filho de um conego de Coimbra e de uma mulher solteira. Sendo o casamento em 1536, o que se fundamenta pela edade com que morreu o primogenito, vê-se que todos estes passos se effectuaram morosamente, e que as tenções do poeta já estavam determinadas no seu espirito no primeiro anno em que viveu na Tapada. Foi durante este tempo, em que ao entrar na velhice se sentiu apaixonado por D. Briolanja de Azevedo, que elle mais conviveu com os seus amigos Pereiras de Cabeceiras de Basto. Achava-se com grande robustez, e matava os ocios an-

dando pelos montes á caça; em uma d'essas partidas é que se achou perto da Taipa e se relacionou com estes amigos.

O biographo anonymo, escreve do poeta: «Era inclinado á caça dos lobos, e exercitava muitas vezes indo a ella foteado todo e á gineta...» Pela descripção da freguezia de Santa Maria das Duas Egrejas, vêmos que era nas serras do Cural e de Trancos que elle andava n'essas caçadas ao lobo e ao porco bravo; lê-se na relação de 1758: «Parte esta freguezia pela parte do norte com a serra ou monte do *Cural*, que terá de comprido no districto d'esta freguezia um quarto de legoa... Caminhando do sul para o norte tem a serra de *Trancos*... por distancia de uma legoa de comprido e meia de largo.— O seu temperamento é frio; n'estas serras se criam bois, vacas, bestas, coelhos, perdizes, e tambem porcos bravos, e algumas vezes apparecem lobos. Da parte do nascente tem a serra de Burrello, que é inculta.» Em uma d'estas caçadas pelas serras, é que foi parar a Cabeceiras de Basto, e começou a convivencia litteraria com Nuno Alvares Pereira e Antonio Pereira, senhores da terra:

Foi assi pola ventura
Que, andando ora aquele dia
Afogado da quentura
Por terra que não sabia,
Que, aquela menhã, correndo
Polo monte, emquanto provo
Uns cães que houvera de novo
Fui-me trespondo e perdendo.

Levou-me um lobo apoz si;
Eu como doudo corria:
Toma aqui! toma ali!
Cuidando de lhe atalhar
Polo alto atravessei;
Tanto corri, tanto andei
Que me não soube atinar.

(*Poesias*, p. 381.)

Seguindo de outeiro em outeiro, conta como foi parar a Basto, guiado por uns pastores:

Assi cá e lá andando
Pela rara e gram floresta,
Vi pastores ter a sésta:
Fui pera elles chegando.

Alguns, que d'alem da serra
Das feiras me conheciam,
Basto! Basto! áquella terra!
Todo apupando deziam.
Eu que não tinha já pés
Não sabia pera onde ir.
Se folguei de os ouvir,
Isso não m'o perguntei!

A freguezia de Cabeceiras de Basto está situada em um delicioso valle entre dois pequenos montes, Gateiras e Ladario; junto corre o rio Tamega. Era ahi a Quinta da Taipa (antigamente Tapada) [1] residencia dos senhores de Cabeceiras de Basto e Lamegal,

[1] J. A. d'Almeida, *Dicc. chor.*, t. I, p. 199.

os Pereiras, por alcunha os Marramaques. Viviam ali n'aquella época, os dois filhos de João Rodrigues Pereira, (valido do rei D. Manoel e da sua primeira mulher D. Isabel) e de D. Maria da Silva (filha de Ruy Mendes de Vasconcellos); chamavam-se Antonio Pereira Marramaque e Nuno Alvares Pereira. Sá de Miranda dedicou-lhes as suas mais bellas Eclogas, *Basto* e *Nemoroso*, em que revela a mais encantadora sympathia e convivio intellectual. É natural que reconhecessem entre si algum parentesco, por que o avô dos Pereiras, Gonçalo Pereira, de Riba de Visella, fôra casado com D. Maria de *Miranda*. Nuno Pereira conservou-se solteiro; Antonio Pereira casou com D. Catherina, filha de João Lopes de Sequeira, governador da India, e d'ella teve dois filhos, João Rodrigues, que militou em Ceuta, e Gonçalo Marramaque, que foi capitão de Ormuz.

Na Carta escripta *A Antonio Pereira, senhor de Basto, quando se partiu para a côrte co'a casa toda,* [1] o poeta começa por condemnar a tendencia centralista, que desvia da provincia todas as energias para Lisboa; as riquezas da India e Brazil espalhavam um vento de hallucinação, cujos symptomas não escapam ao seu espirito contristado:

Como eu vi *correr pardáos*
Por Cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas e em gasto,
Vi por caminhos tam máos
Tal trilha, tamanho rasto;

[1] Rubrica da ed. de 1595.

N'esta ora os olhos ergui
A' casa antiga e á torre,
Dizendo commigo assi:
Se nos deus não val aqui,
Perigoso imigo corre.

Fazendo o confronto da vida da provincia com os habitos dissolventes da côrte, recorda o poeta os dias felizes que passára na Quinta da Taipa em casa dos Pereiras, os estimados senhores de Basto, e dos frugaes jantares em que o manjar mais delicioso era o das conversas litterarias:

A' vossa fonte tam fria
Da Barroca em julho e agosto
(Inda me é presente o gosto)
Quam bem que nos i sabia
Quanto na mesa era posto!
Ali não mordia a graça,
Eram iguaes os juizes,
Não vinha nada da praça,
Ali da vossa cachaça,
Ali das vossas perdizes!

Ali das fruitas da terra,
(Que dá cada tempo a sua)
Colhida á mão cada ũa!
Nunca o sabor a vista erra,
Cheirosa, formosa e nua.
Oh cêas do paraiso
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala danosa ou riso,
Nem carregadas do siso,
Nem danadas da licença!

Des i, o gosto chamando
A outros móres sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e *furioso Orlando*,
E da *Arcadia* os bons pastores.

Se eu isto estimado agora
Vira como d'antes era,
Por meu conto ávante fora,
Mas não diz ora com ora:
Vão-se, como ó fogo a cêra!

Nas edições mirandinas de 1595 e 1614 vem mais desenvolvido este quadro das leituras intimas:

Liamos os *Assolanos*
De Bembo, engenho tam raro
N'estes derradeiros annos,
E os pastores italianos
Do bom velho Sanazaro.
Liamos polo alto Lasso
E seu amigo Boscão,
Honra de Espanha que são,
Ia-me eu passo a passo
Aos nossos que aqui não vão.

(*Poesias*, p. 241-2.)

E confrontando este quadro com a vida já entristecida do paço, é ainda com saudade que recorda os bellos dias da Taipa:

Tereis lá conversações,
Tereis graças delicadas,
Do ár do paço ajudadas;
Passaram derivações,
Se já a todos são passadas.
Trasposeram os amores,
Deixaram o paço ás cegas...

. . . .

Fel-as ir crecendo a magoa,
Lembro-vos as vossas fruitas!
Lembro-vos as vossas truitas!
Que andam já por vossas na agua.

(*Poes.*, p. 249.)

Na Ecloga *Nemoroso*, dedicada ao seu amigo Antonio Pereira, confessa como lhe deveu o emprestimo das poesias de Garcilasso:

Io vine desviando
A peligros de aldea,
Digamos de la villa
Tras la verdad senzilla.
No nos matemos, mas, sea ó no sea,
Enviaste me el buen Laso
Iré paseando asi mi paso a paso.

Al qual gran don io quanto
Devo, sabreis; que ardia
Temiendo i deseando juntamente.

Na variante do texto de 1595 completa-se melhor este pensamento:

No me atrevia a tanto
Que el son que me plazia
Por mi aplazer fiziese a nuestra gente.

(*Poes.*, p. 351.)

O conhecimento das poesias de Garcilasso, como se vê, deveu-o Sá de Miranda a Antonio Pereira, que possuia o texto manuscripto, ainda inedito, e só vulgarisado pela imprensa em 1543. Esta communicação veiu incitar-lhe o estro, já acordado pelos lyricos italianos; foi a Nuno Pereira e a seu irmão Antonio Pereira que Sá de Miranda dedicou as composições mais caracteristicamente portuguezas, e por todos os modos tratou sempre de

exaltar a sua extremada nobreza. Na dedicatoria da Ecloga *Nemoroso*, começa:

> De los nobles Floiais
> En Pereiras mudados
> Derecho tronco sin algun contrasto,
> Que por nombre contais
> Todos vuestros pasados
> Del tiempo del buen rei Alfonso el Casto:
> Tan bivo se halla el rasto
> De succession derecha
> I noble antiguedad
> Hasta esta nuestra edad...
>
> (*Poes.*, p. 349.)

Têm estes versos largos commentarios entre os linhagistas, que derivam os Forjazes dos reis de Leão, vindo para Portugal em tempo de D. Sancho I, tomando o appellido de *Pereiras* da Quinta que habitaram junto do rio Ave em terras de Vermuim, ou segundo a lenda popular consignada nas Quintilhas de João Rodrigues de Sá ácerca do Brazão dos Pereiras:

> A vera Cruz, verdadeira,
> joia de nosso tesouro
> que *appareceu ó rei mouro*
> por milagre *na pereira*,
> da victoria certo agouro...
>
> (*Canc. geral*, II, 363.)

Sá de Miranda refere-se á lenda já com espirito critico:

El vulgo incierto i vano
Cuenta que de un *peral*
Vido un rei moro estar crucificado
Nuestro rei soberano:
Ia su casa real
Apellido i la cruz dende ha tomado.
Fue un tiempo tan osado,
Que cubrió de patrañas
Por qualquiera ocasion,
Maiormente el blason...

(*Poes.*, p. 350.)

E na Carta, tão bella, dirigida a Antonio Pereira, apoia-se em um facto historico referindo-se a um dos seus avôs D. Gonçalo Pereira:

Por toda esta grande Espanha
Froiais que soiam chamar,
Fez em Pereiras mudar
Não do rei mouro a patranha,
Mas vosso antigo solar.
Do qual, não ha muitos annos
Um que aqui Braga regeu,
Pondo áparte os longos panos,
O passo dos castelhanos
A' espada o defendeu.

(*Poes.*, p. 249.)

Explicando este feito heroico, que tanto honra os Pereiras, transcreveu Camillo do *Catalogo dos Bispos do Porto*, de D. Rodrigo da Cunha, as seguintes linhas: «Por estes annos, entraram por ordem de elrei D. Affonso onzeno de Castella, pelo reino de Portugal, com mão armada, D. Fernando Rodrigues de Castro e D. João de Castro, seu irmão, capitães do reino de Galliza, roubando,

desbaratando quanto achavam, com muita gente de armas, até chegarem á cidade do Porto, e fazendo todo estrago que podiam sem acharem resistencia; estando juntos n'ella o bispo D. Vasco, e *D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga*, que antes fôra Deão do Porto, e o Mestre de Christo D. Frei Estevão Gonçalves refizeram 1:400 homens entre infantes e cavallos, com os quaes os contrarios não quizeram commetter peleja; e voltando as costas se foram recolhendo com a preza que levavam; mas seguindo-lhe os portuguezes o alcance lhe fizeram largar tudo, e custar a retirada mais do que cuidavam, até que com a morte de D. João de Castro e outros muitos soldados se foram recolhendo á Galliza: foi isto na éra de 1374, anno de Christo 1336...» [1] Além d'esta façanha em que o Arcebispo de Braga tolheu o passo aos castelhanos, attribuia-se-lhe a intervenção de medianeiro das pazes entre D. Affonso IV e D. Pedro depois da morte de Ignez de Castro; existindo a data da morte de D. Gonçalo Pereira na inscripção tumular, fixada em 1348, e sendo o assassinato de Ignez de Castro em 7 de janeiro de 1355, notou D. Carolina Michaelis a inanidade da lenda. Tem ella comtudo um fundo de verdade no seu syncretismo; Camillo Castello Branco achou no *Nobiliario* que um filho do Arcebispo D. Gonçalo Pereira, chamado D. Alvaro Gonçalves Pereira, é que defendeu o Porto, quando o infante D. Pedro andava revoltado contra o rei seu pae, e que o mesmo os congrassou.

---

[1] D. Rodrigo da Cunha, *op. cit.*, p. 96.

Antonio Pereira era tambem poeta; bastava o seu amor pela poesia para o fazer suspeitar; por que quem sabe a arte é que a estima, segundo o conceito camoniano. No Ms. Juromenha um *Vilancete* de Sá de Miranda sobre o mote alheio:

> No pergunteis a mis males
> Que tales son!
> Perguntaldo al corazon!

Traz a seguinte ajuda de Antonio Pereira:

> Ah! se o coração falára,
> Como o soubera dizer!
> Porém, que lhe aproveitára
> Se não lho houvereis de crêr?
> Pois não podeis entender
> Bens que tam claros já são,
> Estêm-se no coração. [1]

Em uma das festas do solar dos Pereiras, na Quinta da Taipa, ahi se representou em um serão familiar a Ecloga *Aleixo*, em verso octosyllabo, ao modo das Eclogas de João de La Encina, e como se usavam no Minho, segundo conta o Marquez de Montebello na *Vida de Manoel Machado de Azevedo*. (P. 35 e 61.) Quando analysámos a Ecloga *Aleixo* vimos que ella era verdadeiramente representavel, e com certo movimento dramatico um tanto phantastico. Escreve Ticknor: «A Ecloga VII

[1] *Poesias*, p. 734.

(Aleixo) em metros á maneira de Juan del Encina e Gil Vicente, a qual parece que se representou em umas festas celebradas pela illustre casa dos Pereiras, por motivo de ter voltado ao lar domestico um membro da familia, que servira na guerra contra os Turcos.» [1] A Ecloga tem seis estrophes de dedicatoria a Antonio Pereira, senhor de Basto; n'ellas se refere á chegada de um filho seu da guerra, e tambem ao filho segundo vencedor dos Turcos:

.... dia festival
Supo por ser venido el mayor hijo,
Que anda toda esta casa en regosijo.

. . . .

Bolvió quien vuestra casa hade heredar,
Tan grande capitan en tiernos años,
Los Turcos vencedores por el mundo
Peleando venció el *hijo segundo*.

Interpretáramos em tempo esta passagem como referente ao regresso de Tunis em 1535, julgando ser a festa dada a algum parente da casa de Lamegal e Basto; D. Carolina Michaelis reconhece, que dois Pereiras estiveram n'essa empreza, D. Leoniz e D. João Pereira, filhos dos condes da Feira; mas os versos da dedicatoria são tão explicitos, que se vêem ahi as referencias ao primogenito João Rodrigues Pereira, *herdeiro da casa*, escapado milagrosamente ao grande desastre de Africa

[1] *Historia de la Litteratura española*, t. II, p. 245.

em 18 de abril de 1553; e ao *filho segundo* Gonçalo Pereira Marramaque, que foi capitão de Ormuz e já antes d'esse anno se distinguira em uma victoria contra os Turcos.[1] Na dedicatoria da Ecloga tambem nos interessam os versos em que o poeta allude aos pesares soffridos por Antonio Pereira:

> No andeis tan pesaroso en vuestros daños,
> Que el vado es alto, y ciego de passar,
> Tratad vuestros pesares con engaños.
>
> (*Poes.*, p. 453.)

Qual seria o motivo d'estes pesares? Antonio Pereira, como os espiritos superiores da Renascença tambem seguia a doutrina da Reforma dentro da orthodoxia; lia os livros religiosos e escrevia sobre as polemicas theologicas. O facto de apparecerem apontadas obras suas no *Index expurgatorio* de 1624, revela-nos que ellas já trouxeram esse anathema desde as primeiras censuras do seculo XVI; ahi se lê: «ANTONIO PEREIRA MARRAMAQUE: Um seu tratado de mão, sobre aquelle verso do psalmo 18 *Lex Domini immaculata*, etc., em que pertende persuadir que a Biblia deve correr em lingua vulgar; o qual argumento tambem se prohibe no Indice Romano, tit. B. 2 class.—Item, outro *Tratado sobre o poder do summo Pontifice na materia das Commendas*. E outro, que detrae o *Estado monachal*.» Estabelecida a

[1] *Poesias*, p. 847.

Inquisição em 1536, a coincidencia do silencio de Gil Vicente n'este tempo, e a delação contra Damião que serviu de base á perseguição que lhe fizeram passados mais de vinte annos, bem revelam que Antonio Pereira soffrera por causa das suas ideias religiosas. Outras obras escreveu, que cita Barbosa Machado como ineditas, *Sobre o Evangelho de S. João*, *Da reforma do estado ecclesiastico*, *Feitos heroicos dos seus antepassados*, o *Dialogo do Gallo* e *Tardes de Entre Douro e Minho*, que guardariam preciosos colloquios, como se usava no seculo XVI, e que tanto nos revelariam da vida e pensar intimo de Sá de Miranda. Tambem ao poeta, segundo o espirito da Reforma lhe não passára desapercebido o poder temporal com que os papas tanto se lisongeavam como princepes italianos:

O Padre Santo assi faz,
A quem certo se devia
Alto socego, alta paz,
Mas tem guarda todavia,
Com que vae seguro, e jaz.

Dos dias faustosos da côrte de D. Manoel e convivencia da Universidade de Lisboa, conhecia Sá de Miranda a Manoel Machado de Azevedo, cujo solar estava recentemente estabelecido em Crasto, [1] e perto da Quinta da

[1] D. Carolina Michaelis, que visitou os sitios em que viveu Sá de Miranda, descreve o aspecto do solar de Crasto: «Dista.... da Quinta da Tapada boa meia hora. As casarias levantam-se sobre uma collina e

Tapada. Manoel Machado era tambem poeta, e dotado de um caracter nobilissimo, da maior dignidade. Na casa de Crasto davam-se esplendidas festas annualmente, no dia de Santa Margarida, e ali concorria toda a nobreza da provincia. Crasto, por todos os motivos era um centro de attracção moral para Sá de Miranda; vejamos algumas leves noticias sobre esta casa, com a qual em breve se aparentou o poeta. De Francisco Machado e D. Joanna de Azevedo, nasceram: Bernardim Machado, primogenito, do habito de S. João, e Commendador da Ordem do Hospital; cedeu este a varonia da casa a seu irmão Manoel Machado de Azevedo, com o qual frequentára os estudos na Universidade de Lisboa; e Simão Machado e D. Briolanja de Azevedo. Em 1511 cedera Francisco Machado a Villa de Louzã, Villarinho e Predegal

---

apoiam-se já muito arruinadas á torre que as domina. O aspecto do solar, em 1537 e 40 scenario de esplendidas festas em honra dos filhos de D. Manoel, e tambem scenario da tragica morte de D. Maria da Silva, do Commendador de Rendufe em 1566 — devia ser muito notavel, ainda ha meio seculo, não só pelas suas dimensões, mas pela fortaleza da fabrica, construida em grande apparelho. Era cercado de altas muralhas, flanqueadas de torreões, dos quaes apenas resta um em ruinas.... Transpondo-se a solida e massiça entrada, que resistiu a todos os insultos do tempo, entra-se no circuito interior; uma escadaria conduz ao pavimento nobre. — A divisão das salas é ainda a antiga; poucos mas grandes aposentos. Uma unica sala quadrada.... conserva vestigios de ornamentação, todas as outras estão nuas.... No rez do chão das casas e no pavimento inferior da torre, ha celleiros, adegas.... e ainda em torno da habitação espaçosos alpendres encostados aos restos da muralha.» (*Poes.*, p. XLIII.)

ao Duque D. Jorge, bastardo de D. João II, recebendo em troca a Commenda de Souzel e um juro na Villa de Guimarães; d'este tempo data a mudança do seu solar para Entre-Homem e Cávado. Logo depois do fallecimento de seu pae, veiu Manoel Machado de Azevedo viver na côrte de D. Manoel, que lhe offereceu, apesar de ser ainda bastante novo, o governo do reino do Algarve, que se exercia por trez annos. Era dotado com as qualidades que então distinguiam um verdadeiro fidalgo, cultivava a poesia, a musica e a pintura, e era dado aos prazeres da caça e amores. O infante D. Luiz fizera d'elle um particular amigo. Andando na côrte se namorou de D. Joanna da Silva, filha do Aposentador-mór Manoel da Silva, alcaide-mór de Soure, e de D. Ignez da Cunha. Além da sua belleza era D. Joanna da Silva pela doçura do trato denominada a *Nossa Senhora da Silva*. Um anno depois do casamento voltou Manoel Machado para o seu solar e casa de Crasto, vivendo junto com seus irmãos Bernardim Machado e D. Briolanja de Azevedo, em uma invejavel concordia. No solar de Crasto continuava-se a vida da côrte; ainda se versejava, como nos serões do paço, e Manoel Machado e Sá de Miranda trocavam Cartas em redondilhas. Os banquetes eram ahi sumptuosos.

O Marquez de Montebello, na *Vida de Manoel Machado de Azevedo*, [1] descreve um

[1] Eis o titulo da obra, que tanto esclarece este periodo da vida de Sá de Miranda: — *Vida de Manoel Machado de Azevedo*, Senhor de las Casas de Crasto;

d'esses banquetes, em que vamos encontrar memorado Sá de Miranda:

«Aviendo dado un explendido banquete en *la fiesta de Santa Margarita, que todos os años se repite en Crasto*, como se ha referido; concorrió en el Francisco de Sá de Miranda, su cuñado, y muchos ecclesiasticos, canonicos y personas doctas e de buen gusto. Fue el ultimo plato unos dulces fingidos, con que enganando-se algunos, moviose la platica sobre el engaño, y como los circumstantes tenian a los dos cuñados por velocissimos en las respuestas, perguntaran muchas y diversas a uno y a otro; las que a Manoel Machado se hizieran son las que siguen, y lo que respondió tambien:

«Qual es el mayor engano?—El mundo y la Pintura.

«Qual la mayor enfermedad?—La del juizio.

«Qual la mayor salud?—El tenerla.

Vasconcellos y Barroso, y de los Solares d'ellas, y de las Tierras de Entre-Homen y Cabado, Villa de Amares, Commendador de Sousel, en la Orden de Avis. Por el Marqués de Montebello, Felix Machado da Silva Castro y Vasconcellos, Comendador de S. Juan de Coucieiro, en la Orden de Christo, su bisnieto, y successor de su Casa. Escrevia-se a Don Francisco Machado de Silva, su hijo, para que la imitasse, como imitó, hasta acabar la Filosofia, en la edad de catorce años y medio, en la qual fue Dios servido de llevarle para si... Oy se dá a la estampa para que estas dos vidas sirvan de dos espejos a Don Antonio Machado de Silva y Castro, ultimo hermano de seis que tuve.—Impresso con licencia por Pedro Garcia de Paredes. Año de 1660. (Parece que foi impresso em Madrid, como se vê pela estampa do Brazão.)

« Qual la mayor riqueza? — Despreciallas.
« Qual la mayor pobreza? — Desear riquezas. »

Seguiam-se apoz estas mais quinze perguntas, que não transcrevemos, por que essas cinco bastam para mostrar a natureza do passatempo dos velhos portuguezes. Continúa o Marquez de Montebello:

« A Francisco de Sá de Miranda cupo dezir los — affectos de las mugeres; no los referimos, por que esos ratones, que avemos dicho, han prevenido el no ofenderlas, y como no ay mal á que no siga algun bien, solo este se ha conseguido de perderse sus papeles, por desempeñar-nos de no referil-os y no referir lo que no gustamos, que si fueran alabanças suyas, hasta los ratones de la Casa de Crasto le guardaran respeto, como dezia Manoel Machado, que el hombre que deveras hablava mal de mugeres, era mas pera muger que pera hombre. » [1]

Aqui temos um quadro da vida fidalga da provincia, em que se *remiam dias*, como em phrase tão feliz pinta o poeta essa existencia patriarchal. [2]

Este systema das Perguntas ou problemas, que se usava como passatempo da sociabilidade na Edade media, derivava de certas composições litterarias muito lidas pelos

---

[1] *Op. cit.*, p. 102 a 104.

[2] Para comprehensão d'este costume citamos aqui o raro opusculo: *Dos breves tratados sobre dos Perguntas que se movieron en la Meza del Sr. D. Theodosio, Duque de Bragança*, por Antonio Maldonado de Postiveros. Lisboa, por Germão Galhardo, 1548, in-4.º

homens cultos, taes como as *Secundi philosophi responsa ad interrogationes Adriani*, e a *Altercatio Hadriani cum Epitecto*. Sobre estes moldes laconicos e conceituosos é que se davam as respostas, em que cada individuo mostrava a sua sagacidade. Os dois philosophos eram perstigiosos na tradição; Secundo, por causa de um crime involuntario fizera voto de conservar o silencio por um grande numero de annos, e Epitecto excedia os martyres christãos pelo seu stoicismo. Do nome de Epitecto fez-se a deformação popular *Epitus*, que nas versões provençaes se traduziu por *Petit*, creança ou menino, e nas redacções francezas se chamou depois *L'Enfant Sage*, e na castelhana do seculo XVI tem o titulo de *Las Perguntas que el emperador Adriano hizo al infante Epitus*. Assim se creou o typo popular do menino sagaz, que dava respostas maravilhosas de lucidez repentina. O nome de *Secundo* ou do francez *Segond*, não deixou de influir no adjectivo *sengo* (do velho castelhano *senecho*) significando o velho calado pela prudencia, (Al buen *callar* llaman *Sancho*,) segundo a tradição philosophica. Comprehende-se como na vida fidalga de provincia sobrevivessem estas recordações da litteratura medieval, no estylo dos *Joca Monachorum*, as quaes ainda hoje em França fazem parte obrigada das *plaquettes de colportage*.

A moda das Perguntas tornou a apparecer na sociedade portugueza, mas como uma importação franceza, nos albums com Perguntas impressas, enviados impertinentemente ás notabilidades litterarias, politicas ou de qual-

quer ordem.[1] Ás sentenças de Epitecto allude Sá de Miranda na Carta a Pero Carvalho:

Do grande *Epiteto* o nobre
Sprito, o só livre e franco,
N'um corpo coitado e pobre,
Escravo e ainda manco,
Quanta de riqueza encobre!
Da sua baixa casinha
Ledo sai, ledo a ella torna,
O mesmo que ia, esse vinha,
Casa que porta não tinha,
Que mais montava que a dorna?

(*Poes.*, p. 220.)

Os talentos da poesia e da musica, as considerações philosophicas, os habitos da caça, além das antigas relações da Universidade e da côrte, acabaram de ligar Manoel Machado de Azevedo e Sá de Miranda com uma profunda amisade. Foi tambem esse o motivo que determinou o casamento do poeta com D. Briolanja de Azevedo. Eis como o Marquez de Montebello narra este facto: «El entendimiento entre los doctos, eslabona mas la

---

[1] Os jornaes publicaram as respostas que Alexandre Herculano escreveu em um album de uma dama do Porto, datadas de: Val de Lobos, le 28 Novembre 1871—*Un campagnard de la banlieu de Santarem:*

« *Votre vertu favorite?*—La loyauté.

Vos qualités favorites chez l'homme?—La franchise.

Vos qualités favorites chez la femme?—La timidité.

Votre occupation favorite?—Le travail libre aux champs.

amistad que la sangre, el parentesco d'ella es muy inferior al del espirito, que como este es noble son mas fuertes los vinculos de sus laços. Continuaron las escuelas en un mismo tiempo, Manoel Machado y Francisco de Sá de Miranda, por la sympatia del entendimiento hizo amar su afecto con apretados nudos. Quiso este Cavallero tomar estado, y por no errar el modo de pedir a Manoel Machado su hermana Doña Briolanja de Azevedo, intentó que el rey Don Juan el Tercero, de quien era bien visto, le hablasse en ello; hizolo su Alteza, y tuvo luego efecto, y sin enbargo de su edad mucha, poca hermosura, y la dote menos, que de todo le desenganó, como amigo, Manoel Machado; era tan entendida Doña Briolanja, que mereció que este insigne varon la quiziesse con tanto excesso, que murió de pena de aversele muerto.»

A esta circumstancia da edade de D. Briolanja tambem o biographo anonymo se refere, com uma anecdota que anda repetida em todas as recopilações: «e estando ali (na Quinta da Tapada) logrando quietamente o fructo de seus estudos e peregrinações, casou

---

Le trait principal de votre caractère?—Le peu de retenue dans l'indignation.

Votre idée du bonheur?—Le bonheur est une ombre qu'on poursuit à tatons dans les profondeurs obscurs de l'avenir.

Votre idée du malheur?—Je pense que c'est n'avoir point la force et le bon sens d'accepter la réalité de la vie.—Etc., etc.»

São phenomenos de recorrencia ethnica dignos de serem observados.

com Dona Briolanja de Azevedo, filha de Francisco Machado, senhor da Louzã de Crasto Darega, e das Terras d'Entre-Homem e Cávado, e de D. Joanna de Azevedo sua mulher, com a qual viveu annos em grande conformidade, sendo ella tão pouco fermosa exteriormente, e de tanta edade, que quando a pediu a seus irmãos Manoel Machado e Bernaldim Machado, não quizeram elles deferir-lhe ao casamento, sem que primeiro visse bem a noiva; e sendo-lhe mostrada polos irmãos, disse pera ella: — Castigae-me, senhora, com esse bordão, por que vim tão tarde.»

Se este dito se referisse á edade de D. Briolanja, já pela caducidade apoiada a um *bastão*, seria uma grosseria, impropria dos habitos cavalheiros do tempo e da delicadeza de Sá de Miranda. O biographo anonymo errára a edade do poeta fazendo-o mais novo do que era, e não observou que D. Briolanja teve dois filhos e esteve casada dezoito annos. O dito do poeta é cheio de galanteria referindo-se á sua propria velhice; contava então os seus cincoenta e um annos, estava encanecido, e sendo amigo de Manoel Machado de Azevedo desde os bancos da Universidade, julgava-se merecedor de castigo por ter vindo tão tarde pedir-lhe a mão de sua irmã. Tal é a concordancia da logica das datas com a logica moral. Não seria D. Briolanja de Azevedo uma mulher formosa, mas possuia dons que ainda inspiravam amor. Sá de Miranda começou por amal-a, antes de a pedir em casamento; e elle mesmo já desilludido do seu primeiro amor por D. Isabel Freire,

espanta-se de que com tantas cans se deixe assaltar pelo amor:

> Aquellas esperanças, que eu, *metido*
> *A tormento, lancei fóra por vãs,*
> Que fazem ainda aqui com aquellas sãs
> Contas, feito em pó já tudo bebido?
>
> E será Amor tam cego e sem sentido,
> Será tam bravo, que não veja as chãs
> E rezões claras? *não veja estas cans?*
> Tempo lançado a longe e não vivido?
>
> (*Poes.*, p. 69.)

A belleza moral, as altas qualidades de espirito de D. Briolanja de Azevedo deram a felicidade a Sá de Miranda; os testemunhos contemporaneos consignaram traços encantadores: «estimando sobretudo os dotes d'alma d'aquella matrona, que foram excellentes, conforme a seu estado por testemunho de homens d'aquella comarca, que ainda hoje o dão do cuidado que tinha da honra de Deus, do descanso de seu marido, da creação de seus filhos, da doutrina de seus creados, e do provimento de sua casa, com que o marido a amava de maneira que faltando-lhe ella, faltou elle brevemente, entre extremos de sentimento, senão dignos do animo de um tão grande philosopho, devidos pelo menos á estimação que com seu profundo juizo fez d'aquella perda.» Foi em 1536 o seu casamento; o espirito de Sá de Miranda entrou em uma profunda pacificação, elevando-se a uma singular perfeição moral. É d'esta data em dean-

te que elle se entrega com um certo ardor á poesia; n'esse anno dedica ao infante D. Luiz a sua Ecloga *Celia*, que já deixamos analysada, e na qual elle memora o regresso do infante da empreza gloriosa de Tunis; tambem celebra a morte do grande lyrico castelhano Garcilasso, dedicando a Ecloga *Nemoroso* a Antonio Pereira, que lhe communicára as obras lyricas ainda ineditas do iniciador da eschola italiana em Hespanha. Crêmos que a dedicatoria da Ecloga *Andrés*, ao Duque de Aveiro, foi escripta por este mesmo tempo. O parentesco contrahido com Manoel Machado de Azevedo deu á sua antiga amisade quasi a indissolubilidade de um sacramento. Da Tapada para o solar de Crasto escreviam-se Cartas em redondilhas, e de lá voltavam as respostas chistosas, em uma santa effusão de alma. Manoel Machado tambem era verdadeiramente feliz com sua esposa D. Joanna da Silva, e com o seu genio artistico acordára-se a veia poetica, escrevendo em fórma popular ou *sayaguez* (como o portuguez archaico do *Suajo*?). Escreve o Marquez de Montebello: «Ya avemos referido que hizo buenos versos para aquel tiempo, y por que para el presente no puedan ser danosas las ditas coplas que escrivió a Francisco de Sá y Miranda su cuñado, será bien que se vean:

Respondendo á vossa, digo
Amigo, senhor e irmão,
Que entre tanta confusão
Não ha carta sem perigo.

Em que corra avesso tudo,
Tudo correrá direito,
Se lhe sabe andar ao geito
O prudente e o sesudo. [1]

Seguem-se mais dezoito quadras sentenciosas, em que mostra os perigos de confiar á escripta o pensamento e o manifestar livremente opinião; na estrophe XIII allude ao grande poder que têm na côrte os Carvalhos e os Carneiros: «lá com seu valimento, só vive quem os respeita.» Allude tambem aos motivos por que o seu velho parente João Rodrigues de Sá abandonou a côrte; e termina com o gracioso pensamento de pedir ao *letrado* que desculpe estar um *machado* a aparar-lhe a penna, mas é por impulso de um grande affecto. Sobre estas coplas continúa o Marquez de Montebello: «No alabemos los versos d'estas coplas, pero la ensenança, las sentencias, los conceptos y politica dellos aunque por terminos humildes y vozes groseras, *a lo Sayaguez* (ao *Suajez*, ou fallar da gente do Suajo?) *de que entonces se usava*, no pueden dexar de alabar-se; pues de casi todas se puede sacar doctrina, para que los caballeros que viven ó van a vivir a la Corte sepan como se han de portare nella, y poder conseguir el colmo de sus pretenciones; etc.» Seria esta Carta escripta em resposta a outra de Sá de Miranda fallando-lhe da partida de

[1] *Vida de Manoel Machado de Azevedo,* p. 16 a 19.—Acha-se incluida hoje na ed. das *Poesias* de Sá de Miranda, p. 670, por isso não a transcrevemos na integra.

Antonio Pereira do seu solar de Basto para a côrte com toda a familia. O estylo ou linguagem sayaguez que então se usava, é essa encantadora construcção e vocabulario popular archaico de que Sá de Miranda tirou um grande effeito poetico para os dialogos pittorescos das Eclogas em redondilhas, e para a sentenciosa simplicidade das Cartas. Na casa de Crasto conservavam-se estes deliciosos improvisos de Sá de Miranda, que infelizmente já no meado do seculo XVII estavam perdidos. Lê-se sobre isto na *Vida de Manoel Machado de Azevedo:* «Vinose Francisco de Sá a vivir à la Tapada, en las tierras de Entre Homen y Cábado, Quinta y bosque ameno por natureleza y arte, que oy (1660) possée Vasco de Azevedo Coutinho, Señor de San Juan de Rey, y Terras de Boro, su tercero nieto, [1] y en aquel tiempo las Musas, de quien logró los favores que de sus sentenciosos versos se reconecen no de menos gloria para aquel feliz entendimiento, y sus descendientes, que oy se hallan honrados con titulos en España, que para las tierras de Entre Homen y Cábado, adonde ellos se hizieron, y otros muchos, que mallogró el tiempo y la poca curiosidad de las manos en que pararon. Tuvimos en las nuestras grande copia de Cartas suyas y de Manoel Machado, algunas serán vivas, pero las mas toparan con gente moça, a quien las sentencias de los vie-

[1] Signal de que a Quinta da Tapada não pertencia á Commenda de Santa Maria das Duas Egrejas, que já havia passado de Fr. Antonio de Sá a Ruy Mendes de Vasconcellos.

jos parecen importunos documentos, y arrincandolas sirvieron de criança a los ratones, pudiendo serlo de principes... Al fin fue tan grande la perdida, que jamás dexaremos de sentir la falta d'estos papeles.» (*Ibid.*, p. 84 a 86.) «Parece que en profecia de la perdida d'estos papeles hizo Manoel Machado las Coplas que luego referiremos, escritas a su cuñado Francisco de Sá, en una enfermidad que tuvo en la Tapada, pues dellas se alcança (como el reconecia) la grande que tiene la nacion portugueza en estimar y apetecer mas todo lo que es extraño, que lo natural, no es comun en todos esta falta, ay muchos comunes en ella, y como no lo fue Manoel Machado, diganlo sus coplas:

Dizem-me que estais doente,
Pesa-me, por que não posso
Ir vêr-vos já de presente
Por que tive um accidente
De amor não, mas de humor grosso.

O fidalgo graceja sobre o equivoco entre *amor* e *humor*, segundo a tradição da sua mocidade, doença que o medico sandeu (ou romancista, sem curso litterario, classe conhecida no seculo XVI pelo nome de *mata-sanos*, e no seculo XVII por *idiotas*) capitulou de humor da côrte. Com uma certa liberdade de espirito, quando a Inquisição estava já a funccionar, Machado de Azevedo fixa aquella caracteristica nacional da facil assimilação dos progressos estrangeiros:

Os santos de longas terras
Sempre foram mais buscados,
Os da nossa estão cansados;
Busquemos santos das serras,
Que estão mais desoccupados.

Sigamos nossa nação
A quem todo o seu parece
De menos estimação;
Elle faz mais devoção
O que menos se conhece. [1]

N'este seu trabalho confessa o Marquez de Montebello ter tido em sua mão varias composições de Sá de Miranda, mas não as transcreveu; porém no *Memorial do Marquez de Montebello*, transcreveu o seu auctor Felix Machado da Silva uma Carta de Sá de Miranda em resposta a outra de seu cunhado, em que lhe pedira que escrevesse alguma cousa de costados das familias, ou um Nobiliario dos Machados. [2] N'esta Carta descreve Sá de Miranda o estado decadente em que se achava o caracter nacional:

No tempo dos Reis primeiros
Era a côrte n'estes montes;
Vim beber das suas fontes,
Que ha lá por baixo atoleiros
Que não tem barcas nem pontes.

[1] *Ibid.*, p. 86 a 88. *Poesias*, p. 673. Esta Carta é um fragmento.

[2] *Memorial do Marquez de Montebello*, p. 248 a 255. Ed. 1642. Tem ao todo 298 paginas. *Poesias*, p. 524.

Dinheiro, officios, privanças
A nobreza nos desterra;
Judeus e Mouros á terra
Nos trazem suas lianças
Que é n'esta paz maior guerra.

Estes querem tingir tudo
Com poder mais sobrehumano;
Quem não veste do seu pano
Convem-lhe fazer-se mudo
Por evitar maior dano.

Esta nota satyrica contra as privanças e o sangue judaico, que se acobertam com os titulos de nobreza, esclarecem-nos algum tanto o intuito da Satyra da *Maria Pinheira*, e ao mesmo tempo o resentimento dos Athaydes. O Marquez de Montebello commenta largamente essas onze quintilhas de Sá de Miranda (*Mem.*, p. 251 a 255), esclarecendo os emblemas do Brazão dos Machados, em vez de Torres; e como por declaração do arcebispo eleito de Braga, Martim Martines Machado era filho do rei D. Sancho e de D. Maria Moniz, tia de Maria Paes de Ribeira, vê-se que Sá de Miranda conhecia todas as tradições heraldicas da casa com que se aparentára. [1]

Pertence ainda a este grupo de composições de Sá de Miranda, que andavam entre os papeis do solar de Crasto, as *Redondilhas sobre a prisão de um seu galego. A seu cu-*

[1] Muitos dos papeis de Manoel Machado estavam em 1642 em poder de Manoel de Lima, abbade de Roças.

nhado Manoel Machado, Senhor da Terra d'Antre Homem e Cávado. Tal é a rubrica do Ms. Ferdinand Denis; a composição já apparece na edição de 1614. Camillo Castello Branco logrou explicar as allusões satyricas d'estas *Redondilhas*, das quaes dissera a perspicaz editora: «já não podem ser decifradas.» (*Ibid.*, p. 754.) As allusões dirigem-se a um alcaide, que estende a sua vara de justiça policial sobre os inoffensivos, e que recebe dinheiro dos ladrões e assassinos para andarem á solta:

> Inda que eu ria e me cale
> Que me eu faça surdo e cego,
> Bem vejo eu por que *o da Vale*
> Correu tanto ao meu galego...
>
> Antre craros e escuros
> Ladrões de seiscentas côres,
> Andam por aqui seguros,
> Não lhe sáem taes corredores.
> Apoz quem torna por si
> E primeiro mata ou morre,
> Não corre *o da Vale* assi!
> Que apoz um tolo assi corre.

Camillo Castello Branco explica: «Chamava-se o alcaide-mór de Lindoso, *Christovão do Valle*, e residia no seu castello. Sá de Miranda morava na sua casa commendataria da Tapada, não longe de Lindoso.—É claro o intuito mordaz do poeta. Manda desatar a bolsa. Precede uns bons cincoenta annos o *Put money in the purse*, de Shakespeare.—*Desata a bolsa*, diz elle, por que o Val-

le, o alcaide de Lindoso, quando o amordaçam com dinheiro traz sempre a lingua atada.» A estrophe ultima é repassada de sarcasmos:

> Executores da lei
> Havei vergonha algum dia!
> Este chama: — Aqui d'Elrei!
> Est'outro chama: — *Ah Valia!*
> O outro diz: — Em Portugal
> De varas não ha i mingua;
> Desata a bolsa que *val,*
> Traze sempre atada a lingua.
>
> (*Poes.*, p. 61.)

Esta Satyra pinta-nos o que era a justiça local no seculo XVI; ainda é vulgar o anexim: *Ter o pae Alcaide,* para explicar a petulancia de qualquer individuo. Além de Christovam do Valle, mais um ou outro fidalgo provinciano mantinha-se em reserva com Sá de Miranda: «os *de fronte,* os Abreus, de Pico de Regalados, nunca o tiveram em casa; eram máos lobos, como lhes chamava o poeta.» [1]

Na casa de Crasto, além das festas annuaes de Santa Margarida foi estrondoso o baptisado de um filho de Manoel Machado de Azevedo em 1538. O infante D. Henrique, que no anno antecedente começára a occupar a séde archiepiscopal de Braga, acompanhado de seu irmão o infante D. Luiz foi assistir ao baptisado do primogenito do senhor das Terras de Entre-Homem e Cávado. N'este

[1] *Poesias,* p. XV.

anno de 1538 escrevera Sá de Miranda a comedia dos *Vilhalpandos* no gosto italiano, no prologo da qual se refere ao primeiro cêrco de Diu. Seria para a festa de recepção dos infantes no solar de Crasto? É certo que D. Henrique pediu a Sá de Miranda as suas comedias para as fazer representar; o poeta dedicára-lhe a comedia *Estrangeiros*. [1] O infante D. Luiz era tambem um esmerado cultor da poesia da nova eschola, apparecendo nos manuscriptos contemporaneos alguns sonetos seus. Ao dedicar-lhe a Ecloga *Celia*, lembra-lhe o poeta que quando elle infante esteve em Tunis ouviu as novas musas, com Garcilasso, mas que em Portugal as consideravam ainda como estrangeiras:

Las Musas, quando Vuestra Alteza andava
Buscando las empresas de si dinas,
Que juntamente tremia i sudava
Africa toda en ver las altas Quinas
De aquel real guion quando asomava,
Alla que os cantarian mas vezinas
Oiste las quizá cantar de veras:
Oil-as heis acá como estanjeras.

---

[1] Escreve o biographo anonymo: « inimitavel tambem na pureza com que fallou em materias amorosas, que é de maneira que até as duas Comedias que fez em prosa, que por rasão do estilo comico são mais licenciosas, o Cardeal D. Anrique, que despois foi rey d'estes reinos, tam pio, tam zelador da fé, e dos bons costumes... *não só lh'as mandou pedir pera as fazer como fez, representar* diante de si per pessoas, que despois foram gravissimos ministros, a que se achou presente entre outros D. Jorge de Athayde, bispo de Viseu, meritissimo Abbade de Alcobaça, do conselho de estado e capellão-mór del-rey, etc. »

E na lição do Ms. de Evora, vem esta estrophe final, referindo-se á estima de Carlos V por Garcilasso:

> Entretanto el juizio alto, severo
> Que a engeños grandes pone sobrevienta
> Bajad señor, un poco al Miño e Duero
> Alli donde el ganado ora apacienta.
> Un pastor vuestro escuchad; el estrangero
> El rei de Francia haze del tal cuenta!
> El gran Carlo escuchava (óh muerte ciega!)
> Cantando Nemoroso de la Vega.
>
> (*Poes.*, p. 565.)

A velha e antiga amisade do infante D. Luiz por Machado de Azevedo trouxera-o a honrar pessoalmente a grande festa do baptisado do primogenito do solar de Crasto. N'este anno de 1538 estava no mosteiro da Costa o infante D. Duarte, a quem dedicou a comedia dos *Vilhalpandos* (segundo os mss. da Academia hespanhola e de Evora.) É natural que fosse escripta para a festa do solar de seu cunhado. Este infante D. Duarte era filho illegitimo de D. João III e de D. Isabel Moniz, dama filha do alcaide de Lisboa Nuno Carransa; como se usava com as damas que tinham relações amorosas com os reis, D. Isabel Nunes foi feita freira do mosteiro de S. Clara do Porto. No mosteiro da Costa foi creado o infante D. Duarte, tendo por aio e mestre o Dr. Frei Diogo de Murça, esse activissimo e intelligente reitor da Universidade de Coimbra na época do seu estabelecimento n'aquella cidade. O infante era educado para as altas dignidades da Egreja; era dado aos estudos

philosophicos e isto explica a sua sympathia por Sá de Miranda, e a veneração que lhe consagrava, como abaixo veremos. Crê D. Carolina Michaelis que sobre o desenvolvimento de D. Duarte exerceu Sá de Miranda «visivel influencia, vivia perto.» Outro tanto se poderá inferir sobre o modo como Frei Diogo de Murça procedeu na prática da reforma da Universidade de Coimbra.

Na casa de Crasto as alegrias suspenderam-se um dia de repente; D. Joanna da Silva morreu de parto de seu terceiro filho varão; restava apenas um, como representante da casa. Manoel Machado estava ainda novo, e em um grande abatimento de espirito. Sá de Miranda accudia-lhe com a sua validez moral. Conta o Marquez de Montebello: «Sintió tanto esta perdida, que con quedar en edad poco mas de quarenta años, no bolviò a casarse, y viendole Francisco de Sá, y otros Cavalleros sus amigos con un hijo solo, hizieron grandes instancias para que acetasse un casamiento que se le oferecia, de una Señora rica y de mucha calidad, y con no estarlo el, por la grande casa que sustentò siempre, no vino en ello, diziendo, que el viudo que havia sido bien casado y bolvia a casar-se, ó avia engañar a la muger se era entendida, ó vivia mal casado si era necia, y que por una y otra rason no queria casarse.» (*Vida*, p. 168.) Manoel Machado possuia uma grande delicadeza de sentimento; comprova-o o facto d'elle ter abolido nas suas terras o direito senhorial das *luctuosas* ou *mortorio*, substituindo-o por um simples reconhecimento dos novos herdeiros na fórma de *goiosa*. Não

tira, que segundo os costumes da velha aristocracia, vivesse muitos annos em mancebia com uma mulher de quem teve muitas filhas, ás quaes deu estado de religiosas. Commentando a estrophe III da Carta a Sá de Miranda:

> Bomas são as romarias,
> De mais longe, e sem *Marias*,
> Por que não nos *mariemos*.

Escreve o Marquez de Montebello: «Del capitulo 9, quintilla 3, tambien se reconoce, que Francisco de Sá, su cuñado, deseava que se apartasse d'aquella moça, que llamavan Maria Colaça, nombre que juega en los tres ultimos versos con galanteria Manoel Machado...» (*Ibid.*, p. 115.) Sá de Miranda achava-se com o coração cheio; D. Briolanja de Azevedo dera-lhe o seu primeiro filho; o poeta vivia como encantado, e as suas faculdades poeticas manifestavam uma energia maravilhosa. Ainda n'este anno de 1538 escreveu a Ecloga *Epithalamio pastoril* para celebrar o casamento de D. Camilla de Sá, filha de Antonio de Sá de Menezes, pouco depois de ter voltado da empreza de Tunis: «vuelto de aquella empresa valerosa — Contra los Turcos, que van desmaiados.» E tambem escreveu, segundo D. Carolina Michaelis, pelo mesmo tempo a Ecloga *Encantamento*, dedicada a D. Manoel de Portugal como um dos primeiros discipulos que se lhe dirigiram adoptando as fórmas da metrica italiana.

A reputação do caracter moral de Sá de Miranda era tão vasta como a do seu talento

litterario; na Torre do Tombo descobriu Brito Rebello uma Carta de Francisco Gil a D. João III, em que se comprova como elle era considerado *de alto e heroico entendimento*. Intercalamos aqui esse extraordinario documento, pelo qual se conhece o estado de depradação da fazenda publica pelos almoxarifes: «Jhūs = Senhor = Por que vosa Alteza ve os almoxarifes deste Reyno cuidão que o que arecadão das rendas de v. a. he seu. e asy algũus deles tratão e enriquecem com o dinheiro que reçebem como se seu fose, o qual roubo se lhe não sofreria em Fez nem em Turquia quanto mais o ha v. a. de estranhar. por que posto que não fosse senão por estes almoxarifes não ofenderem a deus com os roubos que fazem em não responderem a V. A. com o dinheiro do reyno pelo que V. a. he forçado a tomar dinheiro a caymbo e a recaymbo seria evidente rezão pera os mandar punir como a ladrões que por menos furtos do que estes são justamente são enforcados o remedio está claro que pois os almoxarifes se fyão em manhas e aderencias daqueles a quem servirão e os recebedores pela mor parte são homens que tambem por aderenças procurão o officio de receber. V. a. mande de este janeiro por diante que os almoxarifes e recebedores do seu Reyno sejão os mais ricos homens que nos taes almoxarifados ouuer, por que os pobres almoxarifes querem enriqueçer e asy os pobres recebedores e os ricos não querem perder o que tem ganhado e se v. a. manda que lhe traga a verdadeira enformação dos ricos homens deste Reyno pera serem almoxarifes começarei

logo por alemtejo ou por onde v. a. mandar, e se v. a. não for mui bem pago dos almoxarifes a culpa seja minha sendo eu o executor real destes ricos homens que digo. nosso senhor Jhũ xpõ seja sempre com v. a. e o livre de poder de tantos ladrões por que o pouo paga e os almoxarifes roubão.

«he mui necessario que v. a. mande a Amtre Douro e Minho chamar hũu homem que cuido que o seu nome he *Francisco de Saa de Miranda* e se nã quiser vijr uenha por força por que o vasalo nã tem direito pera se excusar de servir seu Rey e despois vindo saberá v. a. que lhe fez deus mercê com sua vinda por que o mal vay tão descuberto que he necessayro proverse v. a. de homẽes de alto entendimento por que como está escripto *consiliarius sit tibi unus de mille.*

«se V. A. mandar que va saber esta verdadeira enformação de quem seguramente responda com os pagamentos dos almoxarifados e não ponha a V. a. em necessidade de tantos recãybos partirei logo e per este nã he necesarjo prouisão algũa de v. a. senão despois que trouver a enformação que será antes do natal prazendo a deos e se v. a. for servido que va saber esta tam necesaria verdade mandemo dizer por *Dom Duarte* sem lhe dizer mais que va ou que não va.

«lembro a v. a. que el Rey David e outros reis fortes como diz a santa spritura poserom homẽs de muito alto entendimento pera lhe arecadarem seus tributos como se conta no Paralipomenon. e noutras partes porisso dise a v. a. mandase chamar este *Francisco de Saa de Miranda*, que he homem de alto e

heroico entendimento e sobretudo o que mais lhe dá o lustre dizem que he bôo xpão o mais ficará pera outro sprito *(scrito)* por que he melhor e mais necesario = Francisco Gil. = » [1]

Não podemos saber que logar occupava o auctor d'esta carta junto de D. João III, como uma especie de conselheiro intimo que o informava sobre os roubos dos almoxarifados. A carta tambem não é datada, mas pela referencia a D. Duarte, julgamos determinal-a em 1542; por que o D. Duarte que conhecia de perto e avaliava a grandeza moral de Sá de Miranda era o infante D. Duarte que residira no mosteiro da Costa, o qual veiu a fallecer em Cintra em 1543 com vinte e dois annos de edade, sem ter chegado a tomar posse do Arcebispado de Braga, para que fôra nomeado. D. Duarte, entre os exercicios de rhetorica do seu collegio no mosteiro da Costa recitou uma *Oração em louvor da Philosophia*, na qual faz referencias e citações de poesias de Sá de Miranda, taes como as Cartas a D. João III, a Pero Carvalho e a João Rodrigues de Sá de Menezes. [2] Vê-se que o estudioso moço obtivera copias d'essas trez magnificas composições cedidas pelo proprio poeta, a quem talvez o rei D. João III o recommendasse. As relações litterarias entre os dois são ainda mais patentes, como se evi-

[1] Torre do Tombo, *Masso de Cartas dos Governadores d'Africa*, n.º 179. Publicado pela primeira vez pelo Dr. Sousa Viterbo no *Instituto*, vol. XLII, p. 677.

[2] *Poesias*, p. 761.—Sousa, *Provas da Hist. geneal.*, t. III, p. 40.

dencía pela rubrica das *Trovas feitas á Conceição de nossa Senhora, em Alcalá, onde estavam os Infantes; e por que estas levaram o preço, que foi um crucifixo de ouro, foram cá enviadas.* [1] São seis decimas castelhanas, intercaladas na obra de Sá de Miranda para confronto de outras que elle escreveu: «*N'este mesmo proposito e na mesma sorte de versos.*» Entre as Trovas premiadas em Alcalá de Henares e *cá enviadas* e as de Sá de Miranda *na mesma sorte de versos*, vem na edição de 1595 esta nota: «*Foram mandadas estas Trovas atrás de Castela ao senhor Dom Duarte. Fez-lhe Francisco de Sá outras tantas na mesma sorte de trova.*» [2] Não póde haver duvida que era este senhor D. Duarte o filho illegitimo de D. João III; estava em relações de intimidade litteraria com Sá de Miranda, e por isso era a elle que Francisco Gil indicava para informar o rei ácerca do seu alto e heroico entendimento. Quem eram os infantes que estavam em Alcalá de Henares? N'este ponto D. Carolina Michaelis fixa uma das idas do infante D. Luiz a Hespanha em 1538, quando foi a Valhadolid (perto de Alcalá) visitar sua irmã a imperatriz D. Isabel, por occasião do fallecimento de outra irmã, D. Beatriz de Saboya. O infante D. Luiz foi acompanhado pelo duque de Aveiro, neto por bastardia do rei D. João II; assim conclue a insigne editora: «A palavra infantes poderá talvez referir-se a estes dois

---

[1] *Poes.*, p. 81.
[2] *Ibid.*, p. 84.

princepes.» D'este conjuncto de circumstancias resulta a explicação clara. D. Duarte falleceu em 1543, pouco tempo depois de chegar á côrte, pela terrivel fatalidade que victimou precocemente todos os filhos de D. João III. Na Carta a seu irmão Mem de Sá, falla o poeta sob a impressão intensa d'este fallecimento:

> Vistes ũa craridade
> Que *de cá té lá* correu
> Como raio? em tal idade
> Tanto saber e bondade
> N'um momento escureceu!
> Alma bem aventurada
> D'aquelle senhor tão nobre,
> Chegastes á alta assomada
> Tudo vos pareceu nada
> Quanto se d'ali descobre.

D. Rodrigo da Cunha, na *Historia do Arcebispado de Braga* (II, 335) fortifica esta interpretação. O valor de Sá de Miranda continuou a ser reconhecido na côrte, como se verá pela admiração que muito cedo lhe começou a prestar o princepe D. João. A Carta a seu irmão Mem de Sá, assim datada, comprehende-se melhor; em Carta régia de 6 de agosto de 1541 o licenciado Mem de Sá, desembargador dos aggravos, foi nomeado Corregedor dos feitos civeis da côrte, e por Carta do mesmo dia e anno é-lhe abonado o ordenado de cem mil reis. [1] Basta a simples indicação

[1] São tambem d'este anno de 1541 as cartas de 19 de maio, concedendo ao conego da Sé de Coimbra

d'estes despachos, em que Mem de Sá ia subindo no favor real, até chegar em 1556 a ser elevado a governador do Brazil, para se perceber o philosophico intuito da fabula do *Rato do campo e o Rato da cidade*, (str. 20 a 30) da mais deliciosa ingenuidade, intercalada na Carta ao irmão, por Sá de Miranda. Na familia a que ambos pertenciam, alguns irmãos tinham morrido prematuramente, [1] como o aponta desolado:

Por muita sorte de enganos
Morte que não conta os annos
Vem e apanha o que lhe apraz.
Quantos, a que era devida
Dos nossos, (deixo os alheos,)
Ao menos, por nós, mais vida,
Que por conta não sabida
Tinham já seus dias cheos!

(*Poes.*, p. 227.)

Henrique de Miranda, irmão do poeta, a legitimação de dois filhos Tristão de Sá e Ambrosio de Sá, tidos de uma mulher solteira. Vid. supra, p. 18, nota.

[1] Pouco antes da saída da côrte, foi passada carta de perdão a *Guiomar de Sá* em data de 13 de maio de 1533, a qual andava ausente de sua casa por ter recolhido sua sobrinha *Ursula de Sá,* freira professa no Mosteiro de Lorvão, que se achava mortalmente doente e carecia de soccorros medicos. Era evidentemente uma das irmãs freiras de Sá de Miranda. Mas sua tia D. Guiomar de Sá, já viuva, segundo o seu epitaphio na Capella do Salvador em Coimbra fallecera a 9 de outubro de 1532. Explica-se o facto pela morosidade da justiça; houve uma devassa para saber-se se a doente que tinha em casa era freira, correu o processo, e houve petição de perdão da parte da tia já viuva, do qual quando lhe foi passada a carta por graça régia, já ella era fallecida. (Vid. *Instituto,* vol. XLIII, p. 347.)

Em outra estrophe allude á morte de varios poetas que figuraram na sua mocidade nos serões do paço, e cita tambem a perda para a poesia de Garcilasso e de Boscan:

Um conde que inda alumea
Assi morto o reino e lingua,
Outros depois de alta vêa
Tinham sua conta chêa
No tempo da nossa mingua.
Ao menos pera esforçar
Os engenhos que atras vêm,
Que soi a terra de os dar;
É o vão máo de acertar,
Ficamos muitos d'áquem.

O que não soffre rezão
Que passe o bom *Lasso* assi
E que passe o bom *Boscão*,
Por quem mil gritos se dão;
Não respondem por aqui.
Ah gram perda! e assi são idos!
Quam cedo tudo em fim arde!
Quaes foram dias compridos
A uns engenhos subidos
Que vem tão de tarde em tarde!

Referia-se Miranda ao então afamado poeta o conde de Sortelha, D. Luiz da Silveira; [1]

---

[1] Da popularidade de D. Luiz da Silveira falla o Chiado:

Vós sois-me tão dizedor!
Mais ha do que vos eu gabo.
—Todas vão dar na barreira,
Vós sois digno de louvor,
Acho-lhe eu lá uma côr
Das de *Luiz da Silveira*.

(*Comedias*, p. 28.)

Boscão, que era bastante lido pelos iniciados da nova eschola, morrera n'esse anno de 1543, com cincoenta annos de edade, fazendo o contraste com a morte de Garcilasso com trinta e trez annos. Conclue o poeta na sua philosophia:

Polo qual a este abrigo
Onde me acolhi cansado
E já com assás perigo
A essas letras que sigo
Devo que nunca me enfado.
Devo a minha muito amada
E prezada liberdade
Que tive aos dados jogada,
Aqui sómente é mandada
Da rezão boa e verdade.

(*Poes.*, p. 228.)

Mem de Sá não era simplesmente o magistrado da confiança régia; possuia certamente gosto litterario, que seu irmão reconhecia, dirigindo-lhe a incomparavel Carta em que retrata o seu viver simples, e mandando-lhe tambem a collecção das suas poesias. A Ecloga *Basto*, na edição rarissima das *Satyras*, feita no Porto em 1626, traz no fim esta declaração: «Entre hums papeis em que andavam escritas de mão as obras de Francisco de Sá de Miranda, os quaes forão da Condessa de Linhares D. Brites de Sá sua sobrinha, filha de seu irmão Mem de Sá, se achou o *Dialogo* ou Satyra que se segue, polla qual rezão (por que o estilo e graça de sua compostura saem mui conformes ao que se considera e estima nas que andam impressas), pa-

receo que se lhe nam podia negar a companhia d'ellas, e que como obra da mesma mão se devia imprimir juntamente em graça dos curiosos e respeito de seu auctor, cuyos escritos estan merecendo que se imprimão muitas vezes e que por este meio se procure n'este Reino sua conservação e perpetuidade pela excelencia d'elles e pollo novo lustro que deram á lingua portugueza.» [1] Nos manuscriptos de Ferdinand Denis e de Luiz Franco este *Dialogo* entre Gil e Bieito, traz a rubrica: «*E' a mesma que Frco de Sá mandou a Nuno Alvarez Pereira, mas emendadas em muitas partes.*» Por aqui se conclue a época em que o poeta mandou a seu irmão a collecção dos seus versos, acompanhada, segundo seu costume com a Carta. D. Beatriz de Sá conservou esse Codice precioso; como ella se tornou uma protectora dos Padres da Companhia, é assim que se explica o interesse com que Martim Gonçalves da Camera, retirado no Collegio de Sam Roque, se lembrou de honrar a sepultura do poeta.

Tambem o velho poeta João Rodrigues de Sá de Menezes, que reconhecera o seu talento desde a mocidade, desejou possuir a collecção dos versos do poeta philosopho, que tanto honrava a nobre familia dos Sás. N'esta mesma edição das Satyras, a Ecloga *Montano* é precedida de trez estrophes de dedicatoria a João Rodrigues de Sá de Menezes, com a declaração seguinte: «Em hum cartapacio antigo que se achou no Porto das Obras de Fran-

[1] Apud *Poesias*, p. 729.

cisco de Sá de Miranda, está a Ecloga ou Satyra que se segue, e por esta razão e por ser dirigida a João Rodrigues de Sá de Menezes, seu grande amigo, e ter versos enteiros que o mesmo poeta pos em outros lugares, e seu estilo n'esta materia e genero do verso ser inimitavel, parece a muitos tambem ser sua.» Era n'estas differentes copias que o poeta ia tirando dos seus versos, que elle segundo o estado do seu espirito introduzia as variantes ou remodelações profundas do texto, e em que com rigor se póde estudar o seu processo artistico.

Desde a saída da côrte em 1534 até á época da redacção da Carta a Mem de Sá, desenvolveu Sá de Miranda no retiro da Quinta da Tapada uma intensa elaboração poetica; quasi dez annos de idealisação, que elle podia synthetisar n'estes trez versos:

Dias ha que me escondi,
Co' que li, co' que aprendi
Inda me não enfadei.

(*Poes*, p. 224.)

A esta actividade saudavel e fecunda seguiu-se um periodo de contemplação e de silencioso recolhimento, em que apenas escreveu pequenas composições familiares. Que alteração se dera na sua existencia n'este periodo de quasi dez annos, até quando os novos poetas, como D. Manoel de Portugal, Pero de Andrade Caminha, Francisco de Sá de Menezes e o Dr. Antonio Ferreira vieram reconhecer a supremacia do admirado mestre!

Sá de Miranda estava absorvido pelo enlêvo da familia, entregue á educação dos seus dois filhos Gonçalo e Jeronymo; o ideal confundia-se na sua alma com o real. Depois da poesia, a musica vinha completar a expressão dos sentimentos ante os quaes era impotente a palavra. Bernardes, um dos seus mais mimosos discipulos, ia de Ponte de Lima á Quinta da Tapada visital-o e deixou testemunho d'este viver intimo, em que elle andava enlevado na educação dos seus filhos: «tangia violas d'arco, e era dado á musica, de maneira que com nam ser muy rico tinha em sua casa mestres d'ella custosos, que ensinavam a seu filho Hieronymo de Sá, de quem se diz que foi extremado n'aquella arte, e contava Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte d'isto) que quando o ia a ver, vivendo em Ponte de Lima patria sua, lhe mandava tanger o filho em diversos instrumentos, e o reprendia alguma vez de algum descuido...» Estavam então em moda as *musicas jusquinas*, ou de Josquin des Prés e sua eschola, e as de Morales, como vêmos pelos apodos dos Autos de Antonio Prestes. Na época em que Sá de Miranda estivera em Roma ali appareceu Adriano Wilaert, que veiu a ser o fundador da celebre eschola de Veneza; eram então vulgares as canções italianas, taes como de *villanelle*, *villote alla napolitana*, *frotole*, *balleti*, que prepararam a fórma nova do *Madrigal*. Tambem na musica se operava na Renascença o antagonismo com as fórmas da Edade media; uns queriam resuscitar os generos chromatico e enharmonico dos gregos, submettendo-lhe o systema

diatonico, que era o do estylo da época, como se vê pela celebre questão entre Vicente Lusitano e Vicentino, o discipulo de Wilaert. [1] Estavam então em moda os quartetos de rabeca, *a quattre viole d'arco;* Sá de Miranda logo que pôde foi ensinando os filhos e ensaiando as novas composições madrigalescas, que dominavam em todas as côrtes da Europa. As tristezas produzidas pela decadencia de Portugal, submettido á Inquisição e á dissolução dos Jesuitas, mais o fariam refugiar-se no mundo da arte, entregando-se a um silencio, que tambem era sentimento. Na Carta a João Rodrigues de Sá descreve o estado moral em que se via obrigado a concentrar o seu espirito:

Cura-me philosophia,
Que me promette saude,
Dei-lhe a mão, ella me guia,
Ouço fallar da virtude.
Se a visse, sarar-me-ia.
Diz Platão, que é dos melhores,
—Quem pozesse os olhos n'ella,
Que verdadeiros amores
Sempre traria com ella.

Como digo, eu só de ouvir
Ando como homem pasmado,
Desejoso de a seguir,
Chorando todo o passado,
Temendo todo o porvir.
De fóra ha muitos perigos
A cuja lembrança tremo,
Em casa aquelles imigos
Que eu mais que os de fóra temo.

---

[1] J. de Vasconcellos, *Os Musicos portuguezes,* t. I, p. 203 a 219.

. . . .

Sophistas me são defezos
Com seus bandos, suas scismas,
Eil-os soltos e eil-os presos!
De fé, que não de sophismas
Quer Deus os peitos accesos!

As musas me não defendem;
Não fallo n'alguns montantes
Que todos são peito offendem!
Mandam-me rir de inhorantes,
Que fallam mais do que entendem.
Entendimentos diversos
Com quaes artes vos encantam!
Salmos que são se não versos,
E os hymnos que a deus se cantam?

Aquelles cantares finos
A que lyricos disseram
Os Gregos e os Latinos,
Digam-me, d'onde os houveram,
Salvo dos Livros divinos?
Quantos que d'ahi ao seu
Trouxeram auguas á mão.
Regou Pindaro e Alceu,
E em móres prados Platão.

(*Poesias*, p. 212.)

Operava-se na alma do poeta esta synthese da Renascença e do Christianismo, pela poesia e pela musica.

D'aquella imperturbavel serenidade do seu retiro da Quinta da Tapada, escrevia o poeta na Ecloga *Basto*:

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Vir-me-hão vêr os meus amigos,
O' sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos.
E despois dos mezes mil
Quiçais inda dirá alguem
Olhando este meu covil:
Por aqui cantava Gil
Sem queixia de ninguem.

(Pag. 180.)

Quando os infantes D. Henrique e D. Luiz foram visitar o solar de Crasto, não deixariam de ir honrar a Quinta da Tapada, em que residia, ali perto, Sá de Miranda; o philologo Nicoláo Clenardo ao regressar de Compostella, depois de vêr algumas povoações do Minho, visitou o Convento da Costa, aonde D. Duarte lhe fallaria de Sá de Miranda e lhe incitaria o desejo de ir visital-o, sobre tudo achando-se em Ponte de Lima. Um poeta castelhano, que viveu alguns annos em Portugal, Nuñez de Reinoso, auctor da novella *Historia dos amores de Clareo y Florisea* (traduzida em portuguez sob o titulo *Historia dos trabalhos da sem ventura Isea*) falla em Sá de Miranda nas suas *Obras en coplas castellanas y versos al estilo italiano.* [1] Dos

[1] Escreve o Dr. Sousa Viterbo: «O visconde de Azevedo possuia um exemplar d'esta obra... e communicou a Innocencio, que ahi se fallava claramente de Sá de Miranda. — É possivel que Sá de Miranda tivesse influido na direcção litteraria de Reinoso, cujo gosto se desenvolveu mais tarde...» (*Instituto*, t. XLIII, p. 309.)

trechos das poesias de Reinoso que traz Gallardo na sua Bibliotheca, extrahiu Viterbo esta estrophe, mostrando que o poeta visitára Sá de Miranda [1] no seu retiro:

Acordé de hacer asiento
En lugar que los Pastores
Basto llaman:
Era solitaria tierra
Conforme para mis males
No contrarios;
De una parte cerca sierra
Y de otra cercan vales
Solitarios.

Comprehende-se pois como algumas poesias de Sá de Miranda chegaram ainda manuscriptas ás collecções ou Cancioneiros castelhanos; de um d'elles tirou Fernando de Herrera para o seu commentario ás Obras de Garcilasso, publicado em 1580, o Soneto de Sá de Miranda: *Entre Sesto i Abido en mar estrecho*, comparando-o com o de Garcilasso: *Passando el mar Leandro el animoso.* As variantes que ahi traz (p. 205) provam que elle foi tirado de fontes differentes das que serviram para as edições de 1595 e 1614.

Os novos talentos, que brilharam no meado do seculo XVI começaram a acercar-se de

[1] Do caracter hospitaleiro de Sá de Miranda escreve o biographo anonymo: «foi sobrio e austero comsigo, e largo com algum excesso c'os hospedes que indifferentemente agasalhava com gosto particular, costumando a dizer, que o livravam de si o tempo em que os conversava...»

Sá de Miranda, reconhecendo-o como mestre, ao qual se devia a restauração da Poesia portugueza. Diogo Bernardes, residindo em Ponte de Lima, ia passar dias á Quinta da Tapada, onde o ouvia dirigir os seus concertos de viola d'arco. Na Carta I confessa, que o toma por mestre na carreira nova que enceta:

> O doce estylo teu tomo por guia,
> Escrevo, leio e risco; vejo quantas
> Vezes se engana quem de si se fia.

Com paternal benevolencia Sá de Miranda enviou-lhe o mimoso Soneto:

> N'este começo d'anno, em tam bom dia,
> Tam claro, por que não faleça nada,
> Me foi da vossa parte apresentada
> Vossa composição boa a porfia.
>
> De que espanto me encheu quanto ali via!
>
> (*Poes.*, p. 452.)

D. Manoel de Portugal, filho do celebrado poeta do *Cancioneiro geral* D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, e de D. Joanna de Vilhena, prima do rei D. Manoel, ao tentar em uma Ecloga a nova fórma italiana tambem enviou o seu ensaio a Sá de Miranda. Acompanhou-a um Soneto com a rubrica: *De D. Manoel de Portugal a Francisco de Sá mandando lhe ũa Ecloga que fizera n'esta*

arte italiana (p. 77). O joven poeta chama-lhe: «Rarissimo Francisco excellente.» Respondeu-lhe em um Soneto, que tem a rubrica na edição de 1595: «*Resposta de Francisco de Sá, pelos mesmos consoantes como fez o Petrarcha.*» E no Ms. Ferd. Denis: «*polos consoantes seguindo o Petrarca tambem nas suas rezois.*» Por essa resposta, vê-se que D. Manoel de Portugal foi dos primeiros a confessar-lhe a supremacia:

Tantas mercês tam desacostumadas,
Como as servirei eu devidamente?

(*Poes.*, p. 77.)

E sob a impressão de reconhecimento, além d'este Soneto dedicou a D. Manoel de Portugal a Ecloga *Encantamento*, com cinco outavas, em que trata lisongeiramente o joven poeta e consigna recordações sobre as primeiras tentativas da Eschola italiana:

Filho d'aquelle nobre e valeroso
Conde, mais junto á Casa alta real,
Abastara dizer do Vimioso,
Senhor Dom Manoel de Portugal,
Lume do paço, das musas mimoso,
Que certo vos darão fama immortal...

Em que vos servirei cá d'este monte?
Ũa mercê, na terra pouco usada,
Tanto em outra aqui logo de fronte,
Aquela Ecloga vossa me foi dada,

Encostado jazendo *á minha fonte.*
De versos estrangeiros variada, [1]
Parecia que andava a colher flores
Co'as musas, co'as graças, c'os amores.

Então tornado em mim, disse comigo:
— Certamente eu trazia errada a conta,
Que inda ha quem nos renove o tempo antigo,
De que tanto se escreve e tanto conta.
Agora me reprendo e me castigo,
Fazia á nossa Luzitania afronta
Cudei que só buscava prata ou ouro!
Buscastes-me no meu escondedouro!

Andando apos a paga, houve aos sisos
Gram medo, (que o confesso) e a uns pontosos
De rostos carregados, e de uns risos
Sardonios, ou mais claro, maliciosos...

. . . .

Rigores a departe, que são dinos
De perdão os começos. Já que fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle, um só dos lyricos latinos. [2]

(*Poes.*, p. 475.)

---

[1] Referia-se ao primeiro emprego do *verso sciolto*, aos quebrados do endecasyllabo, aos tercetos, ás rimas encadeadas do fim do verso para o fim do hemistichio, ás combinações do endecasyllabo com os seus quebrados, em cuja Ecloga D. Manoel de Portugal fez alarde de conhecedor.

[2] Na Ecloga *Encantamento* figura Bernardim Ribeiro cantando os males de amor; e referindo-se á sua loucura:

Tambem Pero de Andrade Caminha, camareiro da casa do infante D. Duarte enviou a Sá de Miranda uma Ecloga, que é a primeira da sua collecção; fallam n'ella os pastores Androgeo e Serrano, a que allude no Soneto de dedicatoria:

Não ousaram até 'gora aparecer
Estes versos, de si desconfiados...

Vão-vos pedir, senhor, que os queiraes vêr
E riscar e emendar, por que emendados
Por vós, possam andar mais confiados
Do que por meus podéram merecer...

(*Poes.*, p. 658.)

A veneração com que o Dr. Antonio Ferreira se dirige ao bondoso mestre revela-nos tambem o aspecto da sua tão sympathica existencia, exercendo um poder espiritual espontaneo. Ferreira escreve-lhe com as tristes apprehensões do meado do seculo:

O tempo escuro e triste e tempestuoso
Mal ameaça; *assi viste o passado,*
E vês ainda o porvir mais perigoso.

Tambien io, mal pecado
Ende voi de consuno
Que ni lo que hago sé, ni lo que digo,
Hemos mal barajado
Io comigo importuno,
Como enemigo con otro enemigo.
. . . .

(*Poes.*, p. 515.)

Chamar-te-hei sempre bemaventurado,
Que ha tanto que a bom porto co' essas santas
Musas, te estás em santo ocio apartado.

Não esperas, nem temes, nem te espantas,
Sempre em bom ocio, sempre em sãos cuidados,
A ti só vives lá, e a ti só cantas.

Os olhos soltos pelos verdes prados,
O pensamento livre e nos céos posto,
Seguros passos dás e bem contados.

Trazes ũa alma sempre n'um só rosto,
Nem o anno te muda, nem o dia;
Um te deixa dezembro, um te acha agosto.

Quam alta, quam christã philosophia,
De poucos entendida nos mostraste!
Que caminho do céo! que certa guia!

De ti fugiste e lá de ti voaste,
Lá onde o teu espirito alto sobindo
Achou esse alto bem que tanto amaste.

Novo mundo, bom Sá, nos foste abrindo
Com tua vida e com teu doce canto,
Nova agua e novo fogo descubrindo. [1]

. . . .

N'este mundo por ti já claro e novo
Já uns espiritos se erguem no teu lume,
Por quem eu, meu Sá, vejo e meus pés movo.

---

[1] *Poemas Luzitanos*, Liv. II, Carta IX.

Já contra a tyrannia do costume,
Que té'qui como escravos em cadeas
Os tinha, subir tentam ao alto cume

Do teu sagrado monte, donde as vêas
D'esse licor riquissimas abriste,
De que já correm mil ribeiras cheas.

O Dr. Antonio Ferreira esboça-lhe n'esta Carta o ideal da vida que desejára realisar, envolvido como se vê nos interesses concretos da sua carreira de magistrado. Como desejára imitar o viver de Sá de Miranda! Mas a serenidade philosophica que elle tanto admirava, estava a findar; Sá de Miranda pouco depois era ferido por uma dôr inconsolavel, pela maior dôr humana. Antes d'esse desmoronar de toda a sua existencia, vejamos ainda como vêm cheios de enthuziasmo para elle os outros discipulos.

Francisco de Sá de Menezes, filho do segundo casamento de João Rodrigues de Sá de Menezes, começou a cultivar com enthuziasmo a poesia; Antonio de Sá, seu irmão consanguineo, mandou mostrar um d'esses ensaios a Sá de Miranda. Do seu retiro da Tapada agradeceu o poeta com um Soneto, que traz a rubrica no Ms. Ferdinand Denis: «*A ũa Elegia ou Capitulo de Francisco de Sá de Menezes, que lhe mandou amostrar seu irmão Antonio de Sá; e era o Capitulo sobre a* MADANELA *á maneira italiana.*» [1] No

[1] *Poesias*, p. 81.

Cancioneiro do P.e Pedro Ribeiro existia colligida em nome de Sá de Miranda uma *Elegia á Magdalena*, que por ventura era esta de Francisco de Sá de Menezes encontrada entre os seus papeis. Escreve D. Carolina Michaelis com inteira justiça: «Ninguem se lembrou de revindicar para Francisco de Sá de Menezes o logar de honra que lhe pertence na eschola de Sá de Miranda, ao lado de Diogo Bernardes e D. Manoel de Portugal.» [1] Os poetas seus contemporaneos, Bernardes, Caminha, Ferreira, Falcão de Resende exaltam a sua inspiração poetica, synthetisada na *doce frauta*, na *musa alta e suave*. Crê D. Carolina Michaelis, que começou a frequentar a côrte por 1530, encontrando ainda ali Sá de Miranda. É a elle que se deve attribuir o singular interesse que o princepe D. João manifestou pelas poesias de Sá de Miranda, mandando-lh'as pedir com empenho. Quando nasceu em 1537 o princepe D. João, foi nomeado seu creado Francisco de Sá de Menezes, e em 1549 seu aio e camareiro-mór. É por este tempo, quando Francisco de Sá de Menezes exercia uma influencia espiritual sobre o princepe que mostrava tanto gosto pelas letras, que devemos collocar as relações encetadas com Sá de Miranda, posto que a sua doutrina moral já lhe tivesse sido revelada por accordo do proprio D. João III, que collocára o princepe sob a mesma direcção culta em que estivera o fallecido D. Duarte. Caminha e D. Manoel de Portugal tambem influi-

---

[1] *Ibid.*, p. 749.

ram n'essa especie de culto que se tinha na côrte por Sá de Miranda, exaltando assim mais o enthuziasmo do princepe tão sugestionavel e ardente. Na sua predilecção pelas letras, foi o princepe D. João visitar a Universidade de Coimbra, onde floresciam os Mestres francezes, que trouxera Mestre André de Gouvêa. Por causa da sua educação, confiada a Antonio Pinheiro, é que surgiu o odio do P.e Simão Rodrigues contra Damião de Góes, que fôra chamado a Portugal expressamente para esse fim. O princepe tinha bellos exemplos em casa para lhe incitarem o gosto pela litteratura, taes como o infante D. Luiz, D. Henrique e D. Duarte, e já a infanta D. Maria em volta da qual se começava a formar um novo circulo de poetas, em que brilhou Camões. Temos por inferencia que escrevera Camões o primeiro canto dos *Elusiadas* (Ms. de Luiz Franco) com a dedicatoria ao princepe D. João, do qual o afastaram por todas as cabalas os poetas da côrte, Caminha, Jeronymo Corte Real e outros. Da mesma fórma embaraçaram que o nome de Luiz de Camões chegasse aos ouvidos de Sá de Miranda. O princepe tinha por seu secretario a Luiz Vicente, filho de Gil Vicente, que outr'ora tanto encantára os serões do paço com os seus Autos; por elle escreveu a Fernão da Silveira, mandando-lhe em carta de 29 de janeiro de 1552 pedir as suas poesias; os outros poetas dedicavam-lhe as suas obras, como Jorge Ferreira a Comedia *Eufrosina*, o Dr. Antonio Ferreira a Comedia de *Bristo*, e Jorge de Monte-Mór as suas obras. Como o auctor da *Diana*, que acompanhára para Por-

tugal a princeza D. Joanna, se dirigiu tambem a Sá de Miranda, por isso se vê quanto elle era memorado com respeito e admiração na côrte e pelo principe. Para o plano do grande Cancioneiro que o principe intentava colligir, foi Sá de Miranda o primeiro convidado. Imagina-se a surpreza que o bom do solitario da Tapada sentiu ao vêr-se assim impellido para os seus tempos de enthuziasmo poetico, quando elle, havia tanto, estava calado. Mas como resistir, devendo tanto a D. João III e aos infantes? o desejo do principe tornava-se-lhe uma ordem impreterivel.

Tratou o poeta de cumprir o mais promptamente o desejo do principe, reunindo em um caderno todas as composições de Cancioneiro, ou da Eschola velha, do tempo que andára na côrte, com outras mais ou menos no mesmo estylo e de differentes épocas. No Ms. de Ferdinand Denis, que é capital para a historia externa do texto de Sá de Miranda, tem esta primeira secção o titulo de *Cantigas, Vilancetes, Esparsas e Sonetos*. E no Ms. da Bibliotheca de Paris: *Cantigas, Vilancetes, Esparsas, Canções e Sonetos. Que arremedando Horatio tudo pode passar por Odas.* Reuniu o poeta n'este corpo setenta e sete composições, muitas das quaes já considerava como *Chistes ao modo italiano.* Acompanhou tudo isto de um Soneto: *Ao principe D. João nosso senhor quando lhe mandou pedir estas suas obras*, como se lê na rubrica da edição de 1595; ahi lhe diz com simplicidade:

A princepe tamanho, cujo rogo,
E mais aos seus, inda é mais que mandar,
Que posso i al fazer se não passar
Pola augua, polo ferro e polo fogo?

. . . .

Era já tudo como encomendado
Á traça e pó da aldea e sua baixeza,
Entre teas de aranhas encantado;

Já'gora, gram senhor, tudo despreza
Quem sai á praça por vosso mandado,
Abasta o nome só de Vossa Alteza.

Levava este primeiro caderno o titulo que abrangeria as futuras remessas: *Obras do Doutor Sá de Miranda. Ao princepe nosso senhor que lhas mandou pedir*. Seguia-se-lhe ainda uma segunda secção intitulada *Os Sonetos*, com as Trovas, remettidas de Alcalá, e a *Canção á Virgem*. Por este logar se vê que antes de 1552 entrára em relações com D. Manoel de Portugal e Francisco de Sá de Menezes. [1] No Ms. da Bibliotheca de Paris, vem a rubrica final: «*Fim da primeira parte das Obras de Francisco de Sá.*»

O poeta queria ser agradavel ao princepe, e colligiu uma outra remessa dos seus versos: *Outra parte de Obras de Francisco de Sá, que tambem mandou ao princepe*. Acompanhou-a de um Soneto dirigido ao princepe D. João, com a rubrica: *A segunda vez que*

[1] Comprehende as composições n.^{os} 78 a 100.

lhe mandou mais papeis. Ahi o celebra, pela esmerada protecção que dá ás letras:

> Dar favor aos engenhos, e a toda arte
> Das boas, faz os reis aqui immortaes...

Comprehende esta segunda remessa as suas mais bellas composições, taes como a Ecloga *Aleixo* (Bernardim acabára de morrer em 1552), a Ecloga *Basto*, e as incomparaveis *Cartas* ao rei D. João III, ao velho João Rodrigues de Sá de Menezes, a Pero Carvalho, a seu irmão Mem de Sá, a Antonio Pereira, senhor de Basto e Lamegal, e a *Carta* em tercetos a D. Fernando de Menezes. Ali estava representado o que havia de mais caracteristico do genio de Sá de Miranda,— a largueza do seu animo, a eminente individualidade moral.

Passado algum tempo, de cuja demora o poeta se desculpa, reuniu Sá de Miranda outra série de composições (n.os 110 a 117) com a indicação: «*Outra parte das Obras de Francisco de Sá que tambem mandou ao princepe nosso senhor.*» Como ás duas partes anteriores, acompanha-a um Soneto de dedicatoria ou prologo, com a rubrica, que vem na edição de 1595: *A terceira vez mandando-lhe mais obras.* O pensamento do Soneto versa sobre o seu processo artistico:

> Tardei, e cuido que me julgam mal,
> *Que emendo muito, e que emendando, dano,*
> Senhor, que hei grande medo ao desengano,
> D'este amor que a nós temos desigual.

Todos a tudo o seu logo acham sal;
Eu risco e risco, vou-me de anno em anno.

. . . .

Ando co's meus papeis em differenças?
São preceitos de Horacio, me dirão.
Não posso em al, sigo-o em apparenças.

(*Poes.*, p. 261.)

Era esta revisão constante que explica as *variantes* e remodelações fundamentaes do seu texto poetico, muitas vezes eliminando referencias a successos passados, que particularisavam o sentido da obra de arte. N'esta terceira parte entraram as composições mais caracteristicas da iniciação da Eschola italiana em Portugal, taes como a *Fabula do Mondego*, as Eclogas *Celia*, *Andrés*, *Nemoroso*, *Basto* (reelaborada) e *Montano*, que não entrou nas duas edições typicas, de 1595 e 1614.

Outras muitas poesias possuia Sá de Miranda para enviar ao princepe, e que as iria trasladando a limpo, se acontecimentos graves passados na sua familia e na côrte não viessem perturbar-lhe a serenidade e determinar o termo da sua felicidade. Os cadernos mandados por trez vezes ao princepe D. João perderam-se com as profundas perturbações da côrte, e quando se imprimiram as Obras do poeta foi por traslados em que não existia a disposição systematica adoptada nas remessas ao princepe. No prologo do livreiro Domingos Fernandes á edição de 1614, refere-se á perda d'esses cadernos, que tanto interessavam para o conhecimento do texto de

Sá de Miranda: «Bem se mostra polos primeiros trez Sonetos d'estes papeis, que o Princepe D. João filho del Rey D. João o III, os mandou pedir a seu Autor por outras tantas vezes, e que elle lh'os mandou assi divididos (quais de cada hũa não pude alcançar) e sendo assi, natural cousa parecerá a todos que primeiro limou, polio e purificou o que mandava a hum Princepe mancebo e curioso e a hũs cortezãos de cujas envejas, calũnias e murmurações n'essas mesmas obras tã engenhosamente se queixa.» D'essas trez partes mandadas ao princepe foi tirada uma cópia, encontrada em Paris e adquirida por cinco francos, pelo insigne luzitanophilo Ferdinand Denis, em 1838. Segundo D. Carolina Michaelis, que o tomou como base da edição fundamental ou princeps das *Poesias* de Sá de Miranda de 1885: «é a unica collecção que nos habilita a conhecer quaes foram as poesias, ou melhor ainda, quaes foram os grupos de poesias, os Mss. separados, que Sá de Miranda enviou ao princepe D. João *por trez differentes vezes*,—representa, em espelho fiel, uma redacção primitiva, original, feita com cuidado e com o intuito da offerta; d'ahi uma coordenação subordinada a certos principios e que denuncía a propria mão do poeta. Pouco importa n'este caso, (que está para nós provado) que o modelo, que serviu ao copista do Ms. fosse o primeiro borrão, pouco calligraphico, escripto á pressa (supposição a que nos inclinamos mais), ou o exemplar que Sá de Miranda enviou á côrte, nitido, e com apurada lettra, do seu proprio punho, ou de algum diligente ajudante, cujo

trabalho o poeta fiscalisaria.» [1] Na Bibliotheca nacional de Paris existe um outro Codice das *Obras* de Sá de Miranda (n.º 8294) tendo no frontispicio: *Dirigidas ao Princepe Nosso Señor que lhas mandou pedir.* Contém apenas a primeira parte; das suas poesias diz D. Carolina Michaelis confrontando-as com o Ms. Ferdinand Denis: «Estão exactamente na mesma ordem, com as mesmas notas, com uma orthographia geralmente concordante e com variantes de pequena importancia. Não póde haver duvida, por tanto, que ambos os Mss. se referem a uma fonte original commum, que vem a ser o proprio autographo enviado por Sá de Miranda ao Princepe.» A perda do texto authentico, a que o princepe D. João ligava tanta importancia, e a interrupção da compilação de Sá de Miranda, que deixou muitas outras poesias que só apparecem nas edições de 1595 e 1614, bem nos revelam as graves perturbações que se deram na vida do poeta e entristeceram para sempre a vivenda da Quinta da Tapada.

Em começos de 1553 partiu o primogenito do poeta, Gonçalo Mendes de Sá, para a Africa, *a servir hũa Commenda (aonde quasi todos os moços d'aquelles tempos iam cingir a primeira espada)*, como conta o biographo anonymo. Em um nobiliario se lê: «teve uma Commenda *sob a condição de a ir servir em Ceuta*, onde morreu no primeiro encontro que houve, pouco depois de ali chegar.» Entre as Commendas do Mestrado de Christo, havia

[1] *Poesias*, p. XLVI.

um certo numero que pagavam outo contos de reis de meias annatas, que se arrecadavam na casa de Ceuta. [1] Eram n'estas Commendas que se proviam especialmente os jovens fidalgos, com a obrigação de irem servir nas fortalezas de Africa. Tal foi o motivo da partida de Gonçalo Mendes de Sá para Ceuta; diz o biographo anonymo: «e chegado de poucos dias a Ceyta succedeu a perda de D. Pedro de Menezes, filho do primeiro conde de Linhares, D. Antonio, que era capitão do logar, onde Gonçalo Mendes tambem acabou com outros muitos, entre os quaes foi D. Antonio de Noronha, sobrinho do capitão, filho do conde D. Francisco, que deu com sua morte occasião áquella lamentavel Ecloga de Luiz de Camões de *Umbrano e Frondelio.*»

Esta Commenda, que ia servir em Ceuta Gonçalo Mendes de Sá, victima como tantos outros jovens fidalgos da surpreza do monte da Condessa, em 18 de abril de 1553, segundo o dizer do linhagista Pina, foi transferida para seu pae. Tambem seu irmão Mem de Sá perdeu um filho n'esse deploravel desastre. Mem de Sá era casado com D. Guiomar de Faria, filha do Dr. Antonio Eannes de Andrade, desembargador do paço; lê-se nos linhagistas: «*um seu filho João Rodrigues de Sá, morreu em Ceuta* no desastre em que morreu seu primo Gonçalo Mendes de Sá e D. Antonio de Noronha.» N'esta emboscada do mouro alcaide de Tetuão, morreram tre-

[1] Figueiredo Falcão, *Indice de toda a Fazenda*, p. 211.

zentos fidalgos portuguezes, e em que se contam os trez intimos amigos do princepe D. João que justaram no torneio de Xabregas, quando elle foi armado cavalleiro, D. Antonio de Noronha, Paulo da Silva e André Rodrigues de Beja; escapou o moço João Rodrigues Pereira, filho do senhor de Basto, Antonio Pereira, o grande amigo de Sá de Miranda, pelo que o felicita na dedicatoria da Ecloga *Alejo*. Veremos adeante o effeito que uma tamanha calamidade produziu na aprazivel vivenda da Tapada.

Em 1552 realisára-se o casamento do princepe D. João, com sua prima a formosa e robusta princeza D. Joanna, filha de Carlos v. Tambem esta faina das festas embaraçaria Sá de Miranda na continuação das suas copias, descansando da remessa de uma quarta parte das suas Obras. Acompanhando a princeza D. Joanna na sua vinda para a côrte portugueza encontra-se Jorge de Monte-Mór, que em tenra edade saíra de Portugal e foi musico da Capella ambulante do princepe D. Philippe (II). Ao facto do casamento da princeza deveu o seu regresso á patria. A fama de Sá de Miranda tornava-se de dia para dia maior, e o auctor já celebrado da *Diana*, enviou-lhe para a Quinta da Tapada uma Carta em tercetos, (appareceu na edição de 1595) na qual faz a sua autobiographia, e se entrega á protecção do grande mestre:

A Francisco de Sá el de Miranda
Escrivo, aunque a mi ingenio le parece
Que a mas de lo que puede se desmanda.

. . . .

Enfin, señor illustre, he de meter me
So tu amparo i favor, por sublimar me
I al mundo podré luego anteponer me.

Que pierdes de tu ingenio en llevantar me?
Ha de menguar por dicha tu gran ciencia?
Por la pequeña mia acrecentar me?

Puedes perder de todos la obediencia?
Puedes perder que fama en todo el mundo
Publique tu alto estilo i gran prudencia?

Puedes dejar de ser el mas profundo
En ciencia, erudicion que alguno ha sido?
O tu ingenio podrá hallar segundo?

Depois d'estes extraordinarios louvores, e traçando em interessantes tercetos o discurso da sua vida, e como veiu acompanhando para Portugal a princeza, como empregado de sua casa, queixa-se Jorge de Monte-Mór da impossibilidade de poder considerar-se feliz:

Mil vezes me pregunto que me quiero,
I no sé responder me ni sentir me:
Enfin me hallo tal que desespero.

Si con tu musa quieres acudir me,
Gran Francisco de Sá darás me vida,
Que de la mia estoi para partir me.

De tu ciencia en el mundo florecida
Me comunica el fruto deseado,
I mi musa será favorecida.

Pues entre el Duero e Miño está encerrado
De Minerva el tesoro, a quien iremos
Si no es a ti do está bien empleado?

En tus escritos dulces los estremos
De amor podremos ver mui claramente
Los que alcanzar lo cierto pretendemos.

Como desejava e pedia Jorge de Monte-Mór, escreveu-lhe Sá de Miranda uma Epistola tambem em tercetos recommendando-lhe que não abandonasse a valiosa protecção da princeza D. Joanna, que tivera a ventura de adquirir. Jorge de Monte-Mór tencionava voltar para Hespanha, talvez para acompanhar seu amo o principe D. Philippe na viagem que fez por Italia e Flandres. Eis a passagem da Carta de Sá de Miranda:

Llevanta tus sentidos al emparo
Tan alto y tan seguro, como tienes
De la Princeza nuestra, un sol tan claro.

No seas como muchos que sus bienes
Bien no conocen, mira que acontece
A pocos lo que a ti, si bien te avienes.

As estrophes em que Sá de Miranda consigna alguns traços autobiographicos, são repassadas de um certo encanto de saudade:

Vezino a aquel tu Monte do has nacido,
Cogi este aire de vida, i del Mondego
Tan clara i tan sabrosa agua he bevido.

Asiento de las musas, tras el ciego
Niño que vuela, perdi el tiempo andando,
Uno de los sus locos, no lo niego.

I aun aora, la memoria quando
Buelvo por las pisadas que atras dejo,
Lo que me hago no sé se ando ó desando.

A tal sazon quizá de amor me quejo,
Si viste algunos de los mis renglones,
Triste *Andrés*, triste *Diego*, triste *Alejo!*

(*Poes.*, p 457.)

Todas estas esperanças que Sá de Miranda augurava a Jorge de Monte-Mór iam desapparecer quasi instantaneamente; o desastre de 18 de abril de 1553 foi o golpe de morte na philosophia do poeta; em 2 de janeiro de 1554, morria o intelligente e auspicioso princepe D. João, o unico herdeiro de D. João III, com dezaseis annos e sete mezes, de doença capitulada pelos medicos da época *hebetica passio*, excessos de um casamento precoce. Jorge de Monte-Mór obedecendo ao seu instincto vagabundo tornou para Hespanha, a occupar o seu cargo de musico da capella junto do princepe D. Philippe, e em 1555 já o acompanhava em Londres. Os ultimos quatro annos, que restaram de vida a Sá de Miranda foram cheios de uma intima, inconsolavel e crescente amargura, completando com o soffrimento pessoal a grande magua que lhe causavam as cousas da patria e a marcha do seculo.

§ V. Annos de desalento e morte

Na casa e retiro da Tapada entrára uma sombra de tristeza, que era a saudade e o presentimento de uma dôr irremediavel; em principios de 1553 o filho primogenito do poeta partira para Ceuta, para ahi servir uma Commenda da Ordem de Christo. Em 18 de abril d'esse anno succedeu a deploravel catastrophe da surpreza do Monte da Condessa, e entre trezentos jovens fidalgos portuguezes trucidados traiçoeiramente, morreu tambem Gonçalo Mendes de Sá. Na poesia portugueza existe o ecco d'este lamentoso desastre. D. Antonio de Noronha, amigo intimo de Camões, que o celebra no Soneto: «Em flor vos arrancou de então crescida» e em uma Elegia, contava apenas dezesete annos; o filho de Sá de Miranda teria, quando muito dezeseis annos. Era o desmoronamento da felicidade domestica do poeta, que vivera tantos annos embalado na mansidão de sua esposa, e no cuidado da educação dos seus dois filhos. Toda essa beatitude philosophica ia desapparecer, por que o golpe que acabava de receber não vinha isolado. Sá de Miranda carecia de dar expressão poetica á sua dôr moral; não era tanto para ser ouvido longe, como por achar n'essa fórma de linguagem o meio de traduzir emoções incoerciveis para as phrases vulgares. No Ms. Juromenha encontram-se dois Sonetos que descrevem com uma profunda desolação a ago-

nia do poeta. Como elle falla do desapparecimento da felicidade com a morte do filho:

> Do enganoso bem que tam ufano,
> Tam ledo e altivo me fazia
> E que tanto me encheu a fantesia
> D'um alto pensamento soberano,
>
> Agora, por meu mal, me desengano;
> Que aquelle bem tamanho pretendia
> Vir só pera fugir, e só queria
> Mostrar-me tanto bem pera mór dano!
>
> Mal entendi o bem d'aquella gloria
> Que me fôra melhor que nunca fôra,
> Pois pera maior mal então a via!
>
> Por que o cruel tormento e o mal d'agora
> Podiam-se fundar só na memoria
> D'aquelle bem passado em que me via.
>
> (*Poes.*, p. 597.)

Não é sem dilaceração que se vêem morrer dezeseis annos, e tudo quanto nos representa a presença de um filho. O Soneto de Sá de Miranda, que transcrevêmos, não tem transportes, mas quanto mais se lê mais se lhe acha a profundidade da dôr moral. E a mãe? a bondosa D. Briolanja de Azevedo? Conta o biographo anonymo, que ella pouco sobreviveu á morte do filho; mas o seu inconsolavel soffrimento apparece em um Soneto de Sá de Miranda, que no Ms. Juromenha traz a rubrica: «Parece escrito este Soneto á mulher depois da morte do filho.» A belle-

za do Soneto consiste na propria impotencia do poeta para consolar tamanha dôr:

No bañes mas tus ojos, ni derretiendo
Estés la vida, pues lloros no han podido
Redemir el cuerpo en tierra tendido,
Ni dal-le fuerza que tu estás perdiendo.

Consola-te, señora, que está cogiendo
El fruto del sacrificio havido;
Alla no desea lo que acá ha perdido
Si tus gritos el no estuviese oiendo.

Contempla tu dios que le ordenó,
I con esto da alivio al pensamiento!
No rompas el aire con tus gemidos,

Pues ia no aprovecha al que morió,
Bive, pues ia no pueden con tormento
Tus ojos llorosos tan affligidos.

(*Ibid.*, p. 598.)

Pinta-nos este Soneto a vida de lagrimas que levava D. Briolanja, no retiro da Tapada; o poeta presentiu que ella se estava matando, e pede-lhe que viva. D. Briolanja de Azevedo tinha o natural desabafo dos gritos lamentosos, das lagrimas que cegam; mas Sá de Miranda conservava a dôr muda, querendo ainda dar-lhe consolação. Appareceu-lhe n'esta estrangulação da angustia um apoio na piedade e affecto dos poetas novos, que o reconheciam como mestre. O poeta Antonio Ferreira, que por 1553 frequentava o curso de leis na Universidade de Coimbra, escreveu

e enviou-lhe uma sentidissima Elegia, á qual respondeu o inconsolavel pae de modo que n'esses versos vêmos consignada a historia da sua alma. A Elegia de Ferreira tem a rubrica: *Ao senhor Francisco de Sá de Miranda, á morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá*. É de uma melancholia suave, e generosa a maneira como busca lenitivo para esse espirito attribulado. No fim vem: «*Emende*. Beijo as mãos a v. m. Antonio Ferreira.» Nos *Poemas lusitanos*, ou collecção das poesias completas organisada pelo proprio Ferreira, não entrou esta Elegia, que sómente appareceu com as poesias de Sá de Miranda em 1595. Eis alguns tercetos, de alto valor psychologico:

Verás um pae, a quem o duro fado
Desemparou d'um filho, em que esperava
Vêr seu nome nos céos alevantado;

Verás a mãe, que tanto o filho amava
Que, partindo a sua alma pelo meo,
A metade lhe deu, a outra ficava.

Dizendo:—Filho, viverei em receo
Em quanto te não vir!—E ele partido,
Eis que subitamente a morte veu.

Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bem não se enchugavam,
Inda não tinham d'elle nova ouvido,

E a primeira nova que lhe davam,
Era de morte! porem morte qual
Elle quiz sempre, e a que elles o mandavam.

O primeiro accidente é natural,
Com este não podéram, que ós mais fortes
Como aos mais fracos soe ser igual.

Mas des'que virão bem ás iguaes sortes
Que nos outros cahiram, em si tornaram
Vendo chorar a todos tantas mortes.

As lagrimas alheias consolaram
As suas........................

Referia-se Ferreira ás numerosas familias que n'esse desastre de Ceuta ahi perderam os seus representantes; Mem de Sá tambem lá perdeu seu filho João Rodrigues de Sá, da mesma edade de seu primo Gonçalo. É vivissima a descripção da dôr moral do poeta, ante o terrivel golpe:

Na alma o sentiu somente, que la vai
A verdadeira dor; mas não se ouviu
De sua bocca algum suspiro ou ai!

De pura dor a triste alma se abriu,
Mas acudiu o siso e a prudencia
Com que aquelle alboroço se encobriu.

. . . .

Tanto que o triste caso lhe foi dito,
Co'aquelle coração prudente e forte
Qual em seu rosto verás logo escrito,

Disse:—Sabia que obrigado á morte
O gerei!—E calou-se. Oh gloriosa
Voz! oh bem vinda e bem ditosa sorte!

. . . .

Oh alma bem nacida que em tal guerra
Ganhaste uma tal vida, honra e gloria,
Quem morte lhe chamar contra ti erra.

No resto da Elegia desenvolve Antonio Ferreira este pensamento; e apezar de todas as consolações do espiritualismo christão, a maior é a que resulta da sua incorporação na vida subjectiva da humanidade, apezar de ter morrido tão criança:

Mas, estes dias seus serão contados
Por muitos e mui grandes; grande é a vida
Dos que em virtude e honra são louvados.

Sá de Miranda respondeu a esta Elegia que o confortava pela perda de seu filho, com uma outra inspirada pela dôr mais profunda e verdadeira que se possa sentir. Contava então sessenta e outo annos, e esta edade contrastava com a do filho, florente e cheia de esperanças. E lembrando-se do celebre poeta Jorge Manrique, que consagrou em uma immortal endecha a morte de seu pae, exclama:

Ditoso aquelle Mestre Dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louvou
O filho e deu ao corpo em morte abrigo.

Era ella conta egual, que quem entrou
Antes á vida, saisse primeiro?
Eu sou que devera ir! Quem nos trocou?

Cordeiro, ante o throno alto do Cordeiro;
Lavado irás no teu sangue sem magua,
Oh, como quem era pae fôra parceiro!

Não ha palavras que descrevam com mais alma a dôr moral, que sentia Sá de Miranda, ao comprazer-se a recordar as qualidades e brios cavalheirescos do filho, confessando que desabafa com um amigo de longe, por que em casa não se póde tocar n'esta chaga aberta:

Tornemos ao desastre a nós choroso!
Furtando-me ia á dor que inda ameaça
Como um parto ao fugir mais perigoso.

Não ouso inda a fallar tanto de praça,
Fallo com vosco como em puridade,
Incerto do que diga e do que faça.

Quando mandei meu filho em tal edade
A morrer pola fé se assi comprisse,
(Que esta era a verdadeira sua verdade);

—Tu vas pelo caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste á tua conta!
Sem perigos, quem se acha que subisse?

Do tempo que assi foge, que te monta
Vinte annos, trinta mais? que montam cento?—
Ergueu a vista a mim alegre e pronta.

Suspirando por ser lá n'um momento,
Se ser pudesse! tam depressa os fados
Corriam! nomes vãos, sem fundamento!

Então o encarreguei d'estes cuidados:
Deus e logo *honra,* logo o *capitão.*
Quam prestes a cumprir foi tais mandados!

Parece que os levou no coração,
Não soltos por defóra nos ouvidos,
(Como outros fazem, que perdendo os vão.)

Do corpo aquelles espertos sentidos,
Mais inda os da alma tam limpa e tam pura.
Já agora os bons desejos são cumpridos.

Viu onde a deixaria em paz segura,
De pressa á occasião arremetteu,
Não quiz mais esperar outra ventura.

No dia do começo a conta encheu,
Seguro viu a morte, espanto antigo.
Nós sonhamos aqui, tu vae-te ao céo.

(*Poes.*, p. 461.)

As palavras cáem-lhe choradas do imo da alma; a phrase da dôr que *inda ameaça* explica-se pela data da morte de sua mulher depois de dous annos da morte do filho. Em uma Elegia que lhe consagra Diogo Bernardes, procura fortifical-o com a absorpção artistica.

Se te *roubou a morte os teus prazeres,*
O tempo (como dizes) força e gosto,
O melhor te deixaram. Que mais queres?

. . . .

Nem morte contra ti, nem *longa edade*
Tem já poder nenhum, podes te rir
Das suas forças, da sua crueldade.

Sá de Miranda ficára ainda com o filho mais novo, Jeronymo de Sá e Azevedo, que em parte devera attenuar a grande dôr; porém ninguem falla n'elle, como se apezar da curta edade, fossem já conhecidos os seus instinctos antipathicos. Depois da catastrophe de 18 de abril de 1553, o fallecimento do esperançoso principe D. João em 2 de janeiro de 1554 veiu ferir Sá de Miranda no mais generoso affecto, por que o principe que estimava tanto as suas obras e lh'as pedia com instancia, era verdadeiramente seu filho espiritual. Contava o principe dezeseis annos e sete mezes! Na Elegia I de Caminha, lê-se: «Tinhas por acabar dezesete annos.» Conhecendo a amisade do venerando poeta, escreveu-lhe uma Elegia: *Na morte do Principe que Deus tem*, na qual allude á influencia que exercia no seu espirito:

> Em tristeza tam nova, e tam devida,
> Rarissimo Francisco, são devidas
> Novas palavras, nova dôr e vida.
>
> . . . .
>
> Que esperanças com elle se criavam!
> Que maravilhas n'elle o mundo vira,
> *Pois teus raros conselhos o guiavam!*
>
> . . . .
>
> Que condições tam brandas sempre teve!
> Que inclinações tam altas se lhe viam!
> *Quanto louvor a ti n'isto se deve!*
>
> Tanto com elle as Musas já subiam,
> Tanto lhes punha os olhos, que par'elle
> Novos espritos cada dia creciam.

. . . .

Como foy sempre em tudo verdadeiro!
Que estremos tinha mais que tu sabias,
Que ant'elle sempre em tudo eras primeiro!

Por estes versos de Caminha se nota quanto Sá de Miranda estimava o mallogrado princepe; elle escreveu uma Elegia repleta de um verdadeiro sentimento, dirigida a D. João III, que se achava em uma situação mais dolorosa do que a sua propria. Essa desgraça estava prevista; o princepe revelára pela sua precocidade lucida e amorosa uma degenerescencia, que o tornava pouco viavel. O regimen domestico da exaltação religiosa levára-o á hyperesthesia. Todos os filhos de D. João III soffreram esta degenerescencia, que vinha já desde D. Manoel; [1] nenhum passou além dos primeiros annos da infancia: assim D. Affonso, nascido em 1526 morreu menino; D. Maria, nascida em 1527 morreu com dezesete annos; D. Philippe, nascido em 1533; D. Antonio, nascido em 1539; D. Diniz, nascido em 1535; D. Isabel, em 1529, e D. Beatriz, em 1530, todos succumbem prematuramente, uns com poucos mezes outros com poucos annos. O filho illegitimo

---

[1] Os filhos do rei D. Manoel tiveram existencias muito curtas; D. Isabel morre com 36 annos; D. Beatriz com 35; D. Fernando com 24; o cardeal D. Affonso com 31; D. Duarte com 25; o infante D. Luiz chegou aos 49 annos; D. João (III) aos 56, e o cardeal-rei D. Henrique, o mais fanatico de todos, chegou aos 66. Maria e Antonio não sobreviveram.

D. Duarte, chegou aos 22 annos; o princepe herdeiro D. João, não chegou a completar os dezesete annos. A raça estava ferida e condemnada a extinguir-se, pelos deploraveis casamentos consanguineos e por um regimen mental de hallucinação religiosa, explorado pela Inquisição e pela disciplina da Companhia de Jesus.

Sá de Miranda deplorou com sinceridade a morte do princepe D. João, ligando-a por intuição ao estado geral da sociedade portugueza:

N'esta, terra já não, antes desterro,
Dae lagrimas sem fim ao mal infindo,
Edade ha pouco de ouro, hoje de ferro.

O grande e rico reino lusitano
Em tam pequeno espaço, hoje tam pobre?
Para que foi tal bem, para tal dano?

. . . .

Aquella mais perfeita criatura
Que nunca entre nós houve, ah grave dôr,
Meteste-a n'ũa negra sepultura.

Oh que vitoria a tua! oh que valor!
Contra um corpo tam tenro e tenros annos
Inda pediste ajuda ao cego Amor.

Oh mundo tudo vento e tudo enganos,
Que é d'aquelles triumphos, que é das festas
Que haviam de tornar cedo em mais danos?

(*Poes.*, p. 465.)

Sá de Miranda referia-se ao apparatoso torneio de Xabregas, em que o princepe tinha sido armado cavalleiro, festas que Jorge Ferreira de Vasconcellos descrevera no *Memorial dos Cavalleiros da Segunda Tavola Redonda*. Consolando D. João III, lembra-lhe a esperança renovada no recem-nascido neto D. Sebastião:

> Dos altos céos, o céo geração nova
> Vos torna a dar, e tudo o que falece
> No mundo, que com ella se renova.
>
> Este avô tal que tudo a Deus merece,
> Antes os dous avôs d'ambas as partes
> Lhe irão caminho abrindo em quanto crece...

O avô Carlos V tratou logo de fazer o seu jogo para a incorporação de Portugal na unidade castelhana, preparando as cousas para que o princepe D. Carlos fosse jurado herdeiro de Portugal. A Companhia de Jesus achava-se n'este momento servindo o interesse de Carlos V. Logo no anno de 1555 morre o infante D. Luiz, espirito culto, tambem da intimidade de Sá de Miranda. Mas, que era isto comparado com a ruina de toda a sua existencia! sua mulher D. Briolanja de Azevedo morria em 1555 d'aquella dôr para que não achára consolação. O sentimento que lhe causou a perda d'esta mansa companheira de dezenove annos de intima felicidade moral, acha-se singelamente descripto pelo biographo anonymo: «Morreu-lhe sua mulher o anno de 1555, com o que elle começou a

morrer logo tambem pera todas as cousas de seu gosto e antigos exercicios, tanto que vivendo ainda trez annos depois d'ella, não se acha que compozesse mais que um Soneto que fez á sua morte, que começa: *Aquelle espirito já tam bem pagado*, etc.; e affirmam pessoas que o conheceram, que nunca mais sahiu de casa senão para ouvir os officios divinos, nem aparou a barba, nem cortou as unhas, nem respondeu a carta que lhe alguem escrevesse, até que acabou de todo.» O Soneto *á morte de sua mulher*, que só appareceu na edição de 1614, é a coroação de toda aquella existencia sympathica, que cumpriu o supremo dos destinos, realisando em volta de si a harmonia pelo affecto. O Soneto merece ser transcripto integralmente:

Aquelle esprito, já tam bem pagado
Como elle merecia, claro e puro,
Deixou de boa vontade o vale escuro,
De tudo o que cá viu como anojado.

Aquelle esprito que, do mar irado
D'esta vida mortal posto em seguro,
Da gloria que lá tem de herdade e juro
Cá nos deixou o caminho abalisado.

Alma aqui vinda n'esta nossa edade
De ferro que tornaste a antiga de ouro
Em quanto cá regeste a humanidade;

Em chegando ajuntaste tal thesouro
Que para sempre dura! Ah vaidade!
Ricas areias d'este Tejo e Douro.

(*Poes.*, p. 451.)

Aquelle retiro da Tapada, que era um mundo em que o poeta vivia na plenitude do seu sêr moral, estava agora como um sepulchro; a edade avançada em que se achava tornava-o incapaz de resistir á perda de sua mulher, e como diz a phrase pittoresca do quinhentista, *elle começou a morrer logo tambem*. Os annos que avançavam traziam-lhe novas perdas. Em 1556, por carta régia de 23 de julho, é seu irmão o licenciado Mem de Sá nomeado Governador geral do Brazil; era uma separação para nunca mais se encontrarem. Era então que Mem de Sá, tendo percorrido os altos gráos da magistratura, ia exercer uma acção historica preponderante e gloriosa. Na carta régia os fundamentos da nomeação merecem apontar-se: «como para os carguos de capitão da cidade do Salvador da capitania da Bahia de todollos Sanctos, na costa do Brazil, e de Governador geral da dita Capitania e das outras capitanias e terras da dita costa, he necessario hũa pessoa tal e de tanto recado e confiança que nisso me possa e saiba bem servir, e pela muita confiança que tenho em Mem de Saa, fidalguo de minha casa e do meu conselho, de que nas cousas de que o encarregaar me saberá bem servir e o fará com o cuidado e diligencia que se d'elle espera e como atée aqui tem feito nas cousas de meu serviço, de que foy encarregado, ey por bem e me praz de lhe fazer mercê dos ditos cargos por tempo de trez annos, e com quatro centos mil reis de ordenado em cada hum anno...» [1] Sá de

---

[1] Publicada no *Instituto*, de Coimbra, vol. XLIII, p. 335.

Miranda não viveu o bastante para ter conhecimento do modo extraordinario como Mem de Sá se desempenhou do seu governo geral do Brazil, deixando um nome immorredouro na historia. [1] A protecção que elle deu aos Jesuitas, não deixou de influir nas homenagens prestadas ao poeta por Martim Gonçalves da Camara mandando collocar na sua sepultura uma inscripção lapidar.

Em 1557 morria o rei D. João III, que desde a sua mocidade sempre honrára o poeta; Sá de Miranda assistira ao desapparecimento de toda uma geração de amigos que lhe tinham reconhecido a supremacia moral. E a par de todas estas tristezas pessoaes, a decadencia da nação, que elle vira tão glo-

---

[1] Sobre o governo de Mem de Sá no Brazil (1557-1572), encontramos na *Memoria sobre o Estado da Bahia:*

«Com este governo raiou para a colonia portugueza melhor tempo. Principiou este probo, activo e intelligente governador sua administração pondo fim ás discordias entre o poder ecclesiastico e o civil. Prestou attenção ás fontes naturaes do paiz, mandando proseguir as pesquizas de metaes e pedras preciosas principiadas por Thomé de Sousa.

«Atacou, destroçou e subjugou o resto das tribus tupinambas, que habitavam os reconcavos da Bahia; correu em soccorro das Capitanias de Ilhéos, Porto Seguro e Espirito Santo, que pelos indios estavam ameaçadas de completa ruina; assim como prestou soccorro ás de Santo Amaro e S. Vicente contra os ataques de Cunhambebe.

«Mas o maior de todos os feitos n'este particular foi a sua ida ao Rio de Janeiro em 1560, levando comsigo o Padre Nobrega, para livrar aquelle districto do jugo dos Francezes, o que brilhantemente conseguiu,

riosa com os primeiros descobrimentos, era agora patente e irremediavel. Em volta do berço de uma criança debil, debatia-se a regencia de uma mulher fanatica, a rainha D. Catherina, avó de D. Sebastião, que oscillava entre as ambições da politica hespanhola, então representada pela Companhia, e as intrigas do cardeal D. Henrique, inquisidor-geral. Eram apenas os nimbos tempestuosos do horisonte, prenuncios da proxima catastrophe. Amargurado por tudo quanto o cercava, Sá de Miranda morreu em 15 de março de 1558; contava setenta e trez annos de edade. Confirma-o Caminha, em um Epitaphio litterario que lhe consagrou:

---

lançando seu sobrinho Estacio de Sá os alicerces da cidade de S. Sebastião.

«Esta viagem trouxe-lhe a convicção, que manifestou á côrte, da necessidade politica que havia de se crear no sul uma nova Capitania, com uma cidade como a de Salvador, a qual a toda a hora pudesse correr em soccorro ás outras suas visinhas do sul. A principio teve em vista o posto do Espirito Santo, mas decidiu-se pelo do Rio de Janeiro, quando observou essa grande bahia. Com muitos esforços e tenacidade foi que, entretanto, conseguiu isso Mem de Sá.

«O que mais notavel se deu sob o seu longo governo, foi o principio que n'elle teve a grande questão da posição que deviam ter os indigenas na nova communhão christã-europêa.» (*Op. cit.*, p. 578 a 581.) Mem de Sá era contra o systema da guerra aos indigenas simplesmente para apanhar escravos para a agricultura. Desgostado por falta de apoio na côrte pediu a sua demissão repetidas vezes sendo-lhe acceita em 1569; como o seu successor com toda a frota que o trazia desappareceu no mar, ficou Mem de Sá servindo por mais quatro annos, fallecendo em 1572.

O corpo fraco jaz aqui sómente
D'alma *á força de edade* despedida

(*Obr.*, p. 266.)

Ferreira, Bernardes, Caminha, os principaes poetas da nova Eschola italiana, celebraram a morte de Sá de Miranda, como depositarios de uma tradição que pretendiam sustentar. Mas depois de 1558 até á ultima decada, todas as suas obras ficaram manuscriptas, em risco de se perderem; pestes como a de 1569, derrotas como a de Alcacer Kibir, perda da nacionalidade portugueza em 1580, tudo conspirava para dar á segunda metade do seculo XVI o aspecto de uma decadencia. Na marcha geral da Europa, a Renascença, tão generosa na sua fecundidade artistica, na sua renovação scientifica e audacia philosophica, cedia o passo á retrogradação religiosa organisada pelo Concilio de Trento, que se impoz ás monarchias catholicas. Depois da morte de Sá de Miranda em 1558, até 1595, em que as suas obras foram impressas, houve uma certa indifferença na casa da Tapada pelos papeis que deixára e por todos os documentos que tanto instruiriam a sua vida. É que o filho que ficou, Jeronymo de Sá e Azevedo, «*de quem se diz que foi extremado na arte de musica,*» como escreve o biographo anonymo, limitou-se a ser um d'estes devassos fidalgos de provincia para quem a vida são esturdias e arruaças; e pela sua degenerescencia chegou ao crime, infamando o venerado retiro da Tapada com o assassinato de sua mulher D. Maria da Silva

e Menezes, em 1566. [1] Na egreja de S. Martinho de Carrezedo, a duas leguas de Braga, foi sepultado Sá de Miranda, junto de sua mulher. Visitou D. Carolina Michaelis este sitio em 1883, e esclareceu a incerta narrativa. Além do altar mór, ao lado do Evangelho, existem em S. Martinho de Carrezedo duas capellas, a de Santa Margarida, em que se enterravam os fidalgos da casa de Crasto, e outra desguarnecida, na qual está a lapide com o Epitaphio de Sá de Miranda mandada collocar por Martim Gonçalves da Camera,

---

[1] Este Jeronymo de Sá e Azevedo, filho segundo do poeta, casou em primeiras nupcias com D. Maria da Silva e Menezes, chamada a Gallega. Morreu assassinada pelo marido em 1566; com uma prima d'esta, chamada D. Joanna da Silva de Menezes, tornou a casar Jeronymo de Sá. Nasceram d'este segundo casamento:

—*Francisco de Sá de Menezes,* vivo ainda em 1614; casou com D. Antonia de Montarroyo, de quem teve dois filhos: Jeronymo de Sá Pereira, (sem successão) e D. Brites Maria da Silva de Menezes, que herdou a Tapada, e casou com Diogo de Azevedo.

—*D. Antonia de Menezes;* casou com Fernando Osores de Souto Mayor, que vivia em Salvaterra da Galliza, e já em 1593 era viuvo d'ella. Foi este fidalgo gallego que exigiu que no dote de sua mulher entrasse o Manuscripto original das poesias do seu glorioso avô.

Camillo Castello Branco, na *Historia e Sentimentalismo* conta o infamissimo crime de Jeronymo de Sá: «Este homem, primo-coirmão de Francisco Machado, insinuára-lhe no espirito a suspeita de que sua mulher D. Maria da Silva o atraiçoava com o Commendador de Rendufe, Henrique de Sousa, por que este renunciára a Commenda em um irmão de D. Maria da Silva, quando Jeronymo de Sá lhe pedia a renuncia a favor de um seu amigo. Um dia andava Francisco Machado caçando, uma legoa distante da casa de Castro, com

na parede em que está a sepultura do poeta. Verificou D. Carolina Michaelis, que o Epitaphio latino redigido pelo jesuita P.e João Freire differe na lapide do texto que traz D. Gonçalo Coutinho. D'aqui se infere que D. Gonçalo Coutinho não visitou a sepultura do poeta; e que por certo algumas noticias que dá tambem lhe seriam subministradas por Martim Gonçalves da Camera. Escreve elle: «E Martim Gonçalves da Camera... do Conselho de estado del rey, grande valido de D. Sebastião... retirando-se no fim da edade

---

intenção de pernoitar fóra. Disseram-lhe Martim Coelho e Jeronymo de Sá que, se elle n'aquella noite entrasse com uma chave mestra até ao quarto de sua mulher a encontraria com o Commendador, e poderia legalmente matal-os ambos. Bandeára-se na intriga um criado do Commendador que em hora e sitio determinados na visinhança de Castro, devia estar com a mula em que Henrique de Sousa costumava cavalgar. Partiram os trez alta noite, e viram a mula presa de redea a uma oliveira. Francisco Machado, que ainda duvidava, convenceu-se. Entrou em casa despercebido, penetrou na alcova da mulher, e encontrou-a dormindo serenamente, cingida de cilicios. Retrocedeu em busca dos amigos, que lhe disseram terem visto o Commendador cavalgar a mula, pouco depois que elle entrára em casa. Francisco Machado concentrou-se em um silencio torvo, esperando certificar-se. No emtanto a mulher de Jeronymo, que se chamava Maria da Silva e Menezes, avisou sua prima da conjuração tramada contra ella,—que se acautelasse, que fugisse para casa de seu pae, Manoel de Magalhães, senhor da Ponte da Barca. A innocente respondeu: que—Antes morrer sem culpa em casa, que fugir com infamia para casas alheias. E a Jeronymo de Sá, disse:—Veja o que faz, Jeronymo, que em mulheres como eu não pegam nodoas.—Jeronymo, entendendo que a denuncia partira de sua mulher, deu-lhe uma punhalada n'um dos seios,

a viver privadamente c'os Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa, não lhe pareceu que encontrava os intentos com que se alli fora, nem as calidades e circumstancias que n'elle concorriam, em tratar da honra que se devia á memoria de tão grande homem; e assi se *occupou os ultimos mezes da sua vida em lhe mandar lá melhorar a sepultura* e pôr este Epitaphio em lingua latina...»

Este facto tem passado indifferentemente; porém o omnipotente instrumento dos Jesui-

---

e assistiu na Tapada áquella agonia de trez dias. Enterrada a mulher proseguiu na traça de fazer morrer a outra. O Commendador recebeu aviso que não fosse ao Castro, que o matariam. Desprezou o aviso; não comprehendia que o matassem innocente. Foi. Sentou-se a uma banca jogando. Veiu por detraz um negro com uma barra de ferro que o matou de uma pancada. Jeronymo de Sá estava presente. D. Maria da Silva acudiu ao ruido da queda. O marido vibrou-lhe um golpe de espada; mas a lamina, sem a ferir, saltou dos copos. Este incidente extraordinario conteve-o. Saíu a uma sala para onde o primo se afastára, e contou-lhe o caso. Jeronymo disse-lhe:—Se não matares tua mulher, a morte d'este homem custa-nos as vidas.—E deu-lhe a sua propria espada. Francisco Machado com a espada do primo voltou dentro e matou a mulher. Depois chamaram um escravo para que cortasse no cadaver do Commendador o instrumento do crime: era um complemento de vingança tradicional nos velhos nobiliarios. Quando o escravo ia executar a ordem, viram que esse instrumento não existia, e lhe acharam um tubo de prata por onde o infeliz expellia as secreções. Francisco Machado, desvairado de terror e remorso, quiz matar com uma adaga o primo; mas Jeronymo de Sá, mais destro e possante, por um tris que o não matava a elle. O Commendador foi enterrado secretamente no mosteiro de Rendufe, e D. Ma-

tas em Portugal não prestava uma tal homenagem a Sá de Miranda por simples amor de arte, por admiração pelas suas poesias. A Companhia de Jesus devia a Mem de Sá os mais decisivos favores para alastrar o seu imperio religioso no Brazil; devia á condessa de Linhares importantes doações. Era pois natural que a glorificação da memoria de Sá de Miranda fosse uma fórma do seu reconhecimento, servindo assim a causa do nacionalismo, no ulterior conflicto com a Inquisição e com a monarchia hespanhola. Na desorienta-

---

ria foi levada ao jazigo de seus avós á Ponte da Barca. O povo orava-lhe como a santa, e acreditava que a terra da sua sepultura curava sezões.

«Jeronymo de Sá morreu, volvidos annos, devorado por piolhos, chagado até ás entranhas... *como es publico y notorio* diz a chronica (*Notas* do Marquez de Montebello *al Nobiliario del conde D. Pedro*, impressas na versão de Manoel de Faria e Sousa, p. 553-555.) —A descendencia d'este sujeito feroz promana da segunda mulher que teve a imprudencia de o acceitar, de mais a mais parenta da primeira.» (*Op. cit.*, p. 47 a 49.)

No *Diccionario abreviado de Corographia*, de José Avelino de Almeida, (t. I, p. 59) vem a seguinte Cantiga, ainda hoje popular na villa de Amares, sobre o assassinato de D. Maria da Silva e do Commendatario de Rendufe:

Oh Dona Maria,
Pombinha sem fel!
Por que te matou
Aquelle cruel?

Em dia de Sam Braz,
Ouvi, n'este dia,
Mataram o Abbade
E Dona Maria.

ção com que termina o seculo XVI, as consciencias procuram em torno de si um apoio moral; os que ainda não tinham apagado o sentimento de patria voltaram-se para Camões, que começou então a ser estudado, e os que sentiam a necessidade de um protesto de justiça e de dignidade encontraram em Sá de Miranda, na sua linguagem e na sua vida o azylo para as almas. Mais do que a critica historica a hora presente nos faz comprehender como o seu estudo se torna um refugio.

§ VI. Historia externa do texto das Poesias de Sá de Miranda

O iniciador do lyrismo italiano em Portugal não deixou organisadas para a publicidade as suas Poesias, como o fez o Dr. Antonio Ferreira com os seus *Poemas luzitanos;* é certo, que por pedido do princepe D. João, começou Sá de Miranda a coordenar as composições que guardava entre os seus Manuscriptos, dando-lhes uma certa disposição por generos, e retocando-as fundamentalmente. Assim na primeira remessa ao princepe, predominam as Redondilhas de Cancioneiro, Esparsas, Vilancetes, Cantigas, Motes, Voltas, Trovas, e já uma certa transição para as fórmas italianas, especialmente o Soneto. Na segunda remessa ao princepe, predominam as Eclogas e Cartas em redondilhas, (que vieram a constituir a edição intitulada *Satyras*) a parte mais bella da obra

de Sá de Miranda, em que allia as velhas fórmas da redondilha ao sentimento simples da vida rustica e ao espirito philosophico, que era o seu principal caracteristico. A terceira parte da remessa ao princepe, que tão apaixonado se mostrava pela poesia portugueza quinhentista, comprehende propriamente as composições da nova Eschola italiana, como a *Fabula do Mondego*, e outras que documentam a sua prioridade. Pela perda de seu filho em 1553, e fallecimento do princepe em 1554, Sá de Miranda não continuou a valiosa coordenação, e os seus versos ficaram entregues á incuria de um indigno filho, que herdou o seu nome. Sómente passados trinta e sete annos depois da morte de Sá de Miranda é que se imprimiu uma collecção dos seus versos, em 1595; em 1614 um texto fundamentalmente diverso appareceu á luz com a preciosa biographia do poeta feita por D. Gonçalo Coutinho, que consultára amigos que conviveram com Sá de Miranda. Esta diversidade de textos resultou da differença das fontes manuscriptas, as quaes revelam que Sá de Miranda emendava, retocava e elaborava em novas redacções os seus versos, como que procurando uma expressão ideal a que não attingia. Tudo indicava que para uma edição verdadeiramente litteraria das Poesias de Sá de Miranda era indispensavel voltar ás fontes manuscriptas, unificando o texto sobre as proprias bases seguidas pelo poeta. A este processo se chegou, dando resultados definitivos.

A. Codices Mss. de Sá de Miranda, fontes das edições impressas:

1.º Livro encadernado em pergaminho branco já velho das Obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda, escripto da mão e por letra do dito. — Serviu de base á edição de 1595.

Possuiu-o D. Jeronymo de Castro; foi escripto depois de 1553, já depois da remessa dos cadernos ao principe D. João. Por ventura pertenceria ao cardeal D. Henrique, como o faz crêr a incorporação da Comedia *Os Estrangeiros.*

2.º Cartapacio das Obras de Sá de Miranda (o qual está em Salvaterra de Galliza, em poder de D. Fernando Osores Sotomayor) *com as emendas que lhe fez depois que com melhor discurso viu, ponderou, riscou e se arrependeu do que tinha mudado.* — Foi levado por D. Antonia de Menezes, neta do poeta, quando casou. Foi examinado por D. Jeronymo de Castro para retocar o seu Codice.

3.º Obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda. Ao princepe nosso senhor que lh'as mandou pedir. (1551 a 1553.)

— Outra parte de *Obras de Francisco de Sá, que tambem mandou ao princepe.*

— Outra parte de *Obras de Francisco de Sá, que tambem mandou ao princepe nosso Senhor.*

Perdeu-se este corpo de Manuscriptos revistos directamente e coordenados pelo poeta, se não escriptos pela sua propria mão.

A) Existe na Bibliotheca nacional de Paris, uma cópia da *1.ª Parte*, datada de 1564. — É natural que se extraviassem as outras duas. Desde 1668 que esta 1.ª parte tal como está entrou para essa Bibliotheca.

B) Domingos Fernandes conheceu os Codices mandados ao princepe D. João, mas já baralhados sem a disposição que lhes dera o auctor nas trez remessas, que acompanhou de Sonetos dedicatorios. — Aproveitado na edição de 1614.

C) Cópia completa das trez remessas das *Obras de Sá de Miranda mandadas ao princepe D. João.* — Contém este Codice além das poesias, cópias de varias genealogias, cartas, alvarás e outras curiosidades; e é encerrado com a data de 1657, o que não quer dizer que se começasse n'esta época. Foi adquirido em 1838 por Ferdinand Denis, e está publicado por D. Carolina Michaelis, como base da edição monumental de 1885. Pela morte de Ferdinand Denis deve ter-se extraviado.

D'este precioso Manuscripto, escreve D. Carolina Michaelis: «o Ms. das Poesias de Sá de Miranda fórma a primeira parte do grosso in-folio, resguardado apenas por uma modesta capa de papelão cinzento, com papel azul nas costas, que é trabalho moderno. — Seguem logo as poesias na folha primeira. O texto está escripto sempre em duas columnas, tanto

nas redondilhas como nos endecasyllabos, ficando n'este caso a letra muito apertada; em cada pagina ha 24-30 linhas, sendo as dimensões do papel 29 ½ centimetros... — Esta parte do Codice tem 87 folhas distribuidas em cadernos de 4 folhas inteiras, de quatro paginas cada uma. — A letra do Codice com quanto não seja apurada, é comtudo bastante clara e lê-se com facilidade. O original que o copista teve á mão, devia ser, pelo contrario, bastante confuso e de difficil leitura... por que os erros da leitura são frequentissimos e evidentes, reconhecendo-se logo que o escriba não entendeu numerosas passagens dos versos escuros de Miranda. — E este copista era portuguez, como se reconhece comparando as poesias portuguezas do Ms. com as hespanholas, que são muitissimo incorrectas...» Este Codice tinha sido examinado pelo visconde de Juromenha e pelo açoriano José do Canto, que projectaram publical-o, chegando este ultimo a colleccionar as suas variantes e as do Codice da Bibliotheca de Paris com as edições de 1595 e 1614.

4.º *Cartapacio antigo que se achou no Porto das Obras de Francisco de Sá de Miranda.* (D'onde se tirou o texto da edição das *Satyras*, de 1626.) Dos Sás de Menezes, do Porto.

5.º *Papeis em que andavam escriptas de mão as Obras de Francisco de Sá de Miranda, os quaes foram da Condessa de Linhares*, D. Brites de Sá, sua sobrinha filha de seu irmão Mem de Sá. (Aproveitado na ed. das *Satyras*, de 1626.)

6.º Papeis com a *Carta a el Rey Dom João III por outra versão*, e a *Canção a nossa Senhora: Virgem fermosa; por outra versão.*—Entraram na edição de 1632, no fim do volume; declara o livreiro Paulo Craesbeeck: «o que tudo se deve ao Senhor Conde de Penaguião...» Vê-se que estes Manuscriptos estavam em poder do bisneto de João Rodrigues de Sá, a quem o poeta escrevera.

7.º *Ms. Juromenha.* (Formando a segunda parte de uma *Miscellanea de poetas quinhentistas*, sendo esta parte de letra differente, e exclusivamente de Sá de Miranda.) Resumiremos o exame que d'este Codice fez D. Carolina Michaelis: «Comprehende 103 poesias de Sá de Miranda, isto é, toda a Primeira parte mandada ao princepe D. João; mais sete composições pertencentes á segunda e terceira remessa; 8 poesias que andam nas edições de 1595 e 1614, e 11 ineditas. A coordenação das poesias era feita sobre os generos, aproximando-se do systema seguido nas edições citadas, tendo com estas algumas concordancias, sem comtudo deixar de reconhecer-se-lhe um corpo originalmente coordenado. As suas numerosas variantes, lições differentes, ineditas e rubricas explicativas, analogas aos Codices de Paris, revelam que foi uma compilação cuidada em vista de fontes originaes para uso particular de algum homem culto. Faltam-lhe as Cartas e Elegias, talvez pelo estrago do Codice.

8.º *Miscellanea de Poesias* de Camões, Bernardes, (Caminha) D. Manoel de Portugal,

Jorge Fernandes, vulgo o Fradinho da Rainha, etc. Letra do seculo XVII. Contém 129 poesias em 127 folhas. Contém de Sá de Miranda a Elegia: *Vuelve Filis*, e dois Sonetos, (o n.º 84, e *Mil vezes entre sueños*... que anda attribuido a Camões.)

9.º Cancioneiro em que andão obras dos melhores poetas do meu tempo ainda não empressas e tresladadas de papeis das letras dos mesmos que as composerão, comessado na India a 15 de janeiro de 1557 e acabado em Lx.ª em 1589, per Luis Franco Correa, companheiro em o estado da India e muito amigo de Luis de Camões. (Na Bibl. nac. de Lisboa.)

In-fl. de 295 folhas com um frontispicio com tarja calligraphica. Contém poesias de Camões, Sá de Miranda, D. Manoel de Portugal, Francisco de Sá de Menezes, Jorge de Monte-Mór, Diogo de Mendoza, Simão da Silveira, D. Gonçalo Coutinho, etc. Foi pela primeira vez explorado pelo visconde de Juromenha em 1860 para a sua edição de Camões. Em 1876 publicámos a Ecloga *Montano*, de Sá de Miranda, na *Antologia portugueza*, estando em estudos do texto do nosso poeta. D'este Cancioneiro extrahiu D. Carolina Michaelis para a edição de 1885, bastantes poesias de Sá de Miranda em numero de 25, sendo alguns Sonetos ineditos, 9 *Sonetos*, 2 *Eclogas*, 2 *Elegias*, ainda que sem indicação especial entre outras composições do mesmo auctor. Sobre o valor dos textos, diz D. Carolina Michaelis: «continuam a ser defeituosos, e só podem acceitar-se depois de

cuidadosas emendas, feitas com intimo conhecimento da individualidade do poeta.» (*Poes.*, p. LXV.)

10.º Poesias de Francisco de Sá de Miranda. (Na Bibl. de Evora, Cod. CXIV-2-2.)

In-fol. de capa de pergaminho, de 239 fl., de letra do principio do seculo XVII. Tem na guarda da capa: *Este livro he de dona Guiomar de Castro m.ª s.ª* (minha senhora.) É um Cancioneiro que abrange composições desde a época da Eschola velha até á culteranesca, assignadas por Garci Sanchez, Jorge Manrique, Costana, D. Francisco de Portugal, 1.º conde de Vimioso, o duque de Sesa, o conde de Villa-Nova, D. Diogo da Silva, conde de Salinas, D. Alvaro de Luna, D. Alvaro Abranches, Bernardo da Motta, Simão de Sousa, Gaspar Dias Cardoso, Boscan, Garcilasso, Mendoza, Camões, Francisco de Sá de Menezes, o duque de Aveiro, Luiz da Silveira, conde de Sortelha, o marquez de Astorga, Dr. Aires Pinhel, Martim de Crasto, D. Manoel de Portugal, Jorge da Silva, Cervantes, Gongora, etc.

As primeiras 61 fl., e salteadamente as fls. 114, 121, 124, 140 e 166 pertencem a Sá de Miranda, circumstancia que influiu na descripção do Codice. Cópia irregular, cheia de erros. Escreve D. Carolina Michaelis: «Não póde haver duvidas a respeito da authenticidade do texto, embora lastimemos as condições infelizes em que o Ms. foi executado. — Algumas poesias, principalmente as Eclogas *Celia* e *Basto*, differem na redacção (de Evora) de um modo tão notavel de todas as res-

tantes fontes, que nos pareceram dignas de figurarem como numeros separados. — Entre as poesias menores ha 6 em redondilhas, que devem proceder de textos originaes muito antigos, anteriores a 1516. Outros versos mostram, pela sua redacção, certa affinidade — com o Cancioneiro de Luiz Franco.»

E fallando da parte inedita, escreve: «D'estas poesias (são ao todo 75) eram desconhecidas apenas quatro; outras eram raras, (a Elegia, que só se encontra no *Cancioneiro* de Luiz Franco) e quatro redondilhas conservadas unicamente no *Cancioneiro* de Resende. As restantes encontram-se em differentes Mss. e edições impressas, mas offerecem, ainda assim, variantes bastante curiosas.» (*Ibid.*, p. LXVII.)

— Ha outro Codice na Bibliotheca de Evora, (CIV-1-4 d.) letra do seculo XVI, in-4.º de 305 fl. (Tem de fl. 207 a 239, 66 Sonetos, que apenas em um indice trazem a indicação:

66 Sonetos de Fran.co de Saa.

D. Carolina Michaelis reconhece o merecimento d'estes Sonetos portuguezes e castelhanos, mas considera-os obra de Francisco de Sá de Menezes.

11.º Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro, de 1577. — Descripto por Barbosa Machado. Entre varias poesias de Diogo Mendes, Martim de Crasto, P.e Pedro Ribeiro, Bernardim Ribeiro, Fernão Alvares d'Oriente, Diogo Bernardes, D. Manoel de Portugal, Heitor da

Silveira, Simão Rodrigues da Veiga, Jorge de Monte-Mór, vinham duas Elegias de Francisco de Sá de Miranda:

—Oh bom Jesu, e por que me não vejo.
—A Magdalena o seu esposo busca.

Escreve D. Carolina Michaelis sobre estas duas Elegias em tercetos: « Não foram encontradas em outros Manuscriptos de Sá de Miranda, sendo por isso desconhecidas. » (*Ibid.*, p. XCVI.)

12.º Vida de Santa Maria egypciaca.
1 vol. in-4.º com 188 p. encadernado em couro, letra do principio do seculo XVII; pertenceu á livraria dos condes de Redondo, por 1747, veiu parar ás mãos de Innocencio e vendeu-se depois no leilão que por sua morte se fez da sua livraria. Vimol-o por essa occasião; era em quintilhas octonarias.

13.º Obras em prosa e verso, de Sá de Miranda.—Na Bibliotheca do conde de Vimeiro. (Falla o conde da Ericeira na Collecção da Academia de Historia, de 1724.)

B. Textos impressos em Edições parciaes e completas, reductiveis a trez typos:

1516

No *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende, sob a assignatura *Do Dr. Francisco de Sá*, foram colligidas 2 *Glosas*, 3 *Esparsas*, 8 *Cantigas*. (Correspondem na edição fundamental de 1885, aos n.os 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 37 e 128 a 132.) Não se póde pôr em duvida que pertençam a Francisco de Sá de Miranda, por que apparecem reproduzidas em Manuscriptos do seculo XVI e principalmente na collecção enviada pelo proprio poeta ao princepe D. João.

Nas reproduzidas nas edições de 1595 e 1614, as *variantes* são tão profundas, que mais parecem novas elaborações. É por isso que na edição-princeps são outra vez colligidas essas coplas como nova redacção, servindo ao mesmo tempo para mostrar o processo de trabalho do venerando poeta, nunca satisfeito com o seu texto.

1559

Menina e Moça. Com as *Obras de Christovão Falcão*. Colonia. Traz duas Cantigas em verso de Falcão, que são de Miranda: N.os 6 e 11.

1560

Os Vilhalpandos. Coimbra, em casa de Antonio Mariz. In-12. (Unico texto d'esta comedia não deturpado pela Inquisição.)

1569

Os Estrangeiros. Coimbra, em casa de João de Barreira. In-8.º — 2.ª ed. em 1595. — Talvez ainda não mutilada pela Inquisição.

1580

Obras de Garcilasso de la Vega, com annotaciones de Fernando de Herrera. Sevilla, Alonso de la Barrera. Traz o Soneto á morte de Leandro, a p. 205, commentando o Soneto de Garcilasso: «*Passando el mar Leandro el animoso.* (Son. XXIX.) As variantes que traz Herrera manifestam uma fonte original manuscripta, que circulava em Hespanha antes da 1.ª edição.

1595 (1.ª Ed.)

As Obras do celebrado Luzitano, o Doutor Francisco de Sá de Miranda. Colligidas por Manoel de Lyra. — Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Jeronymo de Castro, etc. (Escudo dos Castros.) Impressas com licença do supremo Conselho da Santa Geral Inquisição, e Ordinario. Anno de 1595. Com privilegio real por dez annos. In-4.º de IV — 189 fl.

Uma das licenças é datada de 10 de agosto de 1589, o que nos revela a morosidade da censura. A licença do desembargo do paço é assignada poi Jeronymo de Sá Pereira, proximo parente (bisneto) do poeta.

Contém 123 poesias de Sá de Miranda; d'estas não foram 15 incluidas na remessa ao princepe D. João, bem como lhe faltam algumas que só n'esta remessa apparecem. E referindo-nos á edição fundamental baseada sobre varias fontes manuscriptas, faltam a este texto de 1595 os n.os 128 a 132, 137, 142 a 145, 148, 149, 152, 157 a 196, 198, 199, 202 a 209 e 212.

De fl. 163 a 184 vem a Comedia dos *Estrangeiros*. E termina com um *Auto de approvação d'estas Obras.*

Pela dedicatoria de Manoel de Lyra a D. Jeronymo de Castro, vê-se que este fidalgo se empenhára em apurar o texto das Obras de Sá de Miranda: «pois estando ella já desconhecida, trocado e quasi perdido o esmalte com que foi composta, *vós a tornais a primeira verdade* e seguraes do segundo naufragio. — E vós, por que esta tivesse o preço que lhe o auctor deu, *passais de reino a reino a ver na primeira lamina a letra do proprio auctor*. Por onde desacreditados os erros que enlevavão esta obra, e *acreditadas as verdades que vós em seus originaes alcançastes*, fica ella em o credito que convém a quem a fez...»

Por esta dedicatoria infere-se que muito antes da primeira censura de 10 de agosto de 1589, D. Jeronymo de Castro possuindo um Codice das poesias de Sá de Miranda pela propria letra do poeta o conferiu com o que estava em Salvaterra da Galliza, em casa de D. Antonia de Menezes, o qual fôra pedido por seu marido como parte integrante do dote d'ella. É o que se deprehende da phrase: — passais de reino a reino. —

O texto pois que serviu á edição de 1595 foi judicialmente confrontado com o livro authentico appresentado pelo creado Manoel Carvalhaes, por ordem de seu amo D. Jeronymo de Castro. Escreve o tabellião Manoel de Lemos no Auto de approvação: «e lhe apresentou um livro encadernado em pergaminho branco já velho das Obras que fez o Doutor Francisco de Sá de Miranda, Commendador que foi da Commenda de Santa Maria das Duas Egrejas d'este arcebispado de Braga, juntamente com este transumpto e treslado que d'elle fôra tirado, dizendo a elle juiz que a elle lhe era necessario justificar em como era verdade que o dito livro era escrito da mão do dito Doutor Francisco de Saa de Miranda e aquella era a sua propria letra, para que constando-lhe ser assi elle lhe interposesse a este transumpto sua auctoridade judicial. O que visto por elle juiz mandou per ante si vir testemunhas fededignas por cujos ditos e testemunhos (que judicialmente lhe forão tomados) lhe constou a letra do dito livro ser escrita da mão e letra do dito Doutor Francisco de Saa de Miranda, donde este transumpto e treslado se tirára e concertára, e por ser carecente de vicio e suspeição como d'elle consta, elle juiz interpoz a sua auctoridade judicial e mandou que lhe fosse dada tanta fée e credito como ao proprio...»

Foi este auto lavrado em 1 de janeiro de 1595, na cidade de Braga; não se sabe quanto tempo levou a conferencia dos textos, nem quaes foram as testemunhas que reconheceram a letra de Sá de Miranda. Em 7 de ja-

neiro foi concedido o privilegio de dez annos ao impressor, e póde acceitar-se que desde logo começou a impressão.

Deve considerar-se este Codice que serviu de base á edição de 1595, como já formado pelo auctor em 1554, por que traz a Elegia de Ferreira á morte do filho, e a Epistola de Jorge de Monte-Mór, com as respostas de Miranda. O facto de trazer na frente os trez Sonetos que serviram de dedicatorias das trez remessas ao princepe D. João, revela-nos que pela morte do princepe o poeta deu uma outra systematisação ás suas poesias, a partir da ideia da offerta, apresentando as composições da Eschola italiana em primeiro logar, e as da Medida velha ou de Cancioneiro no fim. Eis o plano:

1.º Os trez Sonetos ao princepe D. João.
2.º A Canção á Virgem.
3.º Vinte e seis Sonetos.
4.º As Cartas em redondilhas:
  a D. João III.
  a João Rodrigues de Sá.
  a Pero Carvalho.
  a Mem de Sá.
  a Antonio Pereira.
5.º Os Tercetos a D. Fernando de Menezes:
  a huma senhora.
  (A Elegia de Ferreira).
  Resposta.
  (A Epistola de Jorge de Monte-Mór).
  Resposta.
6.º As Eclogas:
  Fabula do Mondego.
  Aleixo.

Basto.
Celia.
Andrés.
Nemoroso.
Encantamento.
Epitalamio.

7.º Glosas, Cantigas, Vilancetes, Esparsas e Trovas.

8.º Comedia *Os Estrangeiros.*

Pelo facto da incorporação da Comedia, que fôra dedicada ao cardeal D. Henrique, é de crêr que este Manuscripto lhe tivesse pertencido, tendo sido sempre um dos grandes amigos de Sá de Miranda, e que com certeza possuiria as suas obras. Por sua morte em 1580 viria parar ás mãos de D. Jeronymo de Castro.

1614 (2.ª Ed. diversa)

As Obras do Doctor Francisco de Saa de Miranda. Agora de novo impressas com a Relação de sua calidade e vida. — Com todas as licenças necessarias. Por Vicente Alvarez. Anno de 1614. Com privilegio real por dez annos. Domingos Fernandes, livreiro. (Sem lugar da impressão, mas é Lisboa.)

In-4.º de XII fl. inn. e 160.

Differe esta edição fundamentalmente da de 1595. Confessa-o o livreiro Domingos Fernandes, no prologo:

«Entre as Obras do Doctor Francisco de Sá de Miranda, que se imprimirão o anno de 1595, e estas que agora imprimimos, sendo as mesmas, ha tamanhas differenças que pa-

rece forçoso dar algũa rezão desta dessemelhança e variedade, constando particularmente que se trasladarão aquellas do proprio cartapacio escrito da mão e letra de Francisco de Sá...»

Diz elle que abundam as razões para explicar estas differenças do texto, mas que se limitará a duas, *naturaes e faceis*. Vamos a vêr se por ellas se deduz a proveniencia do texto de 1614:

«Bem se mostra polos primeiros trez Sonetos d'estes papeis, que o princepe Dom João filho del Rey Dom João o III os mandou pedir a seu autor por outras tantas vezes, e que elle lhos mandou assi divididos (quais de cada hũa não pude alcançar) e sendo assi natural cousa parecerá a todos que primeiro limou, puliu e purificou o que mandava a um princepe mancebo e curioso...»

Vê-se por esta primeira razão, que Domingos Fernandes se serviu dos cadernos mandados por Sá de Miranda ao princepe D. João, porém já baralhadas as composições, que dividira em trez grupos, e que o livreiro não pôde reconstituir. É assim, que explicando as variantes em que Sá de Miranda *primeiro limou, puliu e purificou*, justifica a differença do texto de 1595:

«Pequena maravilha he logo, que diffirão *estes papeis* (sc. de 1614) *que são copia d'aquelles* (sc. cadernos mandados ao princepe) dos que se tresladarão do primeiro original (conferido para a edição de 1595) que nem se mostrava a alguem nem ainda se póde bem lêr, segundo está de riscado, entrelinhado e marginado em muitas folhas, e com esta pala-

vra latina polas mais das entrelinhas e margens *vel*, *vel*, que mostra bem que a seu proprio dono era duvidosa a escolha.»

E para não haver duvida sobre a proveniencia d'este Codice manuscripto conferido com o que serviu para a edição de 1595, escreve Domingos Fernandes: «aquellas entrelinhas, riscas e margens que no seu cartapacio se vêem (o qual está em Salvaterra de Galiza em poder de Dom Fernando Cores, [sc. *Osores*] Sotomayor,) foram emendas que lhe elle fez depois que — melhor viu, ponderou, riscou e se arrependeu do que tinha mandado, e que esta e não outra he a causa da desconformidade que suas obras entre si tem.»

Além da fonte manuscripta, d'onde saíram os dois apographos de Paris, que Domingos Fernandes tambem *copiou*, mas já desmembrada, o livreiro tratou de colligir outros Manuscriptos de poesias de Sá de Miranda, compostas já depois da morte do princepe, e n'este processo reconheceu as profundas e contínuas remodelações que o poeta dava aos seus textos. A parte que D. Gonçalo Coutinho, amigo de Bernardes e de Martim Gonçalves da Camera, tomou n'esta edição de 1614, explica-nos o contacto com os cadernos enviados ao princepe, e a acquisição de outras poesias que faltam na edição de 1595. E por ventura, á influencia jesuitica se poderá attribuir a preponderancia exclusiva d'esta edição sobre a primeira.

D. Carolina Michaelis, confrontando o contheudo d'estas duas edições, diz que esta de 1614 encerra todo o texto do Ms. Ferdinand

Denis, (*Poes.*, p. LXXVII) — exceptuando os n.os 51, 52 e 98 que foram omittidos segundo todas as probabilidades por esquecimento do editor. — Nós diremos que essas omissões resultaram da falta de folhas nos cadernos baralhados, enviados ao principe.

Além do merito singular d'esta edição, appresenta ella mais 24 composições, que o proprio editor indica, devendo destacar-se a Elegia á morte do principe (1554), a dedicatoria a Antonio Pereira da Ecloga *Aleixo* (1554) e o Soneto á morte de sua mulher (1555). Faltam estas 3 poesias na edição de 1595. Por estas composições se vê que o livreiro era auxiliado por quem estava de posse de tudo quanto escrevia o poeta. As composições que não têm esta origem especialissima, encontram-se repetidas por muitos outros Manuscriptos, e com abundantissimas variantes.

D'aqui se concluirá: que a edição de 1614 não é uma deturpação do livreiro Domingos Fernandes, como suppozeram todos aquelles que ignoraram a extensão das variantes do texto mirandino nas fontes manuscriptas. Só depois da benemerita editora das *Poesias* de Sá de Miranda ter consultado os Manuscriptos existentes e conferido e extractado todas as variantes, é que se fez justiça á edição de 1614. Não é um texto arbitrario, pois perante os Manuscriptos a sua lição é authentica, mais apurada em geral, e por tudo digna de considerar-se como uma phase da elaboração poetica de Sá de Miranda. Foi esta a edição sempre reproduzida (á excepção da de 1804) nas seguintes.

1626 (3.ª Ed. frag.)

Satyras de Francisco de Sá de Miranda. Impressas no Porto por João Rodrigues. 1626.

1 vol. in-8.º de IV—240 pp. com um *retrato* gravado em cobre.

Livro immensamente raro; comprehendendo as Cartas e Eclogas em redondilhas portuguezas (quasi que a *segunda Parte* das Obras de Sá de Miranda mandadas ao principe D. João) e ainda uma *parte inedita*, notada pela primeira vez por Innocencio (*Dicc. bibl.*, III vb.º) que não appareceu nas edições de 1595 e 1614. O seu conteudo laboriosamente reorganisado por D. Carolina Michaelis, é, em quanto ás composições até ali publicadas:

1.º Cartas a El Rei; 2.º a João Rodrigues de Sá; 3.º a Antonio Pereira; 4.º a Pero Carvalho; 5.º a Mem de Sá; 6.º Ecloga *Basto* a Nuno Alvares Pereira (com numerosas variantes e lições novas); 7.º *Dialogo entre Gil e Bieito* (é uma redacção nova da Ecloga *Basto*, tirada do Ms. de D. Brites de Sá, filha de Mem de Sá); 8.º *Dialogo entre Bieito e Montano* (Extrahido pelo editor de 1626 de um Cartapacio velho com o titulo de *Satyras*, achado no Porto com Obras de Sá de Miranda. Tem mais trez estrophes dedicatorias a João Rodrigues de Sá de Menezes, que faltam nos Mss. Ferdinand Denis e Luiz Franco.) Estes dois numeros ineditos, vem incorporados na edição de 1885 sob n.os 116 e 117.

Como Bluteau citou no seu *Vocabulario da Lingua portugueza* 171 vezes textos de Sá de Miranda pela edição das *Satyras*, D. Carolina Michaelis colligiu todas essas citações, cotejou-as com os textos de 1595 e 1614, e concluiu que differindo consideravelmente, se aproxima o texto das *Satyras* do Ms. Ferdinand Denis, e no inedito do Ms. de Luiz Franco. Depois de muito trabalho obteve cópia do *retrato*, que está na Bibliotheca do Rio de Janeiro, que pertenceu á collecção de Diogo Barbosa Machado, e o ajuntou á monumental edição de 1885.

Parece que a edição das *Satyras* era corrente no seculo XVII em Hespanha, como vêmos por estas duas Cartas de Gracian ao P.e Andres, nas quaes se revela quanto Sá de Miranda era admirado.

Em uma Carta de Baltasar Gracian datada de Huesca, em 22 de dezembro de 1646, lêem-se estas palavras «tambien suplico a v. m. se sirva de traerse a un tal Sá portugues poéta que es tan bueno, que me dice lo tenia siempre abierto el Conde Duque; tendralo sin duda don Francisco de Horrea, es en portugues en quintillas ó redondillas. Y todo lo bueno y ingenioso que v. m. allare, por que la *Agudeça* hade salir muy augmentada.» [1]

Pela passagem d'esta Carta se vê que Baltasar Gracian se referia á edição das *Satyras*

[1] Da collecção de Cartas de Gracian na Bibl. nacional de Madrid, nas *Cartas de hombres eruditos* (V. 171-7. 252.); vem publicada na *Revista critica de Historia y Literatura*, (Feb. 1893, n.º 3, p. 82.)

de Sá de Miranda feita no Porto em 1626, por que é n'esta collecção que avultam as composições em redondilhas portuguezas. O merecimento de Sá de Miranda era aquilatado no seculo XVII pelas suas redondilhas, como se vê pelas excellentes imitações de D. Francisco Manoel de Mello; o renovador dos metros endecasyllabos e os seus versos em castelhano é que estavam esquecidos. É para notar o valor moral que o Conde Duque ligava ás poesias de Sá de Miranda. O interesse que tinha Gracian em lêr as quintilhas de Sá de Miranda era motivado pelo trabalho em que então se occupava de retocar as *Agudezas de Ingenio*, livro que era como que o codigo do Culteranismo.

Em outra carta de 10 de março de 1647, se lê: «V. m. no dexe de recogersi alla el *Pastor fido* del Guarini, y si esta en castellano mexor; yo le vi y le leí traduçido, y si no sea en italiano come se allare. *El portugues Sá que yo digo es poeta por que acaba una quintilla*, asi noto entendimiento proprio no nos le quieren dexar, *y es todo asi muy sentençioso y critico; el Conde Duque siempre le traia consigo*. El Romançero portugues será gran cosa. Al fin señor aqui se hade ver su buen gusto de v. m. y buena voluntad con los amigos. De Madrid me dicen me enviaran algunas cosas curiosas un Orosco dicen que hay de los equivocos gran cosa que exçedió a Ledesma. Si v. m. le alla toda entrará en provecho. *El Obelisco del Prinçipe* esta muy bueno, y lo selecto le califica mucho que en los otros certamente salia mucha broça con desdoro de nuestra patria este puede luçir donde quiera.»

Somos levados a suppôr que esta Carta se não era dirigida ao P.e Andres, como as outras a que anda reunida, seria a D. Francisco Manoel de Mello.

1632 (4.ª Ed.)

Obras do Doutor Francisco de Saa de Miranda. A Dom Francisco de Sá de Menezes Conde de Penaguiam Camareiro Mór de S. Magestade etc.—Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck Impressor del Rey. Anno 1632. A custa de Paulo Craesbeeck mercador de livros.

In-32.º, de XI fl. inn., 173 fl.

D'esta edição escreve D. Carolina Michaelis: «foi feita exactamente segundo a de 1614, como já mostra a reimpressão da biographia do poeta, o contheudo do volume, a ordem das poesias, as rubricas, a divisão estrophica e até em parte os erros da impressão, estando corrigidos os mais grosseiros. Só no fim é que encontramos dois numeros, que são redacções differentes de poesias já publicadas... São a fl. 162 a *Carta a D. João III* por outra versão, e a fl. 170 a *Canção á Virgem* por outra versão.» (*Poes.*, p. LXXXI.)

No seu prologo, Paulo Craesbeeck declara que: «n'esta impressão se apurou com muito cuidado; tanto que vindo-me despois de toda acabada á mão a *Carta a el Rey Dom João*, e a *Canção a Nossa Senhora, Virgem fermosa*, a fiz imprimir no cabo para que assi viesse á noticia de todos: o que tudo se deve ao Senhor Conde de Penaguião meu illustris-

simo Mecenas...» Na dedicatoria lembra-lhe tambem as relações de seu bisavô João Rodrigues de Sá com o poeta.

1642

Memorial del Marques de Montebello, Felix Machado da Silva Castro Vasconcellos. Año MDCXLII.

1 vol. in-4.º Traz a pag. 248 uma *Carta de Sá de Miranda a seu cunhado Manoel Machado de Azevedo*. Incorporada na edição-princeps, n.º 153.

1651 (5.ª Ed.)

Obras do Doutor Francisco de Saa de Miranda. Ao Senhor Dom Francisco de Sà de Menezes, filho herdeiro do Senhor Dom João de Sá de Menezes, Conde de Penaguião, Camareiro Mór de Sua Magestade, etc. — Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Paulo Craesbeeck. 1651.

In-32.º; de XII fl. inn., e 181 fl. de texto. Reproducção melhorada da de 1632. A dedicatoria ao 4.º Conde de Penaguião e 1.º Marquez de Fontes foi redigida por D. Francisco Manoel de Mello, como descobriu D. Carolina Michaelis (Cent. I, Carta 23, das *Cartas Familiares*.)

1677 (6.ª Ed.)

As Obras do Doutor Francisco de Saa de Miranda. Agora de novo impressas.—Lisboa. A' custa de Antonio Leite. Mercador de livros, na rua Nova.—MDCLXXVII. Com todas as licenças necessarias.

In-12.º, de XVI p. inn., e 346 pag.—Reimpressão da segunda edição de 1614. Segundo D. Carolina Michaelis: «É, em nossa opinião, a peor de todas e tem pouquissimo valor.»

1784 (7.ª Ed.)

Obras do Doctor Francisco de Sá de Miranda. Nova edição correcta, emendada e augmentada com as suas Comedias. Lisboa. Na Typographia Rollandiana. 1784. Com licença da Real Mesa Censoria.

2 vol. in-8.º I, de XXX-292 pag.; II, 291.—Prologo banal.—Reproducção da edição de 1614, sem aproveitar as noticiosas rubricas da de 1595; repete os erros já apontados por Domingos Fernandes.

No vol. II, as duas Comedias *Estrangeiros* e *Vilhalpandos* têm o defeito de serem a reproducção do texto de 1622, estropeado pelo Santo Officio, em vez de seguir as edições de 1560 e 1569.

1804 (8.ª Ed.)

As Obras do celebrado Lusitano o doctor Francisco de Sá de Miranda. Lisboa. Na Impressão régia. 1804. Por ordem superior.

1 vol. de 500 pag. É a primeira reproducção da edição de 1595, com todos os erros d'esta e outros mais. De pag. 428 a 500, vem a Comedia *Estrangeiros.* (Não chegou a incorporar a Comedia dos *Vilhalpandos*, talvez para não avolumar mais a obra.) O facto de se indicar no frontispicio: *Por ordem superior*, revela-nos que talvez por influencia de Cenaculo ou de Antonio Ribeiro dos Santos se pensou em restabelecer na sua importancia litteraria o texto de 1595.

Desde esta reproducção data a importancia exclusiva da edição de 1595, proclamada por Varnhagen (*Panorama*, 1841), e Lobo (*Revista litteraria* do Porto, t. v, p. 184), sem fundamentarem o seu desprezo pela de 1614, por isso que ignoravam a existencia dos textos manuscriptos que mostram quanto Sá de Miranda remodelava os seus versos.

Obedecendo a esta preoccupação, o gerente da Livraria Moré, do Porto, José Gomes Monteiro, pensou em imprimir por conta d'essa casa, em 1868, o texto de Sá de Miranda da primeira edição de 1595. Chegou a fazer o annuncio no *Boletim* da Livraria

Moré. Tendo-lhe então exposto os meus estudos sobre a *Vida de Sá de Miranda*, propozme que eu lh'os désse para servirem de introducção á edição cujo texto elle revia, e que nós ambos assignariamos a obra. Era uma repetição do que aconteceu com as edições das Obras de Camões e de Gil Vicente, em que José Gomes Monteiro assignou como co-auctor com José Victorino Barreto Feio, sem ter contribuido para essas edições com trabalho algum intellectual. Era negociante em Hamburgo e pagou as despezas das edições, satisfazendo-se com a inscripção do seu nome como auctor na frente dos livros. Bem lhe conhecia o intuito, e sem dizer-lhe que não, demorei a entrega do meu manuscripto, que publiquei em 1871, quando tinha já cortado com elle todas as minhas relações, logo que soube que pagára a Camillo Castello Branco o folheto *Vaidades irritadas e irritantes*, aonde sou cruamente ultrajado. Foi natural o despeito de José Gomes Monteiro, insinuando a Camillo Castello Branco, o que elle em uma sanha constante de hostilisar-me publicou na *Historia e Sentimentalismo*. Lêse ahi:

«José Gomes Monteiro, o homem de mais variada litteratura e erudição que ainda conheci, estudou muito a vida intima de Sá de Miranda, inferindo-lh'a dos seus versos conferidos com os successos contemporaneos, e folgava de communicar em conversação despretenciosa as suas inducções de uma rara perspicacia. O sr. Theophilo Braga, menino e moço n'aquelle tempo — muito devotado a Gomes Monteiro que o iniciára na carreira da

litteratura negociavel — (Camillo não sabia que eu dava os livros de graça) ouvia-o, hauria-lhe as ideias com a sêde ardente de quem gosta de beber já filtradas pelo estudo alheio, e reproduziu as melhores e menos obvias, posto que desconcertadamente, na *Vida de Sá de Miranda*, sem todavia citar o nome do sabio que lh'as insinuára. Gomes Monteiro, com o fino sorriso indulgente, dizia-me, ao proposito, que lhe era sobremodo agradavel o aproveitarem-se das suas conjecturas; e que muito folgava que não fossem erradas; mas se o eram, ainda bem que o não citavam os plagiarios, por que a responsabilidade lá ficava ás costas d'elles.» (P. 43.)

D'este mesmo Gomes Monteiro escrevera poucos annos antes o proprio Camillo, no *Mundo Elegante*, um esboço biographico chamando-lhe: «*escriptor somenos, abaixo de mediocre.*» Quando porém Gomes Monteiro com o dinheiro da Livraria Moré pagava a Camillo 300$000 reis por cada romance que elle fabricava, passou a ser o homem da mais variada litteratura e erudição do seu conhecimento, e facilmente se aproveitou da insinuação soprada com fino e indulgente sorriso, lisongeando assim o livreiro que pagava e servindo o rancor com que lhe aprouve distinguir-me. É certo que José Gomes Monteiro não deixou nenhumas obras manuscriptas, em que tanto fallava mysteriosamente, e a que chegaram a alludir alguns jornaes; nada escrevera, por que na sua vida agitada, fuga de Portugal em 1828 por occasião do assassinato dos lentes da Universidade, fallencia estrondosa em Hamburgo, recebedoria

de um dos bairros do Porto, e por ultimo gerencia e compra da Livraria Moré, nunca teve tempo de dedicar-se a estudo algum sério. Mas, n'esta impotencia gabava-se muito, de que Garrett lhe confiára em varias cartas a defeza do seu credito litterario, etc.

Nunca levantei esta insinuação de plagiato, por que as minhas provas são obras subordinadas a um plano systematico, e não curiosidades vagabundas, nem lendas de amigos; e por que ninguem se entreteve ainda a reproduzir as palavras de Camillo, deixei-as para quando tivesse de refundir os meus estudos sobre Sá de Miranda. Fica pois consignada aqui uma edição do poeta, que falhou.

1885 (9.ª Ed.)

Poesias de Francisco de Sá de Miranda. Edição feita sobre cinco Manuscriptos ineditos e todas as Edições impressas — Acompanhada de um Estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossario e um retrato, por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle, Max Niemeyer. 1885.

1 vol. in-8.º grande de CXXXVI pag. de introducção, 950 pag. de texto poetico, notas e glossario, com uma larga folha com a genealogia da grande familia dos Sás, e o retrato em phototypia feito pela casa Bruchmann, de Munich, sobre a gravura que se guarda na Bibliotheca do Rio de Janeiro. Nenhum classico portuguez foi ainda tão completa e carinhosamente estudado como Sá de Miranda, n'esta edição monumental, verdadeiro modelo

bibliographico e philologico. Em carta de 13 de janeiro de 1886, em que D. Carolina Michaelis me glorificava com um exemplar da sua edição, escrevia-nos: «Ninguem melhor do que V. avaliará o trabalho que o volume me custou.» E fallando do sacrificio feito pelo editor allemão, accrescenta: «O meu interesse é posto de parte completamente n'esta questão, por isso que *nada recebo de sette annos de trabalho* — emquanto o editor não estiver integralmente reembolsado das suas despezas.» Podemos affirmar que em Portugal não se terão vendido 50 exemplares das *Poesias de Sá de Miranda*, apezar do assombroso merito da edição; e emquanto a illustre editora desinteressadamente sacrifica á Litteratura portugueza sete annos de incomparavel trabalho, vemos por vergonha fartos subsidios dados a ineptos por obras que nunca escreveram!

A primeira ideia d'esta edição capital limitava-se á impressão dos cadernos das poesias que Sá de Miranda por trez vezes enviára ao princepe D. João, que lh'as pedira. Porém, os confrontos com as edições de 1595 e 1614, e o exame dos Manuscriptos de Paris, Lisboa e Evora, ampliaram por tal fórma o plano, que a obra de Sá de Miranda ficou completamente reconstituida, como o mais interessante capitulo da historia litteraria quinhentista.

Do Ms. que serviu de base para a edição de 1885, escreve D. Carolina Michaelis: «Estando em 1876 em Paris, de passagem para Portugal, foi-nos mostrado o precioso Ms. por Mr. Ferdinand Denis, em sua propria casa.

O nosso illustre amigo, que o teve sempre guardado com a maior estimação, não só fez o sacrificio de separar-se d'elle, enviando-o por mão segura a Portugal, (1878) mas permittiu até que o conservassemos durante longos annos até hoje (1885) para tirarmos d'elle todo o proveito. A nossa primeira ideia foi publical-o diplomaticamente com a maior fidelidade, mas á proporção que fomos estudando as obras do poeta, reconhecemos cada vez mais a necessidade de substituir as edições conhecidas e muito defeituosas por uma edição normal. D'ahi nasceu o novo plano, actual, mais vasto e difficil, que reune todas as obras poeticas, acompanhadas do material critico que é necessario para a plena comprehensão das obras difficeis de Sá de Miranda.»

As suas trez partes, (sob n.os 1 a 127) constituem a base da edição: «É reproducção integral, fiel, livre de restaurações e renovações arbitrarias, mas emendada onde havia erros visiveis e indubitaveis;...»

Formando uma quarta parte das Poesias de Sá de Miranda, não mandadas ao principe D. João, reuniu D. Carolina Michaelis todas as que se achavam em textos já impressos, taes como *Cancioneiro* de Resende, e edições de 1595 e 1614, *Memorial* do Marquez de Montebello; e tambem todas as poesias, que apezar de incluidas nas trez partes mandadas ao principe apresentavam lições ou redacções diversas; comprehendendo ainda as poesias até 1885 ineditas nos differentes Manuscriptos encontradas.

Sob a divisão da parte quinta acham-se

reunidas todas as poesias dedicadas a Sá de Miranda pelos poetas contemporaneos, e que bastante elucidam o seu texto. D. Carolina Michaelis recapitula assim o seu fundamental trabalho: «Publicámos 189 trechos de Sá de Miranda.—Estas 189 poesias, de que vimos 608 apographos, estão representadas, termo medio, por trez versões cada uma.» (*Poes.*, p. XCVIII.) Balanceando as poesias de Sá de Miranda emquanto ao uso da lingua castelhana e portugueza, e aos generos em que escreveu, consigna a insigne editora:

«Entre as 189 obras de Sá de Miranda que este volume encerra, 74 são castelhanas, e 115 portuguezas. Das 74 castelhanas, 37 são composições endecasyllabicas que se subdividem em: 27 *Sonetos*, 1 *Outava rima*, 3 *Elegias* e 6 *Eclogas* (em tercetos, canções e outavas.) Estas ultimas são as creações artisticas que lhe conquistaram reputação européa. Das 115 composições portuguezas, só 33 se apresentam no novo traje italiano, pertencendo aos *Sonetos* 25, 4 aos *Capitulos* ou *Elegias*, 3 ás *Canções*, e ás *Eclogas* 1 unica. Em face de 37 Redondilhas em lingua extranha, ha a oppôr 80 na lingua patria, e entre ellas as 5 *Cartas* ou *Satyras*, e as 8 *Eclogas* rusticas, de sublime aspereza, phraseologia castiça e natural, que o collocam n'um dos primeiros logares do Parnaso luzitano.» (*Ib.*, p. CXXVIII.)

Depois do texto do poeta tão cuidadosamente estudado nas suas numerosissimas *variantes* e mesmo redacções differentes, colhendo todas as *rubricas* historicas e explicativas com preciosas noticias, as Notas que

acompanham cada poesia são sempre de uma grande luz e importancia historica; e por isso mesmo que estão derramadas nos respectivos logares, tiram á biographia de Sá de Miranda a riqueza de traços de que era susceptivel. A nação portugueza está em divida para com um tão excepcional trabalho, e emquanto elle não fôr compensado como merece, iremos passando como barbaros. Sirva-lhe no emtanto o presente estudo como homenagem e como protesto.

— Sobre esta edição-princeps, e reproduzindo o texto de 1614, como o mais perfeito, torna-se necessaria uma edição vulgar e economica.

FIM

INDICE

SÁ DE MIRANDA E A ESCHOLA ITALIANA

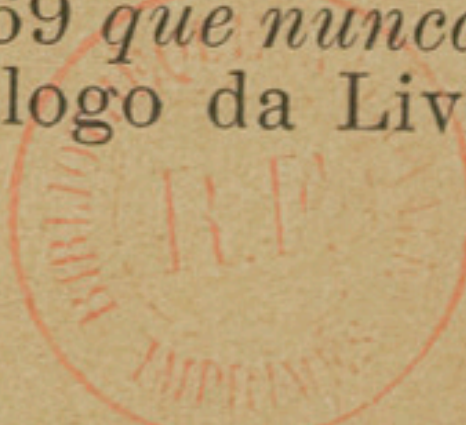
Additamento e correcção á pag. 372

1559

Comedia dos Estrangeiros. Feyta por ho doutor Francisco de Saa de Miranda. Impressa em Coimbra por Joam de Barreyra. (A la fin): Foy impressa a presente obra por Joam de Barreira. Impressor da Universidade de Coimbra. Acabou-se aos xiii do mez de setembro de MDLIX. Com licença impressa. Com privilegio real. 87 pp. (Na Livraria de Fern. Palha, como se descreve no seu Catalogo, n.º 1218.) Desconhecida de todos os bibliophilos; differe capitalmente do texto de 1595; é mais ampliada e desenvolvida nas scenas, por ventura por que o texto de 1595 se abreviaria para a representação.

1560

Comedia dos Estrangeiros. Feyta por etc. Em Coimbra, em casa de Antonio de Maris. Acabou-se aos vinte dias de março de 1560. In-8.º pequeno, de 63 fl. não numeradas. Differe em ser composta em typo redondo. Desconhecida de todos os bibliophilos. (Existe na Livraria de Fern. Palha, descripta no seu Catalogo sob o n.º 1219.)

1560

Comedia dos Vilhalpandos. Feyta pelo Doutor Francisco de Saa de Miranda. Agora novamente impressa em Coimbra em casa de Antonio de Maris. 1560. Com privilegio. (A la fin:) Foy impressa a presente comedia dos *Vilhalpandos* em Coimbra em casa de Antonio de Maris. Acabou-se aos vinte dias de março de 1560. Com licença impressa. In-8.º peq. 60 fl. (Existe na Livraria de Fern. Palha, e vem descripta no seu Catalogo sob o n.º 1218, por se achar junta no volume dos *Estrangeiros* de 1559. Desconhecida de todos os bibliographos.

1561

Comedia intitulada os Estrangeiros. Ao Iffante Cardeal Dom Anrique. Feita pelo Doutor Francisco de Sá de Miranda. Agora de novo impressa em Coymbra em casa de Antonio Maris. No anno de 1561. Com privilegio. In-8.º peq. 44 fl.—Edição ignorada de todos os bibliographos; guarda-se na Livraria de Fern. Palha, e vem descripta no seu Catalogo, n.º 1220. Differe este texto do de 1559, por ser mais abreviado; serviu de base para a edição dos *Estrangeiros* de 1595.

1569

A edição dos *Estrangeiros* de 1559 foi confundida por Barbosa Machado e Innocencio com uma de 1569 *que nunca existiu*, como se affirma no Catalogo da Livraria de Fern. Palha.